

REVISTA DA SEMANA

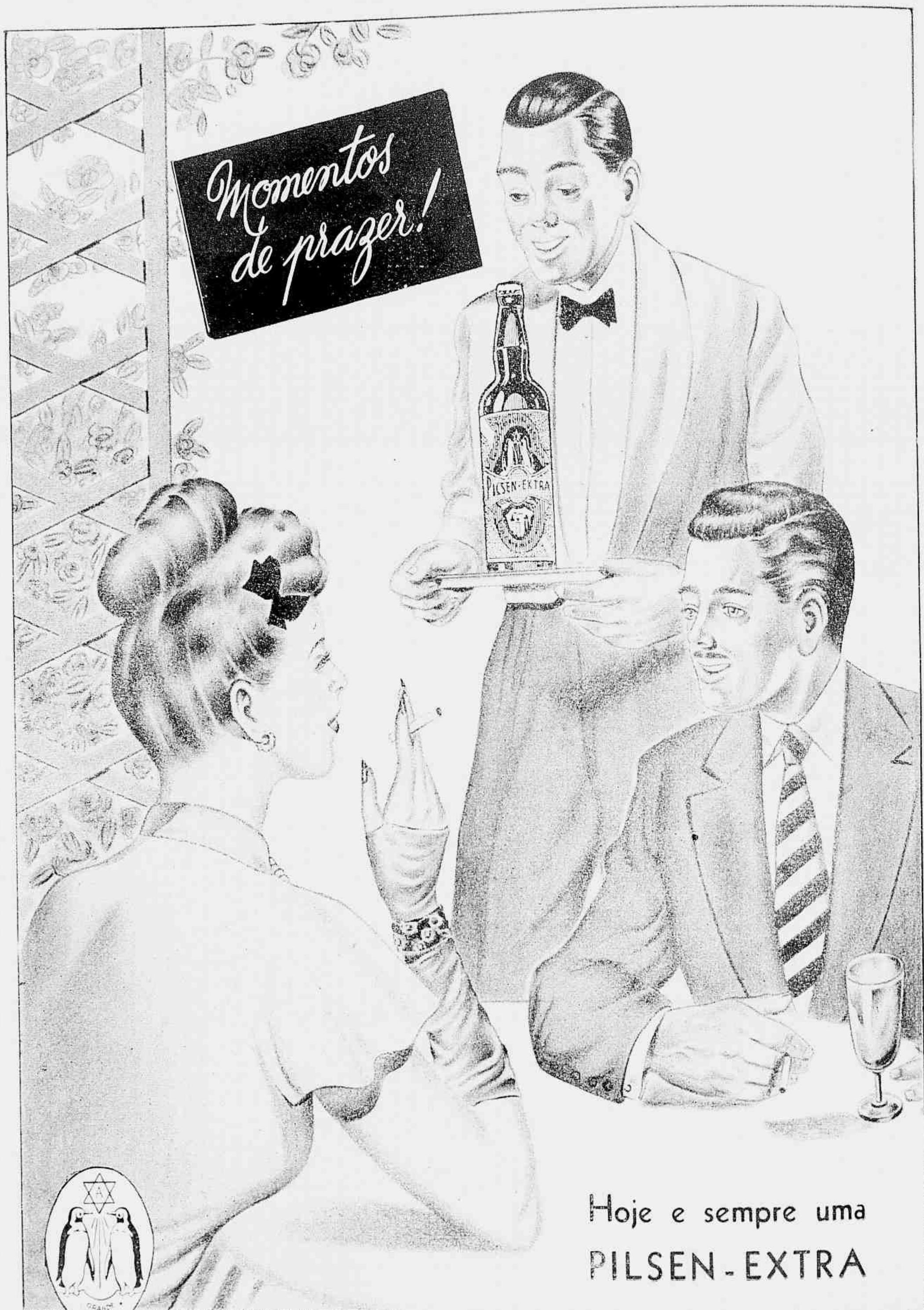
29-6-46

N.º 26

EDIÇÃO DE ANIVERSARIO

Cr\$ 5,00 em todo o Brasil





Hoje e sempre uma
PILSEN-EXTRA



ANTARCTICA

QUARENTA E SEIS

N AQUELE tempo as mocinhas da rua do Ouvidor arrastavam os vestidos compridos pela calçada estreita e faziam o "footing" do Largo de São Francisco até pouco além da rua Gonçalves Dias. Daí em diante, não era mais "chic". A Avenida Central era um sonho; a rua da Ajuda vivia seus derradeiros dias de comércio a varejo e atacadista, os bondes a tração animal davam a nota, não circulavam vespertinos sensacionalistas e a República, com o Presidente Campos Sales lá em cima, ia bem muito obrigado. Os teatros não sentiam diminuição alguma com as vizinhanças do Largo do Rocio, o senhor Frederico Figner andava às voltas com o fonógrafo, Pascoal Segreto talvez procurasse alguns cavalos velhos de madeira para o seu "carroussel" da "Maison Moderne" e o saudoso Serrador era ainda um bisonho empresário de circo no Paraná e em São Paulo. A "Gazeta de Notícias" era a filha dileta de Ferreira Araujo, aquele mesmo que teria comparecido ao último baile da Ilha Fiscal nas vésperas da Proclamação, mas o "Jornal do Brasil", já com os bizzarros calungas do Raul, assumia foros de imprensa moderna e avançada, no prédio vetusto da rua Gonçalves Dias, prédio que devia ser mais tarde, do outro lado, o primeiro arremêdo de arranha-céu carioca.

Foi quando Alvaro Teffé mandou imprimir o primeiro número da REVISTA, não ainda nas oficinas dos irmãos Mendes de Almeida, mas numa loja da rua do Lavradio. O histórico da REVISTA é por demais conhecido, e nosso propósito consiste apenas em falar do Rio contemporâneo do seu aparecimento.

Dias Braga enchia o Recreio Dramático com o seu teatro réstea-de-cebola, mas com foros de arte, e ali devia representar-se pouco mais tarde, o "Martir do Calvário", com o finado Olimpio Nogueira no papel de Cristo, que êle arrastou com heroismo até à gripe de 18, quando foi um dos milhares de suas vítimas. E a rodinha do Emilio, do Bastos Tigre, do Luiz Edmundo com o Rio e a gente do seu tempo, bebericava nas mesas da Pascoal ou da Colombo, enquanto Paulo Barreto iniciava a reportagem em grande estilo e lançava o pseudônimo de João do Rio. Quando a REVISTA surgiu, Edmundo Bittencourt andava gerando o "Correio da Manhã", nascido meses depois, também na rua do Ouvidor. Mas se a REVISTA não nasceu lá, bem depressa foi para as vizinhanças. O prédio do "Jornal do Brasil" estava a poucos passos de Ouvidor. E o perímetro das redações importantes seria aquele. Rasgada a Avenida, os jornais mais ainda se estabilizaram na rua do Ouvidor, onde também ficaram o "Jornal do Comércio", a "Gazeta", "A Notícia", "A Tribuna" e outros transitórios. Lembro-me, garoto ainda, de passar por ali e dar com uma taboleta vistosa na sacada de um prédio acanhado, dizendo assim: "Rua do Ouvidor". Minha curiosidade de menino foi despertada: Por que cargas d'água essa taboleta ali estava com o nome da rua tão destacado? E só mais tarde vim a saber que "Rua do Ouvidor" era, naquele caso, o título de um semanário de escassa circulação. Tão escassa que o menino curioso não ligava o nome "à pessoa"...

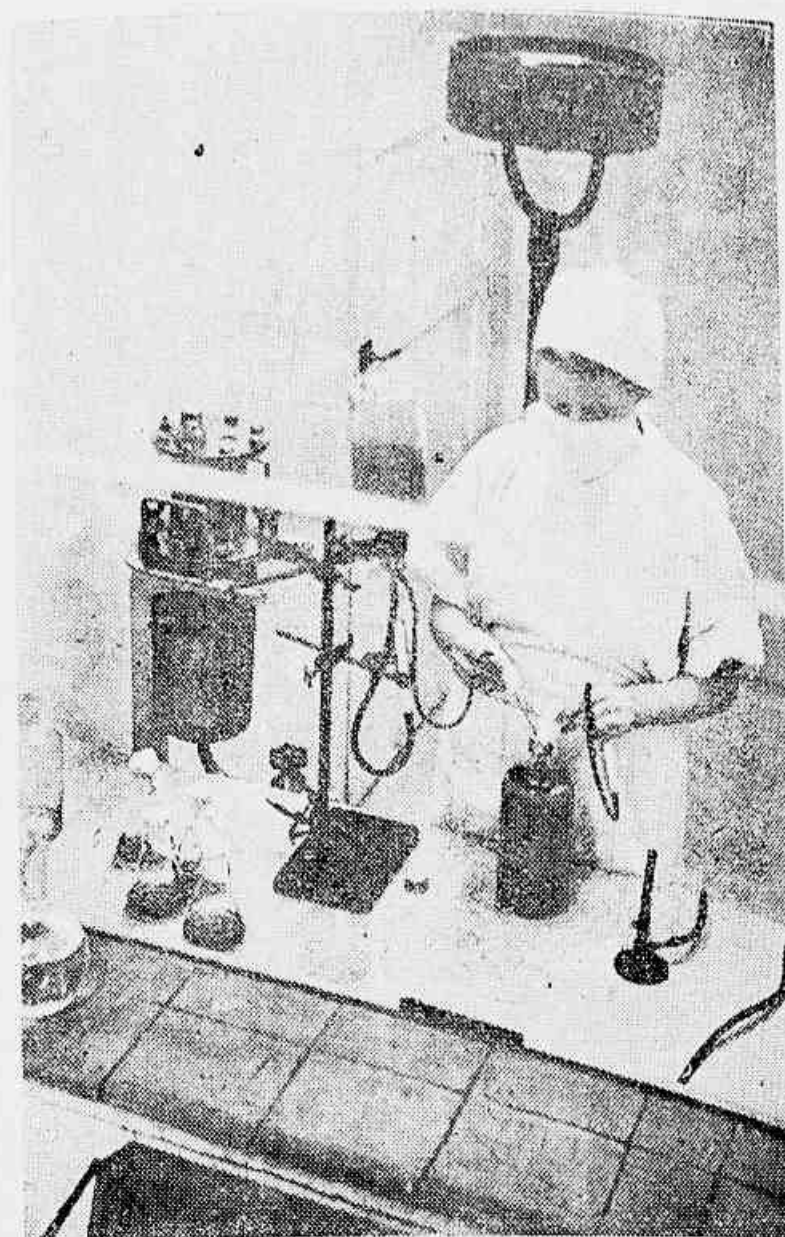
★

Sim, tudo isso aconteceu há quarenta e seis anos. E estou vendo o leitor fazendo as contas, malicioso:

— Mas você é tão velho assim?

Vamos satisfazer-lhe a curiosidade, amigo: Nascemos depois da REVISTA, embora pouco depois, e a rua do Ouvidor era já a transversal elegante da Avenida quando a percorremos pelas primeiras vezes. Mas o carioca tem a sua adolescência tão umbelicamente ligada à rua do Ouvidor, queira ou não, que a crônica de sua infância há de por força associar-se ao histórico da rua que resiste à ação do tempo, à mudança dos nomes, às transições fisionômicas das vitrines comerciais e aos gêneros de negócios ne'a instalados. Algumas redações foram afastadas para outros setores, com a valorização dos imóveis na rua do Ouvidor — e tudo mudou. Tudo mudou e envelheceu, menos a rua do Ouvidor e a REVISTA. Ambas estão cada vez mais mógicas e mais dentro da época. Os leitores e o pessoal da REVISTA, os "habitués" da rua do Ouvidor, é que vão passando, passando, lenta e inexoravelmente.

C E L E S T I N O S I L V E I R A



Sir Howard Florey (na primeira gravura, à esquerda), quando em seu laboratório realizava uma de suas importantes experiências. Nosso ilustre visitante é catedrático de Patologia da Universidade de Oxford, tendo recebido o Prêmio Nobel. — Ao centro, garrafas de penicilina dispostas nas prateleiras de um incubador. — À direita, um aspecto da transferência dos germes do mofô para os aparelhos destinados a multiplicar o número dos minúsculos organismos.

CHEGOU ao Rio o famoso cientista britânico H. W. Florey, da Escola de Patologia da Universidade de Oxford. Nascido em 1898, Florey estudou medicina no Magdalen College, em Oxford, e, contando com a assistência erudita de sua esposa, Lady Florey, realizou experiências que viriam a transformar a penicilina na revolucionária panacéia da terapêutica moderna.

Florey foi o seguidor de Alexander Fleming, descobridor da droga maravilhosa, e a humanidade contraiu com êle uma insolúvel dívida de gratidão quando conseguiu, após os mais ingentes esforços, produzir penicilina em

solução aquosa. A ambos êstes pioneiros foi conferido pelo Rei da Grã-Bretanha o título de Cavaleiros.

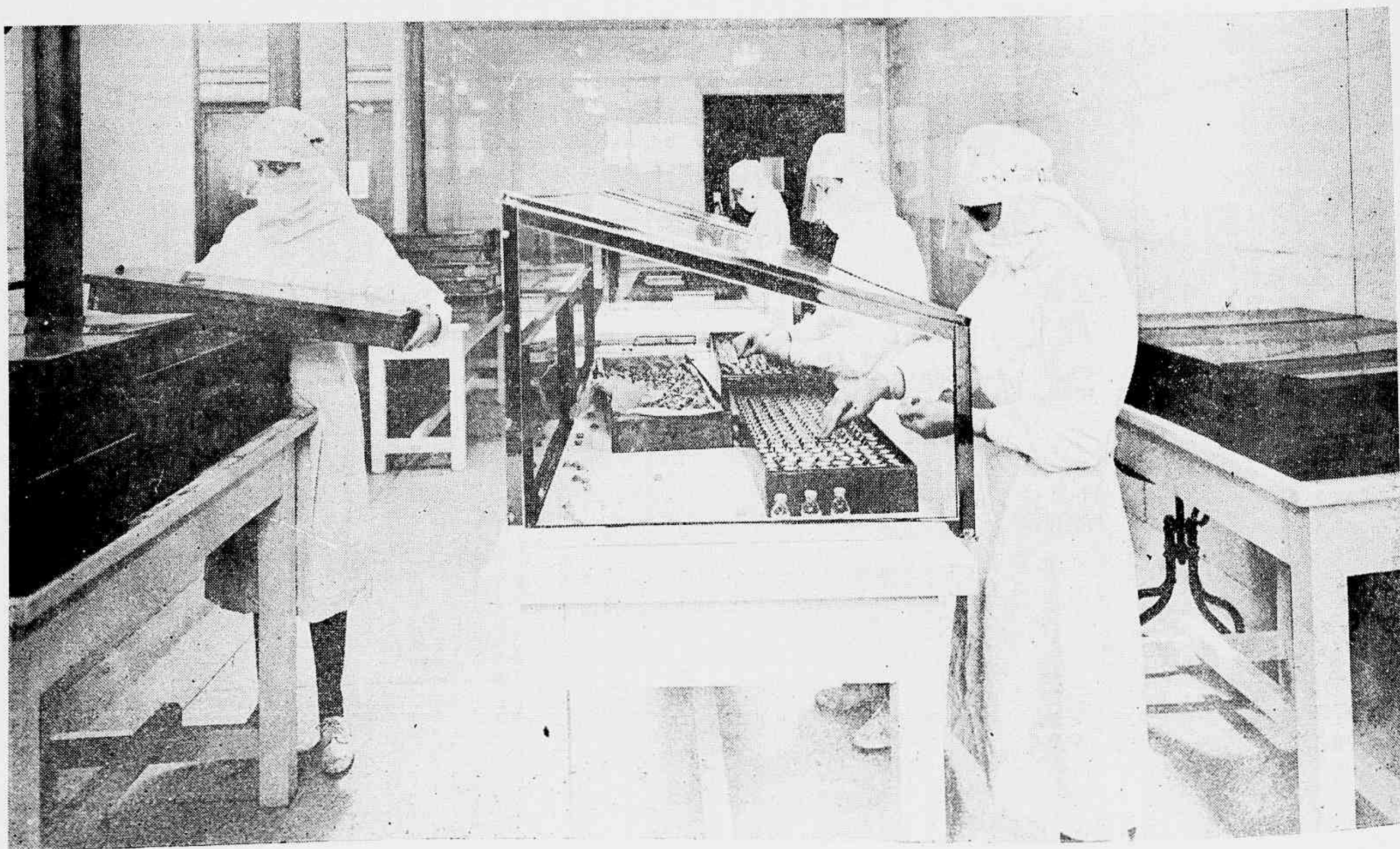
EHRlich E A ARSFENAMINA

Paul Ehrlich, o grande bacteriólogo alemão, acreditava ter descoberto uma droga de efeitos poderosos, capaz de proporcionar um meio rápido, seguro e indolor de exterminar a sífilis, um dos maiores flagelos da espécie humana. Depois de pesquisar persistentemente sobre 605 compostos químicos diferentes, encontrou o de número 606, um composto

no qual o arsênico se encontra debaixo da forma de arsfenamina. Ehrlich esperava que uma única injeção volumosa de seu 606 fosse capaz de exterminar os micróbios em espiral provocadores da sífilis, porém fracassou.

Os médicos admitiram as falhas do arsênico, continuando, todavia, a utilizá-lo, pois aquela era, na verdade, a única arma que possuíam. Introduziram várias modificações no intuito de melhorar a idéia original de Ehrlich, substituindo a dose volumosa por pequenas doses semanais, sendo que o tratamento corrente, mediante arsênico e bismuto, durava de um ano e meio a dois anos.

Outro aspecto obtido na área de esterilização da penicilina, vendo-se as moças especializadas nesse serviço, com os trajes apropriados, acondicionando os organismos em recipientes de vidro tapados com borracha. A droga maravilhosa que tantos efeitos prodigiosos vem dando à humanidade, requer cuidados extraordinários. Mas foi assim que a penicilina fez da terapêutica moderna uma revolucionária panacéia.



OS PIONEIROS DA PENICILINA

Todos os progressos dêste método não satisfaziam, entretanto, aos médicos de maneira integral. Isto porque o arsênico era, antes de mais nada, um veneno, e as próprias injeções eram muito dolorosas. Em certas clínicas, durante a aplicação do tratamento radical, morriam, às vezes, até cinco por cento dos pacientes. Em outros casos, o fígado ficava prejudicado, havendo também descamação da pele e detrimento dos nervos e do cérebro.

A HISTÓRIA QUE O MUNDO INTEIRO CONHECE

Hoje em dia, quase todos nós estamos familiarizados com a história da penicilina. Esta droga atua de maneira rápida e eficaz sobre uma série incrível de enfermidades letais: pneumonia, infecções sanguíneas, meningite, osteomielite (a espantosa infecção dos ossos), gonorréia, e toda uma multidão de outras doenças.

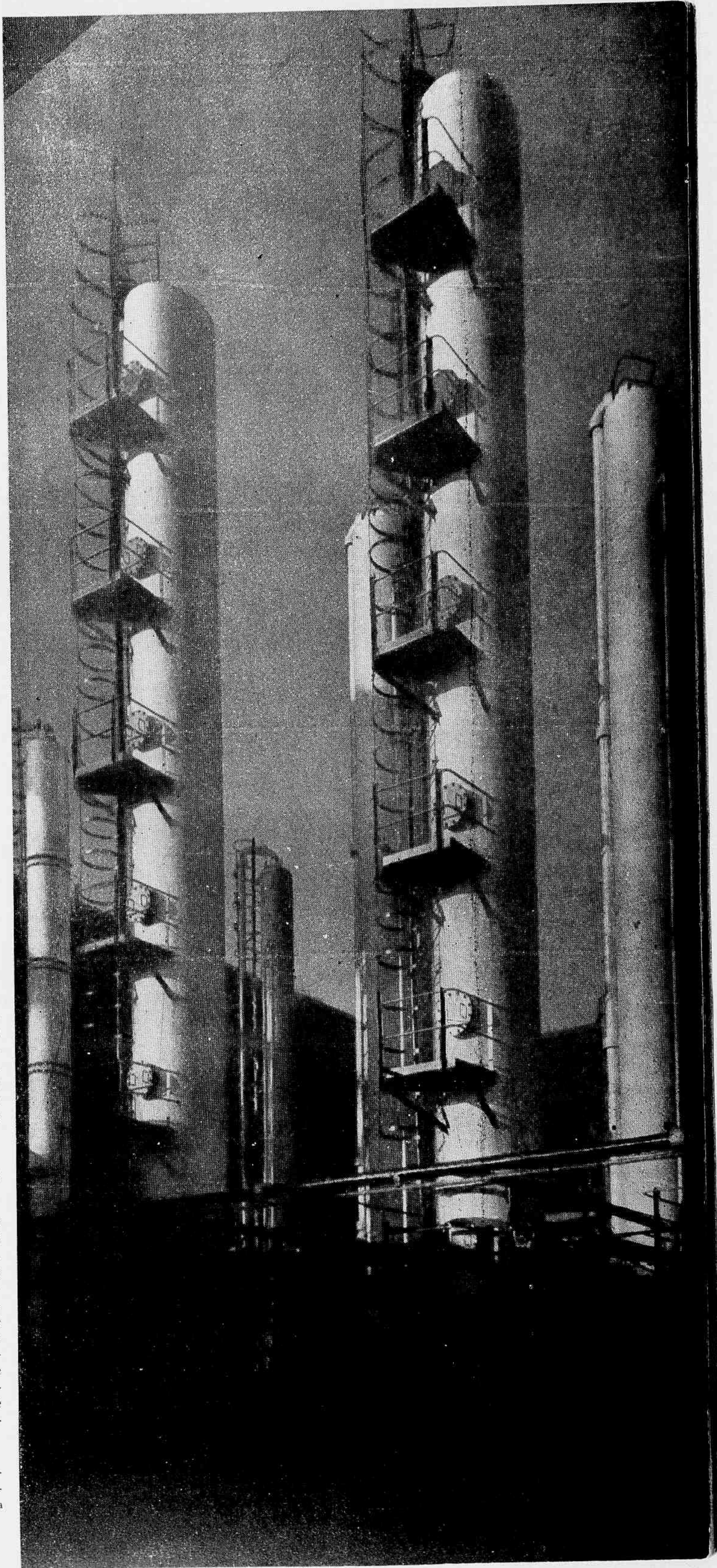
O descobrimento da penicilina constitui um dos acontecimentos mais felizes de todos os tempos. O doutor Alexandre Fleming, da Universidade de Londres, estava empenhado no exame de culturas de bactérias em seu laboratório. Uma das culturas se achava contaminada por uma pequena mancha de mofo que, proveniente do ar, ali se depositara. O primeiro impulso de Fleming, como seria o da maioria dos médicos, foi o de jogar fora a lâmina contaminada, porém, espírito observador e arguto, decidiu, em lugar disso, examinar cuidadosamente a cultura. Ao fazê-lo, notou que ao redor da mancha de mofo se havia formado um halo de líquido claro. O mofo estava segregando alguma substância especial que matava as bactérias.

Longos anos de investigações experimentais nos laboratórios resultaram finalmente na identificação da substância bactericida. Sabemos que esta era precisamente a penicilina, segregada pelo mofo comum, um parente do mofo que produz as estrias verdes no queijo de Roquefort. E, apesar de ter sido muito recentemente iniciada a sua aplicação popular, esta droga salvou de morte certas vidas incontáveis, em casos em que todos os demais medicamentos conhecidos haviam fracassado por completo.

A CIÊNCIA MARCHA A PASSOS LARGOS

A ciência não se deteve, porém. Estamos em uma época vertiginosa em que os fatos se sucedem com rapidez imprecionante. Assim como as sulfas, que tão extraordinários resultados alcançaram contra numerosas enfermidades, retrocedem diante do descobrimento da penicilina, também é provável que esta encontre muito logo um produto que a supere em eficácia. A "clavacina" e a "patulina" prometem princípios ativos de grande importância. O trabalho de Alexandre Fleming e H. W. Florey será levado avante e estes dois pioneiros serão sempre merecedores de toda a nossa gratidão.

Estes grandes fermentadores possuem um suprimento constante de ar puro esterilizado durante a incubação. A gravura nos oferece um aspecto das torres empregadas para a esterilização do ar requerido.



A SEMANA EM REVISTA

COM VISTAS A CHICO XAVIER



apresenta o seguinte texto: "O Brasil é constituído por um conjunto de povos, de culturas e de idiomas, todos integrantes de um mesmo povo brasileiro, de uma mesma pátria brasileira. No desenvolvimento e no fortalecimento de um só povo brasileiro, de uma só pátria brasileira, todos os brasileiros têm a obrigação de colaborar e de participar".

é o caso de "grava" para não enviar mensagem por algum motivo. Logo é caso para o sr. Manuel José Guimarães fazer entender que os membros do núcleo há dois anos se uniram a uma nova entidade a "grava". Argumenta-se os ministros que ele vai receber qual em hábito a "grava" e resolver seus problemas de ordem espiritual, só por isso não, mas é algo muito e não nos deve interessar no mesmo. Quanto a eschizofrenia causada pelo álcool, não nos preocupamos posto que vivamos dias difíceis daqueles em que o sr. Manuel ainda andava neste vale de lágrimas. É provável que para facilitar sua vida insista no nosso planeta no em nome de alguns eschizofrênicos e sequestre do desequilíbrio dos órculos e nem para como está agora se reunem os seus experimentos com a bomba atômica. Em último caso, nosso velho amigo Chico Xavier aí está pronto a manifestar a palavra do falecido e quem sabe, se fosse de uma produção passara em caráter de outras paragens e representaria ao Ministério podendo até entrar no posse do que lhe pertencer ao falecido. Finalmente, poderá Chico Xavier manifestar esse dinheiro por cheque ou portador, para o nosso planeta... e não se fala mais no assunto. Tudo quanto há de mais claro e positivo... Pelo menos assim deve admitir o Ministério da Fazenda, com o seu edital em apêço.

A FUNÇÃO DO JORNALISTA



Foi publicada esta semana que o governo dos homens de corral está renunciando de vontade própria. Muitos governantes reacionários estão se desligando premidos não tanto por homens como o presidente do Sítio pelo voto do cidadão que exerceu sua liberdade de opinião e sempre em relação ao progresso e a liberdade de um povo.

Veri e publicidade são dois pontos fundamentais para o regime democrático. Cabe ressaltar e salientar: quanto maior a existência de liberdade de imprensa, mais próxima está do regime democrático. Segundo o Brasil

É o de trabalho por projeto: o que toda empresa e o maior número de tipos profissionais de trabalho são e não que o conhecimento humano por si só e sua aplicação imediata na realidade de sistemas sociais de classe de

siões. Nada mais justo que esse reconhecimento dos dirigentes da Nação, pois nos repares das bancas de jornal, eles encontram seus mais prestimosos colaboradores. Que seriam os governos sem a imprensa ainda quando ela se exerce no terreno da oposição? Nossos fatos de pura democracia, testemunho de uma tenazíssima fase durante a qual os jornais puseram ao mesmo tempo duas de expondo-nos vontade, permitiram-nos essa confissão que nada tem de vândica, pois encobre, acima de tudo, a obra dos jornalistas descontentes. Obra que se prendeu às grandes campanhas políticas e construtivas da Pátria, desde a Abolição, a República, até a cooperação dada ao Estado nos seus mais delicados momentos, quando a crise municipal e a guerra nos envolveram. Se na função de utilidade pública, quando exercida com uma noção nobre de seus deveres, essa é inevitavelmente a do jornalista. Da sua banca humilde, ele assiste ao oscilar dos homens públicos, que ascendem, culminam e, ou se entranham na administração dos vindouros, ou mergulham no anonimato em que se traduzem os seus desfeitos. Os jornalistas são um soldado permanentemente em defesa das nobres causas nacionais.

OS QUARENTA E SEIS DA "REVISTA"



o ano em que nasceu, não se esqueça que foi no dia do primeiro grande guerra e de um terremoto muito grande e por isso a família mudou de cidade. A Avenida Central não existe mais e São Mateus, Edegar Dom Carlos de Portugal, Prudent e Vilma demonstram os sinais de uma personalidade singular e pro-

clássica, feita no Brasil, como não se dava igual ao Presidente da República. Por isso os quarenta e seis anos da REVISTA representam as quinze primaveras de uma "jeune fille" e lhe emprestam o brilhanismo de uma garota que está ansiosa pelo seu primeiro baile... Passam os que a fazem — e ela, cada vez mais mágica. Envelhecer os fundadores, e os que lhe deram o batido de seu talento profissional com o correr dos anos, enquanto ela, sem ligar muito à velhice dos pontos, ali está bela e formada, disposta a ser tão moderna quanto mais remota a sua origem. Verdadeiro patrimônio da imprensa ilustrada do Brasil, testemunha das grandes acontecimentos mundiais de quase cinco décadas assistindo de palanque aos homens que chegam, vencem (quando vencem) e caem no ostracismo, ela sabe que outros homens virão, outras sociedades não de fazer-se requentes bonitas de hoje serão vovozinhas reumáticas de amanhã, enquanto ela, a REVISTA, terá sempre a seus serviços novas gerações de jornalistas, entregando-as para gerações novas de leitores. Os tempos mudam, ela mesma se amplia as evoluções do tempo, mas sem perder seus encaixes. Antes os encaixes se aprimoram em cada nova assimilação a uma nova época. E a vida continuará com a REVISTA, em perpetua forma, "malgré tout"...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 26 :-: 29-6-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE LITERATURA E MODAS

A Secane das Revistas nacionais. Premada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de St. Paulo em 1935.

ASSOCIATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte samples: Un and - Crd 30.00; Sae mean - Crd 45.00

Significance: Univariate — OR 100.00; SEM means — OR 55.00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrado: Um ano — Cr\$ 200,00 São meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 1,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Text — Dialecto: 20-2020 Gerencia: 20-2150 Sede: 20-2447

20-5500	20-5500	20-5500	20-5500	20-5500	20-5500
---------	---------	---------	---------	---------	---------

Correspondence: Dr. Roberto C. Machado-Gutierrez — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratiero & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideú. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 289 — Tel. 35 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 112 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

N.º 26
29-6-46

LITERATURA

46 (Celestino Silveira)	3
O Cassino Fluminense (Escagnolle Doria)	22
Livros Novos (João Luso)	25
Uma Bela Máscara (J. Kessel)	32/33
Cló (Lima Barreto)	33/39
Ela... (Luiz Pinto)	44
Sto. Antonio e seus martírios (Lucia Benedetti)	45
Amor, política e religião (Igneiz Mariz)	50/51
Eu fui a Natal (Violet Kinney)	54
Cara ou corôa (Tom Cathcart Jr.)	59
Atualidades de Giraudoux (Pierre Diseraes)	61
A volta à caverna (Berilo Neves)	62
Devo falar sobre Langsner (Sara Marques)	70
Caminho Fechado (Lola Kneip de Melo)	99

REPORTAGENS

Os pioneiros da penicilina	4/5
Eles viram nascer a República (Adhemar Nobrega)	8/15
Arte para as massas	16/17
Figuras e Fatos	23/29
Um escritor que não crê mais na literatura (R. Magalhães Jr.)	46/49
Onde se faz dinheiro	64/65

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Rádio	19
A REVISTA em Hollywood	20/21
Artes Plásticas	27
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	71
Música	93

HUMORISMO

A escala do martírio (Raul Pederneiras)	23
De bom humor	74/75

CURIOSIDADES

Cinema Francês	30
O outro Robert Taylor	42/43
Nossos rivais — os cães	52/53
A história dos móveis Chippendale	60
Uma caçada de jaguar no Taquari (Theodore Roosevelt) ..	78/81



NA CAPA

Eva Todor, figura marcante da cena nacional, cuja interpretação na peça de George Bernard Shaw "Candida", a fez credora dos melhores encômios da crítica e do público.

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convém dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

FEMINIAS

Modelos e desenhos para um mundo novo	34/35
Chapéus	36
Margaret O'Brien lança a moda	40/41
Modas de Outono	66
Para tôdas as horas	72/73
Casacos Modernos	84
Habillé	85
Vestidos para amanhã	92
Trabalhos manuais	96/97

NO SUPLEMENTO

Ingrid Bergman	55
Três Quadros	56/57
Paisagem	58

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

Exatamente há um ano, na edição comemorativa do 45.º aniversário, a REVISTA DA SEMANA instituiu, com o merecido relevo, um grande certame literário, desdobrado em três setores: Um Concurso Permanente de Contos (Prêmio Aureliano Machado), dividido em séries de três meses, com o prêmio de Cr\$ 100,00 a cada autor de conto classificado; um Concurso de Romances "REVISTA DA SEMANA", e um Concurso de Peças de Teatro (Prêmio Apolônia Pinto), este com o prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) ao autor da peça premiada. Excedeu de muito nossas melhores expectativas esse empreendimento. Em relação ao concurso de contos, já se realizaram quatro séries, com um total de quarenta e oito originais premiados (doze por série). — O concurso de peças de teatro reuniu um total superior a cem originais, que estão neste momento distribuídos pelos membros da comissão julgadora, a saber: Daniel Rocha (Club Ginástico Português); Bandeira Duarte (Associação de Críticos Teatrais); Joraci Camargo (Soc. Brasileira de Autores Teatrais) e Floriano Faissal (Casa dos Artistas).

Esperamos dentro de breve tempo divulgar o nome da peça premiada e de seu respectivo autor, a quem será entregue o prêmio de dez mil cruzeiros, oferecido pelo Clube Ginástico Português. Também o julgamento dos romances está em vias de conclusão, justificando-se a demora nestes dois últimos, pelo volume de trabalhos recebidos.

De 1.º de julho a 30 de setembro, prevalecerá o prazo para recebimento dos originais destinados à 5.ª série do Concurso Permanente de Contos, dos quais, como nos anteriores, serão posteriormente selecionados os doze melhores. Estes terão publicação feita em nossas páginas e seus autores também premiados respectivamente com Cr\$ 100,00.

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO



O ÚLTIMO SORRISO DO IMPÉRIO — O baile da Ilha Fiscal, organizado pelo Visconde de Ouro Preto, teve como pretexto homenagear a oficialidade do "Almirante Cochrane", o vaso de guerra chileno que nos visitava, então. Mas constituiu, sobretudo, na suntuosidade de que se revestiu, uma atitude romântica de uma corte moribunda, em face do fim que se aproximava inexorável. O autor da tela, Aurélio de Figueiredo, deu a Ouro Preto, que se vê no grupo em frente à porta principal, uma atitude de otimismo. Já que o velho Afonso Celso, ao que se diz, esperava o reinado de Isabel. Mas, ao mesmo tempo, pôs no céu um grupo de revolucionários montados em fogosos corcéis... O baile foi a 9 de novembro: seis dias depois eles chegavam. Aquêles fora, realmente, o último sorriso do Império.

ELES VIRAM NASCER A REPUBLICA

O BAILE DA ILHA FISCAL, — ÚLTIMO SORRISO DO IMPÉRIO — AS TESTEMUNHAS DO EXÍLIO — ABOLIÇÃO E REPÚBLICA: DUAS PALAVRAS E UM SÓ ASSUNTO

Reportagem de ADHEMAR NOBREGA

Certo, não vamos escrever sobre a proclamação da República. Seria demasiado escolar, além de um flagrante desrespeito ao esforço e à curiosidade de tantos historiadores de mérito que têm vasculhado o assunto, segundo outros tantos pontos de vista ou atitudes filosóficas.

O fim a que nos propomos é reeditar na memória de todos, numa visão meteórica, num apanhado de "short" cinematográfico, os sucessos que precederam, assistiram e sucederam ao memorável 15 de novembro.

E para isso, nada mais indicado do que uma visita ao Museu Histórico, essa fonte inesgotável de sugestões para quem vive mergulhado, de corpo e

alma nos dramáticos e assoberbantes acontecimentos dos dias presentes. (E quem sabe se não do futuro?)

Que não se espante o leitor ante essa aparência de passadismo ou de comodidade que é o refúgio no passado. Não se trata, aqui, de procurar nenhum abrigo no julgamento de fatos conhecidos, explorados e passados em julgado. Tão pouco, procuramos ir buscar nos dias de ontem qualquer explicação para o que está se passando. Esta reportagem não passa de um "intermezzo" jornalístico, digamos, para ajudar o leitor a engulir a pílula amarga das notícias sobre a bomba atômica, para ajudá-lo a suportar as incertezas dos chamados desen-

tendimentos entre os três grandes que hoje são dois e meio...

O CANTO DO CISNE DO IMPÉRIO

Essa festa deslumbrante que a lealdade ao Imperador e a teimosia diante da evolução das idéias políticas, por parte do Visconde de Ouro Preto, procurou tornar uma noite de inesquecível encantamento para a corte moribunda de um Império que se dissolvia, foi verdadeiramente o canto do cisne do reinado de Pedro II.

Embora possa parecer — e geralmente as opiniões se pautam por esse ponto de vista — fruto de uma absoluta falta de previsão política por parte do ga-

Fotos de NEWTON VIANA

binete de Ouro Preto, (estadista experiente, diga-se de passagem), a extasiante e inesquecível "soirée" da Ilha Fiscal se nos assemelha, mais propriamente, a uma dessas atitudes com que os aristocratas, mesmo os patifes, às vezes, redimem toda uma vida de dissipações e sibaritismo com um gesto espetacular de desprezo diante da desgraça irremediável. Não é certo que os nobres franceses compunham orgulhosamente a "toilette" quando, nos dias do Terror, abria-se a porta da prisão onde se achavam e um soldado mencionava-lhes os nomes, dando-lhes a certeza de que poucos momentos depois teriam de dar a cabeça à guilhotina? E no entanto, essa atitude romântica

nos últimos momentos, não tinha nenhuma coerência com a vida que haviam desfrutado, de luxo à custa da miséria do povo que eles temiam covardemente.

O baile da Ilha Fiscal está no mesmo caso. Não é crível que o chefe do gabinete, o visconde de Ouro Preto, nem outro qualquer dos membros do governo e muito menos D. Pedro II que ao menos seria dotado de bom senso quando outras virtudes políticas lhe faltassem, não é admissível que todos eles deixassem de reconhecer insustentável a situação. E como tal, era preciso assumir uma atitude de soberano desprêso, diante da desgraça iminente, para honrar a formação aristocrática e não perder a oportunidade de um gesto profundamente romântico.

MORRE UM IMPÉRIO E SURGE UMA PINTURA

O pintor Aurélio de Figueiredo que tomou o baile da Ilha Fiscal como assunto para um grande quadro, soube emprestar à sua obra, através do emprêgo dos tons suaves que predominam no largo painel, o ambiente romântico de que deve ter-se revestido o último sorriso da corte. Morreu o império mas um artista compôs mais uma obra.

No volume II dos Anais do Museu Histórico, figura uma monografia do conservador (aqui a palavra se refere a cargo público e não a atitude política) Otávia Corrêa dos Santos Oliveira sobre a deslumbrante festa que contou com todo o potencial de sedução feminina da sociedade de então e mobilizou as atenções de todos os cronistas elegantes da época.

Segundo o depoimento dessa gentil funcionária, entre as pes-

soas reproduzidas pelo pintor, no seu famoso quadro, facilmente se identificam o Marquês de Paranaguá, Visconde e a Viscondessa de Nogueira da Gama, Barões de Capanema e de Paranapiacaba, Conselheiro Ferreira Viana, Conselheiro Saraiwa, Arsênio Cintra da Silva e sra., Paulo de Frontin, Simoens da Silva, Maestro Bevilacqua, Artur Napoleão, Guimarães Passos, Ferreira de Araújo, da "Gazeta de Notícias" e muitos outros.

Em frente à porta principal, o pintor localizou o grupo mais distinguido do quadro, como o Imperador D. Pedro II, fardado de almirante e ostentando as Grãs Cruzes, tendo ao lado a Imperatriz Teresa Cristina; atrás, o Conde e a Condessa d'Eu, Príncipe D. Pedro Augusto, o Corpo Diplomático, o Ministério, composto do Visconde de Ouro Preto, presidente do Conselho; Franklin Américo de Menezes Dória, barão de Loreto; Ministro do Império; José Francisco Diana, Ministro dos Estrangeiros; Rufino Enéas Galvão, Visconde de Maracajú, Ministro da Guerra; José da Costa Azevedo, barão de Ladário, Ministro da Marinha; Cândido Luiz Maria de Oliveira, Ministro da Justiça e Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Ministro da Agricultura, além dos oficiais chilenos do navio "Almirante Cochrane", em honra dos quais se organizou a festa, destacando-se o Comandante Constantino Bannen e o tenente João Williams.

A quem se detenha num exame mais cuidadoso, verá o Visconde de Ouro Preto com um ar confiante na firmeza do Império, mostrando num largo gesto à corte apreensiva, o futuro do Brasil num Terceiro Reinado.

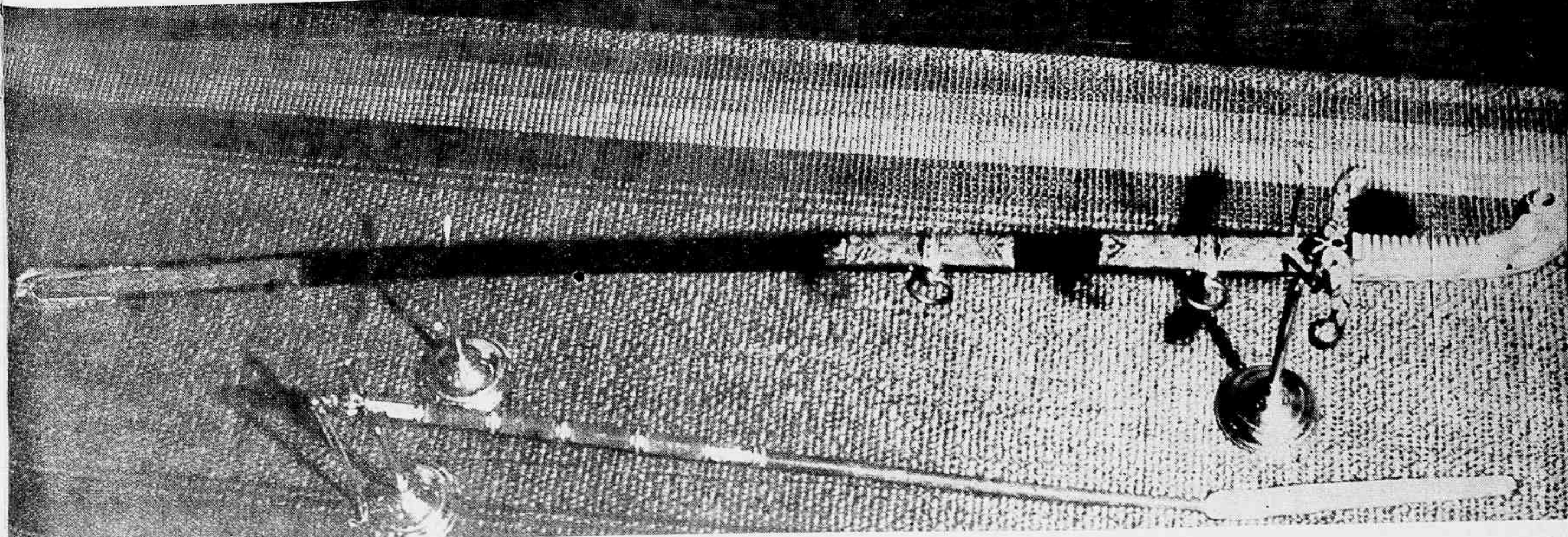
UMA FARDA QUE ADERIU... — Esta era a farda que usava o Marechal Deodoro da Fonseca ao assumir, no dia 15 de novembro, a histórica atitude que Bernardelli consagrou. Há nela um detalhe curioso: é que a farda era do Império e aí está com os botões da República. Coerente, pois, com o seu dono que, como é sabido, não queria derrubar o trono mas, simplesmente o gabinete Ouro Preto e só por força das circunstâncias foi levado a sacrificar a amizade que dedicava ao venerável Pedro II.

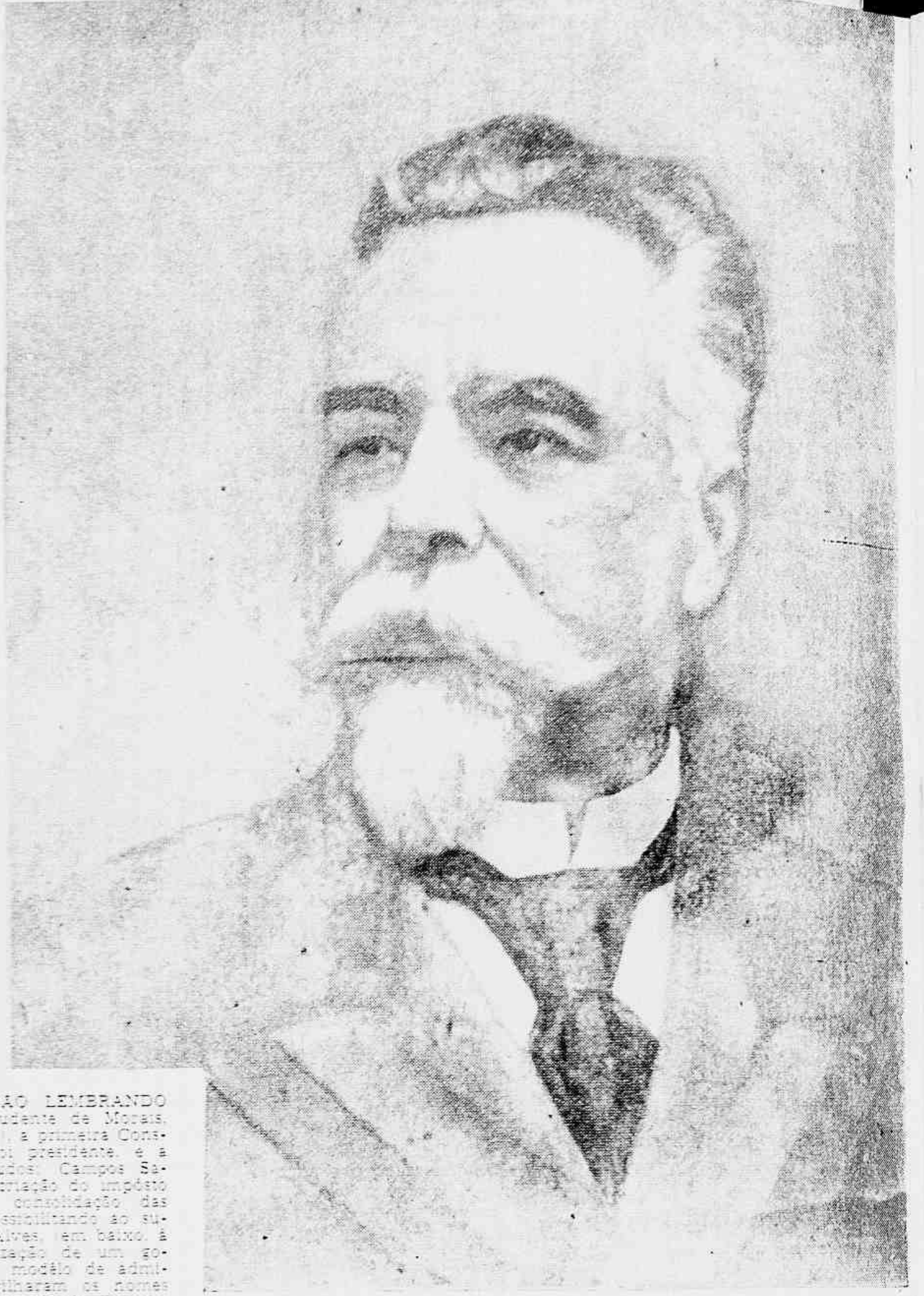
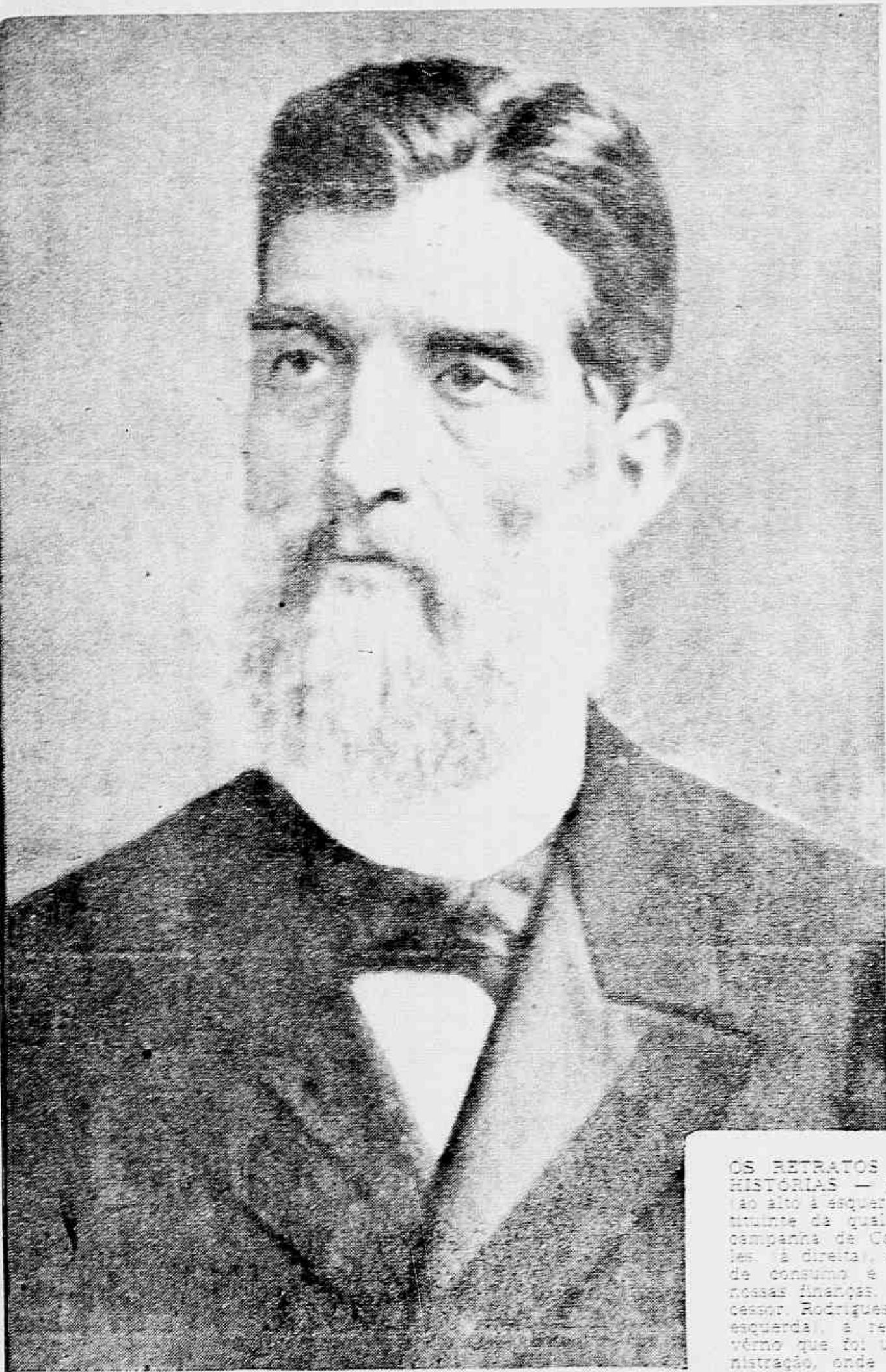
Antevia o chefe do gabinete a coroação da Princesa Isabel.

Mas é bem fácil, por outro lado, ler na obra do pintor Aurélio de Figueiredo o preságio de acontecimentos que a fermentação política ia preparando, lá fora.

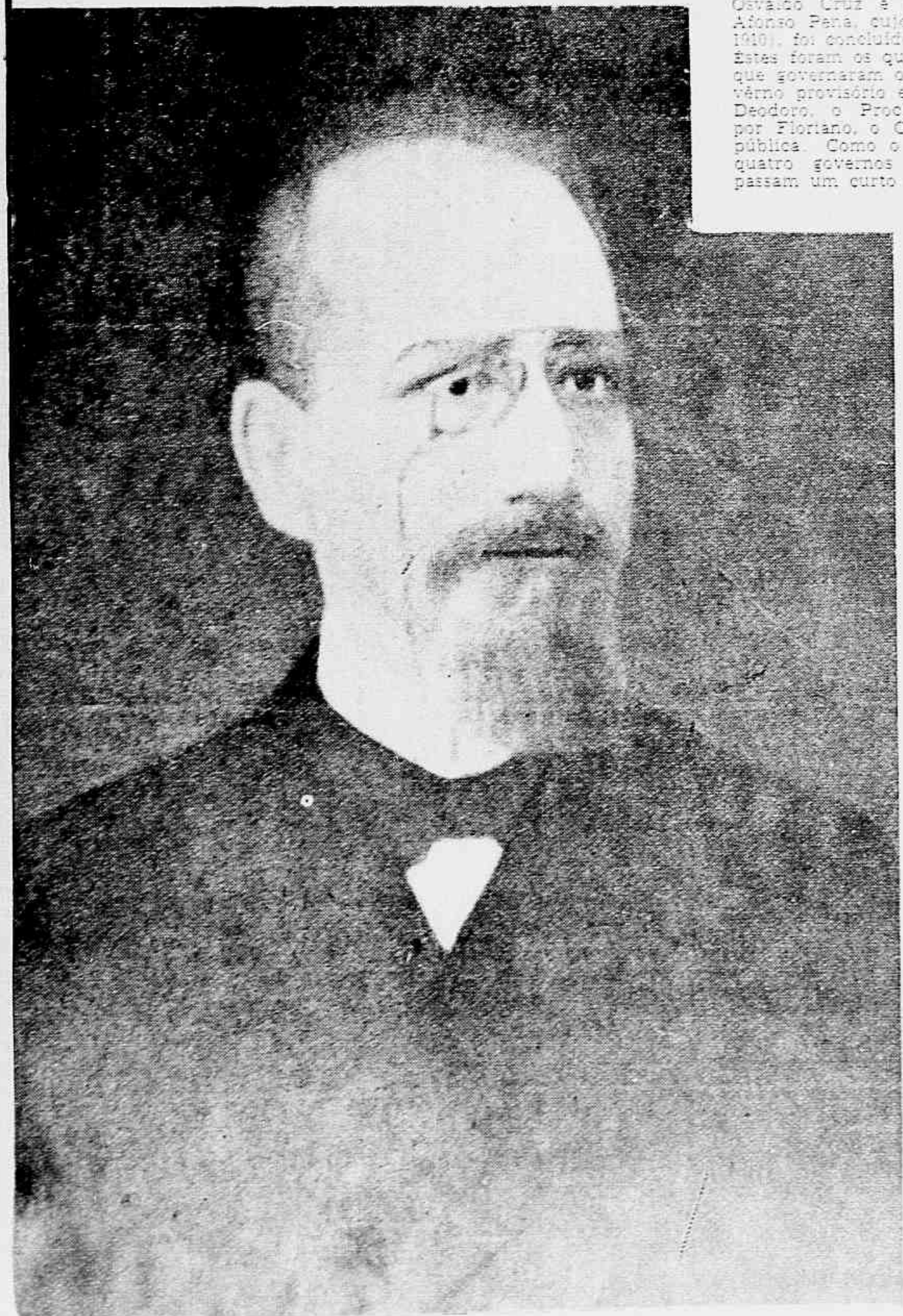
Enquanto dançavam os alegres convivas, os republicanos tramavam a queda do Império. Enquanto escorria champagne das taças de cristal da boêmia nas mãos níveas das aristocratas, durante esses mesmos minutos que se prolongaram até a

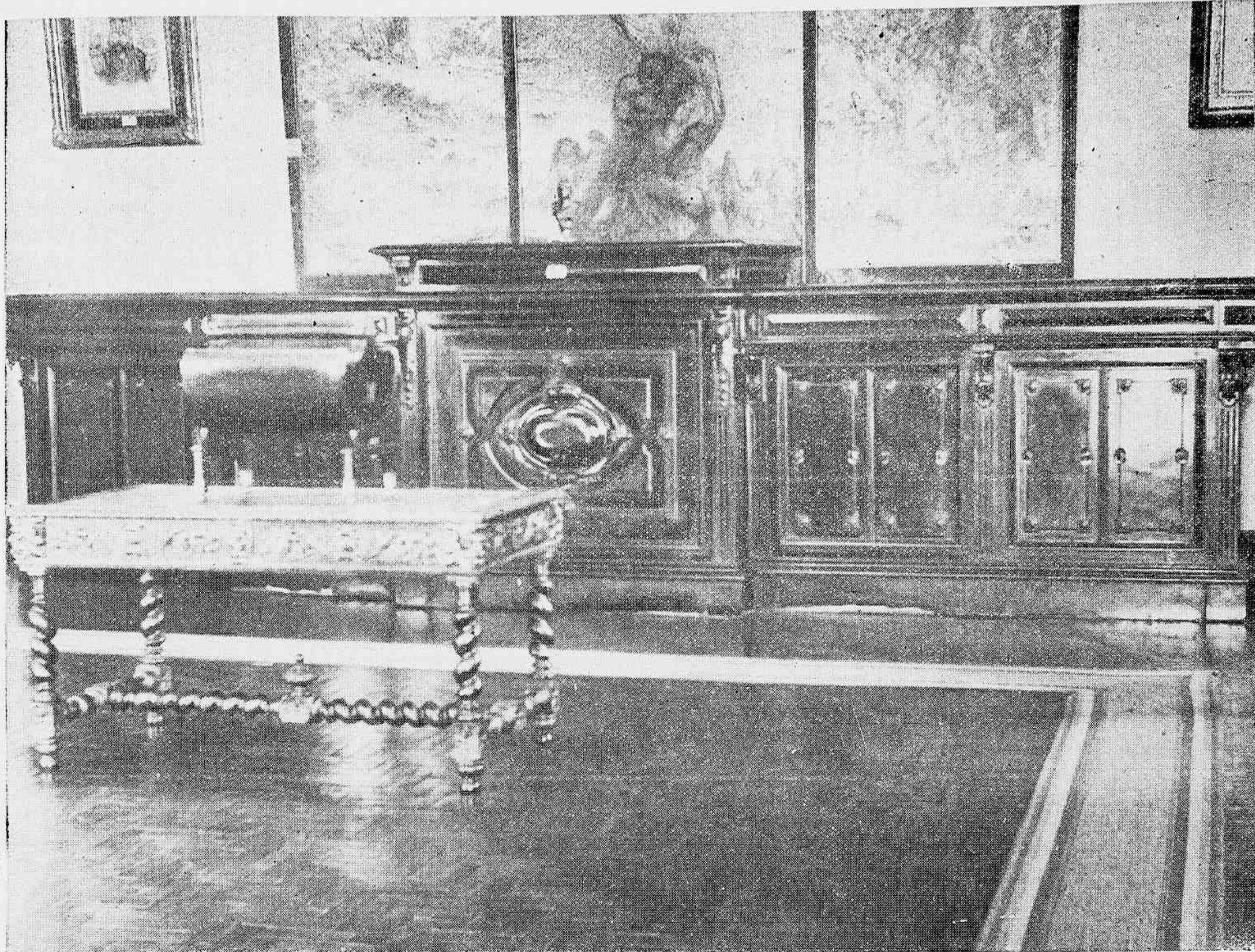
DUAS TESTEMUNHAS — do "Viva a República" foram, sem dúvida, esta espada e este rebenque, arma e apetrecho usados por Deodoro no radioso acontecimento do Campo de Sant'Ana, em 1889. O glorioso soldado não esperava que a sua espada fôsse o símbolo dos ideais que levariam por terra o reinado de Pedro II. Mas tudo já estava resolvido, o sentimento da República já incendiara o povo e o Exército. Tanto assim que não foi preciso usá-la senão para o desfile das tropas, sob as aclamações estrepitosas do povo. Outra espada que teria mais significação para o acontecimento seria aquela do oficial que se aproximou de Deodoro e lhe disse que não a embainharia enquanto não nascesse a República.





OS RETRATOS VAO LEMBRANDO HISTÓRIAS — Prudente de Moraes, (ao alto à esquerda), o primeiro Constituinte da qual foi presidente, e a campanha de Campos Sales, à direita, a criação do imposto de consumo e a consolidação das nossas finanças possibilitando ao sucessor, Rodrigues Alves, em baixo, à esquerda, a realização de um governo que foi um modelo de administração, onde brilharam os nomes de Pereira Passos, Paulo de Frontin, Osvaldo Cruz e outros, e por fim Afonso Pena, cujo quadriênio, (1906-1910), foi concluído por Nilo Peçanha. Estes foram os quatro primeiros civis que governaram o país depois do governo provisório e do quadriênio de Deodoro, o Proclamador, terminado por Floriano, o Consolidador da República. Como o tempo passa... Os quatro governos juntos mal ultrapassam um curto espaço de tempo...





LABORATÓRIO DE UMA CONSTITUIÇÃO — Esta mesa solene que o Museu Histórico guarda ciosamente traz uma legenda de alta significação. Serviu à presidência da primeira Constituinte republicana. Dela, Prudente José de Moraes Barros, que depois seria presidente, dirigiu os trabalhos de elaboração da nossa primeira Constituição, a carta liberal de 1891. Desta mesa, verdadeiro laboratório de conflitos e combinações de idéias e pontos de vista, se orientaram os trabalhos que haviam de nos legar um documento que refletia o clima político do liberalismo importado da França. Todavia, os choques a que ela assistiu e os conflitos que teve de dirimir não eram tão acentuados como os de hoje. Que o diga o senador Melo Viana, presidente da atual.

madrugada, 116 partidários da República se reuniam, no Clube Militar, sob a presidência da Benjamin Constant.

F essa coincidência de sucessos tão contraditórios levou o artista a colocar, no alto do seu painel, um grupo de revolucionários montados em corcéis, levando avante o ideal que se transformaria em realidade seis dias mais tarde.

Mas, demoremo-nos na consideração disto que acima chamamos de último sorriso da corte.

Tôda a sociedade aristocrática da época, nas semanas que precederam o maravilhoso "sonho de uma noite de verão"... preparava suas "toilettes" magníficas com apurado requinte. Seria o acontecimento mais deslumbrante da terra americana.

Segundo jornais da época, era de êxtase a impressão à vista daquele grande foco de luz, destacando-se no meio da Guanabara. Era um encantamento para os olhos atônitos da população a visão daquela ilha fantástica, iluminada por milhares de fogos e luzes cambiantes, refletindo em vidros de côres profundas os facho de luz vindos dos encouraçados "Almirante Cochrane", "Riachuelo" e "Aquidaban" e aquêle holofote da torre do edifício da ilha projetando sôbre mar e terra um

jorro de luz com a intensidade de 60.000 velas

Havia comissões de recepção para os convidados, escolhidos a dedo dentre a alta sociedade, no cais Pharoux e no ponto de desembarque da ilha, além de comissões especiais para a recepção de S. M. o Imperador e da oficialidade chilena.

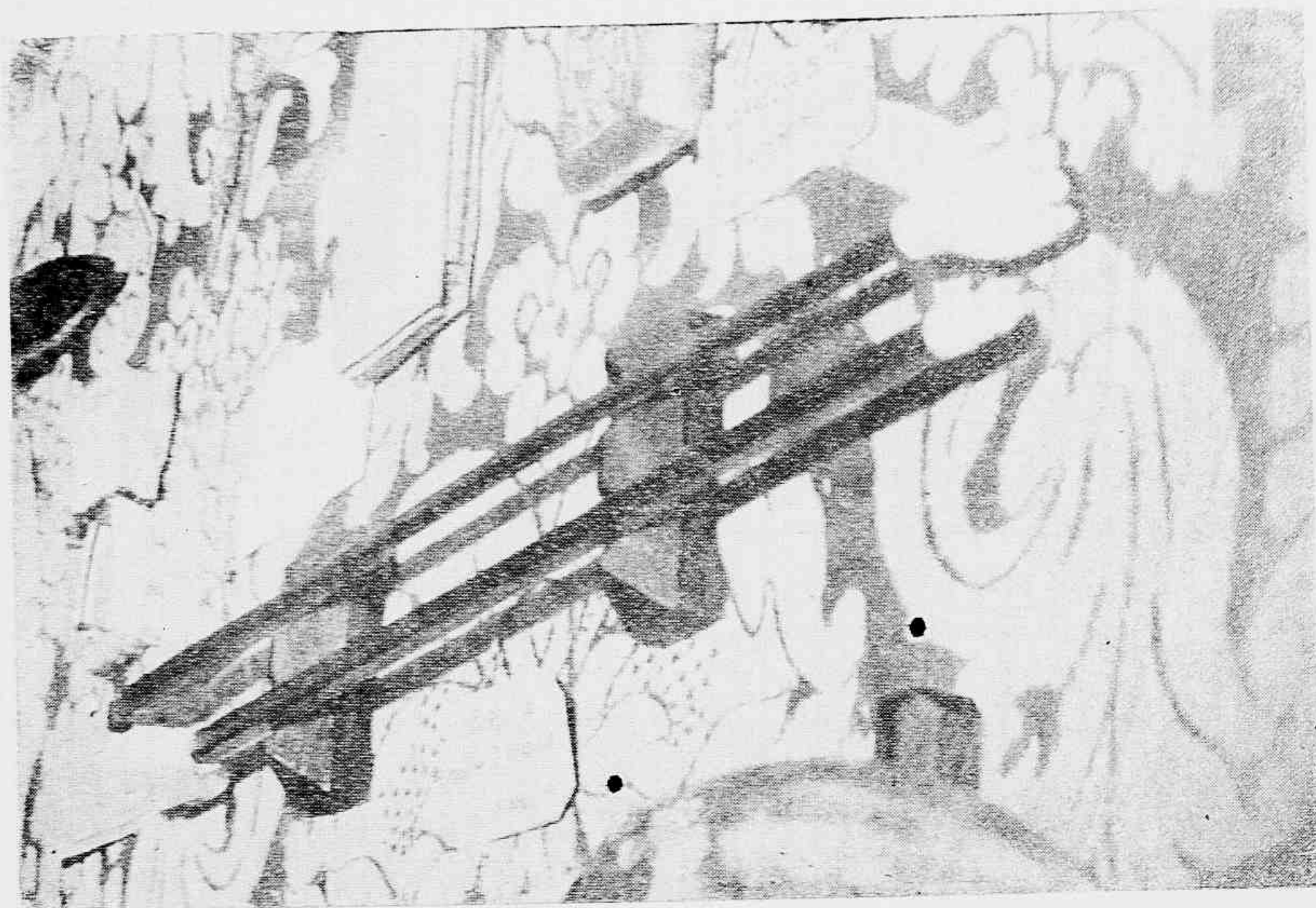
Tôda a ilha estava ornamentada com bandeiras brasileiras e chilenas além de grande quantidade de lanternas venezianas e copos de côres, cujo total um jornalista da época estimou em número superior a 10.000. A iluminação elétrica compreendia uma soma de 14.000 velas, além do holofote de 60.000 velas na torre do edifício.

SALÕES DE DANÇA E MESAS PARA O BANQUETE

Foram preparados seis salões para as danças, dos quais os dois maiores, forrados de ricos tapetes vermelhos, ornamentados com bandeiras do Chile e do Brasil, âncoras douradas e prateadas, grinaldas e festões de flores, espelhos e luzes em profusão, abrigavam, um o retrato do Almirante Cochrane e outro o do Almirante Greenfel. Uma das salas era reservada à família imperial, onde os decoradores se esmeraram em dotá-la de requintes de luxo.

TESTEMUNHAS DO EXÍLIO — Ruído o trono e deposto o Imperador, o então Pedro d'Alcantara foi intimado em 16 de novembro, a fazer um bota-fora dentro de 24 horas. E com efeito, no dia 17 pela manhã, embarcava no Alagôas que o levaria à Europa. Este banco modesto, o armário, o vitral e a bandeira figurando a bordo como de uso privativo do ex-soberano, foram testemunhas dessa viagem desalentadora. Mas a bandeira tem, particularmente, direito a uma referência especial. Alguém sem delegação especial para isso, confeccionou-a, já que o Alagôas não devia mais viajar com a bandeira do Império. E serviu-se do modelo da americana.





COCADEIRAS — Isto não tem nada a ver com a República, dirá o leitor. Mas não deixa de ser um curioso apetrecho mundano, muito necessário às damas e aos cavalheiros antigos, com as suas vestes apertadas e mais não poder. Os alfaiates, ao traçarem os modelos, não cogitavam da possibilidade de sofrerem os seus fregueses de um incômodo "já começa". Mas acontece que a cocadeira é antiga como o homem. E para uma dama se cobrir, vestida de espartilhos, tornava-se necessário lançar mão das cocadeiras que tiveram muita voga, dando motivo a requintadas diligências. Elas são uma lembrança da vida mundana do Império.

UM POUCO DE LITERATURA "IL FAUT..."

O Imperador, acompanhado da sua augusta família, chegou depois das 9,30 permanecendo no baile até depois de 1 da madrugada. No correr da festa ofereceu ao Comandante Ban-

nen a tradução que havia feito, de Glaura, de Araucania de Ercilla, o poeta épico do Chile.

Como em todas as festas da alta sociedade, houve um banquete e, por coerência com a história dos banquetes, houve discursos também.

WENCESLAU BRAZ, no entanto, eleito para o quadriênio 1914-1918, governou durante uma época em que explodiu a primeira das duas grandes catástrofes dos tempos modernos — a guerra. Neutro a princípio, as circunstâncias levaram-no depois, a assinar um decreto colocando o Brasil ao lado das Nações aliadas.



A RESSACA

Os cronistas, reverentes ou indulgentes diante do leito de morte do segundo Império, nar-raram somente as cenas de encan-tamento da festa: luzes, distin-gão, elegância, sorrisos amáveis, côches de ouro, mantos de velu-

NILO PEÇANHA não foi um presidente eleito. Terminou o quadriênio de Afonso Pena e o fez sem que gozasse do apoio popular nem do beneplácito da imprensa. Não se fez assinalar por grandes feitos nem por calamidades. Foi o que se pode dizer, uma administração amorfa.



do, leques de marfim e daí por diante. Mas não diz como saíram os convidados, tendo a festa se prolongado até às 6 horas do dia 19. Deixamos ao leitor inteligente o trabalho de imaginar o espetáculo das fisionomias fatigadas e sem ter mais, para disfarçar a sua preocupação pela sorte do Império, a ilusão da música, o sabor dos vinhos franceses e o sorriso das encantadoras cortesãs.

Seis dias depois e possivelmente sem surpresa para nenhum dos promotores do suntuoso baile, era proclamada a República. Terminara o Império. O carro dos revolucionários que Aurélio de Figueiredo introduziu no quadro chegara à meta da sua caminhada.

LEMBRANÇAS DO EXÍLIO

Mas não há somente o quador do baile da ilha Fiscal para acordar reminiscências da República.

Valendo quase como sequência daquele, há numa outra sala do Museu vários objetos que valem por outras páginas onde se rememoram os acontecimentos da época.

Assim a roda do leme do vapor "Alagôas" que na manhã de 17 de novembro de 1889 levou para terras d'além mar o ex-Im-



UM GOVERNO RUIDOSO, sem dúvida, em nossa vida republicana, foi o do presidente Artur Bernardes, que governou quase todo o tempo sustentado por um estado de sítio. Talvez, por isso mesmo, tenha sido o presidente mais atacado pela imprensa, com uma ou duas exceções, além de ter enfrentado o segundo 5 de julho.



OS "18 DO FORTE" — Não, leitor. Não foi contra Delfim Moreira, que aqui está, que se levantaram os "18 de Copacabana". Mas foi na continuidade do seu quadriênio, por Epitácio Pessoa. E daí a lembrança do heróico levante, à vista do busto de Delfim Moreira. O primeiro 5 de julho marcou com rasgos de bravura esse período da vida da República.

perador e sua família, lá está, contando-nos na sua mudez a história de uma travessia melancólica. O Imperador amava o Brasil. E tanto assim que mais tarde, afogando suas máguas em Paris, pregou-nos um soneto que é um cântico desesperado de saudade e de louvor à Pátria.

A roda do leme do "Alagôas" lembra ao visitante o ex-soberrano que quis evitar derramamento de sangue dos brasileiros, quando o comandante do navio acenou-lhe com a possibilidade de um desembarque no nordeste onde, a corôa contaria com a lealdade de tropas suficientes para organizar uma resistência e assim tentar a recuperação do trono.

Junto à mesma, guarda o Museu um modesto banco onde o então simples cidadão Pedro d'Alcantara descansava no covés, e pranteava mudamente, em olhares alongados para o horizonte monótono das águas, o banimento da Pátria. O banco onde dormia, sonhava, morrendo aos poucos.

E ainda uma escrivaninha e outros objetos que foram as últimas testemunhas do fim do reinado.

O TEMA VIRIL DA SINFONIA

As obras musicais construídas, como a sinfonia, segundo a

forma sonata, se constituem de dois temas, um dos quais de caráter rítmico bem definido, conferindo-lhe a virilidade e o "éclat" característico do elemento másculo de um drama, e o outro, de construção acentuadamente melódica, mais suave, triste às vezes e mais frequentemente traduzindo uma idéia

feminina em contraposição àquela primeira.

Essa lembrança e as reflexões que dela decorrem, vêm-nos à memória ao contemplar as reminiscências da proclamação da República.

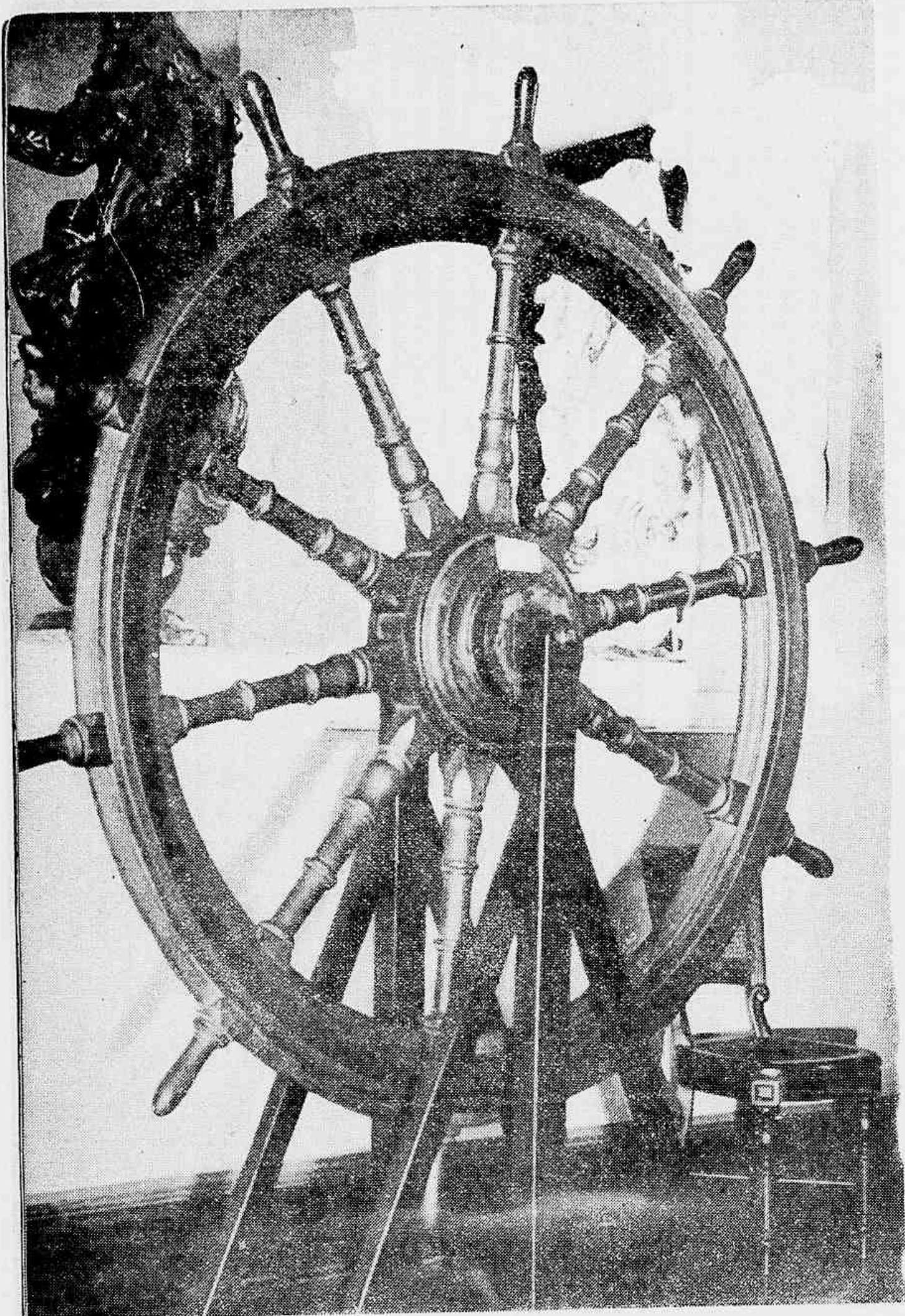
Teríamos, por exemplo, no baile da Ilha Fiscal, em todo o encanto de seus ambientes e a

sedução de suas damas, um tema feminino que se caracterizaria dias mais tarde com a triste viagem, em modo menor, que o ex-imperador fazia para o exílio.

E agora, diante de outros objetos vê-nos a sugestão do tema viril. Assim, a farda que usava Deodoro, a espada que trazia à

Nesta mesa foi assinada a proclamação da República, na residência do marechal Deodoro da Fonseca, na Praça da República. Ela é também conservada no Museu Histórico, pelo seu alto valor documentário.





O LEME DO "ALAGÔAS" — Noutra legenda, dissemos que o ex-Imperador, sob intimação do governo provisório instituído a 15 de novembro, viajou para a Europa, banido da Pátria. O "Alagôas" foi o navio que o levou ao exílio. E foi este o leme que dirigiu o "Alagôas". Segundo se conta, o comandante do navio teria proposto ao ex-soberano desviar a rota do navio e desembarcar no norte, a fim de organizar uma resistência e tentar a recuperação do trono. Se isto tivesse acontecido, que significação teria a viagem do "Alagôas" e a utilização do seu leme?

cinta e o rebenque com que açoitava o cavalo na radiosa manhã de 15 de novembro. E ainda mais, as bandeiras provisórias — imaginadas e confeccionadas em meio à febril preparação do movimento — a bandeira hasteada no mastro principal do "Alagôas", (uma cópia, evidente do modelo da "Star Spangled Banner" dos Estados Unidos) e a outra, que pertenceu ao 22.º Batalhão de Infantaria, adotada em caráter transitório, enquanto se procedia a estudos sobre a que foi finalmente adotada.

Esses e outros objetos, como a mesa onde, na casa de Deodoro, no Campo de Sant'Ana, foi assinada a proclamação da República, objetos que estiveram ligados a momentos febricitantes da eclosão do movimento, dão-nos — já dissemos, — a idéia de um tema viril.

Mas nós somos apenas repórteres. Os compositores que escreviam a música. Aí está o material.

ABOLIÇÃO E REPÚBLICA

Mas o visitante do Museu não

tem somente esses elementos que lhe tragam uma lembrança da República. Há outros documentos de época mais recuada e que têm conexão com o acontecimento de 15 de novembro. Porque a República não foi uma campanha improvisada. Os ideais eram cultivados desde a colônia, quando custaram o sacrifício de muitos heróis e, por ocasião da abolição da escravidão, a sorte do Império ficou dependendo do fator tempo. A segurança do trono se apoiava, então, menos na aceitação da coroa do que no sentimentalismo do povo, que convertia o respeito ao Imperador num sentimento de tolerância em face do regime. Fomos império por mais tempo porque tínhamos pena do rei com as suas barbas veneráveis e a sua figura simpática.

Mas a verdade é que as classes conservadoras, os fazendeiros latifundiários e senhores de engenho que eram um dos principais sustentáculos do império, esses sofreram um violento golpe no seu prestígio e na sua capacidade de influir politicamente

na vida do país, desde a assinatura da Lei Áurea.

Sendo assim, os instrumentos de tortura dos escravos — as gargalheiras, os anjinhos, as algemas, estão igualmente ligados ao nascimento da República, cujo "speaker", juntamente com Floriano, já antes do 13 de maio exerciam influência no seio do exército no sentido de que as forças armadas não dessem mais buscas a escravos fugidos. Uma libertação continha, assim, o germe de outra. O 1888 era, pois, cronológica e ideologicamente o princípio de 1889.

Não será por mero acaso que as principais figuras do abolicionismo estiveram ligadas tão intimamente e foram, mesmo, como Benjamin Constant, das principais figuras do movimento republicano.

A GALERIA DA REPÚBLICA

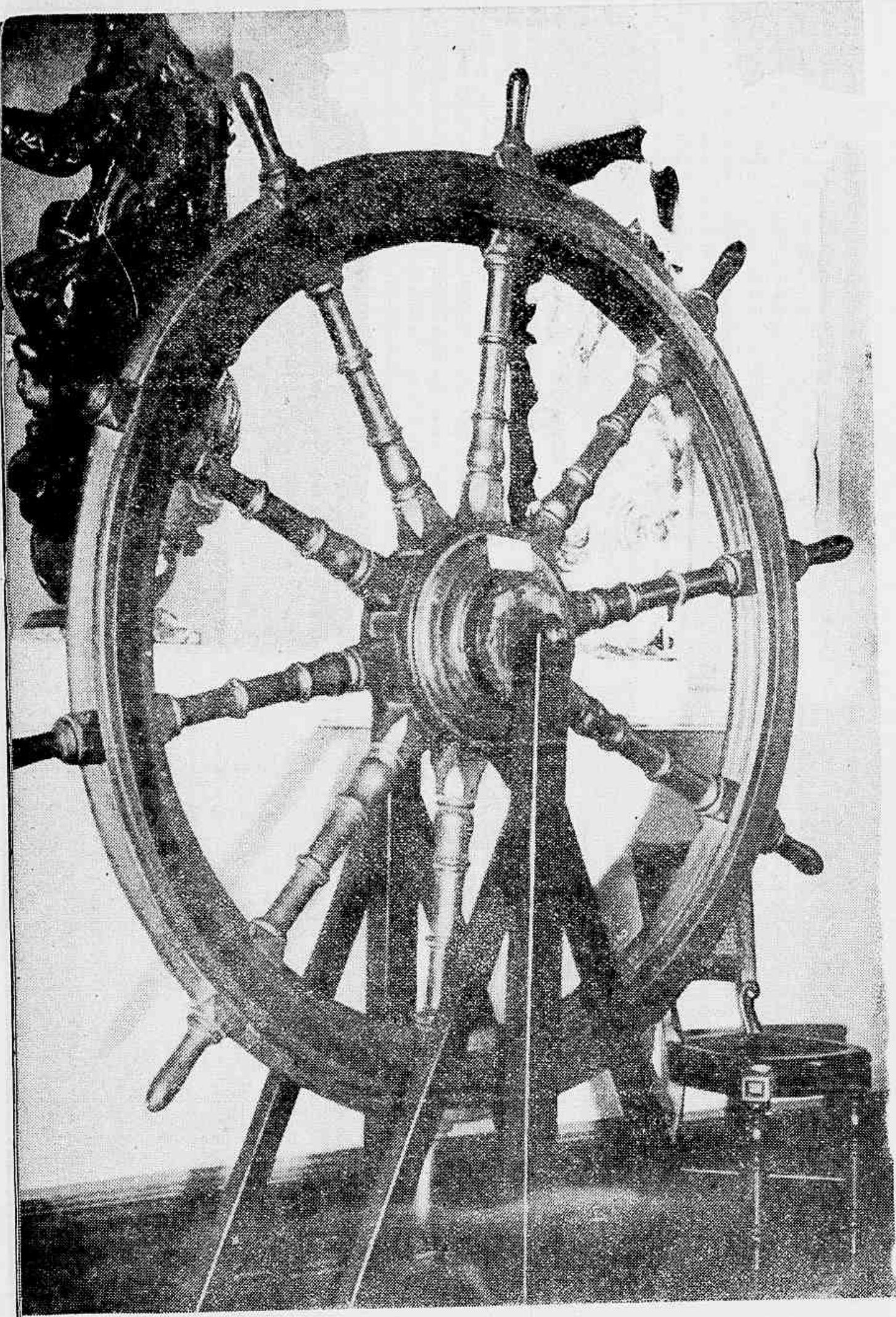
Depois destas reflexões, o repórter corre as vistas pela vasta sala da República e vai encontrando aquelas caras amigas

que a História do Brasil, no curso primário já nos apresentou. Primeiro, é claro, Deodoro e Floriano, lembrando-nos o governo provisório e o primeiro quadriênio (1891-1894). Depois a figura serena e venerável de Prudente de Moraes em cujo governo deu-se a revolta da Escola Militar, a campanha de Canudos que daria motivo a Euclides da Cunha para escrever uma das mais sólidas obras da literatura brasileira, e o atentado contra o próprio chefe do governo que redundou no assassinato do general Carlos Machado Bittencourt, e por sinal em frente ao velho edifício do Museu Histórico.

O retrato de Campos Sales, presidente de 1898 a 1902, inicia, por ordem cronológica, a galeria dos *cavagnacs* presidenciais, continuada com Rodrigues Alves, (1902-1906) e Afonso Pena (1906-1910, quadriênio concluído por Nilo Peçanha, também de *cavagnac*; Hermes da Fon-

A CESAR O QUE É DE CESAR — Benjamin Constant era professor da Escola Militar e pregava a República para os seus alunos. Figura na maioria dos compêndios apenas como um dos propugnadores das idéias republicanas e ministro do governo provisório. Entretanto, a ação que desenvolveu foi, talvez, a mais importante de quantas se empenharam para instalar, no Brasil, o regime de 89. Foi o verdadeiro articulador do movimento. A Cesar o que é de Cesar.





O LEME DO "ALAGÔAS" — Noutra legenda, dissemos que o ex-Imperador, sob intimação do governo provisório instituído a 15 de novembro, viajou para a Europa, banido da Pátria. O "Alagôas" foi o navio que o levou ao exílio. E foi este o leme que dirigiu o "Alagôas". Segundo se conta, o comandante do navio teria proposto ao ex-soberano desviar a rota do navio e desembarcar no norte, a fim de organizar uma resistência e tentar a recuperação do trono. Se isto tivesse acontecido, que significação teria a viagem do "Alagôas" e a utilização do seu leme?

cinta e o rebenque com que açoitava o cavalo na radiosa manhã de 15 de novembro. E ainda mais, as bandeiras provisórias — imaginadas e confeccionadas em meio à febril preparação do movimento — a bandeira hasteada no mastro principal do "Alagôas", (uma cópia, evidente do modelo da "Star Spangled Banner" dos Estados Unidos) e a outra, que pertenceu ao 22.º Batalhão de Infantaria, adotada em caráter transitório, enquanto se procedia a estudos sobre a que foi finalmente adotada.

Esses e outros objetos, como a mesa onde, na casa de Deodoro, no Campo de Sant'Ana, foi assinada a proclamação da República, objetos que estiveram ligados a momentos febricitantes da eclosão do movimento, dão-nos — já dissemos, — a idéia de um tema viril.

Mas nós somos apenas repórteres. Os compositores que escrevem a música. Aí está o material.

ABOLIÇÃO E REPÚBLICA

Mas o visitante do Museu não

tem somente esses elementos que lhe tragam uma lembrança da República. Há outros documentos de época mais recuada e que têm conexão com o acontecimento de 15 de novembro. Porque a República não foi uma campanha improvisada. Os ideais eram cultivados desde a colônia, quando custaram o sacrifício de muitos heróis e, por ocasião da abolição da escravatura, a sorte do Império ficou dependendo do fator tempo. A segurança do trono se apoiava, então, menos na aceitação da coroa do que no sentimentalismo do povo, que convertia o respeito ao Imperador num sentimento de tolerância em face do regime. Fomos império por mais tempo porque tínhamos pena do rei com as suas barbas veneráveis e a sua figura simpática.

Mas a verdade é que as classes conservadoras, os fazendeiros latifundiários e senhores de engenho que eram um dos principais sustentáculos do império, esses sofreram um violento golpe no seu prestígio e na sua capacidade de influir politicamente

na vida do país, desde a assinatura da Lei Áurea.

Sendo assim, os instrumentos de tortura dos escravos — as gargalheiras, os anjinhos, as algemas, estão igualmente ligados ao nascimento da República, cujo "speaker", juntamente com Floriano, já antes do 13 de maio exerciam influência no seio do exército no sentido de que as forças armadas não dessem mais buscas a escravos fugidos. Uma libertação continha, assim, o germe de outra. O 1888 era, pois, cronológica e ideologicamente o princípio de 1889.

Não será por mero acaso que as principais figuras do abolicionismo estiveram ligadas tão intimamente e foram, mesmo, como Benjamin Constant, das principais figuras do movimento republicano.

A GALERIA DA REPÚBLICA

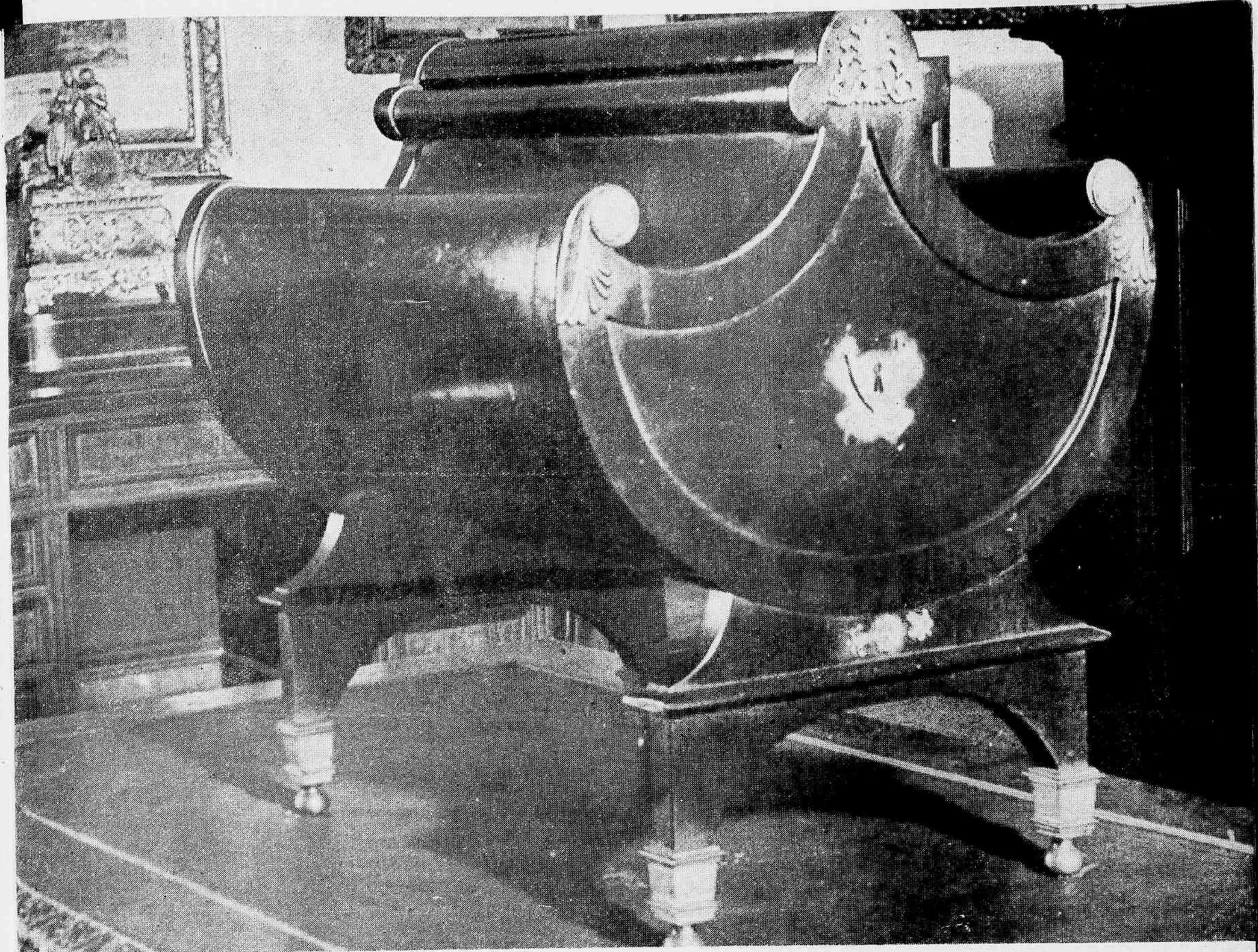
Depois destas reflexões, o repórter corre as vistas pela vasta sala da República e vai encontrando aquelas caras amigas

que a História do Brasil, no curso primário já nos apresentou. Primeiro, é claro, Deodoro e Floriano, lembrando-nos o governo provisório e o primeiro quadriênio (1891-1894). Depois a figura serena e venerável de Prudente de Moraes em cujo governo deu-se a revolta da Escola Militar, a campanha de Canudos que daria motivo a Euclides da Cunha para escrever uma das mais sólidas obras da literatura brasileira, e o atentado contra o próprio chefe do governo que redundou no assassinato do general Carlos Machado Bittencourt, e por sinal em frente ao velho edifício do Museu Histórico.

O retrato de Campos Sales, presidente de 1898 a 1902, inicia, por ordem cronológica, a galeria dos **cavagnacs** presidenciais, continuada com Rodrigues Alves, (1902-1906) e Afonso Pena (1906-1910, quadriênio concluído por Nilo Peçanha, também de cavagnac; Hermes da Fon-

A CESAR O QUE É DE CESAR — Benjamin Constant era professor da Escola Militar e pregava a República para os seus alunos. Figura na maioria dos compêndios apenas como um dos propugnadores das idéias republicanas e ministro do governo provisório. Entretanto, a ação que desenvolveu foi, talvez, a mais importante de quantas se empenharam para instalar, no Brasil, o regime de 89. Foi o verdadeiro articulador do movimento. A Cesar o que é de Cesar.





UMA URNA HISTÓRICA é esta, sem dúvida, na qual foram depositados os votos para a eleição do primeiro governo republicano. A ela, como a tôdas as urnas, foram confiados os segredos de preferências, amizades e compromissos. Felizmente, as urnas não são indiscretas. Do contrário, muitas combinações políticas estariam desfeitas e muitos sucessos não passariam de esperanças. Ah! Quantos suspiros têm causado as urnas...

seca (1910-1914), Wenceslau Braz (1914-1918); Delfim Moreira (1918-1920), quadriênio completado por Epitacio Pessoa (1920-1922).

E agora o visitante do museu já identifica sem mais esforços a figura. Este, agora, só pode ser, ora, ele estava ontem na Assembléia, — é Bernardes, quando presidente, mais moço e menos ladino do que hoje.

Também a essa altura, não é possível deixar de lembrar a revolta de 5 de julho, chefiada por Isidoro Lopes. E 5 de julho de 24 lembra 5 de julho de 22 que lançou em Copacabana 18 heróis contra milhares de fuzís.

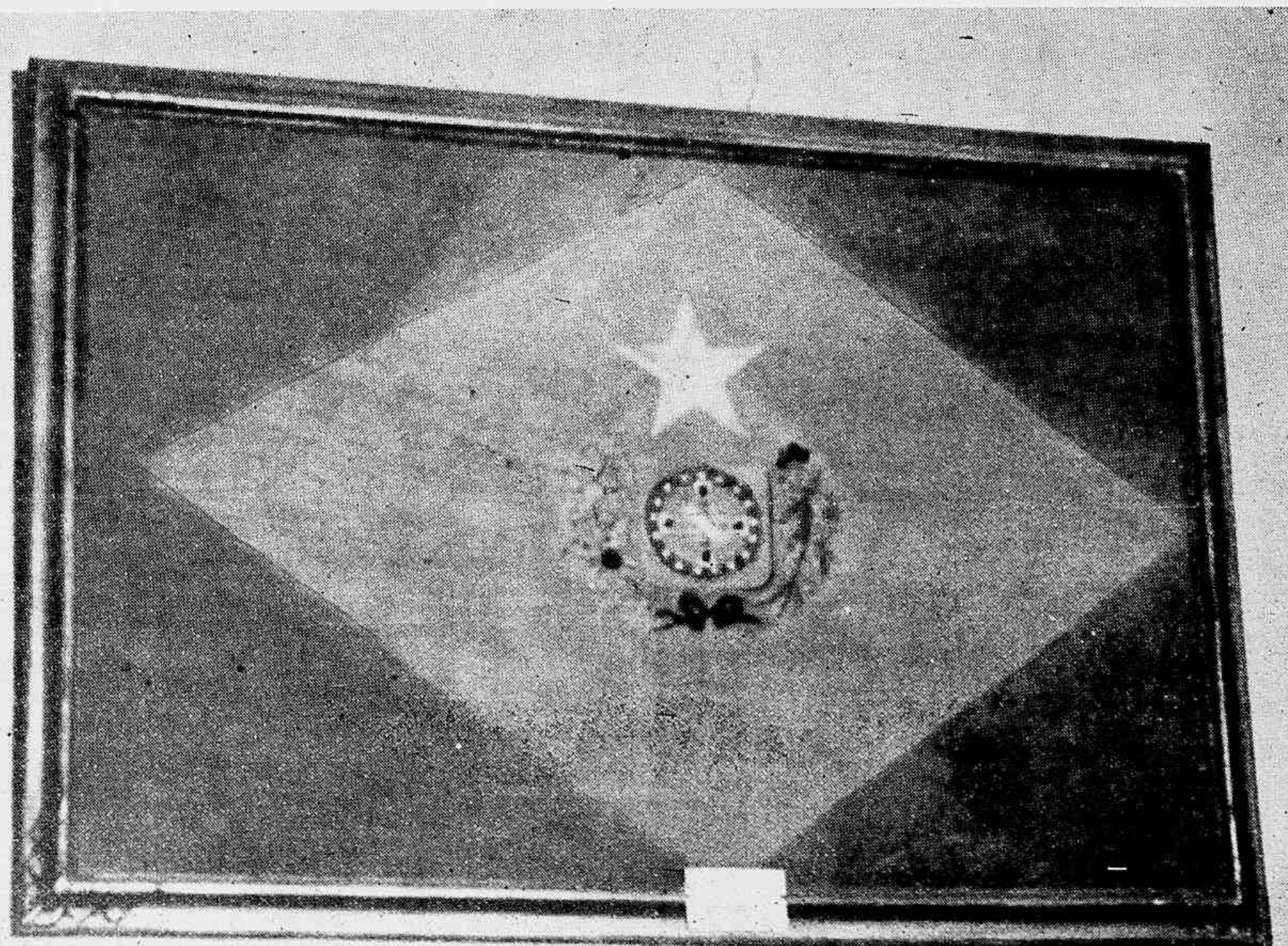
Por fim, se acaba o barulhento governo de Bernardes e entra mais um cavagnac na história do Catete: é Washington Luis, cujo retrato lembra ao visitante do Museu o presidente da atual Constituinte não por se-

melhança, mas pelo fato de ter sido o senador Melo Viana o vice-presidente do seu governo. E o resto da crônica da Repú-

blica o leitor já sabe pelas **manchettes** dos vespertinos.

Para que meter na história o que vem depois? E' tudo tão

confuso que não vale a pena. História só se faz do passado. Pra que mexer em cadáver que ainda está estrebuchando?



BANDEIRA PROVISÓRIA — Proclamada a República, o país ficou sem bandeira, já que não era possível continuar usando o pavilhão do Império para representar o regime recém-fundado. Quatro dias decorreram nessas condições, durante os quais adotou-se a bandeira que se vê na foto, simples adaptação da do Império. Esta pertenceu ao 22.º Batalhão de Infantaria.

ARTE PARA

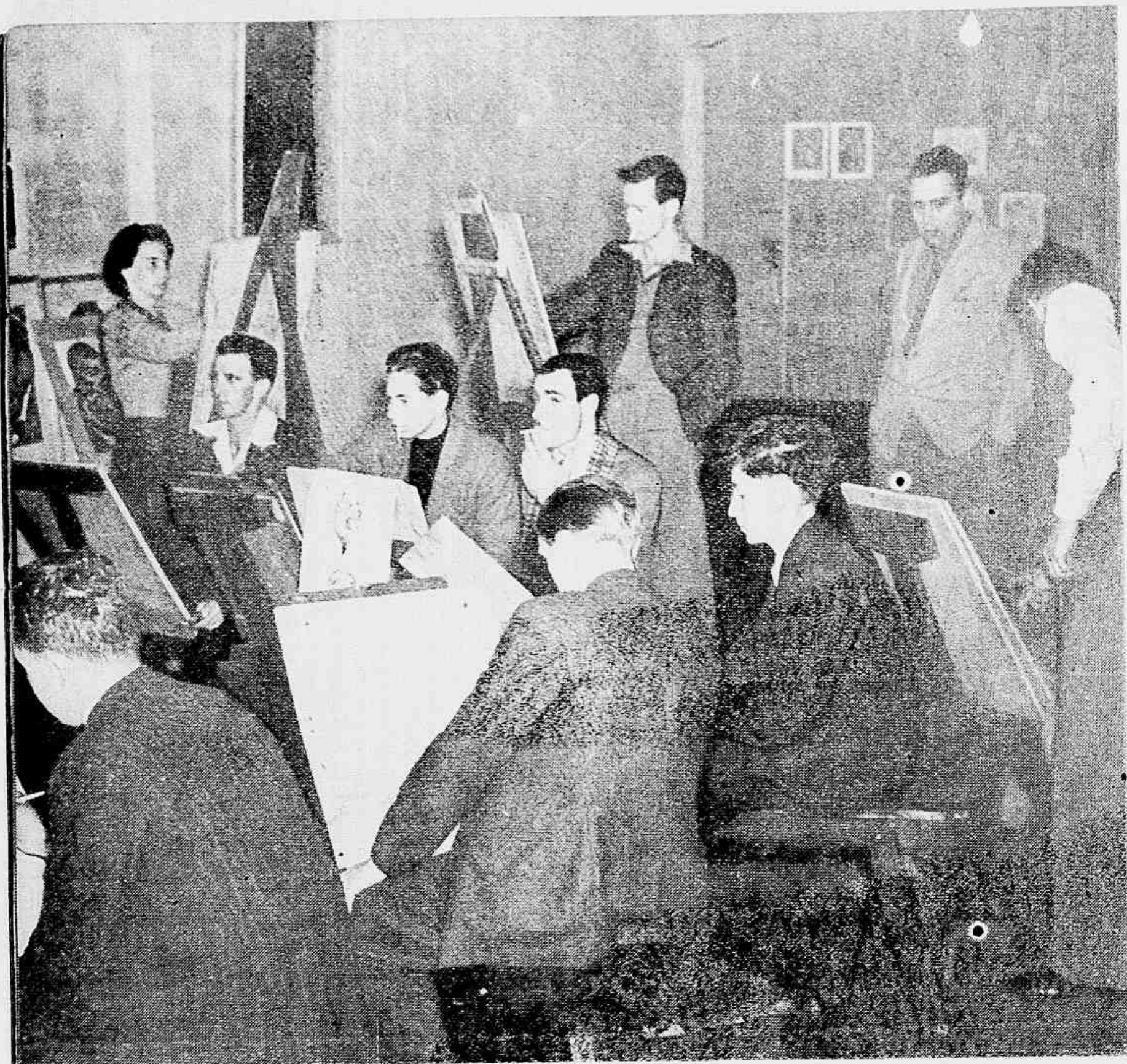
Paris, Toronto, Amsterdam, São Paulo, Edimburgo e Cambridge. Também apresentara diversas exposições em Sydney.

Quando atuava como oficial especializado em camuflagem nas Torres Strait Forces, Cant observou o interesse crescente pela arte entre os homens relativamente não educados.

De suas discussões com outros artistas nasceu a idéia do Estúdio de Arte Realista. Incluíam-se entre esses artistas os nomes de Hal Missingham, que organizou recentemente a exposição "Austrália em Guerra", e é agora diretor do N.S.W. National Gallery, Roy Dalgarno, ex-técnico em camuflagem da R.A.A.F., mais conhecido por seus estudos sobre os trabalhadores industriais australianos; Dora Chapman, que organizou discussões e exposições artísticas para mulheres alistadas, quando membro da A.W.A.S. (e que se casou recentemente com Cant), e Rod Shaw, ilustrador, desenhista de livros e técnico de camuflagem da R.A.A.F.

O primordial objetivo dos organizadores era tornar disponível o treinamento acadêmico aos que estivessem interessados pela arte, mas para os quais era impossível o treinamento artístico completo. Visava-se dar a

Durante vinte e três anos o autor deste trabalho foi maquinista de estrada de ferro. Em dois meses de estudo, mereceu referências muito lisonjeiras dos professores. Sua pintura tem expressão, mesmo quando os "velhos" afirmem o contrário.



Rapazes e moças que durante o dia exercem toda a sorte de ocupações, à noite frequentam a classe de Arte Realista nos estúdios Sydney. Na gravura, uma concentração de estudantes vendo-se à direita Hal Missingham apontando algum defeito a um aluno.

De ANNE JAMES

Um movimento de Arte em Sydney, promovida entre todas as classes trabalhadoras, proporciona instrução técnica e tenta preservar a individualidade e espontaneidade às vezes perdidas pelo ensinamento super-acadêmico. — (Do "Australian Information Service", especial para "Revista da Semana").

Atribui-se o crescente interesse pela arte em Sydney, na Austrália, à volta à vida civil de artistas moços que durante mais de seis anos foram empregados em unidades especializadas e unidades de combate.

A escola de arte mais recentemente criada em Sydney é o Estúdio de Arte Realista, que começou há dez meses atrás, com vinte membros e sem quaisquer estudantes, numa adega de parede de pedra massiva construída por sentenciados nos primitivos dias coloniais de Sydney e desde então utilizada para depósito de batatas. Transferido agora para nova sede, num velho mais iluminado edifício, si-

tuado entre um labirinto de armazéns próximo ao cais de Sydney, o estúdio possui 250 membros e 70 estudantes.

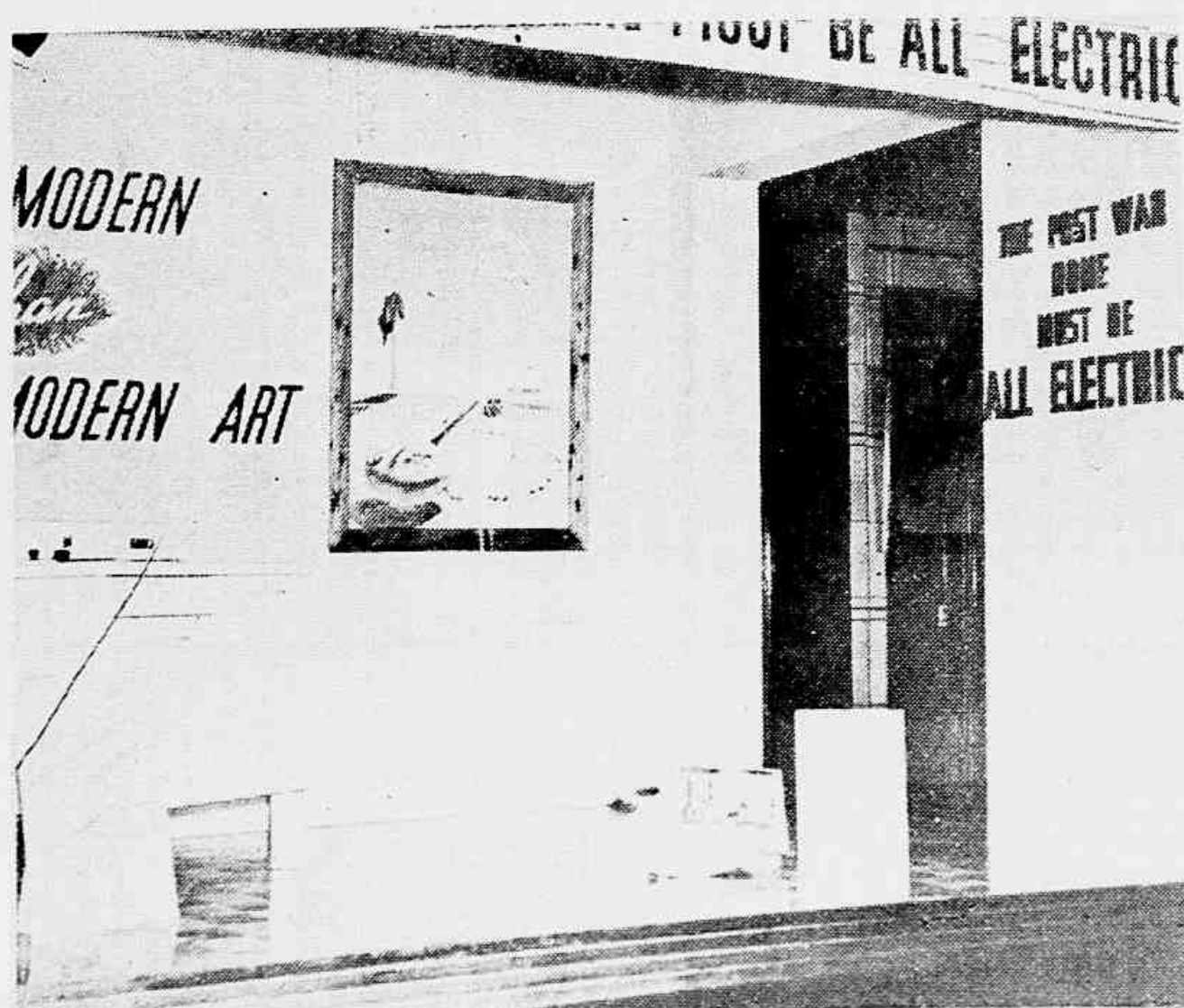
Todas as noites, ferreiros, operários de fábricas, trabalhadores marítimos, donas de casa, soldados, professores e diplomados em universidades sobre quatro lances de escadas e, após um pequeno descanso em cadeiras convenientemente colocadas perto da porta de entrada, absorvem-se em aulas de desenho elementar e adiantado, aulas de pintura, croquis, discussões entre grupos e palestras. Durante o dia, o estúdio está disponível ao uso tanto dos membros como dos estudantes.

O estúdio é essencialmente uma aventura, e uma aventura coroada de pleno êxito praticada por artistas liberados das forças armadas.

O presidente do comitê de artistas (que determina a política do estúdio e também fornece os instrutores) é James Cant, e que antes de incorporar-se ao exército era famoso pela sua arte impressionista, e que havia exposto os meus trabalhos em Londres,



A' esquerda: Todas as manifestações de arte moderna são acatadas na Austrália. Um exemplo de uma escola moderna, onde figuram os surrealistas fazendo cartazes para vender cozinhas elétricas, com auxílio do cubismo, impressionismo e outras facetas de arte revolucionária. A' direita: Uma exposição de caricaturas de várias personalidades mundiais, levada a efeito na Austrália.



AS MASSAS

essas pessoas o conhecimento técnico necessário que lhes permitisse utilizar-se dos vários meios artísticos, e não destruir a individualidade e espontaneidade, nem esfriar o entusiasmo dos alunos mediante um rigoroso ensinamento super-acadêmico.

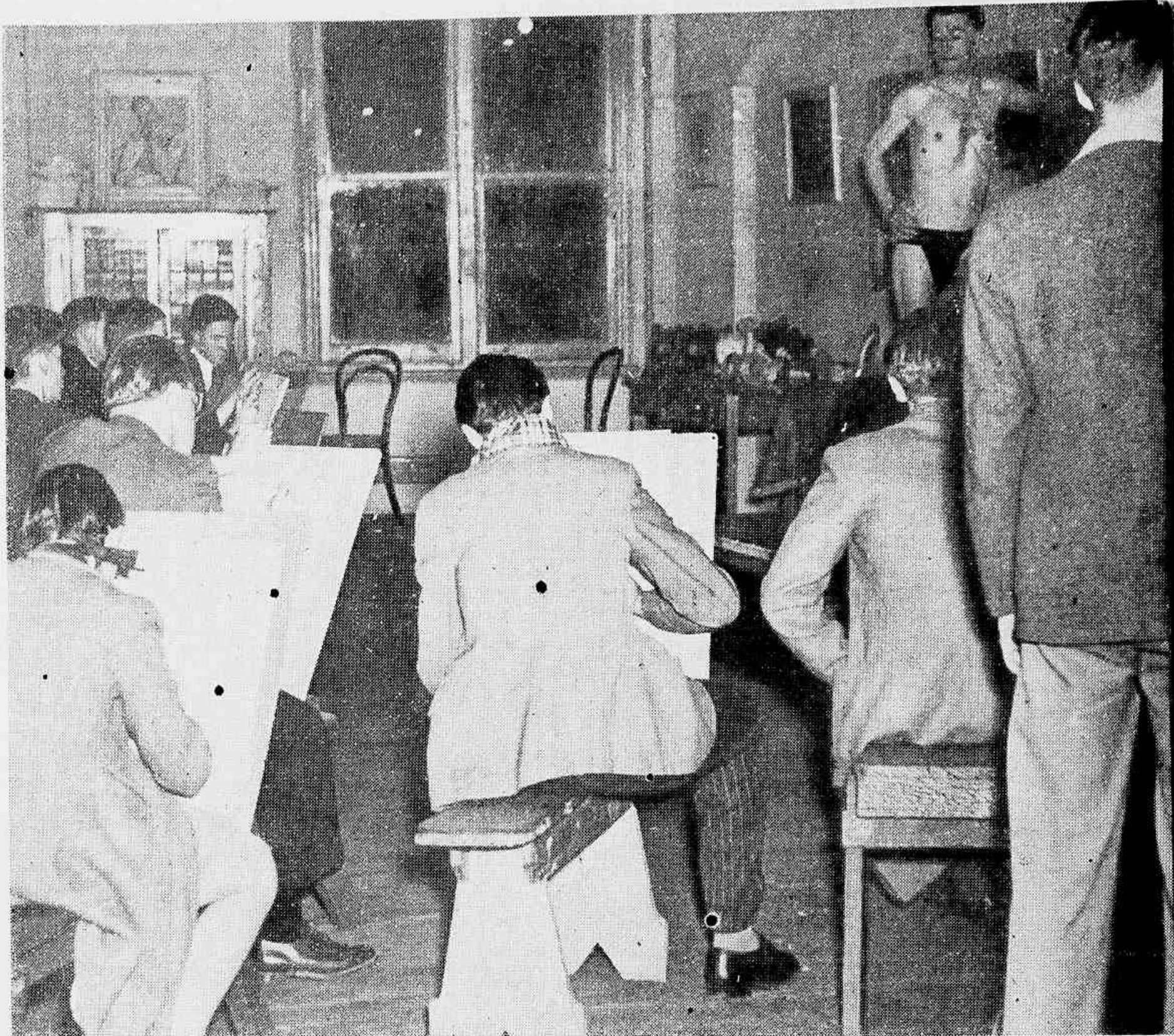
Visitar uma aula noturna no estúdio é ver realizado esse objetivo. Num canto, estudando cuidadosamente um modelo, vê-se um trabalhador de cais de idade indeterminada, entre 35 e 60 anos, cuja aparência sugere que não devem ser um assunto fácil os pequenos honorários para pagamento de suas lições de arte. Enquanto ele mistura levemente uma cor na sua palheta e a aplica em sua tela, tem uma fisionomia de transporte. As aulas de pintura significam para ele uma fuga da luta econômica de todos os dias, e um novo mundo que é completamente real.

Em seguida a ele vê-se uma jovem de 11 ou 12 anos de idade. Sua fisionomia é séria enquanto trabalha rapidamente com o lápis. O esboço em andamento revela considerável talento, o que constitui fator muito promissor para este princípio de treinamento e determina cuidadosa orientação por parte de sinceros tutores.

A professora Dora Chapman, que na vida particular é a sra. James Cant, orienta um aluno sobre o gênero de leitura que deve preferir, apontando-lhe as ilustrações de um excelente livro de arte, na biblioteca do estúdio.



Paul Beadle (à esquerda), professor do estúdio quando seu emprêgo de ilustrador do "Pacific Post" lhe deixa uma folguinha, corrige o trabalho de um aluno de quinze anos. No tempo de paz, Mr. Beadle foi escultor, tendo-se exibido em Londres com sucesso. — A direita, Dan Baldevin, no hospital de Glasgow, distrai-se manejando o "crayon". A arte também ajuda a curar.



Alunos cuja idade varia entre os 12 e os 60 anos. O mais novo, Ida Rochester (à esquerda, em primeiro plano), revela excelente promessa com seu trabalho e deseja tornar-se uma ilustradora comercial perfeita. Carpinteiros, alfaiates e sapateiros, também aprendem pintura.

O estúdio adquiriu recentemente um considerável número de obras padronizadas sobre questões de arte, e estabeleceu uma pequena mas útil biblioteca de referência. Foi também criada uma biblioteca de gravuras, e quando forem estas mais disponíveis pretende-se reunir um considerável número das mesmas e alugá-las com as molduras por um pequeno preço, possibilitando aos amantes de arte possuírem bons quadros em suas casas, bem como substituí-los mais vezes do que lhes seria permitido fazer.

Entre as outras atividades do estúdio incluem-se as palestras e discussões de domingo à tarde.

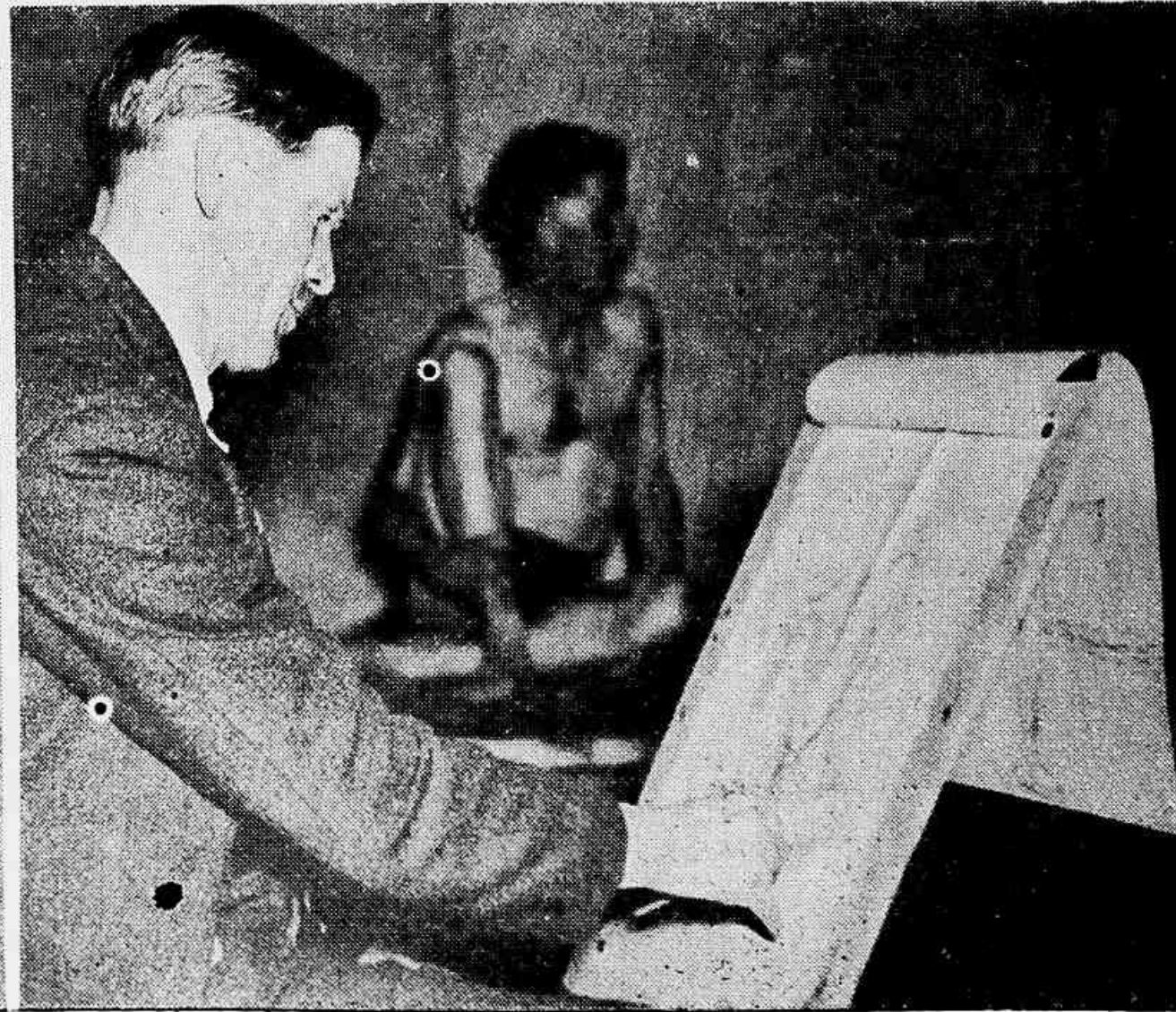
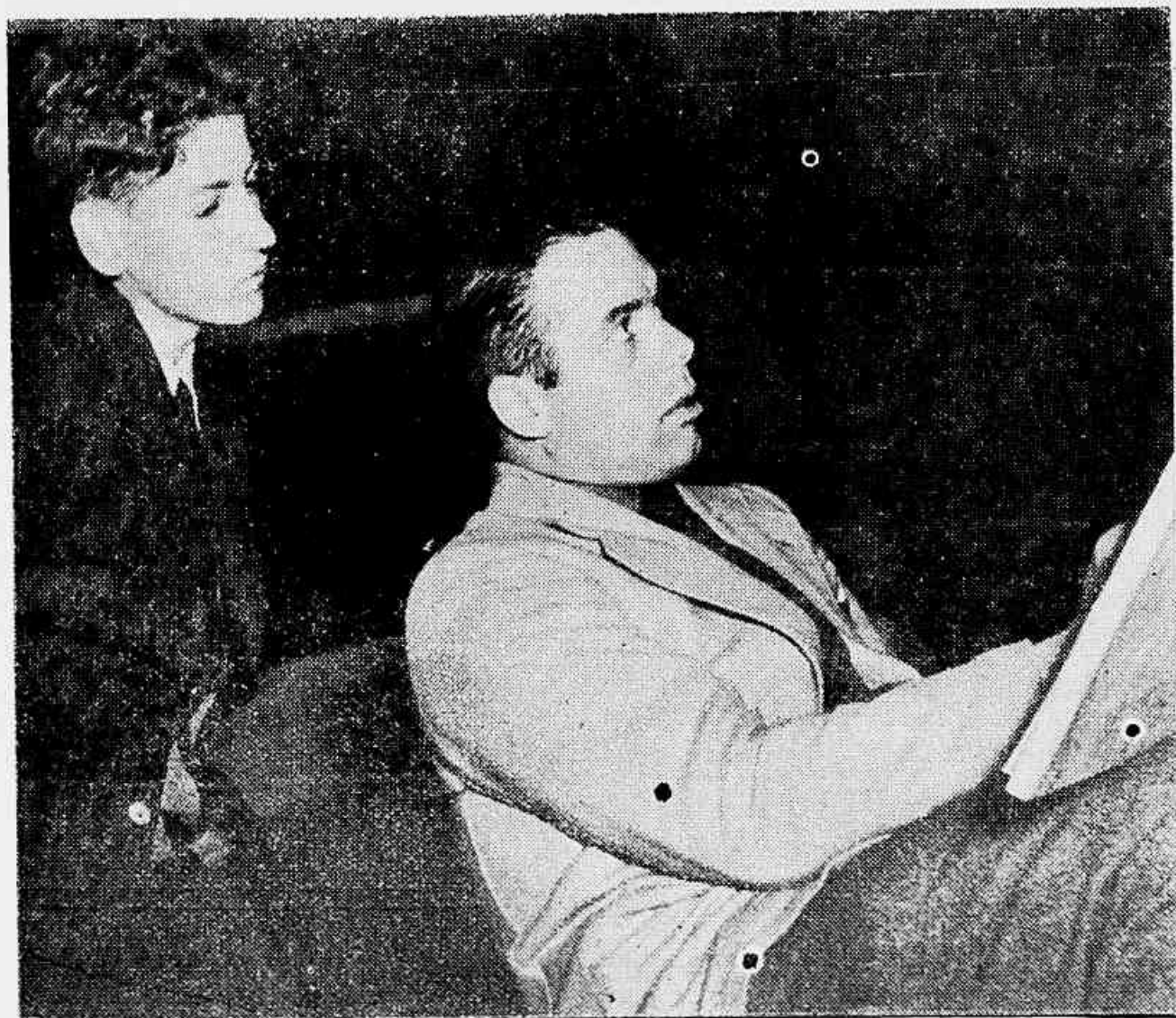
Reconhecidas autoridades são convidadas a falar sobre assuntos de interesse. As palestras vão desde as de Russel Drysdale sobre o tema "pintando a paisagem australiana", até John Oldham, artista e arquiteto, agora no Departamento de Reconstrução de Após Guerra, sobre o tema "o artista e o mundo de após guerra".

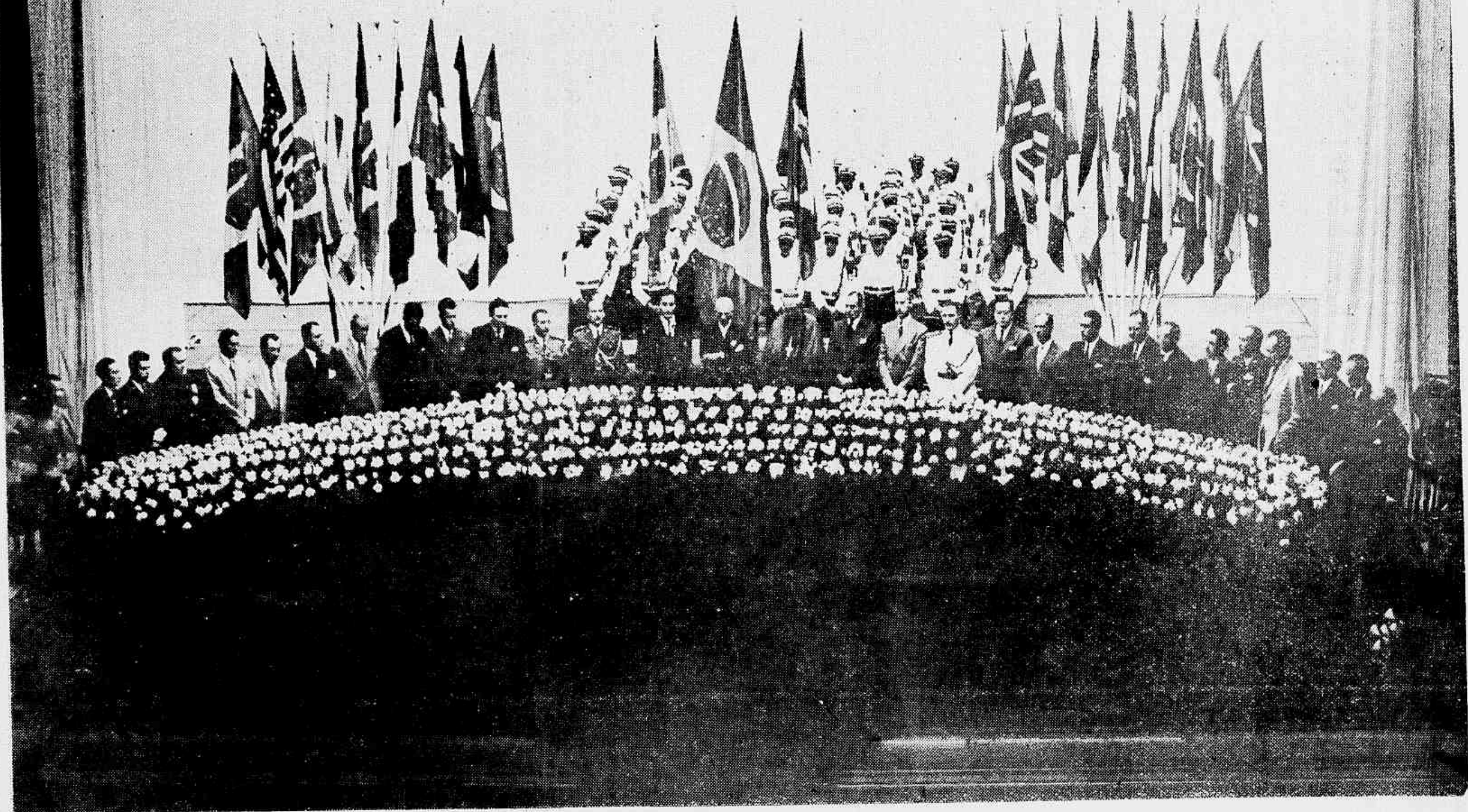
Uma revista do estúdio, com o título de "Sora", é também publicada mensalmente para os estudantes. A revista contém sumários das conferências mensais, além de noticiário sobre os comentários de espetáculos atuais e notícias gerais de arte.

O amplo campo abrangido pelas atividades do estúdio estimula, ao que acredita o comitê organizador, professores e alunos a uma aproximação sincera e sadia de seus trabalhos, permitindo a influência revigoradora de todos os desenvolvimentos contemporâneos.

Muitos dos trabalhos feitos no estúdio, afora o seu valor e interesse como resultado dos métodos de ensino experimentais, possuem considerável mérito de forma e cor.

A julgar por esses padrões, foi vitorioso o princípio no qual se baseou o estúdio de que na Austrália a Arte não é mais a prerrogativa de alguns mas o direito e a preocupação de muitos.





Nova era da aviação civil



A posse do ilustre desportista e grande industrial Sr. Camilo Nader na presidência do Aero Clube do Brasil, ocorrida na noite de 18 do mês em curso, valeu por uma entusiástica demonstração de fé nos destinos da aviação civil brasileira, constituindo por isso mesmo uma festa cívica de excepcional brilhantismo.

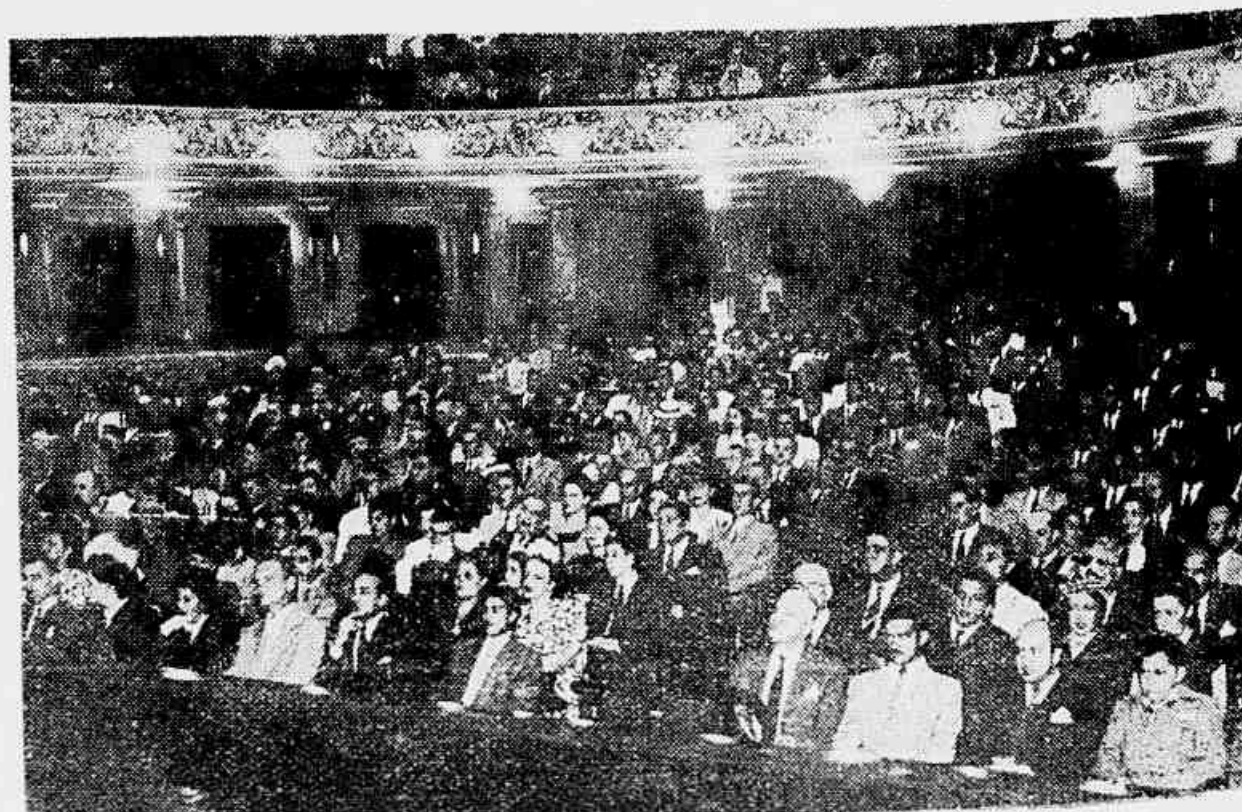
O recinto do Teatro Municipal acolheu, nessa noite memorável, os elementos mais representativos da sociedade carioca e do mundo oficial, tendo a solenidade, que se realizou num ambiente de contagiante vibração patriótica, assinalado, por assim dizer, o início de uma nova era para a nossa aviação civil.

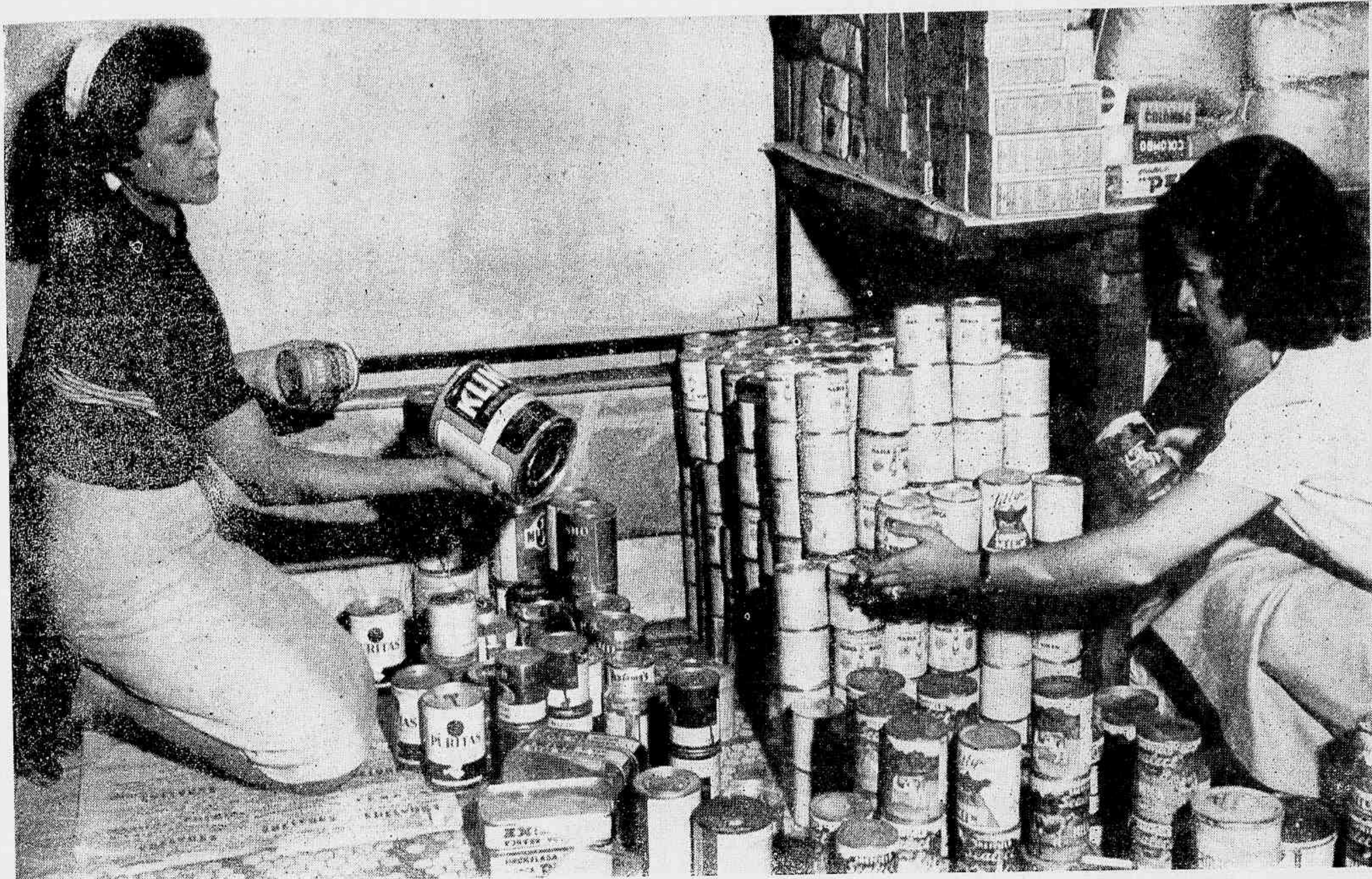
Damos a seguir a nova diretoria do Aero Clube do Brasil, recentemente empossada, segundo a ordem dos cargos: Presidente de honra, o ex-ministro da Aeronáutica, sr. Salgado Filho; presidente, o aviador civil Camilo Nader; 1.º vice-presidente, Petronio de Almeida Magalhães; 2.º vice-presidente, Adroaldo Junqueira Ayres; 3.º vice-presidente, Roberto Marinho; 1.º secretário, Carlos Gonçalves Botelho; 2.º secretário, Luiz Guimarães; 1.º tesoureiro, Augusto Lopes Gonçalves; 2.º tesoureiro, Jorge de Souza Carvalho; 1.º procurador, Paulo



Sampaio; 2.º procurador, Carvalho Neto. Comissão Técnica Aeronáutica — Presidente, Cel. Aviador Orsini Coreolano e vice-presidente, Comte. Gratuliano Ximenes Oliveira. Comissão de Tomada de Contas — Srs. Herbert Moses, Geronimo Coimbra Bueno e Nilceu Teixeira Brasil. Bibliotecário — Helio Junqueira Melrelles.

Nesta página oferecemos aos nossos leitores alguns dos mais expressivos aspectos da solenidade, destacando-se a foto em que se vê o sr. Camilo Nader ao pronunciar o seu notável discurso no ato da posse.





A miséria está batendo à porta dos casebres das favelas cariocas. Um programa feminino, especializado em campanhas humanitárias, vem de ser utilizado para favorecer, embora em pequena escala, algumas centenas desses necessitados. Em dia da semana passada, Sagamor de Scuvero subiu ao Morro de São Carlos, onde distribuiu quatrocentas latas de leite condensado, cinquenta quilos de açúcar, outros tantos de sabão, mil e oitocentas peças de roupa, quinhentos quilos de mantimentos e cem pares de sapatos, cobertores, pequenos enxovais etc., além de muitos donativos em dinheiro. As gravuras mostram ao leitor os preparativos para essa humanitária tarefa, vendo-se entre os donativos dos ouvintes, muitos livros de orações, rosários e medalhas religiosas.

R A D I O





Ao alto, à esquerda, o diretor Jimmy Vincent ensaia com John Caulfield, uma cena para o tecnicolor musical da Paramount "Blue Skies". — A direita, Carmen Miranda e Vivian Blaine continuam aparecendo juntas nos mesmos filmes, parecendo que os estúdios mais desejam provocar um confronto... — Em baixo, à esquerda, Robert Preston de volta da força aérea norte-americana, em visita à Universal, na companhia de sua esposa Catherine Craig, ele ainda envergando o uniforme militar. Finalmente, Alan Ladd em "Calcutta", cuja filmagem uma vez concluída lhe permitiu ir para o seu "rancho" em companhia de Sue Carol, sua esposa.





Depois de sua divertida viagem ao Rio, Lana Turner entrou em uma fase ativa de filmagens. Agora mesmo vem de iniciar uma nova película, na Metro, tendo como galã John Garfield, que está em grande moda. Aqui está o seu primeiro "still" nesse filme que se intitula "O destino bate à porta" onde ela, parece, vai ser ultra-perigosa... E à direita, o mais recente retrato de Clark Gable ao natural, sem o menor vestígio de "maquillage". O "velho" tirano romântico está embranquecendo, senhoritas fans. E completou apenas quarenta e cinco rissonhas primaveras... Mas a guerra parece ter deixado vestígios no seu rosto...

Os frequentadores mais antigos de cinema, aqueles que ainda recordam, talvez saudosos, a grande versão silenciosa de Rudolph Valentino em "Monsieur Beaucaire", não de escandalizar-se sabendo que Bob Hope será agora o intérprete do mesmo papel. Mas acontece que esta nova edição é conduzida para o terreno humorístico, embora continue dando ensêjo ao estúdio para mostrar-nos as cabeleiras empoadas, as vistosas "toilettes" de anquinhas, os leques de seda transparentes com o qual mal se escondiam os rostinhos empoados... A propósito, saibam então que o diretor George Marshall reuniu um grupo de belidades nesse "Monsieur Beaucaire" à 1946. Aqui o vemos, na gravura ao lado, em companhia de quatro dâsses tipos perigosos: Andrey Kora, Virginia Doffy, Andrey Young e Marjorie Raymond. Nem sabemos como Bob Hope consentiu que o seu lugar, embora em um simples flagrante de estúdio, fôsse tomado pelo velho Mr. Marshall. Com certeza Bob Hope ao mesmo tempo estava ensinando a lição a um grupo talvez ainda mais perturbador.

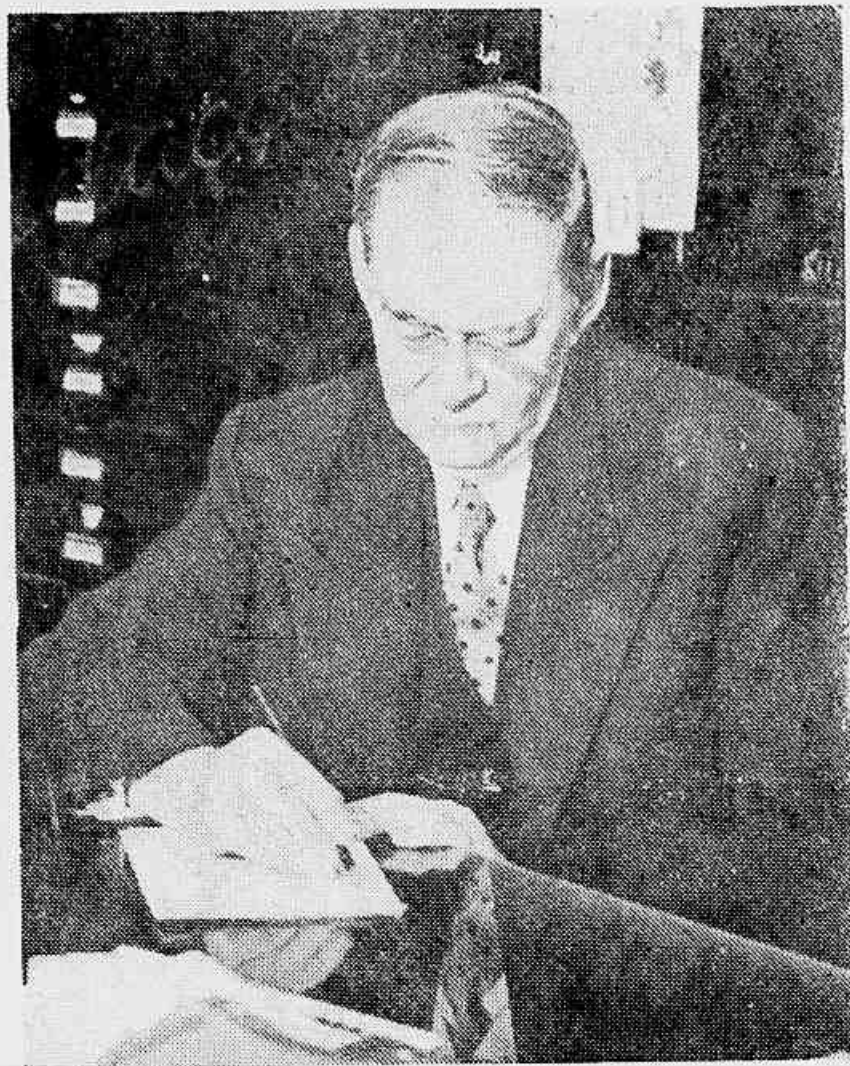
Se a moda pegar, ou seja, se o público gostar realmente da adaptação cômica dâsse herói lendário, teremos com certeza Red Skelton em "Don Juan", não tardará muito.

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD



O CASSINO FLUMINENSE

Por ESCRAGNOLLE DORIA



PROFESSOR ESCRAGNOLLE DORIA

NO Rio de Janeiro do Segundo Reinado, na cidade onde com pouco dinheiro se obtinha muito e bem rapidamente, as sociedades recreativas eram bastantes, explicáveis num meio no qual se contava com o dia de amanhã.

Nenhuma das sociedades recreativas do Rio antigo teve tão alta voga como a chamada *Cassino Fluminense*, cuja vida se prolongou por algum tempo na Republica a cuja proclamação se não seguiu alegria, nem sossego publico, condições favoráveis a sociedades recreativas.

No Rio de Janeiro da Maioridade e istiu uma sociedade dansante de nome *Sociedade de Baile Assembléa Fluminense*. Funcionava na rua do Passeio, a dois passos do largo da Lapa.

Em 1845 a sociedade resolveu mudar-se, passando a dar bailes nos salões da *Sociedade Philharmonica*, esta creada em 1835 e de sede na rua do Conde, ora Visconde do Rio Branco.

Na rua do Passeio foi a *Assembléa* substituída por nova sociedade dansante, a do *Cassino Fluminense*, comprando este à antecessora todo o seu material, salvo prataria, por quatro contos de réis, que na época eram mesmo quatro contos.

Instalou-se o *Cassino* no predio antes sede da *Assembléa* pagando dois contos de aluguel anual.

Organizado por pessoas de relevo, não tardou o *Cassino*, desde origem, em tomar feição aristocratica. A 26 de Maio de 1846, ofereceu o *Cassino* primeiro baile à Sociedade carioca, a festa não só de socios como de convidados, primeiros o Imperador e a Imperatriz.

Sucessivos bailes foram tornando o *Cassino* diléto à nata social, as reuniões na casa da rua do Passeio, reuniões honradas com a presença do par imperial do paço de São Cristóvão.

De agrado ao par foi o baile de 15 de Setembro de 1847, solenizando o batizado da princesa D. Leopoldina.

Cada vez mais o *Cassino* reunindo acolheu nas suas salas cavalheiros de fino trato e senhoras distintas, todos acudindo a dansas marcadas pelos compassos da musica e pelas regras da civilidade, esta indicando civilização.

Manifestou por isto D. Pedro II especial apreço ao *Cassino*, à sua directoria, aos seus socios, convidando-os para bailes de corte.

Tambem em 1854, na época da Conciliação e do seu Grande Conciliador, o marquês de Paraná, o governo mostrou boa vontade a uma pretensão do *Cassino*.

Intentou este construir edificio social com braças da Chacara do Senado, ao Campo de Santa Anna, aproveitando-se o *Cassino* das braças que sobrassem na construção da Casa da Meda.

Bem aceita governamentabusante a pretensão entretanto não foi adiante. Estava escrito, o *Cassino* tinha de ficar na rua do Passeio e ficou. Adquirio o predio onde funcionava pagando aluguel. Em dezessete contos de bom papel meda importou a compra. Parte da quantia seria satisfeita à vista, parte a prazo, com hipoteca do terreno. A demolição do predio a construção de novo edificio, tudo feito por concorrência publica.

Para resolver sobre as despesas da edificação da nova sede, reuniram-se os socios do *Cassino* em assembléa geral, autorizando esta a directoria da sociedade a contrair empréstimo, só entre socios, o empréstimo limitado a cem contos de réis.

Venceu na concorrência edificadora o construtor Hoxe, competindo com outros officiaes do officio, entre eles Vicente Rodrigues, o edificador do *Teatro Provisorio*, que, bem provisiono, nesse, durou vinte anos.

Em quinze mezes devia o construtor Hoxe entregar pronto o novo edificio do *Cassino*.

A 18 de Setembro de 1860, em casa nova, o *Cassino* reabria salões para baile honrado com a estuancira presença da Família Imperial.

Continuou o *Cassino* a realizar bailes memoráveis assim o que realizou ao chegar D. Pedro II de sua primeira viagem à Europa, que tão bem a festejou.

Outro baile de nota no *Cassino* foi dado por ocasião do batizado do Príncipe da Grão Para, p r execução concedida pelo *Cassino* a licença para um baile promovido pelo Corpo Commercial da Corte regozijado pela inauguração do cabo submarino trasatlantico.

Segundo execução abriu o *Cassino*, em 1877, a pedido do Conde d'Eu, para a realização de concerto a bem da caridade no socorro às vítimas da sêca do Ceará, a de 1877 uma das mais terribes calamidades de flagêlo à provincia nortista.

Em 1877 os estatutos do *Cassino* ainda proibiam o aluguel de seus salões para bailes, concertos e festas outras. As dôres do Ceará fizeram esquecer estatutos, cedida a sede do *Cassino* por quantia a arbitrio dos promotores do concerto.

Mas em 1885, por novos estatutos, começou o *Cassino* a alugar, auferindo reforço de rendas que lhe permitisse acudir indispensaveis ao brilho dos quatro grandes bailes anuais obrigatorios da sociedade.

Cassino Fluminense tal o seu nome desde fundação. Em 1885, porem, a directoria suprimia um s na palavra *Cassino*. Dê-se à directoria de 1885 o titulo de primeira simplificador da ortografia do nosso idioma, aquela com a glória de aumento de complicações e acordos raspa letras.

Com duplos ss ou com s unico, soube o *Cassino* associar-se a alegrias e dôres publicas. Em 1864, ao doer-se o Rio de Janeiro com a crise financeira provocada por corridas a casas bancarias em falencia, em sinal de pezar o *Cassino* suspendeu bailes por algum tempo.

Normalizada a situação de 1864, por providencias rapidas; eficazes, voltou o *Cassino* à sua natureza e aos seus fins, recreando por a dansar.

Preciosos e minudentes apontamentos de distinto e prestante socio do *Cassino*, o dr. Deodato Cesinio Villela dos Santos, permitem saber da vida da antiga associação, através dos anos prosperos ou não dos prosperos dão testemunho as principais festas realizadas no edificio da rua do Passeio, do Imperio à Republica.

Lembrem-se algumas daquelas festas, bailes, banquetes, concertos, conferencias, tertulias, ascatelhanada palavra ora da moda em vez de palestra literaria, dado assim ao vernaculo *salero* hispanico.

Em 1879 chegava ao Rio o general Osorio triunfalmente recebido pela cidade ainda brasileira e não cosmopolitada a valer. Deu baile a Osorio o *Cassino* imprensado entre a Biblioteca Nacional e a Secretaria da Justica.

Que de bailes outros, notaveis houve nos salões do *Cassino*? Baile ao príncipe Alfredo, filho da rainha Vitoria e duque de Edimburgo, nosso hospede em 1867, bailes em honra ao visconde do Rio Branco, ao barão do Amazonas, e já na Republica, ao general Julio Roca.

Baile! E palavra está exigindo outra: Orquestra. E principiar pela orquestra alemã dirigida por José Schrader, quantas orquestras fizeram voltear pares nos soalhos do *Cassino*, na época em que os cavalheiros

pediam a damas "a honra de uma dansa" e a inscrição de seus nomes em *carnet* de baile.

Em obediencia à civilidade assim se dançava no *Cassino*, ao som do que a musica do genero inspirava a Metra, a Wukhtenfel, a Strauss, servidores de boa coreografia em compassos lentos ou não.

Uma das obrigações da dansa é acender amores. Dizer que não os acenderam os bailes do *Cassino*, a varios levando a nupcias, seria incidir na culpa usual de faltar à verdade, culpa tão grata a tantos.

Os bailes de todos os tempos aceleram os trabalhos habituais das rainhas das tesouras e dos aviamentos, as costureiras, mormente de fama.

As festas do *Cassino* e de outros centros de diversões sociais, punham em dobadoira oficinas de costura, não dando tolga às costureiras, mestres, contramestres e aprendizes. Não muito variavel a indumentaria masculina, civil ou militar, não davam tanto trabalho a alfaiates orientados pelas modas londrinhas.

Mas o que é moda feminina? Gosto de mudar. Como aparecer em baile com o vestido do baile anterior? Quantos comentarios, cochichos, risadinhas abafadas, ditos picantes, justificariam a que apresentasse em duas festas o mesmo traje.

Caprichar e mudar são divisas feminis. Obedecessem-se-lhes as costureiras e no Rio de Janeiro, por muito tempo, obedeceram modistas francesas.

Bailes havia em que sobretudo uma costureira, ao vestir freguêsas, triunfando em toda linha a palavra linha não destôa tratando de quem se trata.

Num baile do *Cassino*, com dous ss, em Julho de 1860, a costureira Catarina Dazon dava honras da noite a clientes suas.

Uma a Sr^a G. P. Assim a mencionou uma cronica de modas descrevendo-lhe o vestido de *moire* achamallotado no qual sobressaíam rendas de Bruxelals, rivais das de Chantilly e Alençon.

Referia-se o cronista de modas, em 1860, a segunda devota de Madame Dazon, a Sr^a D'A. Dizia desta o cronista: As iniciais de que me sirvo são muito conhecidas e bastam-me para denunciar o nome de uma das nossas mais amaveis patricias." O cronista escrevendo em 1860 não pensou em futuros leitores desejosos de levantar o véo das iniciais. Egoista? Não apenas homem de época discreta.

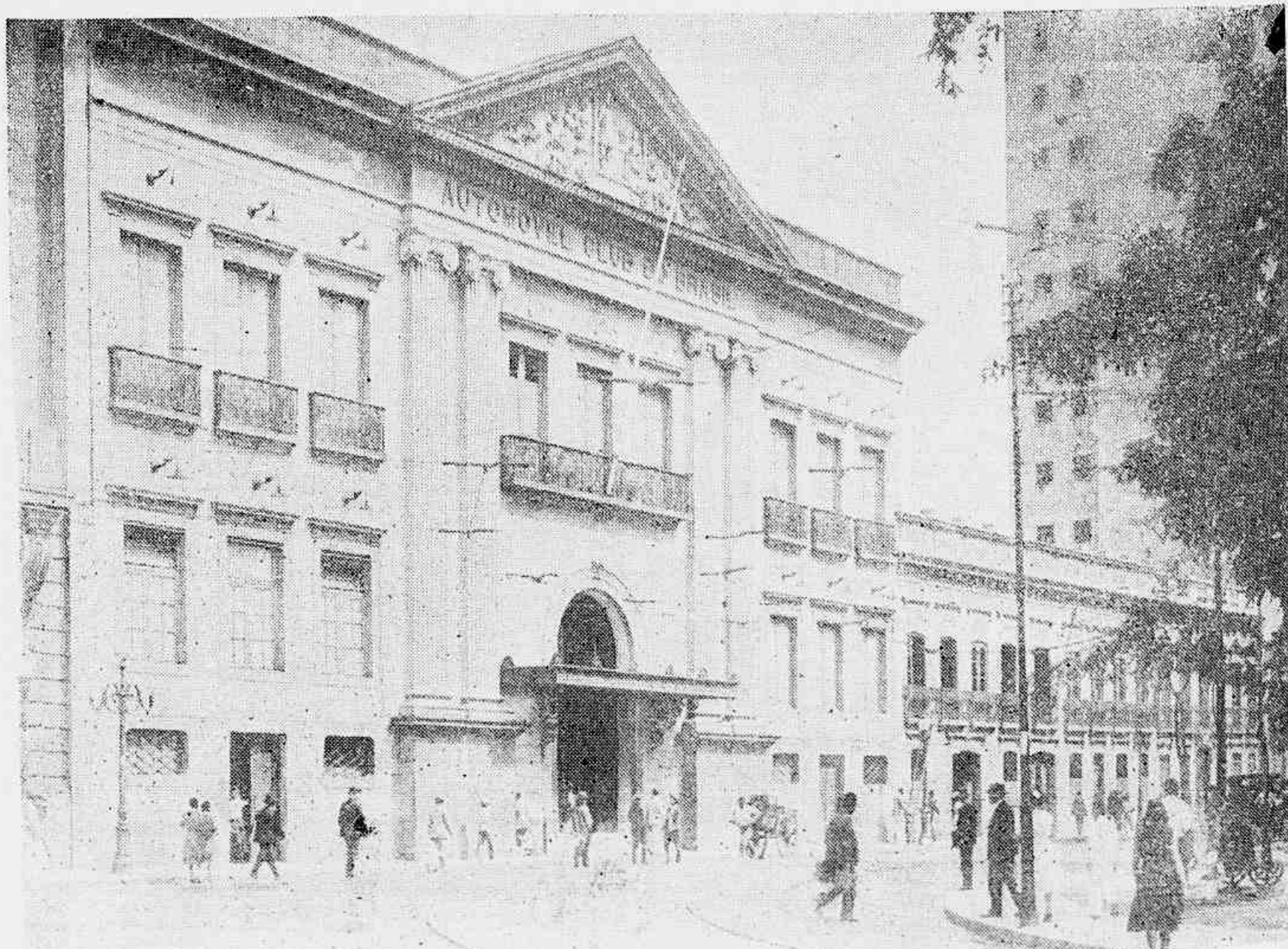
A conhecida, ora misteriosa D. d'A, era acompanhada no baile de 1860 por uma irmã, "a senhorita D. B. Apresentou-a ao cronista: Alva em meio das brancas dobras do seu vestido de escumilha, o vestido minuciosamente descrito.

E no baile de 1860, como em outras festas do *Cassino*, quantas senhoras e senhoritas mostrando terem sido vestidas a primor pela arte e gosto de Madame Dazon e de outras suas compatriotas profissionais da alta costura.

Quem estudar a vida social carioca no Segundo Reinado verificará que o *Cassino* foi mais do que uma sociedade recreativa.

Na sucessão de suas festas, espelhou alta sociedade brasileira culta e requintadas, todas as classes da capital do Imperio e do Brasil com os divertimentos proprios de sua condição e de seus recursos.

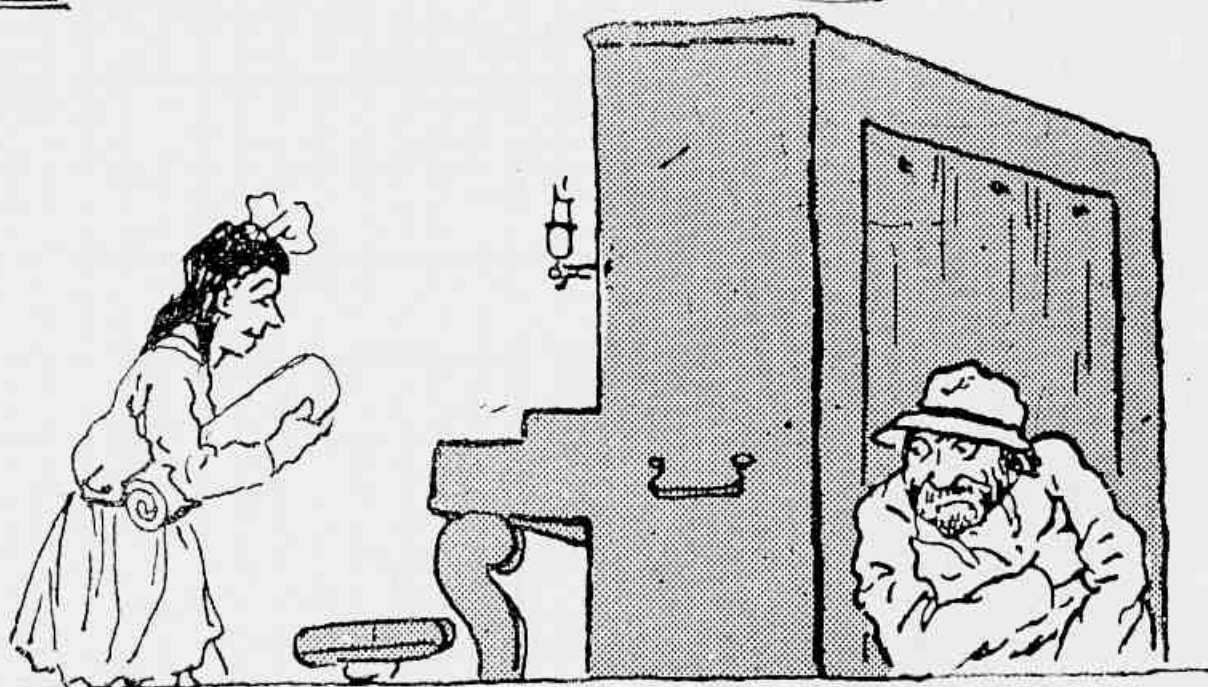
O ATUAL AUTOMOVEI CLUB DO BRASIL, ONDE OUTRORA EXISTIU O CASINO FLUMINENSE



A escala do martírio

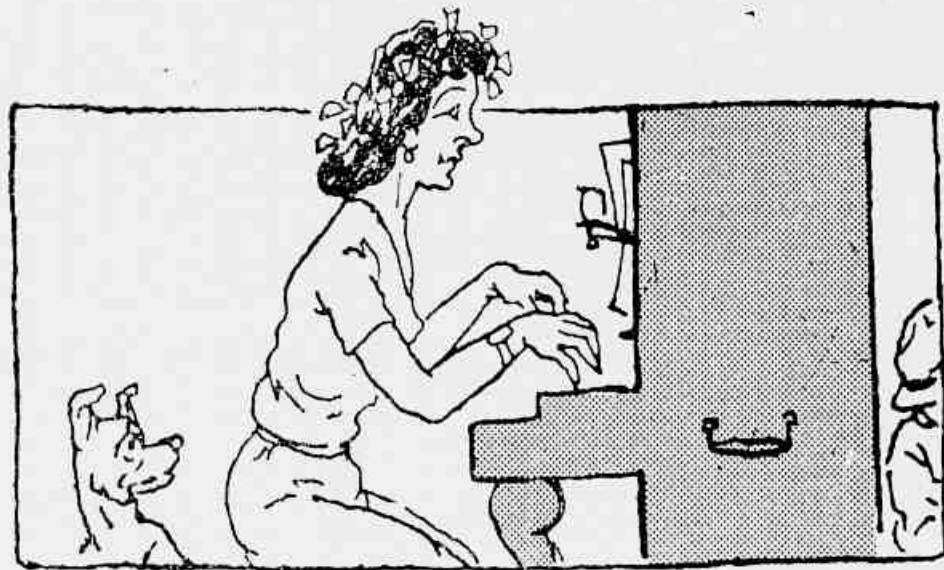


O conceituado ratoneiro de nossa praça, "Chico pé leve", galgou, sorrateiro, a janela da sala de visitas da casa do comendador Pastrana, com o propósito natural de fazer mão baixa, com todos os matadores, nos tarecos do respeitável



inquilino. Súbito, sentiu passos. Não havia tempo para fugir. Escondeu-se, agachado, atrás do piano.

Os passos eram da galante Lalá, a caçula das filhas do dono da casa. Ia estudar as preciosas escalas principian-

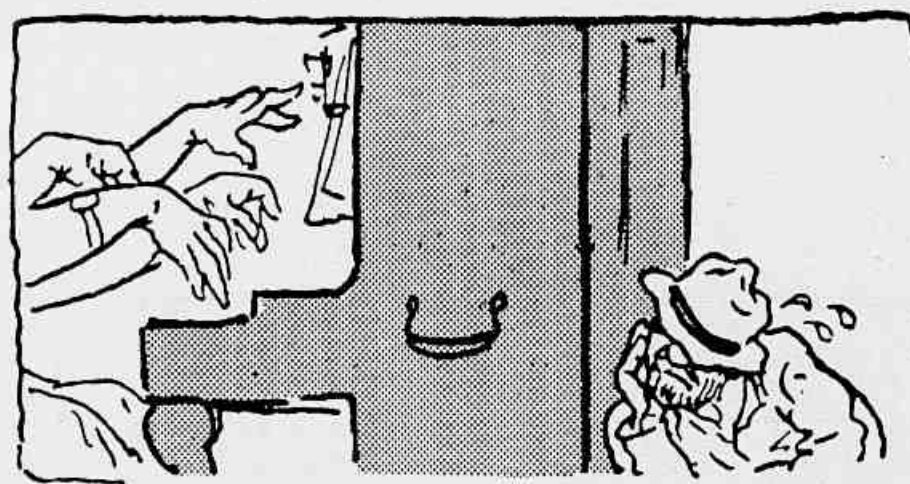


tes, muito parecidas com a frase corriqueira: "Café com pão é muito bom, café com pão é muito bom". Durante uma hora a menina dedilhou essa monotonia. Veio depois a



mana Lili, cheia de não-me-toques e papelotes, que se atirou às escalas graúdas, estilo centopéia, semelhantes ao cho-calho de uma groza de pregos dentro de um talho rachado.

Na hora seguinte, chegou a vez de um morceau a quatro mãos, pela mana mais velha, a Miloca, e a tia Castorina Chico pé leve suava em catadupas. Terminado o morceau, apareceu a professora inglesa para a lição de piano e sol-



fêjo da Miloca, a única de boa voz, na opinião da respeitável família. Cantava como um rouxinol empalhado, a lembrar a asma em último grau encaroçada.

Passados sessenta minutos de gargarejo, houve pequena pausa. Chegavam visitas, as vizinhas do Dr. Mello Dias.



Vinham ensaiar um número de concêrto para a festa em benefício dos cofres sociais do Clube das Patativas de Pin-durassaia.

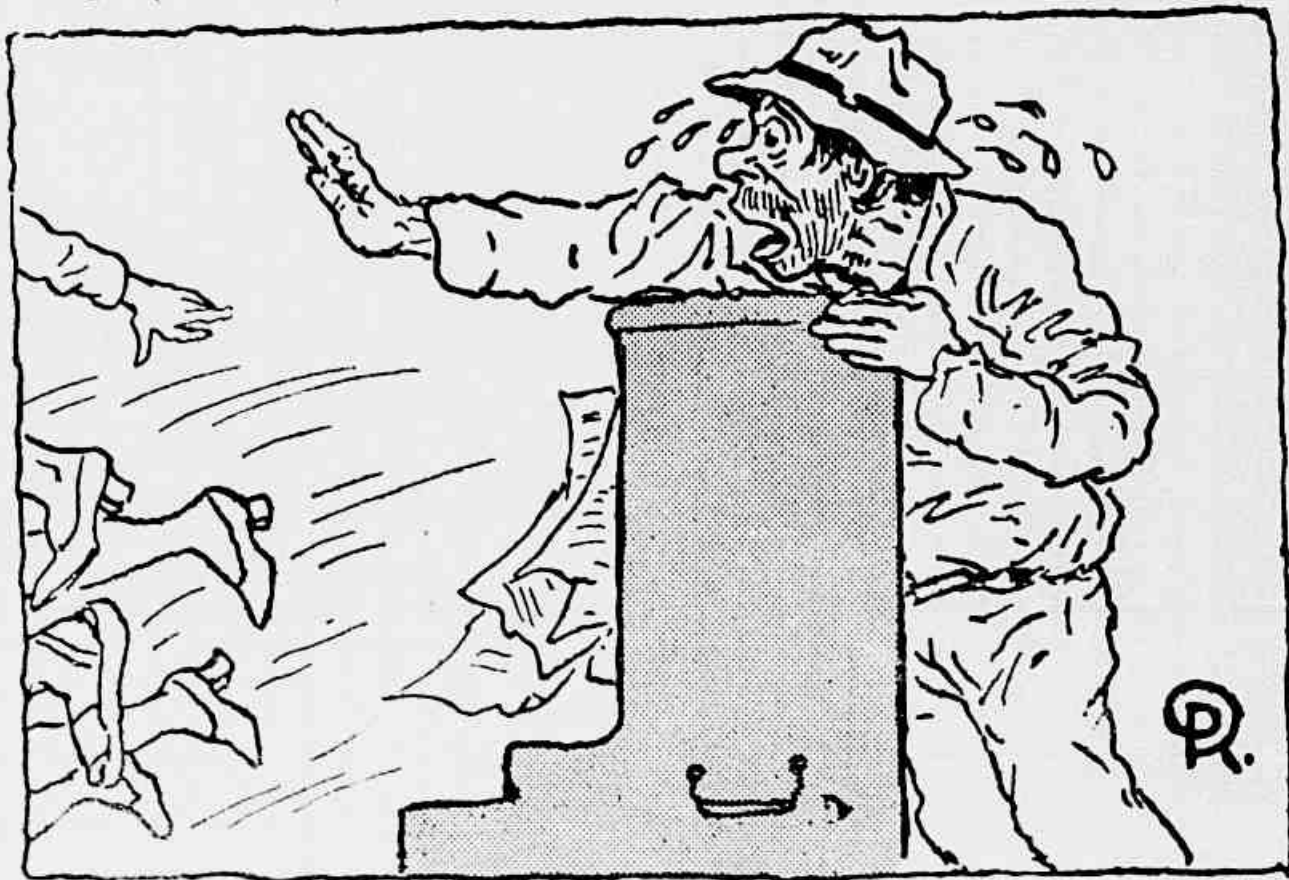
Preparavam-se para mais essa martelação na dentadura amarela do teclado do piano caxerenguengue e alugado... Chico pé leve, suarento, cheio de pó e de indignação, a cabeça em bolandas, perdeu a tramontana e, arrostando os perigos prováveis, surgiu brutalmente do esconderijo. A tôda a gente "atônita e surpresa", berrou a plenos pulmões:

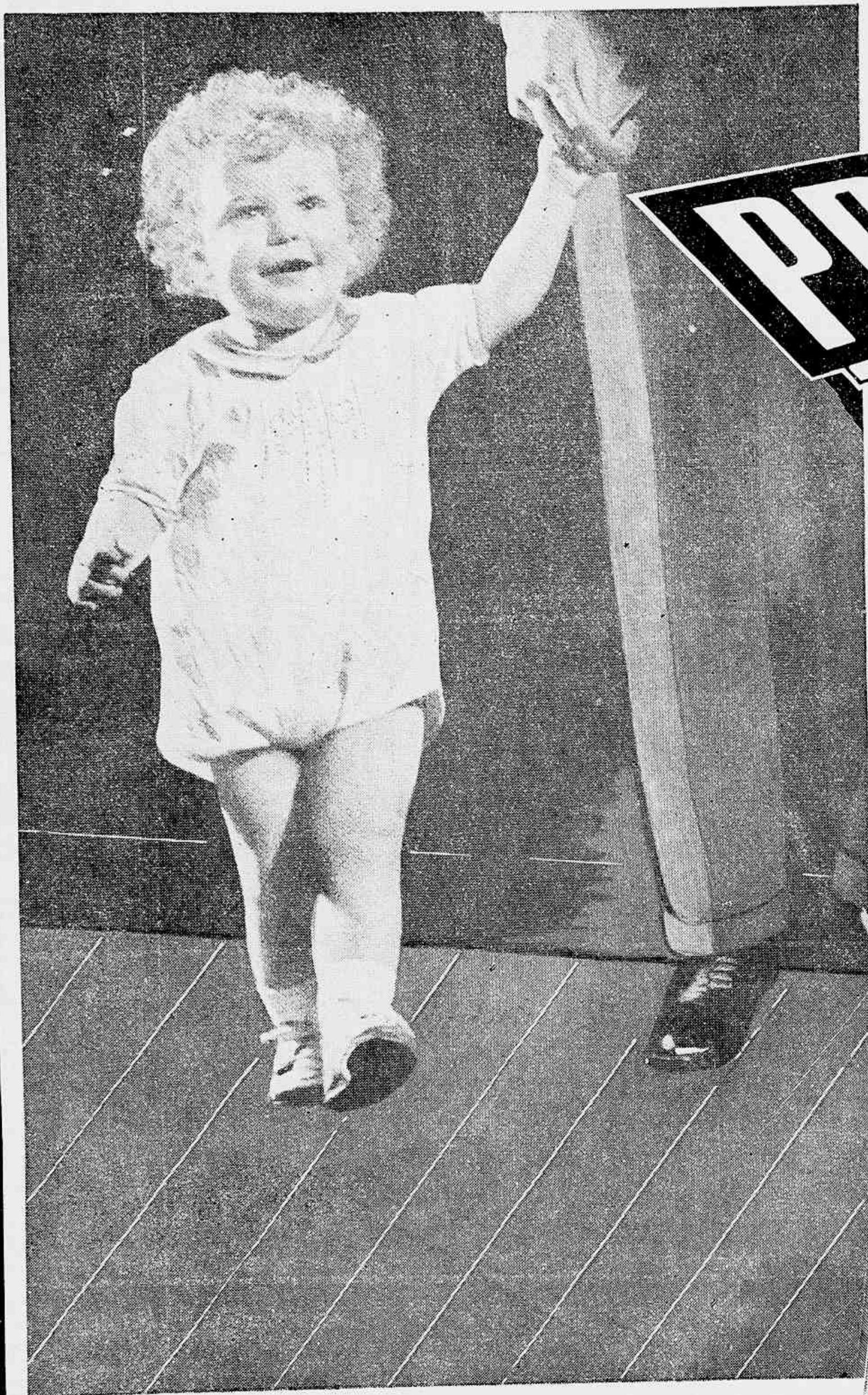
— Prendam-me! Enforcem-me! Fuzilem-me! Mas, por todos os santos da côrte celeste, — não toquem mais piano!!

Prêso e processado, o meliante foi absolvido. Era enorme a porção de circunstancias atenuantes...

VALEU, SEU RAUL.

Raul





PROTEÇÃO

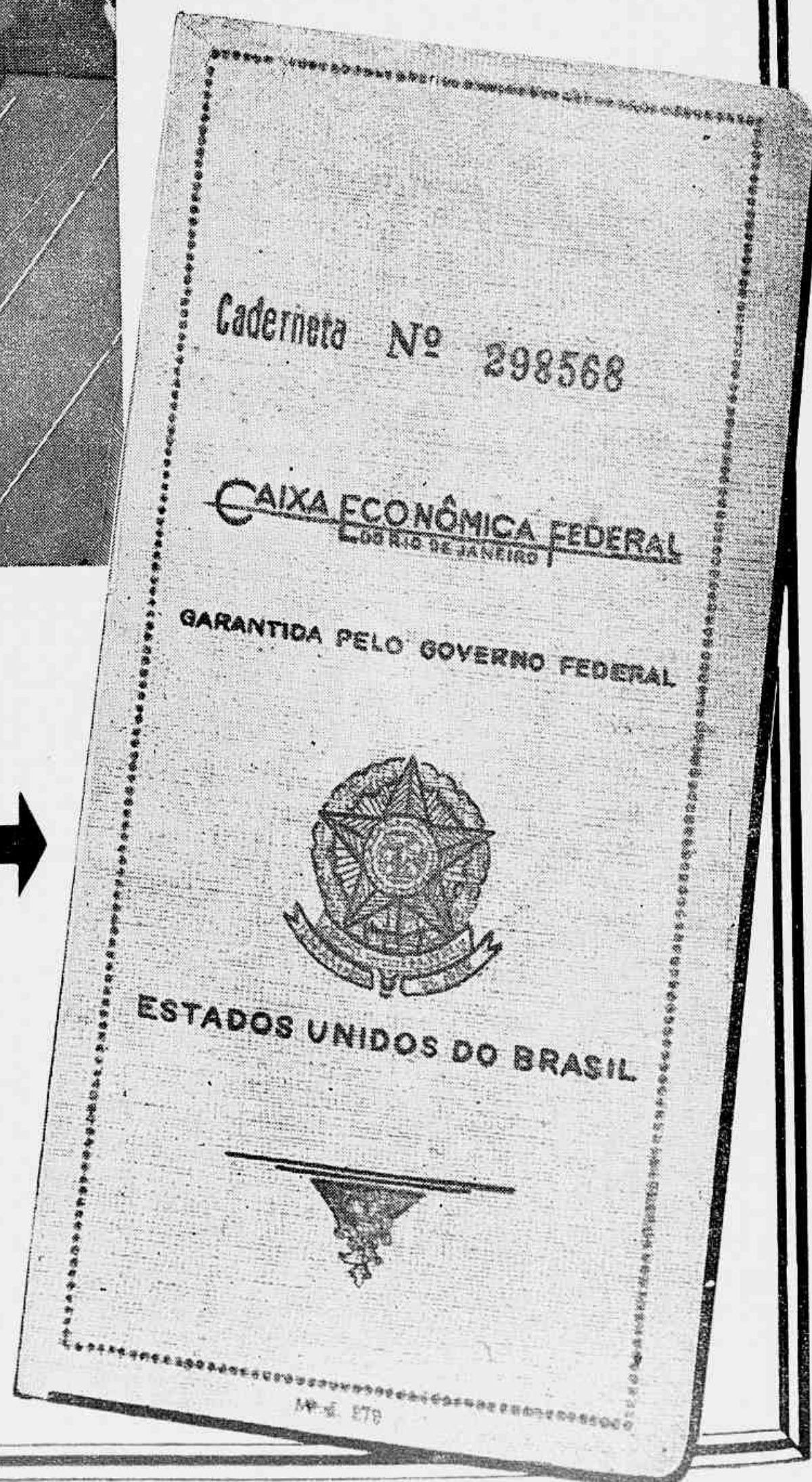
*Desde os
primeiros
passos.*

**AGORA É O MOMENTO DE
ABRIR PARA SEU FILHO, UMA
CADERNETA DE ECONOMIA
ISTO REPRESENTA PROTEÇÃO
PARA OS SEUS DIAS FUTUROS**

PROCURE HOJE MESMO A

**CAIXA ECONOMICA FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

EM CADA BAIRRO HA UMA AGENCIA
PARA SUA COMODIDADE



Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

UM AMOR EM CADA VIDA, romance de Chris Marsie, tradução de Idelma Ribeiro de Almeida — Editora Assunção Limitada — São Paulo, 1946.



Mais um romance planejado e executado com vistas no cinema. Com todo o possível êxito de livreria, os novelistas norte-americanos tratam de obter aquele outro "sucesso", por via de regra mais rendoso que o primeiro sobretudo quando eles próprios fazem a adaptação. Por isso mesmo há agora, na terra do Tio Sam, um tipo de romance que logo dá a impressão de cinematográfico. Desde as primeiras cenas o leitor de alguma experiência vê o preparo da lita de longa metragem. Lá estão os pretextos para as cenas a dois personagens ou de grande figuração, as carreiras, os combates, os recursos de técnica, a facilidade de alterar o entrecho e os diálogos, conforme indique ou exija a direcção da empresa produtora; e chegamos a depreender pelo feitiço e as maneiras dos heróis principais, os artistas que os vão encarnar para o *écran*. Se o romance contém inverossimilhanças mais condenáveis ou abusos de artifício imaginoso, depois o filme tornará tudo isso razoável, aceitável pelo menos; e os próprios defeitos literários serão pelo *studio* convertidos em elementos de sensação — e de mais largo rendimento na bilheteria.

A presente história começa com a guerra de 1914. Não se trata, porém, apenas de heroísmo e de mortandade. O entrecho se ramifica em diversas direcções ou, mais propriamente falando, toma três ou quatro caminhos paralelos. O amor intervém a seu tempo como motivo principal e verdadeiro objectivo do autor. Em redor desse sentimento que tudo domina e orienta, se luta ou trapaceia, se ameaça ou implora, se cometem belos feitos e as baixas mais deploráveis; e, quando aos episódios não presida a lei do coração, é o seu falseamento ou o seu arremedo que agita as criaturas, ora as unindo ilusoriamente ora as arremessando uma contra as outras, em fúria ou em cegueira, para se destruírem. Mas este romance de amor *yankee* não obedece, no desfecho, ao cuidado que se observa na grande maioria, na quase totalidade das obras do género. No último capítulo, os namorados não vencem todos os obstáculos, incluídos os do seu próprio orgulho ou teimosia, para casarem e serem imensamente felizes. O protagonista sente-se vencido pela crueldade do destino... Mas ainda alguém o convence a não desanimar de todo, a ter esperança: "Você amará outra vez"... E esta previsão constitui ainda um expediente optimista, a fim de que os leitores ou os espectadores sensíveis não condenem o enredo por ter acabado mal.



FÁBULAS E ALEGORIAS, de Catullo da Paixão Cearense — Editora "A Noite" — Rio de Janeiro, 1946.

Catullo Cearense adorava as fábulas, as suas e as alheias. Algumas das contidas neste livro trazem declarado o nome do primeiro autor. Às vezes, o tema de um conto, uma frase de passagem em livro de oitrem, sugeria a Catullo uma variante de moralidade ou a transposição do assunto para a linguagem rimada, a linguagem dos deuses que certos poetas de hoje abandonam, principalmente porque não sabem cultivar. Assim no presente volume se encontram, escrupulosamente assinaladas, interpretações ou reminiscências de obras de Lachambeaudie, Edmond Rostand, Rosário Nunes, Jean Richepin, Condessa de Ségur, sem falar de escritores brasileiros e entre estes alguns amigos íntimos do autor. Com a sua extraordinária presteza em ver-sejar, tudo se lhe oferecia: pontos de história, conceitos filosóficos, doutrinas sociais, dogmas religiosos; tudo realmente o inspirava, lhe servia para o deleite de compor uma, duas, ou mais páginas de redondilhas fluentes, ligeiros decassílabos ou fáceis alexandrinos. E outras vezes, sem nenhum sentido de fabulação, uma anedota corriqueira lhe bastava, como para o trabalho intitulado *O cavalo cego*, no qual um caipira vende, garantindo-o sem o menor defeito, um animal zabolho, e, como o comprador, verificado o logro, protesta com indignação, assim o roceiro se justifica:

*...Se cego nunca foi defeito,
É infelicidade!*

Como em toda a sua obra, Catullo tira partido, nestas fábulas e alegorias, do conhecimento minucioso de árvores, flores, pássaros, duma familiaridade perfeita com o linguajar do sertão. Entre os personagens dos seus apólogos figuram o Bem-te-vi,

O ACADEMICO JOÃO LUSO



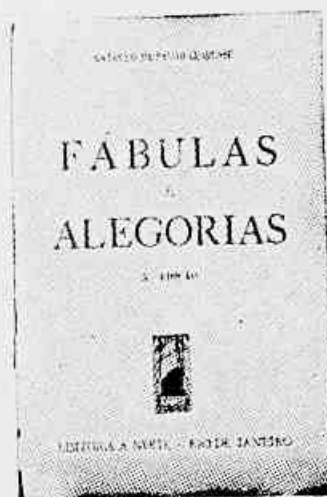
o Cara suja, o Cardeal, o Azulão, o Tico-tico, o Triste-vida, o Bocado, além, já sabe-se do quase humano Papagaio e do quase divino Sabiá. E' o Fedro regional. Não deixa, porém, de se voltar classicamente para a Águia como esta para o sol. E com ela e a Lesma faz a seguinte alegoria que, pelo tamanho limitado, especialmente se presta à transcrição nestas colunas.

*Uma grande Águia real, no píncaro de um monte,
contemplava, a cismar, os longes do horizonte,
quando viu, de repente, a seus pés, uma Lesma,
a quem, pasma, gritou "Serás tu mesmo!!!"
Será possível!!!
Será incrível!!!!*

*A mais inferior das criaturas,
aqui?! Nesta montanha?! Aqui?! Nestas alturas?!
Não pode ser!! Não é real!!*

*E a Lesma disse então: De que estás te admirando?!
Eu contigo, bem sei, não me confundo!...
Tu chegar nestes cimos num segundo,
num voo colossal!...*

*Eu levo a eternidade caminhando,
pois venho, lentamente, me arrastando,
me arrastando e "le-mando",
como um pobre mortal!*



A REVOLUÇÃO DE 93 NOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E PARANÁ, memórias do general José Cândido da Silva Muricy, publicação póstuma — Edição da Biblioteca Militar — Rio de Janeiro, 1946.

Pelas trezentas e trinta páginas do presente volume se desenvolve um trabalho, não só de profusa e rigorosa documentação mas também de apreciação serena, com todos os sinais de independência e justiça. O autor era tenente do Exército, e pertencia à guarnição de Desterro — como se chamava então a capital de Santa Catarina — quando o almirante Custódio José de Mello desencadeou a revolta naval contra o governo de Floriano Peixoto. E aí começam as memórias que compõem este livro.

Vencida pelos navios de guerra vindos do Rio a resistência da ilha do Desterro — resistência bem fraca, porque já antes lavrava lá dentro certo anti-florianismo — o comandante Frederico Lorena instituiu ali, por seu arbítrio, a sede do Governo Provisório, arvorando-se em Chefe e nomeando para as seis pastas ministeriais dois homens de sua confiança, um dos quais, à última hora, no seu posto de Caixão do Porto, deixara de servir ou, segundo o autor, traíra a legalidade. O processo expedido de Lorena, à revelia do almirante Custódio de Mello e com imediato protesto do chefe da revolução riograndense, Silveira Martins, determinou uma situação de política provinciana, entre perigosa e burlesca, pois se dela podiam resultar grandes calamidades, não lhe faltavam episódios de opereta. Tudo isso ressalta das narrativas escritas e dos papéis oficiais reproduzidos por José Cândido Muricy que, fiel à causa florianista, tudo observava e julgava com intransigente severidade.

Todos os esforços de argumentação e outros, tendentes a demover a do seu "lealismo", fazendo-o aderir, como tantos outros, ao partido já considerado infalivelmente vitorioso, se anulavam contra aquela firmeza inquebrantável. A certa altura, prometeram a Muricy facilidades para sair de Santa Catarina, com de terminado destino. Mas, porém, passando os dias, a palavra das autoridades não era cumprida e o perigo dum destecho cruel, sem combate, se aproximava, se tornava iminente. Então o oficial resolveu fugir. Amigos, como ée valerosos, o auxiliaram na aventura. Supriu a fadiga das caminhadas pelo mato, repetidamente afrntu o risco de ser descoberto pelas patrulhas, que e sempre ferozes, dos revolucionários. Conseguiu juntar-se às frcas de Gomes Carneiro. Caiu em poder do inimigo. Presenciou cenas de revoltante barbaridade e outras profundamente enternecedoras. Teve ocasião de avistar notáveis figuras das hostes federalistas. E, vindo a conhecer Gumerindo Saraiva, foi favorecido, para poder visitar a esposa em estado grave, por um dos rasgos de bondade e clemência que, parece, não raro se manifestavam no famoso caudilho fronteiriço.

José Cândido Muricy, ardoroso quando se refere aos seus camaradas de armas, sabe fazer justiça aos adversários. De todos fala como deve ou como se considera na obrigação moral de falar. Além do mais, todos os seus depoimentos vêm acompanhados de textos autográficos: telegramas de parte a parte, ordens do dia, decretos, proclamações. E ninguém devese de saber o que exatamente se passou nos Estados de Santa Catarina e Paraná enquanto durou a revolução de 1893, certamente deixará de encontrar nestas memórias eloquentes, plena satisfação da sua curiosidade.



DISCURSO SÔBRE A SALUBÉRRIMA BEBIDA CHAMADA CARVE OU CAFÉ, "por Fausto Naironô Banésio, Maronita, leitor de língua caldéia ou siríaca do ilustre Arquiginázio Romano", obra impressa pela primeira vez em 1671 e em língua latina, publicada pelo Departamento Nacional de Café, com erudito prefácio do Sr. Afonso de E. Taunay.

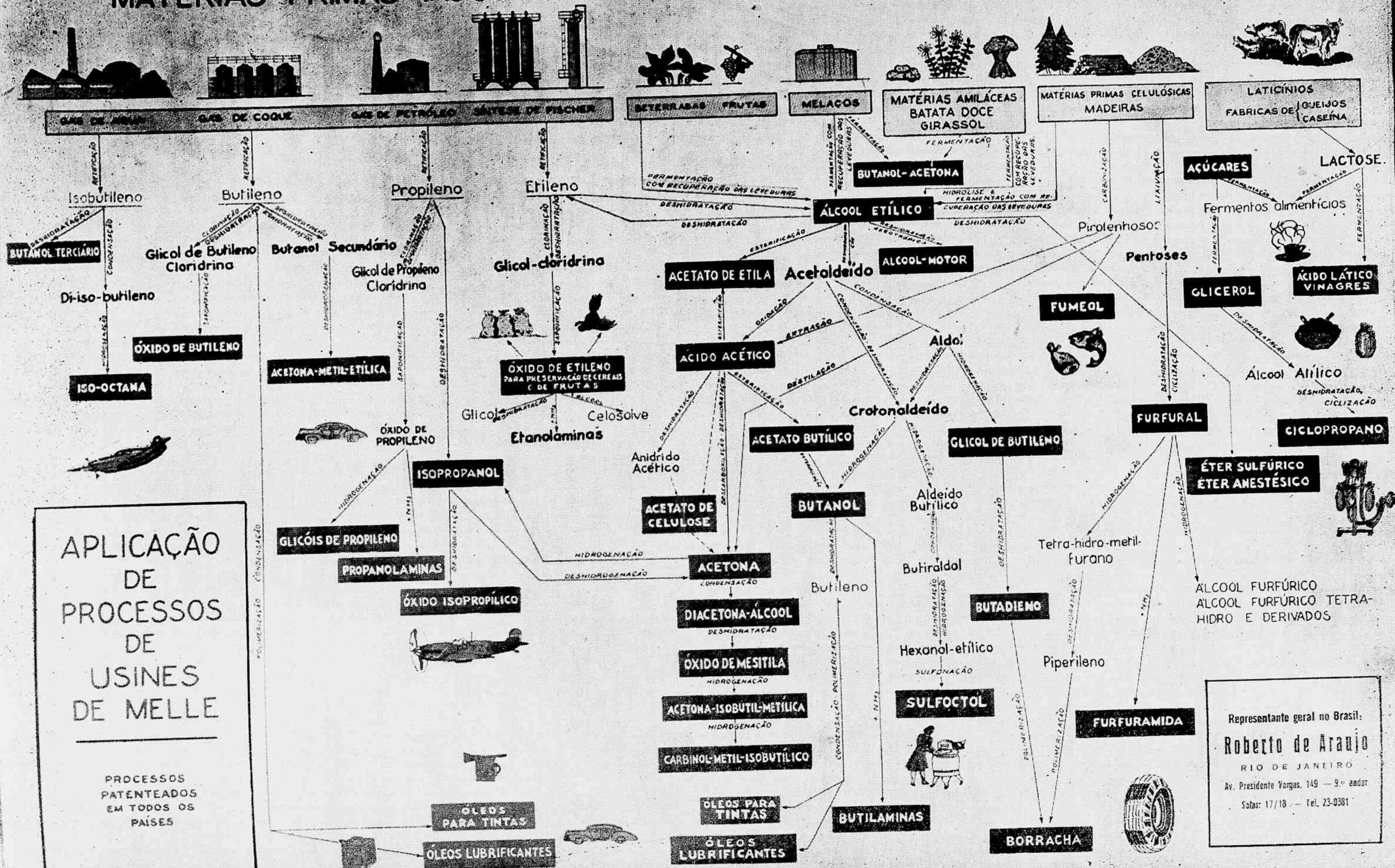
MERMOZ, discurso escrito pelo Embaixador de França, general d'Astier de La Vigerie, para ser proferida por ocasião da inauguração do monumento ao glorioso aviador no Rio de Janeiro.

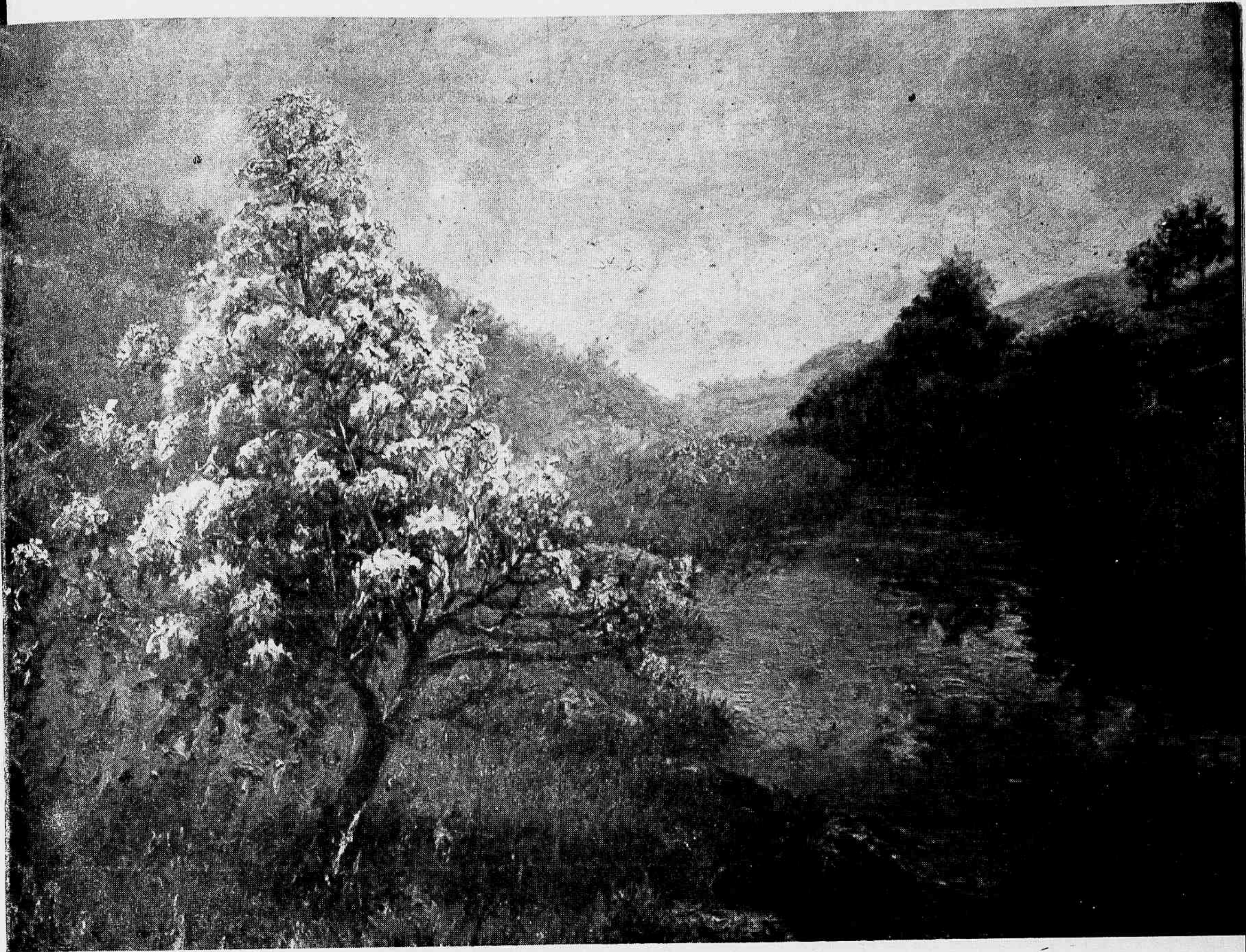
TEÓFILO OTTONI, estudo biográfico do Sr. Basílio de Magalhães incluído na série "Nossos grandes mortos" do Ministério da Educação. Livraria Agir, Editora. Rio de Janeiro, 1946.

PARA CONHECER AS RAÇAS HUMANAS, por J. H. Leoni; *Que pensar do espiritismo*, por F. J. Drews; e *A química e a evolução da humanidade*, por Alvaro Soares, Brandão — publicações da Editora Anchieta S. A. São Paulo, 1946.

MATÉRIAS-PRIMAS INDUSTRIAIS

MATÉRIAS-PRIMAS AGRÍCOLAS





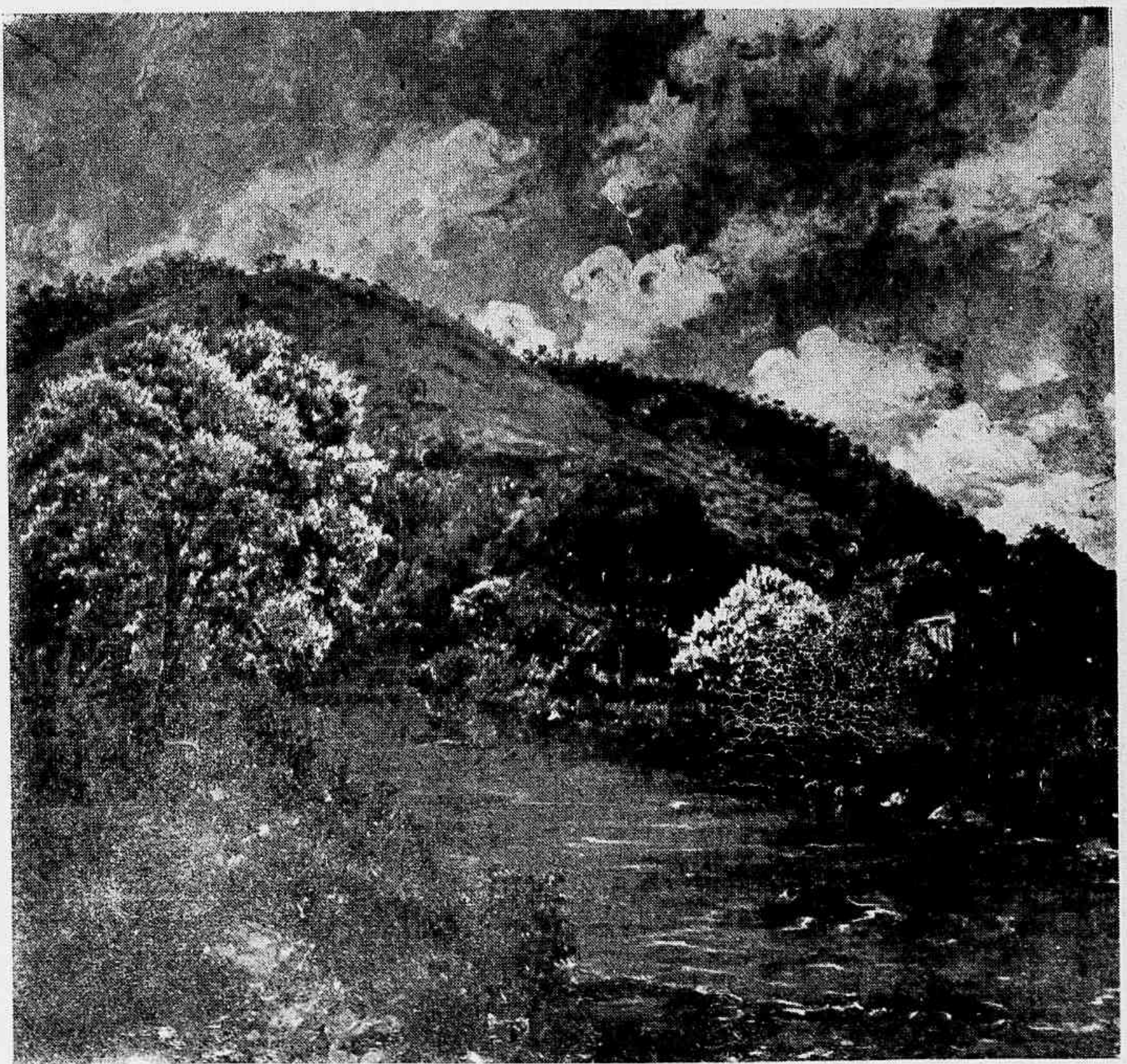
No Museu de Belas Artes inaugurou-se em dia da semana passada a exposição dos últimos trabalhos do paisagista Manuel Faria, figura destacada dos nossos meios artísticos, premiado no Salão Nacional e detentor de inúmeros êxitos em sua carreira. Aproximadamente quarenta quadros entre paisagens e marinhas foram expostos, na sua maioria motivos iluminenses e cariocas.

Ao ato inaugural compareceram figuras de projeção artística e social, tendo o sr. Manuel Faria recebido calorosas felicitações.

São dessa mostra de arte as duas ilustrações desta página. Ao alto, "Pé de Manacá" em Itaipava, e em baixo, "Acacia Real", também naquela localidade do Estado do Rio.



ARTES PLÁSTICAS





FIGURAS E FATOS

BODAS DE PRATA — Comemorando o 25.º aniversário de seu matrimônio, o casal sra. Carmelita Samarão Bastos — dr. Zeferino Bastos fez rezar no altar-mór da Igreja do Carmo, missa votiva, da qual damos acima um flagrante.

★

OS BACHAREIS DE 1910 — Iniciando as festividades do 35.º aniversário de sua formatura, um grupo de Bachareis de 1910 do Colégio Pedro II, antigo Externato do Ginásio Nacional, fez celebrar missa solene na igreja de São Francisco de Paula.

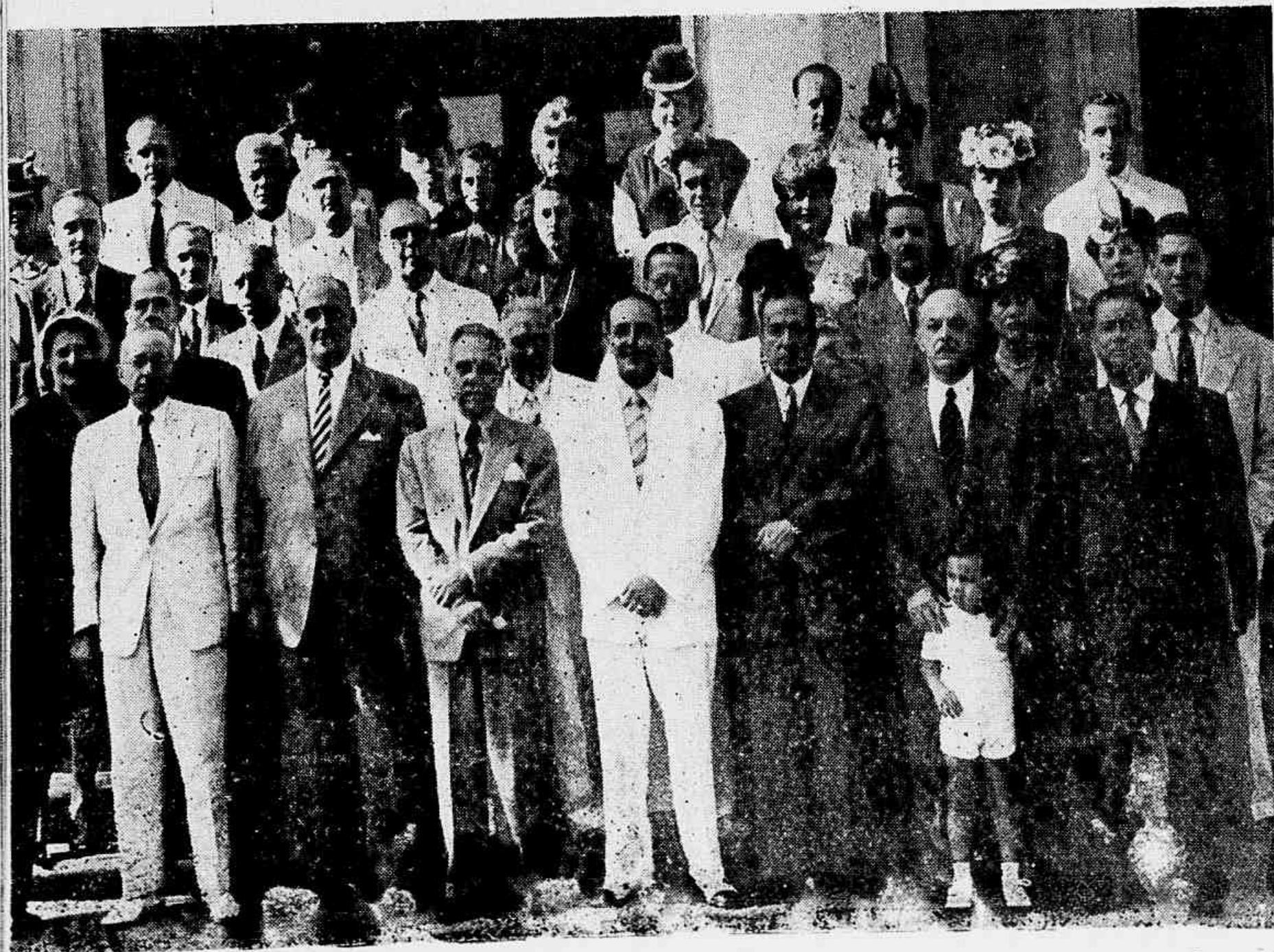


O menino Mario Luiz, filho do sr. Adriano Machado e dona Judith, aos dois anos de idade.

★



O PREMIO ARTHUR AZEVEDO, DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — Acaba de ser conferido ao nosso confrade R. Magalhães Junior, que é, também, um dos mais operosos autores teatrais brasileiros, o Premio Arthur Azevedo de 1945, da Academia Brasileira de Letras. Esse premio foi conquistado com a peça histórica em quatro atos "Vila Rica", criada no Teatro Glória pelo ator Jayne Costa e pela atriz Alma Flora, em novembro e dezembro de 1944. Por ocasião da representação dessa peça, "REVISTA DA SEMANA" dedicou-lhe várias páginas, mostrando como haviam sido reconstituídos os ambientes da antiga Vila Rica de Ouro Preto, logo após o fracasso da Inconfidência Mineira. O principal personagem da obra que a Academia Brasileira de Letras vem de premiar é dona Emerenciana de Seixas, irmã de Marília de Dirceu, e que muito escandalizou sua família com suas aventuras amorosas.





A menina Isa Maria Marques, residente em Olinda, no Estado de Pernambuco.

★

GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA — Ao alto, um aspecto da solenidade do Dia da Raça Portuguesa, presidida pelo General Eurico Gaspar Dutra, Chefe da Nação. — Em baixo, outro flagrante batido no Gabinete Português, por motivo da recepção oferecida a Lord Templewood, antigo embaixador da Grã-Bretanha em Madrid, com a presença dos Embaixadores inglês e português no Brasil.

★

BARROS, O MULATO — inaugurou recentemente uma grande exposição de motivos brasileiros em Buenos Aires, sob os auspícios da Embaixada Brasileira. No "clichê", aspecto inaugural vendo-se Barros, o Mulato ladeado pelo ministro Conselheiro da Embaixada e o General Cordeiro de Farias.



CINEMA FRANCÊS

COPYRIGHT DO SERVIÇO
FRANCÊS DE INFORMAÇÃO
— ESPECIAL PARA
"REVISTA DA SEMANA"

As circunstâncias sob as quais viveu a Resistência francesa contra o invasor, durante a ocupação, foram tão excepcionais que atos de heroísmo e coragem tomaram o aspecto de novelas de aventuras.

Os agentes das redes de informações e os membros das organizações clandestinas muitas vezes se achavam em situações idênticas às dos heróis fictícios dos filmes seriados ou das histórias em quadrinhos.

Muitos desses membros eram escritores que, descrevendo as peripécias de que eram protagonistas, criaram obras e romances aproveitáveis para o teatro. Não é de se estranhar, portanto, que o cinema trilha pelo mesmo caminho. E somente o faz com algum atraso por motivos de ordem técnica; qualquer fil-



Uma cena do novo filme francês "Maquis", feito sob a direção de G. Charensol.

O Vigor e a Perfeição do Corpo Humano

COMBATA A CAUSA DE SUA MAGREZA E TRANSFORME-A EM VIGOR

Se V. está magro e debilitado e se sente nervoso, sem disposição para nada, lembre-se que tudo isso tem uma causa... que pode ser a falta de iodo nas glândulas

VIKELP, o novo concentrado de minerais iodo-vitâmico, ataca diretamente as causas da magreza e do esgotamento, aumentando o peso em pouquíssimo tempo

As grandes reservas de minerais facilmente assimiláveis de VIKELP, nutrem as glândulas produtoras de suco gástrico necessário para digerir as gorduras e amidos dos alimentos — fator básico do peso na alimentação. Por outro lado, o Iodo Natural contido em VIKELP nutre as glândulas internas que controlam o metabolismo, bem como as regula. Assim os alimentos bem digeridos se convertem em músculos e carnes rijas, em novas forças e energias

Além disso VIKELP contém a dose diária que o organismo necessita de ferro, cobre, fosfato de cálcio, bem como de vitamina B-1, a mais importante das vitaminas.

Experimente VIKELP durante uma semana e verifique a diferença em seu peso e em seu físico em geral. Veja como se sentirá outra

VIKELP é acessível a todos e acha-se à venda nas boas farmácias e drogarias



Comprimidos

VIKELP

me exige longos preparativos e alguns, prontos logo após a libertação, somente agora foram exibidos.

Na sua maioria, porém, os filmes sobre a Resistência, embora movimentados se desenrolam em ambientes limitados como por exemplo, os ferroviários, em "Batalha do Trilho", o raid da RAF à prisão de Amiens, em "Jericho" e o asilo de alienados, em "Um amigo virá esta noite".

Fugindo a essa regra, os "Maquis" de Pierre Lestringuez conseguiu fixar com perfeição, o verdadeiro ambiente de toda a Resistência francesa.

O cenário desse filme é mais importante do que a própria direção, de M. André Chotin.

Numa tipografia clandestina, procede-se à tiragem de um jornal de propaganda que será distribuída secretamente. Os operários trabalham febrilmente, mas faltam os tipos preparados em outra tipografia, que precisam ser trazidos sem demora. Um rapaz, Laurent, desincumbe-se dessa missão. Mas a Gestapo vigiava os seus passos. Quando a folha está quase pronta, ouvem-se batidas na porta. O alarme é dado. Os patriotas fogem perseguidos pelos alemães e seus cúmplices.

Um deles consegue ferir Laurent, que se arrasta até o vestibulo de um edifício e é salvo por um alarme anti-aéreo, enquanto a D. C. A atira sobre os aviões e os habitantes do prédio se refugiam no porão. Dois jovens moradores do edifício (filho e filha de um dos moradores) que tinham saído, ao voltarem apressadamente, encontram Laurent estendido no chão e recolhem-no. Ao voltar a si ele compreende que os dois jovens são também patriotas, e lhes conta em que circunstâncias fora ferido. Desse modo é transportado para o quarto da moça e recebe os cuidados médicos de um judeu que fora proibido de exercer a profissão.

Enquanto Laurent convalesce, a moça apaixona-se por ele. E quando ele sai de Paris, após ter executado o homem que o ferira, ela vai em sua companhia. Um padre de uma aldeia toma conta dela e a preserva das terríveis represálias dos alemães contra os que tentam resistir-lhe.

Eis aí uma história interessante. Inicialmente apresenta o ambiente de uma organização subterrânea. Depois nos mostra o meio burguês, nada simpático à Resistência, mas que conta com alguns patriotas. Finalmente nos revela a vida que os jovens levavam nas florestas, em grupos mais ou menos organizados, além de escaparem aos trabalhos forçados e poderem, mais facilmente, sabotar o esforço alemão.

Se o diretor tivesse tido meios de fazer um filme na medida desse tema teríamos o melhor trabalho sobre a Resistência. Infelizmente N. André Chotin mostrou-se tímido. A interpretação é um pouco fraca, apesar da competência de Constant Rémy e de Samson Fainsilber. Os dois apaixonados interpretados por Suzy Carrier e Georges Rollin vão bem no seu papel. Contudo o filme é bom, embora pudesse ser ótimo.

BERGMAN...

Incomparável!

Ingrid Bergman, a primeira dama da tela, e Gregory Peck, o último astro de primeira grandeza que ascende ao firmamento cênico, semearão novos sonhos em seu coração, neste fascinante drama de uma mulher de ciência que explora as mais recônditas profundidades da mente humana... para logo render-se ao irresistível amor que traz na alma.



DAVID O. SELZNICK
apresenta

INGRID BERGMAN
GREGORY PECK

na realização de

ALFRED HITCHCOCK

QUANDO FALA O CORAÇÃO
(SPELLBOUND)

Direção de ALFRED HITCHCOCK

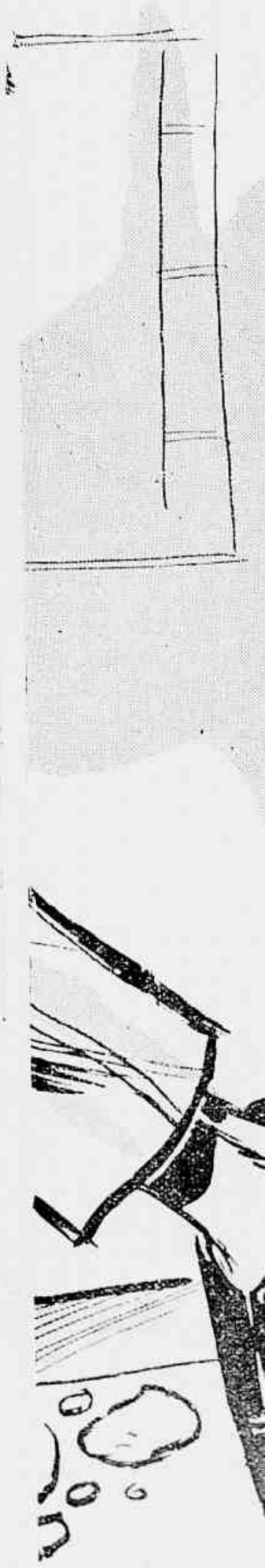
Argumento cinematográfico por BEN HECHT • *Distribuída por* UNITED ARTISTS

UM FILME DA SELZNICK INTERNATIONAL



H AVIA
pojado
cheia
ca e de b
prolongam
marotes v
vasta cena
fantasiada
sob as luz
Marcelin
velho amig
— consci
vasse à
êle se pres

Foi assim
no meio d
lorido e liv
A mascari
boca que c
senhada.
italiana do
de um ros
e cuja saia
dava ao a
guçosa, q
corne pre
cobria-lhe
louro vene
lizado e re
o máximo
masculino



HAVIA baile na ópera. Despojada de suas poltronas, cheia de gritos, de música e de barulho, a sala era o prolongamento do palco e os camarotes vazios olhavam essa vasta cena onde uma multidão fantasiada procurava o prazer sob as luzes azues e verdes.

Marcelino tinha pedido a um velho amigo, do qual se perdeu — conscientemente — que a levasse à ópera. Amavelmente ele se prestou a satisfaze-la.

Foi assim que a moça se viu no meio de um movimento colorido e livre para sua aventura. A mascarilha deixava ver-lhe a boca que era grande e bem desenhada. Usava uma fantasia italiana do tempo de Luiz XV, de um rosa velho muito suave e cuja saia, comprida e rodada, dava ao andar uma leveza preguiçosa, quase alada. Um tri-corne preto debruado a prata, cobria-lhe os cabelos, de um louro veneziano. Ela havia idealizado e realizado a fantasia com o máximo cuidado e os olhares masculinos deram-lhe a enten-

der que não tinha perdido tempo.

Passeou pelo corredor com uma calma aparente que o brilho agudo dos olhos desmentia. Por trás da mascarilha, pareciam êles duas centelhas tremeluzindo. Um mosqueteiro quis iniciar palestra, mas a riqueza da fantasia que êle usava era modesta comparada com a fatuidade das suas palavras. Depois um colorido Jocrisse veio murmurar-lhe graças pesadas.

Nossa jovem amiga, que sonhava com encontros mais requintados, quase se arrependeu de ter abandonado o amável e discreto amigo. Abriu a porta de um camarote que parecia vazio, com a intenção de descansar um pouco. Lá dentro estava escuro e a temperatura era agradável.

Quando entrou um homem escondido num canto levantou-se e disse:

— Seja bemvinda à minha solidão, senhora.

Marcelina estremeceu ligeiramente, mas a voz era suave e acariciadora.

Uma bela mascarilha

Conto de **J. KESSEL** (Especial para a REVISTA DA SEMANA)

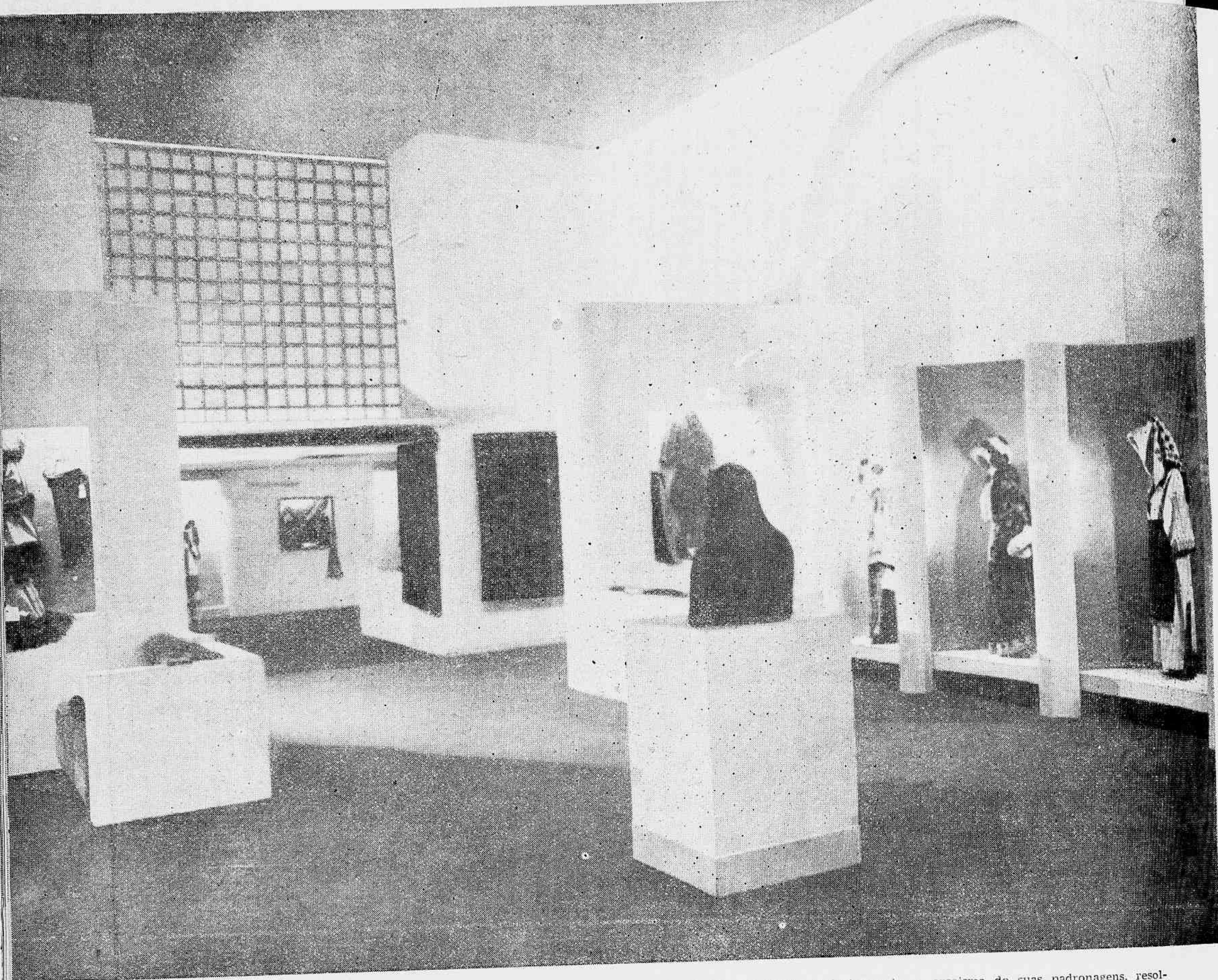
Examinou o companheiro imprevisto.

Era alto, parecia jovem e mantinha-se muito correto. Uma estreita fita vermelha brilhava na gola do "smocking", mas a máscara que êle usava quase atermorizou a moça, pois por sua expressão simples e humana parecia um rosto vivo. Era uma velha máscara japonesa

que devia ter servido para representar a dor a atores de séculos passados. Tinha a palidez cálida de um marfim antigo, os lábios eram ligeiramente descaídos, o nariz afilado; duas depressões cavadas perto das finas e compridas sobrancelhas bastavam para dar uma impres-

(Continua na pág. 83)





Depois que os britânicos se convenceram que a perda do mercado mundial para os seus tecidos de algodão era devido exclusivamente ao arcaísmo de suas padronagens, resolveram os industriais progressistas revolucionar completamente a estampa de tons nos rayons e estampados. E se assim pensaram melhor resolveram. Coordenaram técnicos, pintores, desenhistas e muitos outros especialistas e atingiram o objetivo. Observem na foto acima como a bizarria dos trajés camponês já serve de ilustração e estudo para os desenhistas do "Centro".

LONDRES — Não é preciso passar muito tempo em Londres para ouvir um comediante de teatro ligeiro dizer alguma pilheria sobre o Lancashire. Toda essa região, aliás, é uma terra de contrastes, com a sombria realidade das suas fábricas e o ar alegre do seu litoral e lugares de prazer. Ali estão situadas Bolton e Blackpool; Morecambe e Mochester. E existe ainda o agudo contraste entre os feios contornos das fábricas do Lancashire e a beleza dos tecidos de algodão por elas produzidos. Os comediantes riem também do clima de Manchester, que qualquer menino de escola julga apenas apropriado à tecelagem e péssimo para os jogos de Cricket.

Agora, vale a pena lembrar um outro ditado: o que Manchester pensa hoje, Londres pensará amanhã. A primeira ferrovia comercial do mundo partiu de Manchester para Liverpool em 1830. O Lancashire foi a primeira zona em todo o mundo a adotar aquelas transformações radicais que passaram à história sob a denominação de Revolução Industrial. E o que é Manchester atualmente? Tentarei explicar.

Recuemos um pouco no tempo, — aos dias em que a Grã-Bretanha estava à frente dos trabalhos de pesquisas relativamente às indústrias mundiais. Nessa época, — há cerca de 200 anos atrás, — o Lancashire era a mai-

or oficina industrial de uma nação de oficinas. O genio de Lancashire transformou algodão em belos tecidos para uso de todo o mundo, — tecidos suficientemente baratos e bastante alegres para tornar meio mundo bem vestido e bem provido. Manchester era uma Meca industrial e a cidade prosperou. O mundo adquiriu belíssimos tecidos de algodão, mas eles custaram ao Lancashire um alto preço em termos de suor e trabalho. Havia muito dinheiro, mas também muito esforço.

Então, passados vários anos de prosperidade contínua, a indústria do algodão começou a perder terreno, embora gradualmente. Os tecidos não deixaram de ser o que sempre haviam sido, isto é, excelentes, mas começaram a sofrer uma forte concorrência. O Sr. Muddelcombe, proprietário de uma fábrica, coçou a cabeça, mas continuou a ser o que era antes. Embora esperasse que as coisas melhorassem nada fez para isso.

Nem o Sr. Muddelcombe nem os seus amigos manufatureiros podiam resolver de pronto algo de tão impreciso ou complexo. Reuniram-se várias vezes em conversas comuns, examinaram mutuamente os seus próprios tecidos e cada um emitiu o seu palpite: "São

esses japoneses com a sua concorrência, enchendo o mercado!" — disse um. Outro atribuiu o fenómeno ao nacionalismo económico de Hitler. Outro ainda queixou-se, como sempre, do governo. Mas um homem, que possuía uma esposa muito sensível e muito viajada, achou que embora existisse alguma razão em cada opinião emitida, acreditava, todavia, na ocorrência de algum outro fator. Em essência disse ele que os tecidos de algodão britânico não estavam sendo comprados, como mereciam, em alguns mercados porque os fregueses já se sentiam fatigados dos antigos modelos e desenhos. "Tolice!" — exclamaram os demais. "Nossos modelos sempre foram excelentes". Em vista disso, o manufatureiro inteligente abriu a sua pasta e exibiu algumas amostras, que passaram de mão em mão e foram cuidadosamente examinadas. As observações não variam quanto à excelência dos fios, do tecido e do acabamento desses produtos. E quanto aos modelos e desenhos? Ninguém se mostrou pessimista, mas a verdade é que os manufatureiros presentes levaram as amostras para casa a fim de submetê-las à apreciação de suas distintas esposas.

Na reunião seguinte notava-se uma sensível mudança na atmosfera. Um dos presentes tomou a palavra e disse, não sem uma certa hesitação: "Pois é, tenho pensado no que

A. BERNARD HOLLOWOOD

MODELOS E DESENHOS PARA UM MUNDO NOVO

Note-se os alegres desenhos, de variegado colorido, que enfeitam as cortinas em exposição em outra sala do "Centro". O claro-escuro, padrão clássico do gosto britânico, cedeu lugar às tonalidades frescas e primaveris. Não há dúvida que isto causou espanto aos conservadores de lá, que viram modificada da noite para o dia a sua secular tradição na sobriedade de cores.

é que falta com relação a esses tecidos." Outro, porém, foi mais sincero: "A realidade é somos uns "velhos" aqui no Lancashire. Estamos fora do tempo, companheiros. É hora de abandonarmos as nossas idéias atrasadas e procurar saber o que o mundo realmente pensa acerca dos nossos tecidos."

Assim se formaram pequenos grupos no Lancashire e um vento progressista começou novamente a soprar. Todos queriam saber a melhor maneira de pôr as coisas nos seus trilhos. Desejavamos bons desenhistas de ambos os sexos, bem experimentados e, sobretudo, conhecedores do gosto predominante nos demais países. Desenhistas conscientes das novas tendências da moda. Desenhistas capazes de compreender plenamente o que desejam os mercados estrangeiros.

Quiseram, além disso esses fabricantes progressistas receber relatórios desses mercados de ultramar descrevendo as habitações, seus mobiliários, a maneira de vestir dos demais povos, climas, condições de compra, níveis de vida e capacidade de aquisição, etc. Quiseram ainda um lugar no Lancashire onde se pudessem obter informações para uso de cada um dos fabricantes. Quiseram uma sala de exposições, uma boa biblioteca especializada, uma porção de coisas. Em suma, o que eles queriam era um centro onde o desenho dos tecidos de algodão fosse analisado sob todos os seus ângulos e detalhes. Mas também era preciso muito dinheiro. E sem muito dinheiro, conversar sobre desenhos e modelos novos era uma insensatez.

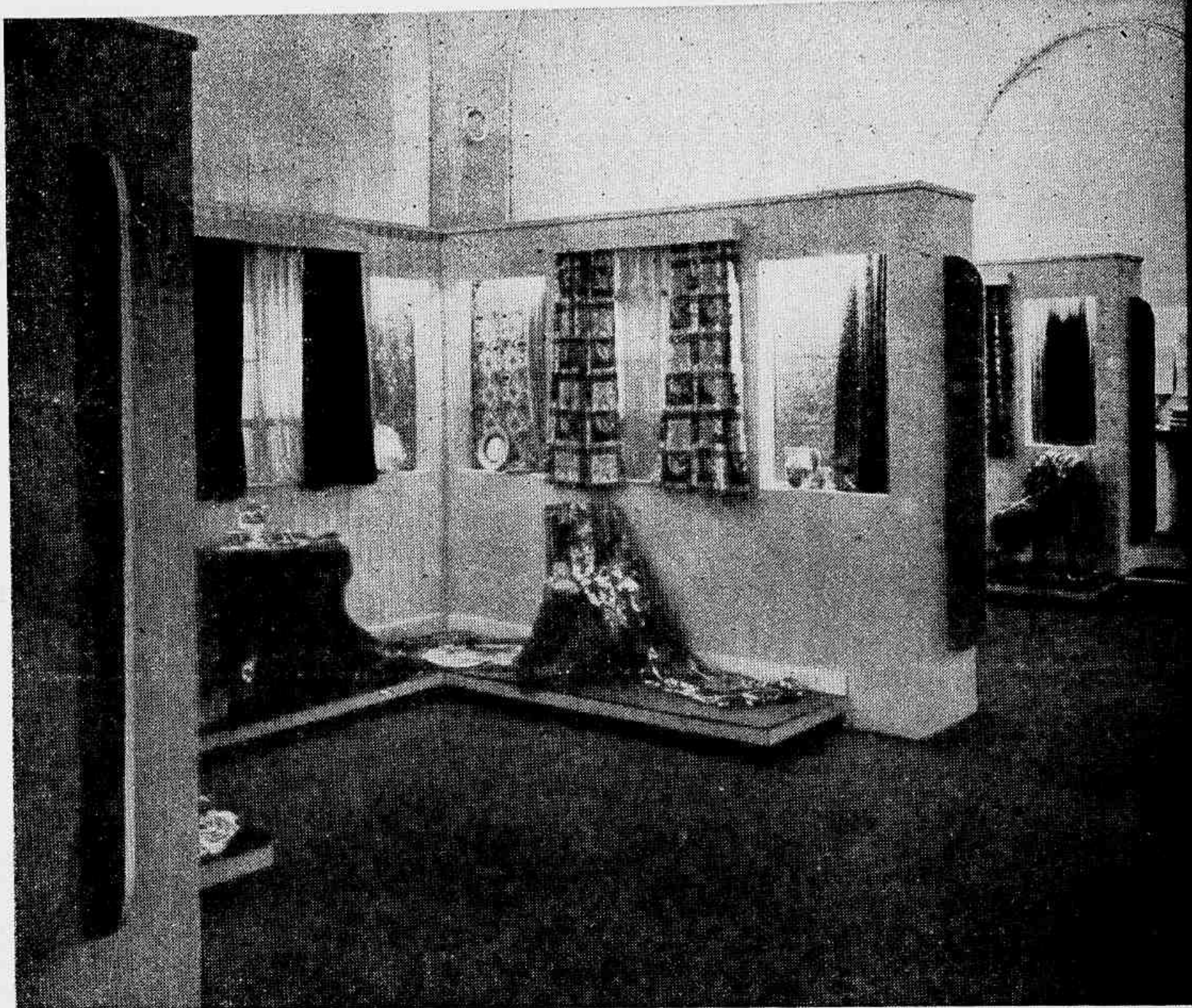
Esta era a situação na "trintena" deste século. Recentemente voltamos a Manchester e contemplamos o resultado daquelas reuniões históricas, — um edifício na esquina de uma rua, exatamente no centro da cidade. O edifício servira antes a um banco. Agora é o Centro de Desenho da indústria do algodão.

A parte externa não tem nada de particularmente notável. Mas as suas salas foram remodeladas inteiramente de acordo com o plano de um arquiteto inglês de primeira categoria. Diante dos mostruários já existentes, os próprios céticos começam a se convencer do seu valor. Nesses mostruários realizou-se recentemente uma exposição destinada principalmente a mostrar ao fabricante que sucede com os seus produtos depois de saírem das fábricas. Viam-se numerosos vestidos elaborados por magníficos costureiros e exibidos por "manequins" e modelos londrinos. Viam-se também exposições de estamparias floridas, costumes históricos, etc. A idéia predominante não era outra senão ampliar o campo de inspiração dos desenhistas.

Confessemos o nosso arraigado tradicionalismo em matéria de desenho dos nossos tecidos, até bem pouco tempo. Não queremos nos referir ao período de guerra. Adotamos aqui, de preferência, o estilo austero da "trintena"; — naves de parede em tons neutros, tapetes sombrios, cortinas pálidas, etc. Muitos atribuem, não sem razão, o fenômeno a uma reação natural contra o fantasma da loucura do jazz, que dominou o período entre 1920 e 1930. Pois bem, as coisas agora estão se tornando cada vez mais alegres e — porque não dizer? — mais saudáveis. Quero dizer com isso que estamos começando a planejar o "décor" das nossas salas e quartos de acordo com as linhas exibidas pela própria natureza. O ho-

(Continua na pág. 93)

Os motivos procurados pelos desenhistas do novo centro da Moda, em Manchester, são os mais singulares e podem ser encontrados em todos os países. Na página, em baixo, um ornamental ciclâmico, trazido como inspiração do seu "habitat", na Europa Meridional, e que estampado nos tecidos de algodão, rayon e outros, será enviado para latitudes bem distantes daquela região.





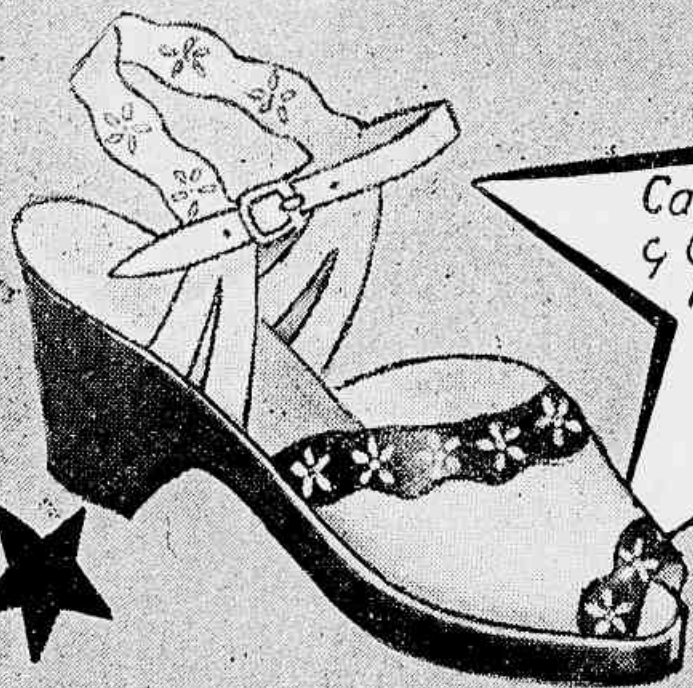
CHAPEUS MODERNOS

Já foi dito que a transitoriedade da moda feminina reflete com precisão os desejos passageiros e inconstantes da alma da mulher. Reparem as leitoras como o modelo do alto da página, à direita, em palha negra, com fita da mesma cor caindo até o pescoço, é uma cópia fiel daqueles que as mães usavam há vinte anos atrás. É um modelo discreto e sóbrio, próprio para as "toilettes" do inverno. À esquerda, ao alto e em baixo, temos dois modelos próprios para a "meia-estação" que atravessamos. O de cima ficará ótimo num rosto juvenil, onde as plumas brancas ressaltarão maravilhosamente sobre um costume preto. O de baixo, com bainha virada no alto da cabeça, é outra reminiscência adaptada. À direita, em baixo, ainda um modelo ousado e espetacular. Concordamos que seja necessário um rosto perfeito, capaz de resistir com galhardia à curiosidade que despertará este chapéu. A tonalidade das uvas, verdes ou maduras, ficará à escolha da leitora que melhor as fará combinar com o seu vestido novo.



Beverly

A SAPATARIA QUE CALÇA AS
ESTRELAS



113

Camurça Branca
& Guarnição de
Pelica Azul
e Laranja
Cr. \$ 160,



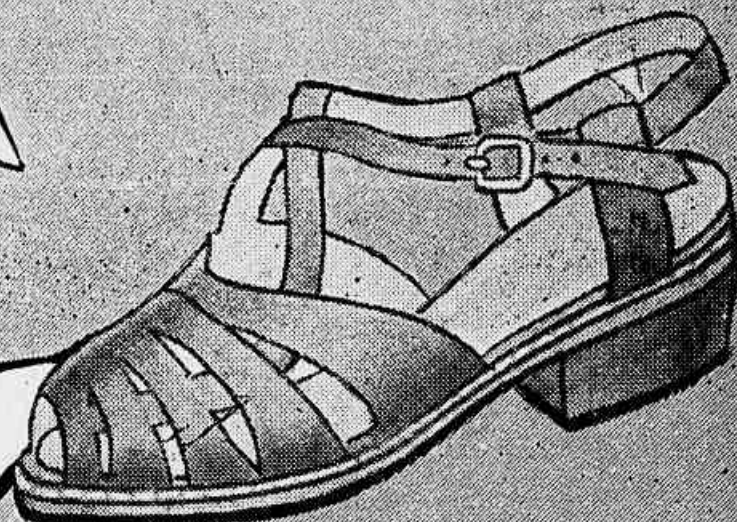
114

Branco e Laranja & Pelica
Azul
" Marron
" Todo Branco
Cr. \$ 155,



115

Todo em Branco
" " Camurça Azul
" " Preta
" " Pelica Laranja
Cr. \$ 170



116

Todo em Branco
" " Pelica Preta
" " Azul
Cr. \$ 140,



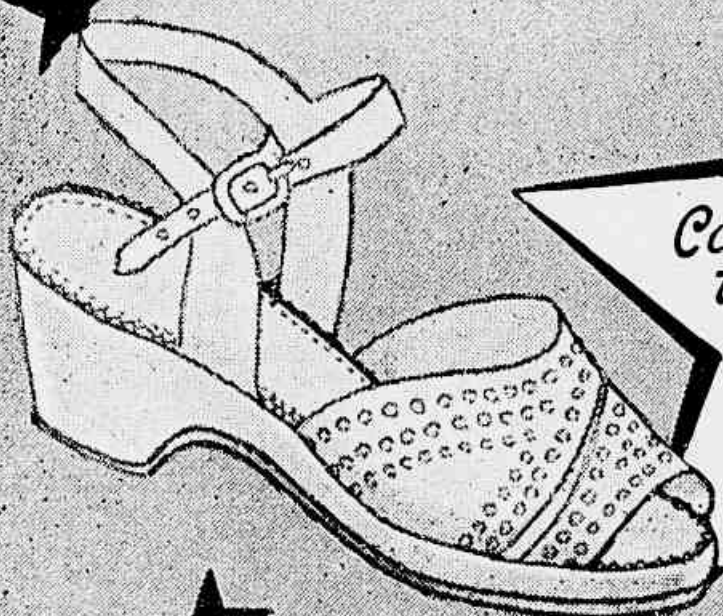
117

Bufo Branco
" Laranja
" Azul
Camurça Azul
Preta
" Ferrugem
Cr. \$ 180,



118

Pelica Laranja
" Azul
" Marron
Cr. \$ 180,



119

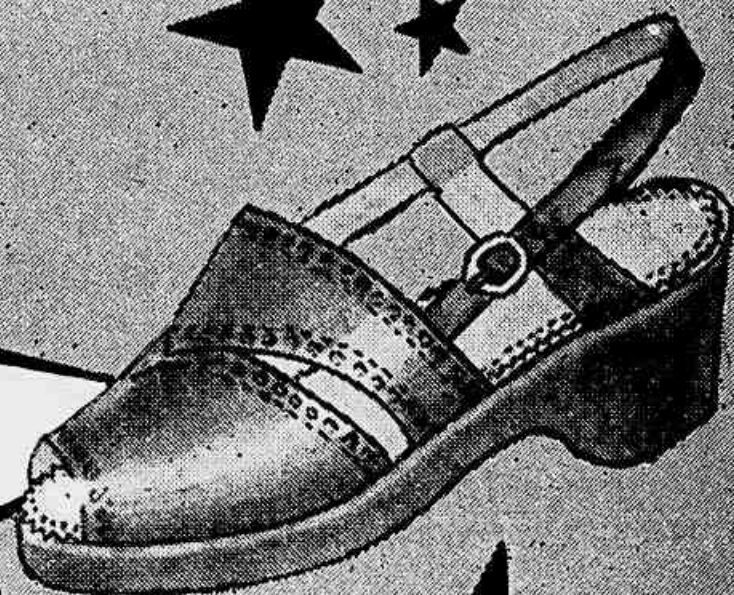
Camurça em
todas as cores

Cr. \$ 135,

120

Em todas as
cores

Pelica Cr. \$ 130,



★ CARUSO & FONSECA ★
PRAÇA TIRADENTES 44
RIO DE JANEIRO. FONE 42.4672

Façam os seus pedidos por
registrados, vales postais
ou cheques, pagáveis no
Rio de Janeiro, e mais o
porte de Cr\$ 3,00

Cló

Devia ser já a terceira pessoa que lhe sentava à mesa. Não lhe era agradável aquela sociedade em desconhecidos; mas que fazer naquela segunda-feira de Carnaval, quando as confeitarias têm todas as mesas ocupadas e as cerimônias dos outros dias desfazem-se, dissolvem-se?

Se as duas primeiras pessoas eram desprezados sujeitos sem atrativos, o terceiro convivia resgatava todo o desgosto causado pelos outros. Uma mulher formosa e bem tratada é sempre bom ter-se à vista, embora sendo desconhecida ou, talvez, por isso mesmo...

Estava ali o velho Maximiliano esquecido, só, moendo cismas, bebendo cerveja, obediente ao seu velho hábito. Se fôsse um dia comum, estaria cercado de amigos; mas, os homens populares, como ele, nunca o são nas festas populares. São populares a seu jeito, para os frequentadores das ruas célebres, cafés e confeitarias, nos dias comuns; mas nunca para a multidão que desce dos arrabaldes, dos subúrbios, das províncias vizinhas, abafa aqueles e como que os afugenta. Contudo, não se sentia deslocado...

A quinta garrafa já se esvasiava e a sala continuava a encher-se e a esvasiar-se, a esvasiar-se e a encher-se. Lá fora, o falsete dos mascarados em trote as longas cantilenas dos cordões, os risos e as músicas lascivas enchiam a rua de sons e ruídos descontraídos e, dela, vinha à sala uma satisfação de viver, um velho professor a ficar durante mais tempo, bebendo, afastando o momento de entrar em casa.

E esse frêmito de vida e luxúria que faz estremecer a cidade nos três dias de sua festa clássica, naquele momento, diminuía-lhe muito as grandes máguas de sempre e, sobretudo, aquela teimosa e pequenina de hoje. Ela o pusera assim macabúzio e isolado, embora

mergulhado no turbilhão de riso, de alegria, de rumor, de embriaguês e luxúria dos outros, em segunda-feira gorda.

O "jacaré" não dera e muito menos a centena. Esse capricho dá sorte tirava-lhe a esperança de um cento e pouco — doce esperança que se esvaía amargamente naquele crepúsculo de galhofa e prazer.

E que trabalho não tivera ele, Dr. Maximiliano, para fazê-la brotar no seu peito, logo pelas primeiras horas do dia! Que chusmas de interpretações, de palpites, de exames cabalísticos! Eles bem parecia um augure romano que vai dizer ao Cônsul se deve ou não oferecer batalha...

Logo que ela lhe assomou aos olhos, como não lhe pareceu certo aquele navegar precavido dentro do nevoento mar do Mistério, marcando rumo para aquele ponto — o "jacaré" — onde encontraria sossêgo, abrigo, durante alguns dias!

E agora, passado o nevoeiro, onde estava?... Estava ainda em mar alto, já sem provisões quase, e com débeis energias para levar o barco a salvamento... Com havia de comprar bisnagas, "confetis", serpentinas, alugar automóvel? E — o que era mais grave — como havia de pagar o vestido de que a filha andava precisada, para se mostrar, sábado próximo, na rua do Ouvidor, em toda a plenitude de sua beleza, feita (e ele não sabia como) da rija carnadura de Itália e de uma forte e exótica exalação sexual... Como havia de dar-lhe o vestido?

Com aquele seu olhar calmo em que não havia mais nem espanto, nem reprovação, nem esperança, o velho professor olhou ainda a sala tão cheia por aquelas horas, tão povoada e animada de mocidade, de talento e de beleza. Ele viu alguns poetas conhecidos, quis chamá-lo, mas, pensando melhor resolveu continuar só.

O velho Dr. Maximiliano não se cansou de observar, um por um, aquelas horas e aquelas mulheres, homens e mulheres cheios de vícios e aleijões morais; e ficou um instante a pensar se a nossa vida total, geral, seria possível sem os vícios que a estimulava, embora a degradem também.

Por esse tempo, então notou ele a curiosidade e a inveia com que um grupo de modestas meninas dos arrabaldes examinava a *toilette* e os ademanos das mundanas presentes.

Na sua mesa, atraindo-lhe os olhares, lá estava aquela formosa e famosa Eponina, a mais linda mulher pública da cidade, produto combinado das imaginações italiana e hespanhola, extraordinariamente estúpida, mas com olhar de abismo, cheio

de atrações, de promessas e de volúpia.

E o velho lente olhava tudo aquilo pausadamente, com sua indulgência de infeliz, quando lhe veio pensar na casa, naquele seu lar, onde o luxo era uma agrura, uma dor, amaciada pela música, pelo canto, pelo riso e pelo álcool.

Pensou, então em sua filha, Clodia — a Cló, em família, em cujo temperamento e feitio de espírito, havia estôfo de um grande hetaira. Lembrou-se com casta admiração de sua carne veludosa e palpitante, do seu amor às danças lúbricas, do seu culto à *toilette* e ao perfume, do seu fraco senso moral, do seu gosto pelos licores fortes; e, de repente e por instantes, ele a viu coroada de hera, cobrindo mal a sua magnífica nudez, com uma pele mosqueada, o rumo de tirso erguido, dançando, religiosamente bêbeda, cheia da fúria sagrada de bachante. **Evo-hé! Baccho!**

E essa visão antiga lhe passou pelos olhos, quando a Eponina ergueu-se da mesa, tilitando as pulseiras e berloques caros, chamando muito a atenção de Mme. Rego da Silva que, em companhia do marido e da sua extensa amiga Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade, tomavam sorvetes, numa mesa ao longe.

O doutor Maximiliano ao ver aquelas jóias e aquele vestido, voltou a lembrar-se de que o "jacaré" não dera; e refletiu, talvez com profundidade, mas certo com muita amargura, sobre a má organização da nossa sociedade. Mas não foi adiante e procurou decifrar o problema da sua multiplicação em Cló, tão maravilhosa e tão rara. Como é que ele tinha pôsto no mundo um exemplar de mulher assaz vicioso e delicado como era a filha? De que misteriosa célula sua saíra aquela floração exuberante de fêmea humana? Vinha dele ou da mulher? De ambos? Ou de sua mulher só, daquela carne apaixonada e sedenta que trepidava quando lhe recebia as lições de piano, na casa dos pais?

Não pôde, porém, resolver o caso. Aproximava-se o doutor André, com o seu rosto de ídolo germano, duro, sem mobilidade alguma na fisionomia acabrunhada, onde o ouro do aro do *pince-nez* reluzia fortemente e iluminava a barba cerdosa.

Era um homem forte, de largos ombros, musculoso, tórax saliente, saltando; e, se bem que tivesse as pernas arqueadas, era assim mesmo um belo exemplar da raça humana.

Lamentava-se que ele fôsse um bacharel vulgar e um deputado obscuro. A sua falta de agilidade intelectual, de maleabilidade, de ductilidade, a sua

fraca capacidade de abstração e débil poder de associar idéias não o pediam fôsse deputado e bacharel. Ele seria rei, estaria no seu quadro natural, não na Câmara, mas remando em ubás ou igaras nos nossos grandes rios ou distendendo aqueles fortes arcos de iri que desprezam pedras ervadas com curare.

Era o seu último amigo, entretanto o mais constante comensal de sua mesa luculesca.

Deputado, como já ficou dito, e rico, representava, com muita galhardia e liberdade uma feitoria imensa do Norte, nas salas burguesas; e, apesar de casado, a filha do antigo professor, a lasciva Cló, esperava casar-se com ele, pela religião do Sol, um novo culto recentemente fundado por um agrimensor ilustrado e sem emprêgo.

O velho Maximiliano nada de definitivo pensava sobre tais projetos; não os aprovava, nem os reprovava. Limitava-se a pequenas reprimendas sem convicção, para que o casamento não fôsse efetuado sem a bênção do sacerdote do Sol ou outro qualquer.

E se isto fazia, era para não precipitar as cousas; ele gostava dos desdobramentos naturais e encadeiados das passagens suaves, das inflexões doces e detestava os saltos bruscos de um estado para o outro.

— Então, doutor, ainda por aqui? fez o rico parlamentar sentando-se.

— E' verdade, respondeu-lhe o velho. Estou fazendo o meu sacrifício, rezando a minha ruína... E' a quinta... Que toma, doutor?

— Um "madeira"... Que tal o Carnaval?

— Como sempre.

E, depois, voltando-se para o caixeiro:

— Outra cerveja e um "madeira", aqui, para o doutor. O'ha: leva a garrafa.

O caixeiro afastou-se, levando a garrafa vazia e o doutor André perguntou:

— D. Isabel não veio?

— Não. Minha mulher não gosta das segundas-feiras de Carnaval. Acha-as desenxavadas... Ficaram, ela e a Cló, em casa a se prepararem para o baile à fantasia na casa dos Silvas... Quer ir?

— O senhor vai?

— Não, meu caro senhor. Do Carnaval eu só gosto dessa barulhada da rua, dessa música selvagem e brusca de recos-recos, de pandeiros, de bombos, desse estridido de fanhosos instrumentos de metais... Até do bombo gosto, mais nada! Essa barulhada faz-me bem à alma. Não irei... Agora, se o doutor quer ir... Cló vai de preta mina.



plicidade provinciana não compreendeu a maldade e logo dirigiu-se ao velho professor:

— Jantam em casa?

— Jantamos; e o doutor não quer jantar conosco?

— Obrigado. Não me é possível ir hoje... Tenho um compromisso sério... Mas, fique certo, que, antes de saírem, lá irei tomar um **wiskisinho**... Se me permite?

— Oh! Doutor! O senhor é o nosso melhor amigo. Não imagina como todos lá falam no senhor.

— Como isso me cumula de...

— Ainda há dias, Isabel me disse: Maximiliano, eu nunca bebi um Chambertin como esse que o doutor André nos mandou... O meu filho, o Fred, sabe até um dos seus discursos de cór; e, de tanto repeti-lo, creio que sei de memória vários trechos dêle.

A face rígida do ídolo, com grande esforço, abriu-se um pouco; e ele disse, ao jeito de quem quer o contrário:

— Não vá agora recitá-los.

— O certo que não. Seria inconveniente; mas não estou impedido de dizer, aqui, que o senhor tem muita imaginação, belas imagens e uma pena magnífica.

Ergueu o corpo e ambos tocaram os seus, reatando o parlamentar a conversa desta maneira:

Deu aula hoje?

— Não. Desci para espairecer e cavar. E' dura esta vida... **Cavar!** Como é triste dizer-se isto! Mas que se há de fazer? Ganha-se uma miséria... Um professor com oitocentos mil réis o que é? Tem-se a família, representação... Uma miséria! Ainda agora, com tantas dificuldades, é que Cló deu em tomar banhos de leite...

— Que idéia! Onde aprendeu isso?

— Sei lá! Ela diz que tem não sei que propriedades, certas virtudes... O diabo é que tenho de

— Deve-lhe ficar muito bem... Não posso ir; entretanto, irei à sua casa para ver a sua senhora e a senhora sua filha fantasiada. O senhor devia também ir...

— Fantasiado?

— Que tinha?

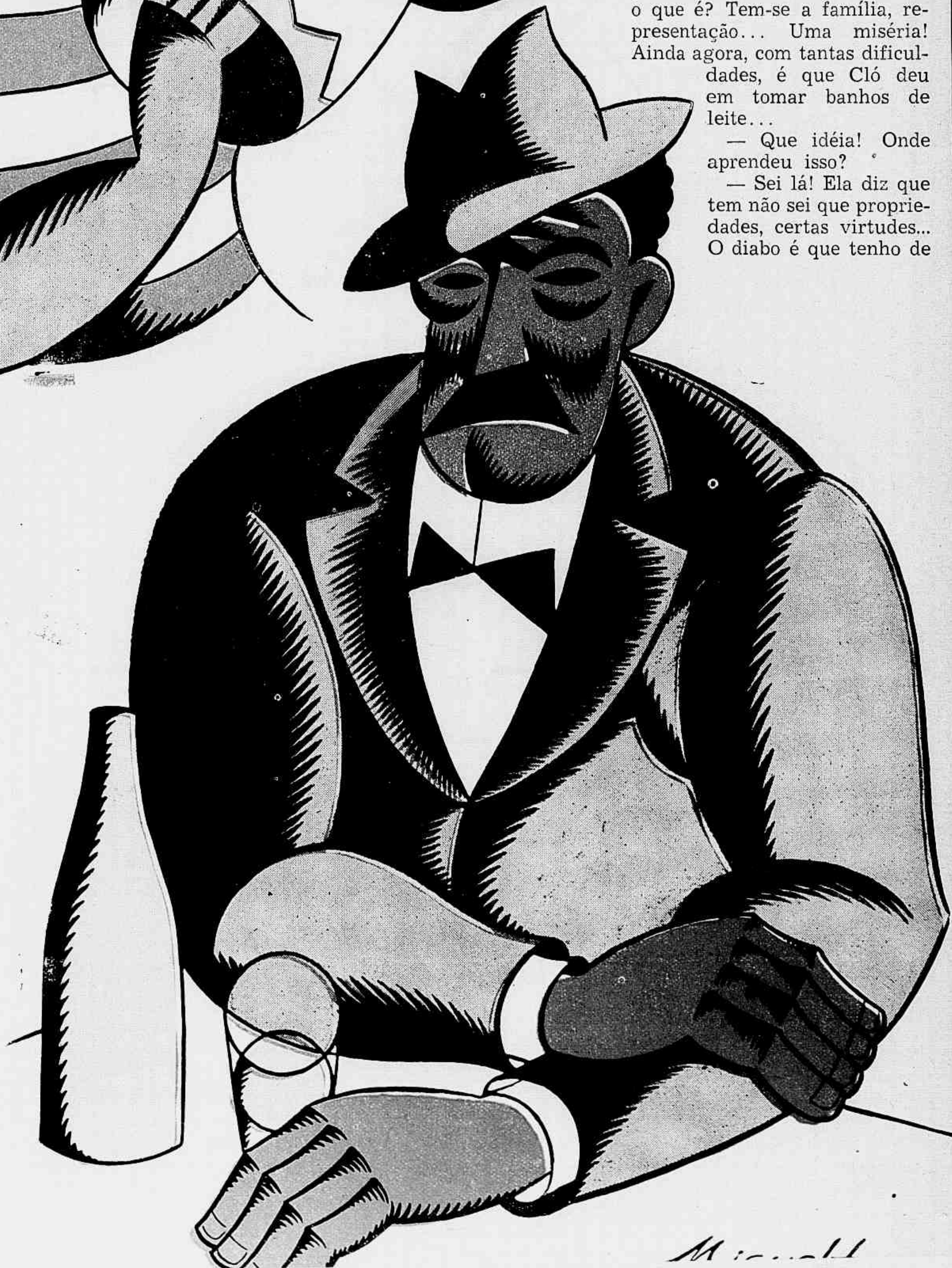
— Ora, doutor! eu ando sempre com a máscara no rosto.

E sorriu leve com amargura; o deputado pareceu não compreender e observou:

— Mas, a sua fisionomia não é tão decrépita assim...

Maximiliano ia objetar qualquer cousa quando o caixeiro chegou com as bebidas, ao tempo em que Mme. Rego da Silva e o marido levantaram-se com a pequena Dulce, amante de ambos, no dizer da cidade em peso.

O parlamentar olhou-as bastante com o seu seguro ar de quem tudo pode. Ouviu que ao lado diziam — à passagem dos três: *Ménage à trois*. A sua sim-



Maximiliano





1 — A "pequena grande" artista, Margaret O'Brien, da MGM, apresenta um vestidinho de veludo vermelho com gola branca de nervuras e com renda. Na saia, recortes formando "V" e pespontados. Uma larga faixa une a saia com a blusa, terminando atrás em laço. 2 — Preto, branco, amarelo e rosa são as cores desse tecido de algodão usado para o interessante modelinho que Margaret apresenta. Gola branca com babadinho franzido da fazenda quadriculada. O mesmo babadinho é aplicado na blusa, em volta de um peitilho branco. Dois bolsos na saia. Mangas "bouffantes". 3 — E agora, um interessante "duas-peças" de lã com fundo branco e quadrados azuis e vermelhos. O casaquinho forma colete e é debruado com viéz vermelho vivo. Blusinha branca.

MARGARET O'BRIEN
LANÇA A MODA



O OUTRO

ROBERT TAYLOR

★ Nem todos os artistas cinematográficos possuem a dupla personalidade. E a dupla personalidade é quase imprescindível para o ator, que não pode ser um único, o mesmíssimo diante da tela e na vida real, sob pena de não ser um artista no verdadeiro sentido da palavra, senão e quando muito um cavalheiro

habilitoso. A bem dizer, a personalidade do artista não deve ser apenas dupla, mas precisa desdobrar-se em tantos tipos e caracteres quantos os papéis, por mais diversos, que lhe dê a viver. Por isso, nada mais natural que encontrarmos na vida comum, em contacto rotineiro conosco, um ator ou uma atriz — de cinema ou de teatro — inteiramente outro daquele que estamos habituados a conhecer através de suas interpretações.

Mas, repetimos, nem todos os artistas cinematográficos possuem esse mérito, por isso que muitos deles sendo, embora, esplêndidos e naturalíssimos intérpretes, o são apenas de um determinado papel, que se estandardiza e repete de filme para filme, através de toda a sua carreira. Há magníficos e simpáticos intérpretes cinematográficos que nos decepcionam quando vistos de perto, e o pior que se pode dizer dessa gente, é afirmar que "êles são iguaisinhos ao natural ou na tela". Isso quer dizer que não tem a faculdade de se renovar, de se adaptar a temperamentos distintos, de se mostrarem outros, inteiramente outros.

Pois o que nos surpreendeu em Robert Taylor foi precisamente essa qualidade: A de se revelar outro homem, não fisicamente, mas nos seus atributos de espírito. Aquêles bom moço, demasiado elegante, mesmo quando de barba por fazer e de roupa descuidada que os filmes às vezes mostram; aquêles romântico de olhar pendurado e calmo, que tanto penetra no coração das "fans", dá-nos invariavelmente — a nós, homens — a impressão de um sujeito fútil, vasio de idéias, mais preocupado com o tóque do penteado, o laço da gravata e o efeito fotogênico de seu rosto bem feito, do que com o conteúdo do próprio cérebro. Foi assim por muito tempo que também o admitimos à distancia, impressão reforçada com os comentários pouco amáveis a seu respeito, que nos chegavam de vez em quando, transmitidos por pessoas que afirmavam conhecê-lo pessoalmente. Na opinião delas, Robert Taylor chegava a ser "um verdadeiro cavalo", homem intratável e convencido, olhando sobranceiramente o seu semelhante, incapaz de conversar com um reporter e de dizer-lhe algo de realmente interessante. Era, enfim, a negação perfeita — diziam-nos — do cavalheiro, preocupado com o efeito de sua pessoa física através dos filmes e das fotografias avulsas.

Manda a verdade dizer que o nosso juízo pessoalmente formulado a respeito do marido de Barbara Stanwyck modificou-se por completo. E não se diga que ele tivesse instruções especiais do estúdio para atender-nos em condições excepcionais. Não. Até um minuto antes de nos ser apresentado, Taylor ig-

norava a nossa existência, entregue a uma filmagem de "Undercurrent" nos estúdios da Metro. Entrávamos no "set" em companhia de um amável funcionário do Departamento de Publicidade, o clássico "cicerone" dos estúdios, elemento que de hábito nutre um grande respeito pelos "medalhães", incapaz de impôr a sua condição que lhe permitiria maior autoridade, diplomata por excelência, quase pedindo desculpas a um artista ao apresentar-lhe o visitante da casa. Foi assim, também, que o publicista da Metro se aproximou de Robert Taylor, quase humilde, aproveitando um ligeiro intervalo da fil-

magem para dizer-lhe que, chegado do Brasil, ali estava um jornalista desejando ouvi-lo. Se êle quisesse, poderia marcar um "appointment" para outra hora, em qualquer outro lugar, "pois não desejava interromper o trabalho". De lado, esperávamos a resposta do ator, contando quase como certo que se não viesse uma negativa formal, quando muito a entrevista só seria obtida horas ou dias mais tarde. Mas estávamos redondamente enganados, porque foi ali mesmo, sem prejuízo das filmagens da tarde, mas ainda assim com toda a tranquilidade de espírito, pondo-se e pondo-nos inteiramente à vontade, que

o galã conversou conosco por espaço de quase duas horas. Aconteceu talvez que as circunstâncias nos favoreceram, pois fazia-se uma "tomada" de certa responsabilidade, na qual Robert Taylor participava discretamente. A parte de maior importância na sequência estava a cargo de outra figura, e — vamos poupar-lhe o nome — convém dizer que o outro artista não havia modos de acertar com a tonalidade exata das palavras, ou errava as inflexões, ou "tropeçava", ou ainda precisava ser corrigido nas atitudes diante do olho clínico das

(Continúa na pág. 77)

Robert Taylor filmava "Undercurrent" com Katharine Hepburn, na Metro, quando recebeu a visita de Celestino Silveira. E no intervalo dos trabalhos dessa tarde, concedeu-lhe a desejada entrevista onde anunciou seus propósitos de conhecer o Brasil, em Companhia de Barbara Stanwyck





ELA...

Por LUIS PINTO

AS laranjeiras estavam floridas. O vento soprando nas folhas, parecia um lençol de prata, naquele silêncio da floresta, onde o trinado dos passarinhos constitui a alegria e a eterna festa da natureza.

Ela fugia da cidade pelo prazer de viver no campo. Tudo, naquele meio agreste, seduzia o seu espírito de menina, a sua alegria era perene. Cantava e ria sem nenhum motivo, como se o canto e o riso fossem um completo da sua própria vida.

Gostava muito da tia Zulmira. Achava-a uma criatura diferente, bondosa, possuidora de predicados que ela não sabia explicar, mas sentia que lhe enchiam o coração. E, por isso, vivia mais com a tia do que com os pais.

A paisagem. Ela não sabia descrever aquele ambiente, mas sabia sentir, que é a melhor maneira de saber, um saber da alma, um saber oculto, como um resplendor de poesia inédita.

Tia Zulmira gostava dos caboclos da fazenda. Fazia parte das suas reuniões, ouvia o que eles costumavam dizer, procurava conhecer os seus desejos.

Vida simples. Simples e boa.

E ela se ficava, horas a fio, a escutar aquelas tagarelices de caboclo.

Nitinha, a sobrinha de D. Zulmira, era endiabradazinha, mas não era má.

Menina, de feições miudas, nariz pequenino e bem talhado, boca conforme, semblante alegre, toda a sua alma se abalava numa vibração de saúde, numa irrequietação de alegria.

E, embora inexperiente, achava que a melhor vida era aquela vida. A inocência selvagem dos caboclos, aqueles homens sem am-

bicões, sem maldade, simples como a terra, cada qual contando a sua história, as vacas furtadas e vendidas de novo, as pragas, as imprecações de uns contra os outros, o desejo de casamento, de aventuras femininas.

E' a alma simples do Brasil caboclo. Do Brasil de pés descalços e de mãos grossas, que ama e sonha, na amplidão das serras e das planícies, no mugido da vaca, no relincho do cavalo, no canto estridente do galo, no arrulho sonoro da pomba.

A garota do sul é a mesma garota do norte: ama a pátria e ama a vida. E as suas ilusões, e os seus castelos, se erguem para as bênçãos de Deus.

Nitinha não sabia o que a esperava de futuro, mas era feliz na sua ingenuidade.

Tia Zulmira ia casar com um caboclo. E choviam protestos dos parentes. Ela, moça e educada, casar com um caboclo do mato?

Mas, par ela, para a alma de Zulmira, aquele caboclo era a natureza, a natureza do seu amor, da sua idolatria, essa pasmosa natureza verde, que se reveste das matas, que se alumia do céu, que se alimenta da água das fontes.

O passeio a cavalo era o esporte de Nitinha. Pequenininha, parecia um pássaro sobre o dorso de gigante. Montava e corria. E, quando o animal disparava pelos campos em fóra, de crina ao ar, resfolegando, cabeça erguida, Nitinha tinha a impressão que era a própria vida que corria. Uma sensação diferente lhe abalara o corpo, aquele corpo pequeno e elegante, aquele olhar vivo e promissor.

O seu perfume era o perfume da campina. O cheiro da terra, das queimadas, do mato verde, que se impregnava à sua carne nova, e dava brilho aos seus olhos, beleza aos seus lábios, vida à sua vida.

Nitinha era um átomo da natureza. Um produto da terra coberta de verde, de troncos enormes, copados, balançando-se no espaço, ao perpassar do vento.

Um dia a vida torturou-lhe a esperança. E Nitinha deixou o campo.

De uma civilização de caboclos para uma civilização de águas.

E a menina do sul, saltitante como o beija-flor, trazia no engaste do semblante uma lágrima de saudade. Era a gota de orvalho das florestas nativas, aquela gotazinha que, meiga e mansa, se conserva na folha do capim, na beira do caminho.

(Continúa na pág. 104)

SANTO ANTONIO E SEUS MARTÍRIOS

Por LUCIA BENEDETTI

Especial para a REVISTA DA SEMANA

Porque é que se festeja santo com traques e foguetes, eu não sei. Nem entendo porque se salta fogueira em dia de São João. Mas agora começam os traques e os foguetes. Os meninos espantam bichos pacatos, atiram busca-pés atrás, de quem nada tem a ver com a coisa. Isso indica que estamos chegando perto das festas de Santo Antonio e São João. De São João pouco sei. E' um santo muito santo, muito importante mesmo. Ignoro é se vamos festejar São João Evangelista ou São João Batista. Mas de Santo Antônio, quem é que não sabe alguma coisa? Quanto mais o tempo passa, mais se aprende coisas a respeito de Santo Antônio. Antigamente eu pensava que só os cariocas é que tinham o costume de ir levar bilhetes ao santo. Escrever recados a santo não é coisa que se veja em toda parte, e eu pensei que se tratava de um costume nacional. Visto como o carioca é muito esquecido, transferia o defeito para o santo também e, para não haver dúvida, deixava seu bilhete aos pés da imagem. Mas, acontece que em Nova York, na rua Quatorze, existe uma igreja de Santo Antônio, onde a coisa mais comum é deixar bilhete. E' tão comum que existe um receptáculo especial, assim como uma caixa de correspondência, onde os fiéis largam seus pedidos ou suas reclamações. Os padres recolhem a correspondência do santo uma vez por semana e deitam fogo no peditório. Não demora muito a caixa se enche outra vez.

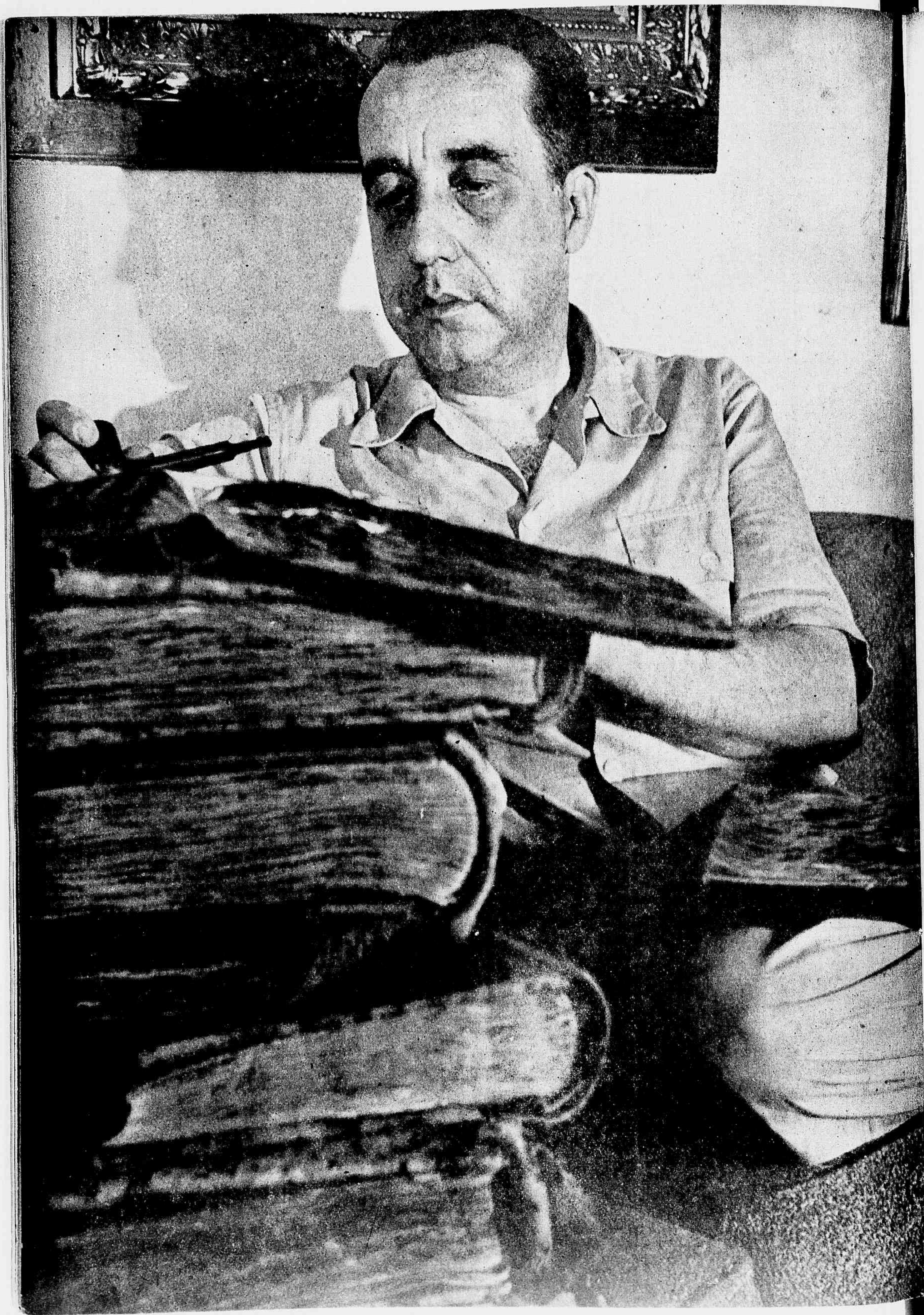
Por mais singular que isso pareça, em matéria de devoção, ainda não é nada, comparado com outros processos que existem para se chamar atenção de Santo Antônio para um pedido qualquer. Antigamente, quando o santo custava muito a atender o pedido, era costume roubar o menino Jesus de seus braços. E Santo Antônio sem o menino Jesus não é mais Santo Antônio. E' um pobre frade desarvorado. Nessa emergência, o santo despacha mais depressa o pedido, para se ver livre de tão angustiosa situação.

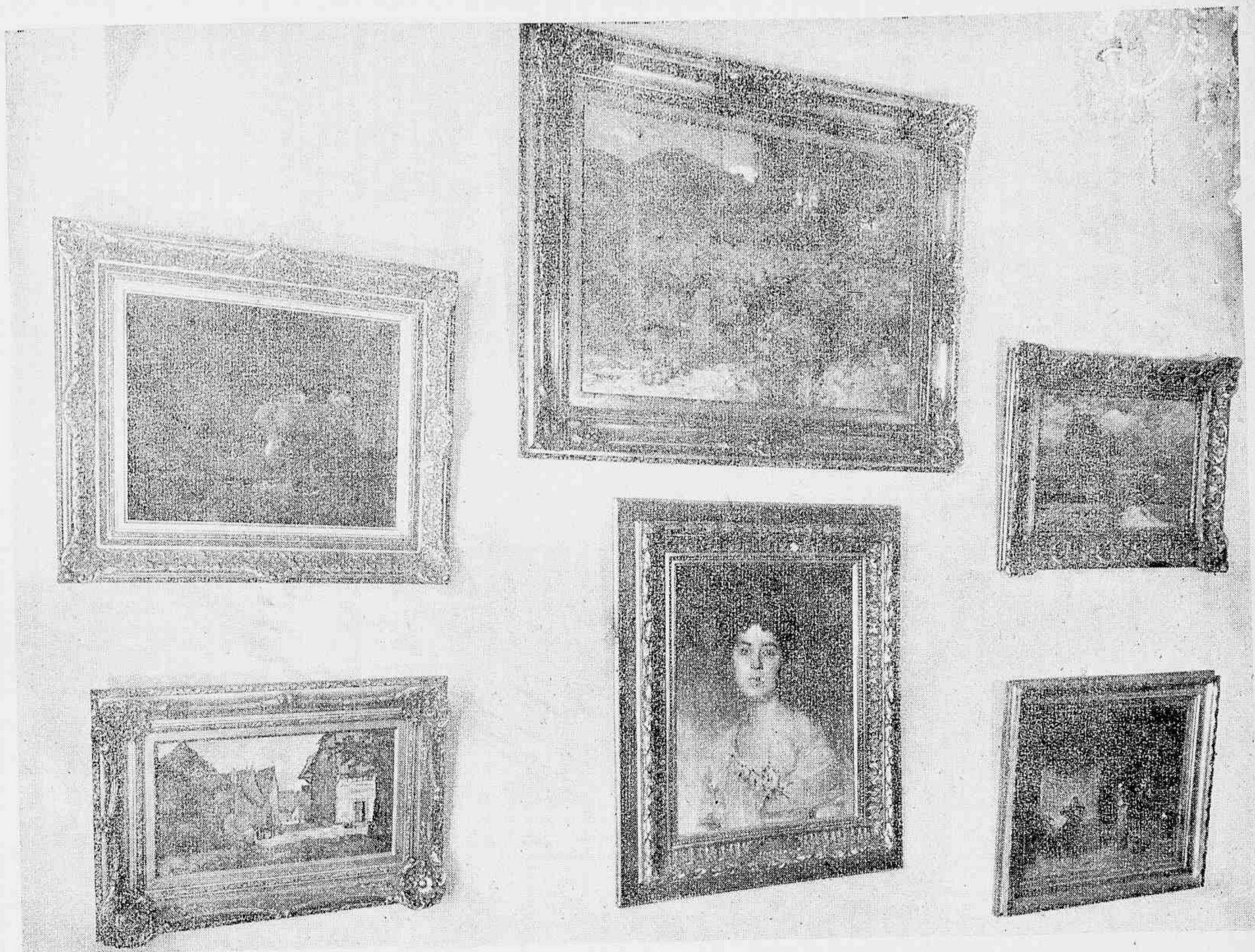
Ora, os santeiros de hoje salvaram Santo Antônio dessa calamidade. Hoje em dia só se fabrica Santo Antônio com o menino Jesus grudado no braço. Mas o povo não descansa. Se Santo Antônio sem menino Jesus ficava numa triste situação, imagine-se Santo Antônio com o menino Jesus nos braços, porém virado de cabeça para baixo! Pois há quem faça isso. Há quem lance mão de tão horrível chantage para ser atendido. E, o que é mais espantoso, dizem que o santo não falha, quando tratado com tamanha energia. Mas, quem é que tendo o menino Deus nos braços, não faria o possível para ficar numa posição digna? Aqui, entre nós, eu soube de um processo ainda mais incrível para obter a intercessão do santo. Uma noiva da roça, não conseguia ter o dia do casamento fixado. A família lá muito entusiasmada com a sua escolha e o noivo, sabendo disso, ficou meio ressentido. Desmanchar o casamento não desmanchava, mas também marcar o dia não marcava. A noiva apelou para Santo Antônio. Apelou e tornou a apelar. Nada. Insistiu nos apelos e sabe Deus as rezas que rezou. A situação estava ficando cada vez menos clara. A noiva, que era pessoa decidida, não conversou. Convidou o noivo para almoçar, cozinhou Santo Antônio no feijão e botou o feijão na mesa. Não demorou nada, o casamento saiu. Também, com Santo Antônio entre os pertences de uma feijoada, que é que não casa?

Não sei de outro santo que funcione tanto como Santo Antônio, nem sei de nenhum que sirva até cozido no feijão. O próprio São Pedro, o dono das chaves do reino, não tem tantos pedintes, nem sei se recebe correspondência. Entretanto, o humilde frade

(Continúa na pag. 104)







Andam por aí muitos quadros falsificados e o Rio de Janeiro já anda de sobreaviso com o comércio de imitações. Mas Benjamin Costallat declara que só tem coisas autênticas. E entre essas coisas estão, nesta parede obras de Malhóia, Visconti, Vinet, Charles Jacques, Joseph Israels, Charles Duvent. Como um homem de formação pré-modernista, Benjamin Costallat não tem parêdes para modernistas, mesmo que se trate de grandes pintores como Portinari, Guinard, Pancetti, etc...

BENJAMIM COSTALLAT UM ESCRITOR QUE NÃO CRÊ MAIS NA LITERATURA...

MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS SEM NUNCA TER TOMADO POSSE... — "EU ERA CABOTINO E NÃO PODIA PERDER A OPORTUNIDADE DE PROCESSAR MASCAGNI" — O AUTOR DE "MLLE. CINEMA" DIZ QUE JÁ NINGUEM RESPEITA OS HOMENS DE LETRAS... — ADOLF HITLER PÔS TERMO AO PRIMADO DO ESPÍRITO... — "TENHO EM CASA DOIS MILHÕES DE CRUZEIROS EM PINTURA..." — QUEM TEM APARTAMENTO PRECISA TER QUADROS... — ROMANCES EXPRESSOS E A PEÇA QUE NÃO ESCREVEU...

(Reportagem de R. MAGALHÃES JUNIOR — Especial para REVISTA DA SEMANA)

Lembro-me bem do meu primeiro encontro com esse mesmo Benjamin Costallat que acabo de entrevistar. Faz perto de vinte anos. Procurei-o no "Jornal do Brasil", para entrevistá-lo a propósito de um assunto qualquer. Ele me recebeu gatafunhando seu artigo do dia seguinte, numa péssima caligrafia, um enorme charuto na boca. Entre outras coisas, criticou ele a invasão dos "nortistas", que queriam tomar a cidadela literária do Rio de Janeiro de assalto.

— Em geral são sujeitos de cabeça grande, que chegam ao Rio de polainas e com um livro de versos debaixo do braço...

Acontece que eu não tinha o livro de versos. Tinha a cabeça grande e as polainas. A cabeça grande conservo-a, ainda, porque Deus é servido. Ainda não descobri o endereço daquele esplêndido artífice de que nos falou João do Rio. — o homem que vendia cabeças

de papelão... Mas descartei-me das polainas, desde aquele dia. Não me encontrei mais com Benjamin Costallat sem que ele recordasse o episódio, que o fez encabular tanto quanto a mim próprio. Dessa vergonha mútua nasceu uma boa camaradagem, que se renovou neste encontro de agora, por sinal que assinalado por uma deliciosa macarronada, que a Maria, — há seis anos a serviço de Costallat, — preparou magistralmente. Ao saboreá-la, dizia eu comigo mesmo:

— Homem feliz, esse Costallat! Teve sucesso literário na juventude e, agora, que é homem maduro, tem essa coisa tão rara no Rio de Janeiro, que é uma boa cozinheira... E invejei-o, de novo, como invejara nos primeiros dias da minha vida jornalística a sua tremenda notoriedade de escritor semi-proibido...

★

Não se trata, porém, de alinhar aqui as minhas reminiscências pessoais, mas sim de virar Benjamin Costallat pelo avesso. Esse

"Flôr de Pecegueiro". Diz Benjamin Costallat que esse quadro, com a assinatura de Malhóia, — o mais famoso pintor português dos últimos tempos, — consola-o de tudo, até mesmo de uma eventual falta de dinheiro...



Benjamin Costallat, o autor de "Mlle. Cinema", um livro que teve selvita e cinco mil exemplares de tiragem, aqui aparece entre os seus álbum de recortes. — artigos que escreveu artigos que escreveram sobre ele, notícias da imprensa contra Mascagni, tiras de folhetins das páginas e revistas



"Não inventei o jogo, mas jogava, enquanto era lícito. Também não inventei o cachimbo, mas fumo. Aceito as coisas como são. Tiro da vida os prazeres que ela me concede. Se amanhã proibirem o uso do cachimbo, talvez eu comece a mascar chicletes, se não fôr também proibido", — diz Benjamin Costallat

nome, hoje pacífico, foi uma bandeira de escândalo no passado. Autor de "Melle Cinema", um livro que era, na época, audaciosíssimo, tirou setenta e cinco mil exemplares. Tudo quanto saía da pena de Benjamin Costallat parecia ter recebido o toque de Midas, — valia ouro, vendia-se aos milhares. No tempo da Livraria Leite Ribeiro, uma página do "Mundo Literário", revista de letras que Agrippino Grieco e Pereira da Silva dirigiam, anunciava de uma tacada, para o mesmo mês,

Quadros de Batista da Costa, o grande paisagista brasileiro, numa das paredes do apartamento de Benjamin Costallat, no décimo primeiro andar do edifício Maximus

três livros de Benjamin Costallat, — um novo e duas reedições. E todos livros de crônicas, que muita gente diz que não se vendem. "Mutt, Jeff & Cia", "Cock-tail", etc. Páginas transitórias, saídas em jornais e revistas, mas logo lançadas em livro. Ninguém podia com Costallat.

Mas como surgira ele? Era um violinista, prêmio de viagem à Europa, que abandonara o instrumento pelo qual Ingres fizera a bobagem de relegar a pintura. Passara, depois, a crítico de música. Depois, escreveu contos. Dos contos passou à crônica, ao romance, ao jornal. Esqueceu-se da música, — mas tem hoje algo em comum com Beethoven, — um princípio, — ou já será um fim? — de surdez. Da sua carreira musical, resta um episódio histórico: o processo que moveu contra o famoso maestro Mascagni, autor da "Cavalleria Rusticana". O maestro tinha escrito uma nova ópera, "Il Piccolo Marat", e o empresário Walter Mocchio, aproveitando a presença de Costallat na Itália, comissionou-o para ir a Nápoles, ouvir a ópera, afim de opinar se devia montá-la no Rio.

Benjamim foi. Ouviu pedaços da partitura ao piano. O hotel fedia. A senhora Mascagni parecia uma pavão, enfeitadíssima, mas feia. O próprio maestro não dava boa impressão. O crítico falou mais das pessoas do que da música. Mais tarde, em 1922, dirigia Costallat a Escola do Teatro Municipal, quando Mascagni veio ao Rio, dirigir concertos na Exposição do Centenário, contratado por Walter Mocchi. Como diretor da Escola, Costallat saudou o maestro, dizendo dele o que merecia como compositor e regente. Mas um jornal, chamado "Patria Italiana", confrontou no dia seguinte o artigo escrito de Nápoles com o discurso do diretor da Escola. Mascagni deu uma entrevista, na qual declarou que Costallat havia sido subornado por Walter Mocchi para escrever coisas em detrimento de sua reputação... Benjamin constituiu advogado, — Evaristo de Moraes, — e processou Mascagni...

— Naquele tempo eu era cabotino, — declara o autor de "Guria", — e não podia perder uma oportunidade como essa, de processar um homem famoso como Mascagni... Houve o diabo. As malas dele chegaram a ser apreendidas, para impedir-lhe o embarque... Do caso todo guardo um detalhe muito engraçado: o juiz, ao dar a sentença, disse que estava lidando com três celebridades, Mascagni, Evaristo de Moraes e eu... Aos vinte e três anos de idade, um magistrado me considerava uma celebridade...

★

Benjamin Costallat ainda escreve o seu artigo diário ou quase diário, no "Jornal do Brasil". Não chega a um palmo de coluna, mas é sempre incisivo, opinativo, interessante. Mas não pensa mais em literatura. Sua paixão, agora, é a pintura. Seu apartamento, o 1103 do Edifício Maximus, na praia do Flamengo, está cheio de quadros, de todos os gêneros e dimensões. Só não tem ingresso ali a escola modernista. Não há um Portinari, um Guinard, um Santa Rosa, um Milton da Costa, um Percy Deane, um Pancetti ou uma Dianira. Mas há trabalhos de Visconti, de Batista da Costa, de Henrique Bernardelli, de Castagnetto, de Oswaldo Teixeira, etc., — e de muitos pintores estrangeiros, inclusive dos portugueses Carlos Reis e Malhóia.

— Para comprar aquele quadro, — diz Benjamin Costallat, — tive de vender a minha casa de Petrópolis e a minha biblioteca. Mas não me arrependo. É um quadro admirável. Além do mais, pertenceu a Dom Pedro II. Sim, não é invenção minha. Esse quadro ornamentou o paco imperial e um técnico europeu, que me visitou, disse que ele poderia figurar em lugar de honra em qualquer museu europeu. Tem de tudo. Paisagem, figuras humanas, bichos, céu, água, — não se pode

desejar mais... Vale duzentos contos, pelo menos. É uma tela que eu não me canso de olhar...

Segundo sua teoria, não há colecionador de obras de arte que não seja, também, um pouco comerciante. Quem coleciona, diz Benjamin Costallat, se habitua a fazer barganhas. Troca, vende, compra, — e só através desse movimento incessante pode ir realmente enriquecendo a sua coleção. Além do mais, é desse modo que as obras de arte realmente cumprem o seu destino.

— Tenho aqui dois milhões de cruzeiros (na verdade ele disse dois mil contos, porque parece ter ojeriza à palavra "cruzeiro") em pintura... Ainda há dias estiveram aqui o Oswaldo Aranha e o Ricardo Xavier da Silveira e ficaram admirados de vêr as coisas que eu possuo... E se tenho essas telas é porque não me falta coragem para comprá-las, em leilões ou em outras oportunidades que se ofereçam... Tenho aqui muitos quadros que nem alguns dos nossos milionários possuem...

Quando Benjamin Costallat começa a falar de pintura, se torna verdadeiramente torrencial.

— A pintura é uma necessidade para quem vive em apartamentos. Todos nós gostamos de ter uma horta, um campo, galinhas, vacas, árvores... Mas com esta vida de apartamento, com as dificuldades de transportes, isso não é possível. Que fazer? Eu achei a solução na pintura. De manhã, olho para uma horta do Batista da Costa, namoro umas vaquinhas e umas galinhas de outras telas... Ou, então, revejo as paisagens do Norte da Europa, de que tenho tantas saudades, ou saio de barco por aí afora...

— E como comprou tudo isso? — pergunto.

— Vendendo o que tinha, liquidando uns quadros para comprar outros, devendo quando encontro facilidades de crédito... Eu tenho um aforisma, que é este: "Só há uma coisa realmente difícil de pagar: a conta da lavadeira. Tudo o mais é fácil." Na verdade, é um problema, às vezes, encontrar cem cruzeiros, para pagar a lavadeira, mas já o fato de se dever um milhão de cruzeiros, não representa problema algum...

Benjamin Costallat não me disse, mas eu sei que ele tem, ainda, outro lema. Quem vai ao seu apartamento ou compra um quadro, ou vende um quadro, ou discute todos os seus quadros.

★

Muita gente há de querer saber porque Benjamin Costallat abomina hoje, a literatura e anda tão sumido, depois de uma fase de certo cabotinismo, que ele próprio é o primeiro a proclamar. Mas a verdade é que ele tem os seus motivos.

— Passei a abominar as letras e considerei encerrada a minha carreira de escritor no dia em que começaram a ser feitas as fogueiras de livros na Alemanha... Com a ascensão de Hitler ao poder, vi que tudo estava perdido para os homens de letras. O primado do espírito desapareceu. Não se tem mais respeito algum pelos homens que escrevem...

Para, tira uma bruta fumaça do cachimbo doméstico que passou a substituir o charutão de outrora, e depois observa:

— Quer uma prova? No governo do marechal Hermes, que era um militar e tinha o Exército em peso ao seu lado, quando um escritor incomodava o governo com os seus escritos, era mandado para o estrangeiro, como embaixador, como secretário de legação, como consul. Hoje, que é que acontece? Prendem, mandam dar pancada, desterram para a Ilha Grande... Não há mais respeito pelos homens que escrevem...

Falo-lhe na eleição a que concorreu, na Academia Brasileira de Letras. Não teria isso influido no seu desencanto?





Num apartamento do Flamengo, com uma vista admirável, Benjamin Costallat vive com seus bichos de estimação, — um cachorro, um gato Angorá e uma tartaruga discretíssima, — e os seus quadros que declara valerem mais de dois milhões de cruzeiros...

O homem que não quer mais saber de literatura, — Benjamin Costallat, — e que se considera acadêmico, embora sem ter tomado posse na Academia de Letras, — aqui aparece ao lado de uma paisagem do mestre português Carlos Reis...

— Qual! Eu não dou a menor importância aquilo... Rompi com a Academia de Letras de uma vez por todas. Fui o mais votado dos que concorreram comigo. Mais do que o Roquette, que em seguida entrou. E o Pereira da Silva, que só muitos anos depois foi eleito, teve um único voto, enquanto que eu tive treze... Por tudo isso e por mais uma razão eu me considero como tendo sido eleito, embora nunca tenha tomado posse...

— Qual é a outra razão?

— E' que eu tive oficialmente treze votos, mas vinte e cinco acadêmicos juraram que votaram em mim... Como eu não acredito que eles tenham dito uma falsidade e prefiro achar que a versão oficial foi que mentiu, não posso deixar de concluir que fui eleito... Quanto a vestir o fardão, é coisa que não me interessa. Aquilo só para quando somos ainda muito jovem e temos, ainda, a mania de conquistar pequenas à custa daqueles bordados, ou, então, quando estamos muito velhos, como o Ramiz Galvão...

E depois de outra cachimbada:

— Fardão é muito bom para vestir defunto... Enfeita muito o caixão...

★

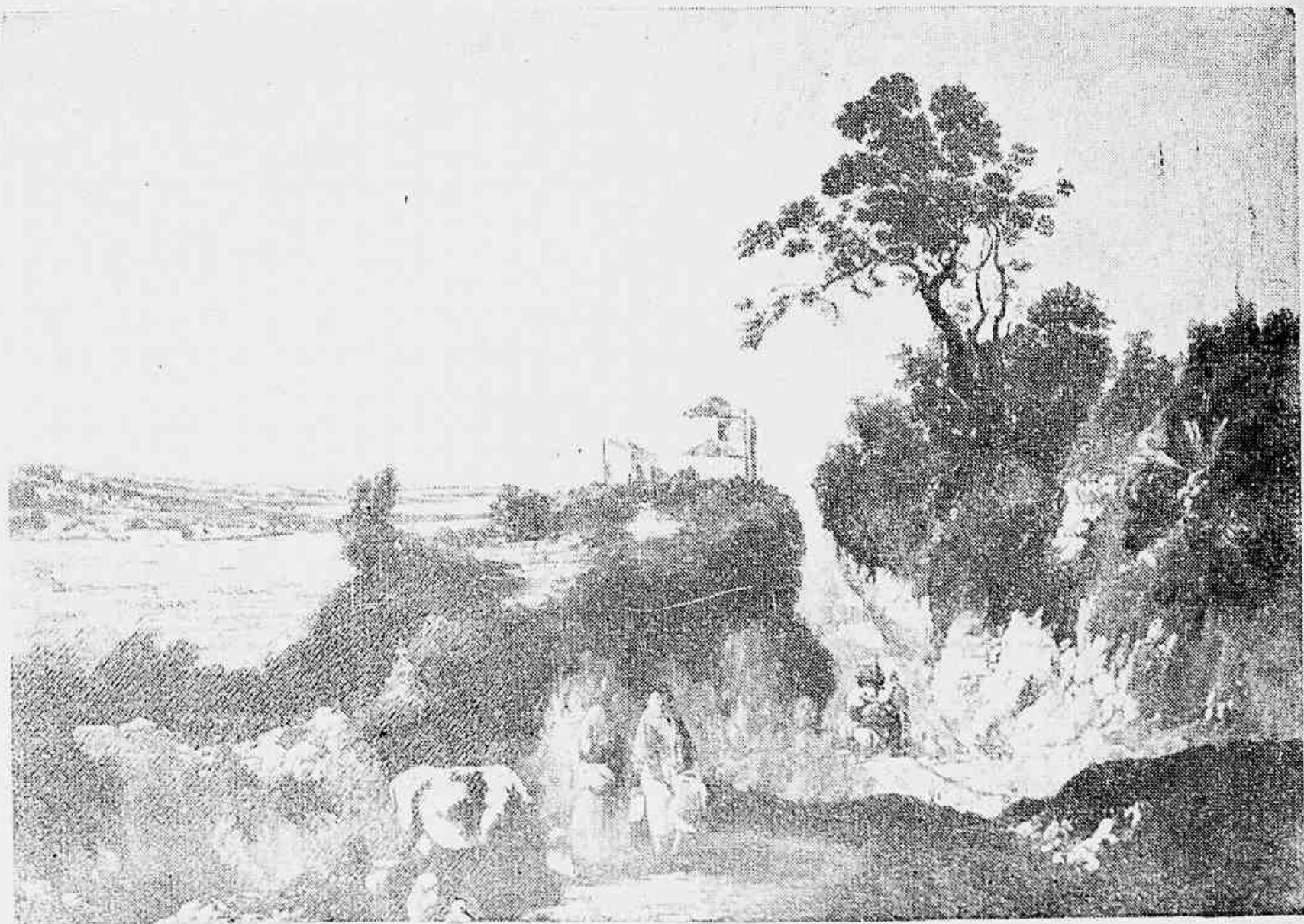
Diante dos albums de recortes de Benjamin Costallat, cuidadosamente arranjados por mãos femininas, com artigos, contos, críticas, notícias, tudo quando diz respeito à vida do autor de "Melle. Cinema", ficamos em dúvida sobre a sinceridade das suas declarações. Temos a impressão de que o homem está escrevendo escondido, depois da meia noite, com um par de barbas postiças...

Abrindo um album, ao acaso, encontramos uma notícia, sobre a única peça de teatro de Benjamin Costallat. Título: "A Loucura Sentimental" (o mesmo de um dos seus ro-

mances). Criadores: Jaime Costa, Italia Fausta, Olga Navarro, Barbosa Junior.

— Isso que está aí é uma grande mentira..
(Continúa na pág. 102)

Este quadro do mestre italiano Piretro, influenciado pela escola flamenga, — diz Benjamin Costallat que não só é autêntico como que pertenceu ao Paço Imperial. Enfeitava uma das salas do nosso bom imperador e péssimo poeta que foi D. Pedro II...



P A P E I

De todos os tipos

Fornecedores da

REVISTA DA SEMANA



Representantes:

COMPANHIA

IMPORTADORA

SUECA Ltda.

Av. Rio Branco, 52 - Tel. 25-0632

RIO DE JANEIRO

FARINHA NUTRITIVA WITTRÖCK

A melhor para engordar e fortalecer as crianças. É o alimento ideal para os convalescentes de todas as idades.

O Exmo. Snr. Ministro da Marinha, visto o resultado ótimo da Farinha Nutritiva Wittrock, resolveu que seja incluída nas dietas para as enfermarias dos hospitais, estabelecimentos e navios da Marinha de Guerra. Aviso n.º 565 publicado no Diário Oficial de 13-4-1946

Pedidos a ARAUJO FREITAS & CIA. — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41 A — RIO DE JANEIRO
A VENDA NAS DROGARIAS

Chapéus

JULIMA

a marca que substitue a
propaganda pela qualidade

CIA. T. JANÉR,

COMERCIO E INDUSTRIA

PAPEL EM GERAL

CELULOSE

Exportação
de produtos
nacionais



RIO DE JANEIRO
BELO HORIZONTE

== SÃO PAULO
== RECIFE

Agentes nos Estados

AMOR, POLÍTICA

Quanta diferença existe entre ler coisas impressas e ler páginas manuscritas! Na folha do livro é como se tomássemos conhecimento de idéias alheias por "ouvir dizer". No manuscrito é o contacto directo que estabelecemos, com a alma de outra criatura.

Dominava-me, pois, uma emoção muito grande, quando no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro me vieram às mãos diversos invólucros de papel pardo contendo "Notas Biográficas sobre Amor e Religião", páginas saídas do próprio punho de José Bonifácio de Andrada e Silva.

Sempre considerei o Patriarca de nossa Independência como um ser à parte, entre todas as criaturas de que nos fala a tradição. Entusiasmada, nos tempos da escola primária, com as dissertações da professora sobre o caráter e os feitos políticos daquele velhinho de cabelos compridos, cuja fisionomia se estampava docemente no texto de uma pequena História do Brasil, lembro-me de que muitas vezes lhe beijei o retrato com a mesma unção de quem estivesse reverenciando a imagem de um santo.

Com o correr do tempo, vim a compreender que ele, para conseguir tudo o que conseguiu na vida e triunfar de tantos inimigos, devia ter sido um homem de tempera indomável, e em cujo coração nem sempre havia de ter imperado a doçura.

Entretanto, foi trazendo ainda no subconsciente uma grande dose das impressões da meninice, que ontem comecei a ler as velhas páginas manuscritas que dormem nos arquivos o longo sono do esquecimento.

E minha surpresa subia de ponto à medida que os olhos iam desvendando facetas diversas da personalidade de José Bonifácio, ainda desconhecidas para mim.

O que mais assombra nesses papéis não é a ironia mordaz que se desprende deles. É a atualidade dos conceitos. Que compreensão aguda o autor possuía a respeito de nossas tendências políticas! Parece inacreditável que certas coisas tenham sido escritas há mais de um século. Isto prova que os tempos mudam, mas os homens, não.

Os manuscritos estão bem conservados, porém devido ao hábito que ele tinha, de escrever dos dois lados do papel, às vezes tornam-se ilegíveis, devido aos borrões. O Patriarca, segundo tudo indica, não os destinava à posteridade. Muitos deles não passam mesmo de notas apressadas, idéias fugidias, agarradas no alto da memória e aprisionadas ali para um maior desenvolvimento depois.



JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA
Patriarca da Independência do Brasil
Rio de Janeiro, 1822 e 1823

E RELIGIÃO

IGNEZ MARIZ

Gostei muito desses preceitos para um Estado se conservar e florescer:

"1.º — Observância das leis, à risca e à letra; 2.º — Antes diminuir-las, que aumentá-las; 3.º — Igualdade de Justiça e superioridade do merecimento; 4.º — Bom sistema de imposição, arrecadação e despesas, o que faz pagarem os vassallos com presteza e boa vontade, e chegar o pouco para o muito; 5.º — Ser infame o soldado fraco, o Ministro ladrão, e não escapar à lei o que furta ao Estado, por comissão ou omissão; 6.º — Não dar comendas, hábitos, capelas e ofícios senão aos beneméritos, e não dá-las por vidas; 7.º Prover os cargos seguidamente e não por saltos; 8.º — Dar o governo mostras continuadas que sabe castigar o Duque, o Desembargador, o General, como o sapateiro, logo que o mereçam; 9.º — Que as graças, assim como os castigos, sejam conferidos por Tribunais bem regulados e contidos, e não por indivíduos quais os favoritos. Ministros, Damas etc; 10.º — Liberdade de imprensa, só sujeita à lei *ex post facto* e não *ante factum*; 11.º — Liberdade pessoal sagrada; 12.º — Direito de propriedade sagrado; 12.º — Procurar estar em paz com todos e pronto a fazer guerra a qualquer; 13.º — Não fiar negócios de potros, de que se não sabem as manhas, nem de velhos, que já estão caducos; 14.º — Folgar de saber tudo, mas não intentar tudo".

Os preceitos são quinze, porém ele colocou o n.º 12 duas vezes e eu, simples copista, respeitei-lhe a distração. Tomei apenas a liberdade de usar a ortografia moderna, porque encontro dificuldade em me reger pela antiga, quando escrevo à máquina. E arrumei tudo seguidamente, para poupar espaço.

Em nenhum dos papéis que examinei consegui encontrar uma data ou ao menos a indicação do lugar onde foram escritos. Nas ligeiras notas sobre política, entretanto, compreende-se que José Bonifácio já não devia ser muito moço quando as escreveu, pois a amargura transborda sempre de suas frases, como no trecho seguinte:

"Conheço desgraçadamente que na fétida e amortilhada Côte do Rio é mais fácil fazer-se mostrar ao dedo por tontices parlamentares que por serviços reais e virtudes de civismo."

Noutro pedacinho de papel encontra-se uma observação onde a ironia é mais cortante que a ponta de uma faca. Não sei se aqui ele falava de modo geral ou apenas se referia a algum conhecido seu. Vejamos:

"O Ministro deve ter tintas e pinceis particulares, para pintar aos povos o negro que pareça branco e o branco que pareça negro; óculos para fazer ver males onde não há e bens que ninguém lobriga; e lunetas de aumentar o pouco e diminuir o muito; pastilhas de boca para ficar com bom bafo, quando os segredos lhe apodrecem no estômago."

E mais adiante, entre vários assuntos:

"Como me riria se, com o anel de Gyges, pudesse assistir a um Conselho de Estado no Rio de Janeiro!"

Confesso humildemente que não sabia quem era esse Gyges. Fui perguntar ao inseparável amigo, o Dicionário Séguier, que me respondeu com a presteza de sempre: "era um pastor da Lydia, que, segundo a lenda clássica, possuía um anel de ouro mágico, com o qual se podia tornar invisível."

Conforme acabamos de verificar, Gyges nada mais era senão uma antiga modalidade do moderníssimo "O Sombra."

Portanto, José Bonifácio deve ter escrito esse trecho no exílio, quando não lhe era permitido aparecer no Rio de maneira normal.

Continuo a separar umas das outras, pacientemente, as velhas folhas escritas em papel de carta ou papel comum, sem pauta. Apesar disso, o Patriarca escrevia em linha reta e com a caligrafia toda igual, da primeira à última página, sem nunca demonstrar cansaço ou impaciência. Notável, isso. Ele devia possuir nervos muito equilibrados, pois não tremelicava a letra nem mesmo quando dizia uns desaforozinhos cabeludos como este:

"Embora gôzos esfaimados ladrem contra mim, um só escrito meu, se puder e quiser, lhes meteria o rabo entre as pernas. *"Cotemni et contemnere — dixi, eis a minha epigrafe."*

Sobre religião encontrei frases bastante irreverentes e misturadas com um assunto profano a valer:

"Os hindús creem que tem havido 9 encarnações, e os cristãos apenas uma. Uma mulher no Oriente é velha aos 20 anos! Como passarão os homens a vida com uma só? Os melhores cristãos tremem no momento de morrer; os filósofos deixam a vida tranquilamente. O não crer não é ato voluntário. O Furgatório é um melhoramento da Metempsicose. E' assaz singular que a primeira forma de culto religioso (o sacrificio de Abel) fosse causa do primeiro homicídio."

E agora, pra variar, vou transcrever uma tiradazinha humorística, escrita em tom de brincadeira, e que, portanto, não irá ofender a ninguém:



LYTOPHAN

SOCIEDADE ANÔNIMA MARVIN

Fundição e Laminação de metais e depósito de ferro, aço e metais — Fabrica de pregos, parafusos, porcas, dobradiças, fios, cabos de aço e de cobre, tachas, rebites e arestas de ferro, cobre e latão — Canos de chumbo e chumbo em lençol, fita e fios.

COBRE E LATÃO EM LINGOTES, VERGALHÕES, ARAMES, CHAPAS E TIRAS

FONE - 30-3800

Endereço telegráfico - MARVIN - Rio
Avenida dos Democráticos, 207

RIO DE JANEIRO

GENERAL PRINTING INK CORPORATION DE NEW YORK

TINTAS PARA IMPRESSÃO
TIPO LITHO OFFSET

Nello Garavini

Distribuidor

Rua do Senado n.º 10 - Tel. 22-4869 - Rio de Janeiro

NOSSOS RIVAIS — OS CÃES

O primeiro cachorro cinematográfico de renome internacional foi Rin-Tin-Tin. Houve também o cão de rua, vagabundo e companheiro inseparável de Carlito. Depois, as primeiras e muito divertidas comédias da "Our Gang", da Metro, mostravam sempre um cãozinho gorducho, com um círculo preto em volta ao olho direito. Houve o cãozinho de estimação de William Powell e Myrna Loy — e cães que inteligentes, só faltando falar, mas dizendo tudo com os olhos, tem desfilado, ano após ano, nos filmes de Hollywood. Eis porque Orson Welles, ao saber do pedido de divórcio de Rita Hayworth, disse a um amigo:

— Ela sempre se preocupou muito mais com o seu cão de estimação que comigo!

Aqui estão, nestas páginas, algumas bonitas artistas de Hollywood, em flagrantes obtidos por ocasião de uma exposição canina realizada nos estúdios da Universal.

O AMIGO NUMERO UM DE PEGGY RYAN — Apesar dessa póse aparentemente bélica, podemos garantir que o "bull dog" da gravura constitue a maior amizade de Peggy Ryan. (Depois de papai mamãe e do namorado, bem entendido...) Numa exposição canina de Los Angeles, "Brooke Bensberg II" alcançou classificação destacada e foi vendido por cinco mil dolares á "estrela".

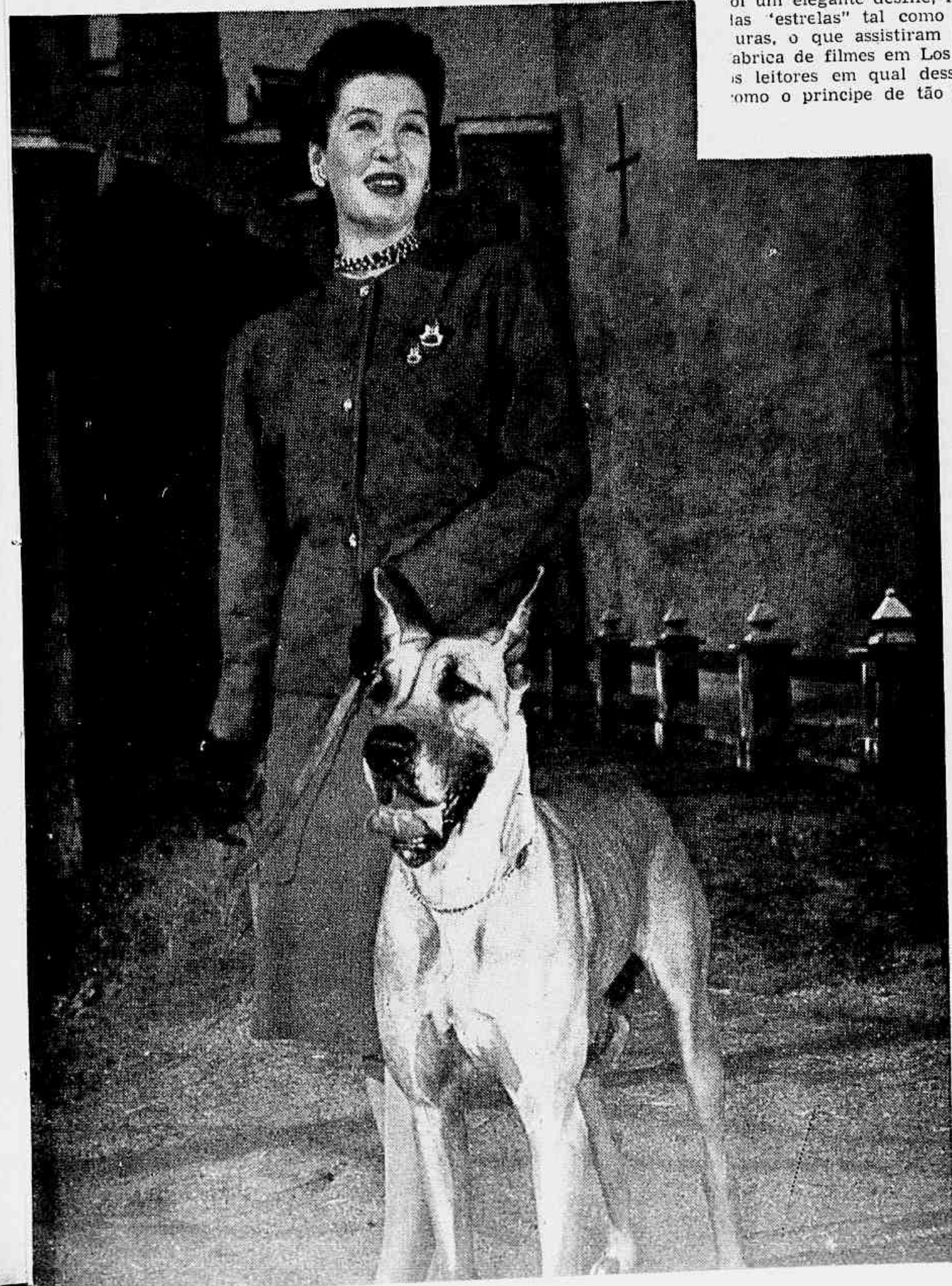
BRENDA JOYCE E SEU CAO ARISTOCRATA — Duvidamos muito que ela tenha conseguido pescar alguma coisa com essa atitude de estúdio e esse cãozinho gran-fino. Mas a póse é tentadora. Na realidade, o animal é campeão de varias exposições e atende pelo nome de "Rocky Point Rob Roy".

O "CHIHUAHUA" DE LOIS COLLIER — Desde os dias famosos de Rin-Tin-Tin, os cachorros ficaram sendo imprescindíveis nos filmes. E as "estrelas" bonitas, tipo Lois Collier, não dispensam os seus bons amigos caninos. "Lu" e "Cry" ai estão, posando gentilmente nos estúdios da Universal.





Ao alto, á esquerda: Ann Blyth com "Swellk Guy". A' direita, Yvonne De Carlo, com dois tipos de beleza classica entre os irracionais. Em baixo, á esquerda: Jacqueline De Wit e o seu cão de guarda. A' direita, Pat Alphin e "Dutch". Em principios de março, os estudios da Universal improvisaram uma exposição de cães e foi um elegante desfile, realçado pelas fantasias das "estrelas" tal como nos mostram as gravuras, o que assistiram os visitantes da velha fabrica de filmes em Los Angeles. Digam agora os leitores em qual desses cachorros votariam como o principe de tão sensacional exposição!



EU FUI A NATAL

(Primeiro capítulo do livro de Violet Kinnei, em preparo, cedido gentilmente para a REVISTA DA SEMANA).

O.K! Não há meios de ir a Miami... E tenho que embarcar de Miami no avião que parte para o Brasil no dia 16. Hoje são 6. Trens, ônibus e aviões? Oh, sim; mas estamos em 1945, e uma nova palavra foi introduzida no dicionário: Prioridade.

Aim não há meio de conseguir passagem nessa duas semanas. Que fazer? Chamando em meu auxílio os meus dois melhores amigos, minha mãe e meu pai, arrumamos o nosso velho Ford e deixamos a Califórnia rumo a Miami.

Claro que isso nos consumiu quase oito dias, e eu poderia contar-lhes as minhas aventuras nesse meio-tempo, mas seria uma outra história e com outro nome. Direi, porém, que Henry Ford pagar-me-á uma comissão pelos elogios feitos ao meu Baby (Ford, modelo de 1937 para vocês...).

Não esquecerei nunca o meu primeiro voo. Sim, eu estava com medo, tanto e tan to que devorei pelo menos três das minhas melhores unhas. E não estva com fome, não!

O avião era um C-47, com as melhores "poltronas" portáteis que a ciência da guerra inventou. Si o leitor nunca foi soldado, estará talvez fazendo uma idéia muito diferente do que seja uma dessas "poltronas". Pois bem, eu lhe conto, são feitas de ferro e lona. Estavam uma em frente das outras. Não havia muitas pessoas viajando e assim pude conseguir três só para mim. Ora, eu não sou nenhum urso polar, mas possuía três cobertores e três sobretudos para me agasalhar. Quando se viaja a oito mil pés de altitude, a temperatura é glacial.

(Perdõem-me encurtado sacudo a néve.)

Creio que não fui muito boa companheira de viagem, pois dormi a maior parte no nosso primeiro "pulo". Meus oito companheiros, todos soldados, não se mostravam muito para amizades, porque eu fiz o grande erro de não comer "cachorro quente"... bombons, sorvetes e chocolates antes do voo. Por isso não estava "doente"... Sim, eram tão simpáticos com os seus recipientes de emergência! Mas... oh, os canticos que deixavam escapar de seus lábios! (Eu disse "canticos").

Parámos de cinco em cinco horas para comer e esticar as pernas. Depois da primeira etapa, eu me considerei "um "veterano". Talvez fôsse excesso de receio o que eu considerei bravura, mas parei de tremer. As últimas cinco horas foram as mais agradáveis. Um dos pilotos veio até mim e me convidou para acompanhá-la á cabine do piloto, afirmando que eu precisava de oxigênio. Com um inocente sentimento de que realmente precisava de ar puro, seguí o meu amável anfitrião aéreo e comecei... a tomar "ar"... Em menos de uma hora, compreendí que recebia duas espécies de ar: frio e quente. Não eram dois pilotos, mas talvez dois "lôbos", o que eu tinha

ao lado. Acreditem ou não, esse foi um "raid" que me vi forçada a continuar... Que remédio, naquela altura!

Mas quando chegamos a Natal, disseram-lhe que numa altitude de oito mil pés, ninguém precisa de oxigênio. Por que insistiram tanto em me oferecer ar puro?

Hum...

NATAL

Nove horas. Faz tanta escuridão que não vejo dois palmos adiante do nariz. Ótimo tempo para não enxergar coisa alguma. Pois bem, amanhã será outro dia, e eu creio que há sol nos trópicos, ainda quando a nossa propaganda da Califórnia, difundindo de tal maneira as suas belezas, faça crêr que o sol só exista para nós, os californianos.

Pessoas amigas fôram ao meu encontro e seguimos para o alojamento dos oficiais, onde me esperava uns deliciosos "ovos mexidos". E fui então apresentada ao meu respeitável Chevrolét, modelo 1932, conversível... E isso é bastante para ajudar a imaginação dos meus leitores. Seguiu para a minha residência, uma "casita" pintada de branco, vermelho e azul, em honra da visitante americana. Quatro quartos e dois cachorros, e um pequeno aposento no quintal para o meu criado.

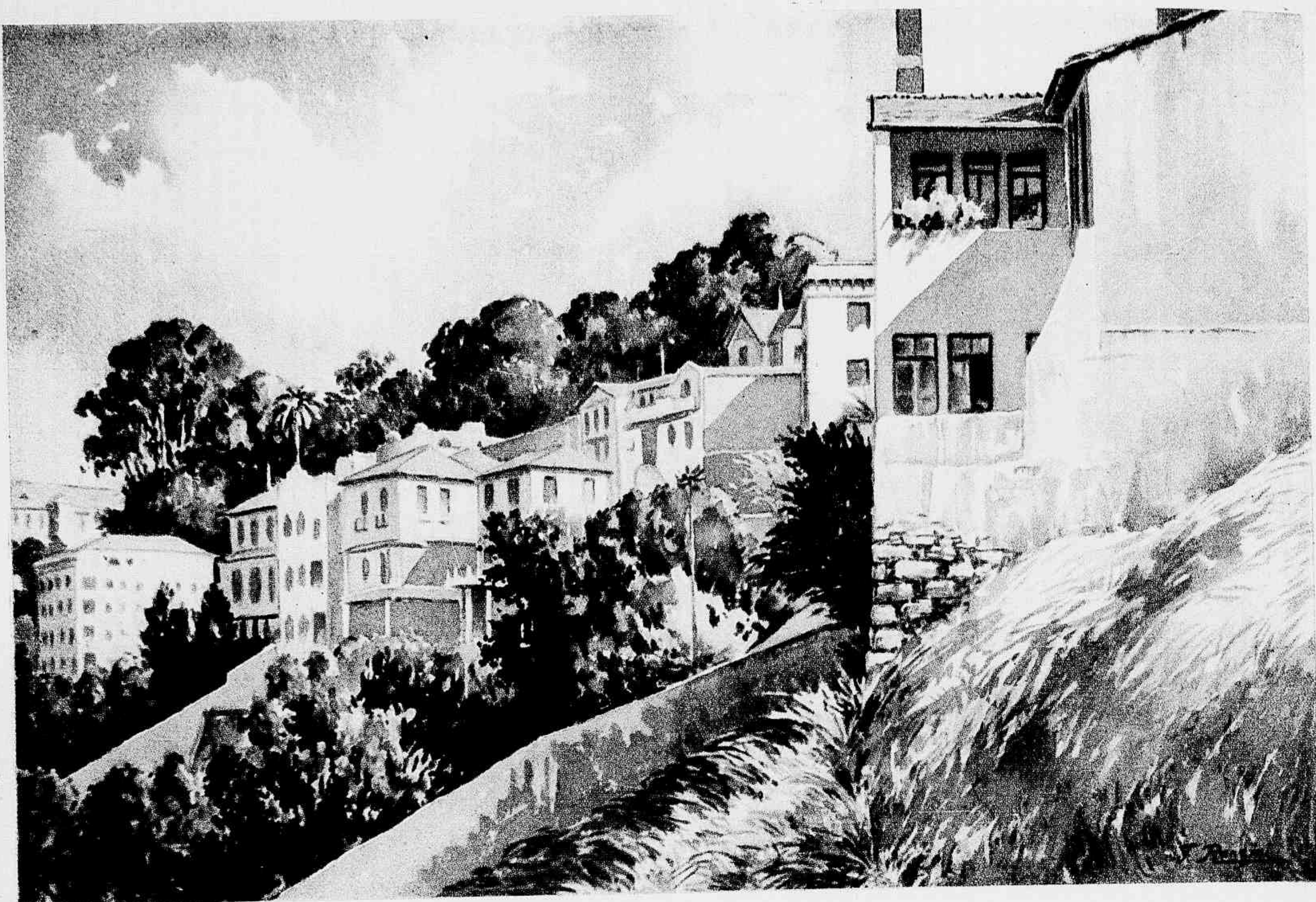
Mas quantas aventuras conheci na minha primeira noite dormindo em uma cama típica de Natal! (Desculpem. Sem ofensa para os meus bons amigos brasileiros, substitui-a no dia seguinte por uma do posto americano). Mesmo a barraca possuía algo de estranho, com uma rede-tenda em volta, dando-me a sensação de entrar em um rancho e vontade de cantar o "Desert Song".

(Continua na pág. 108).



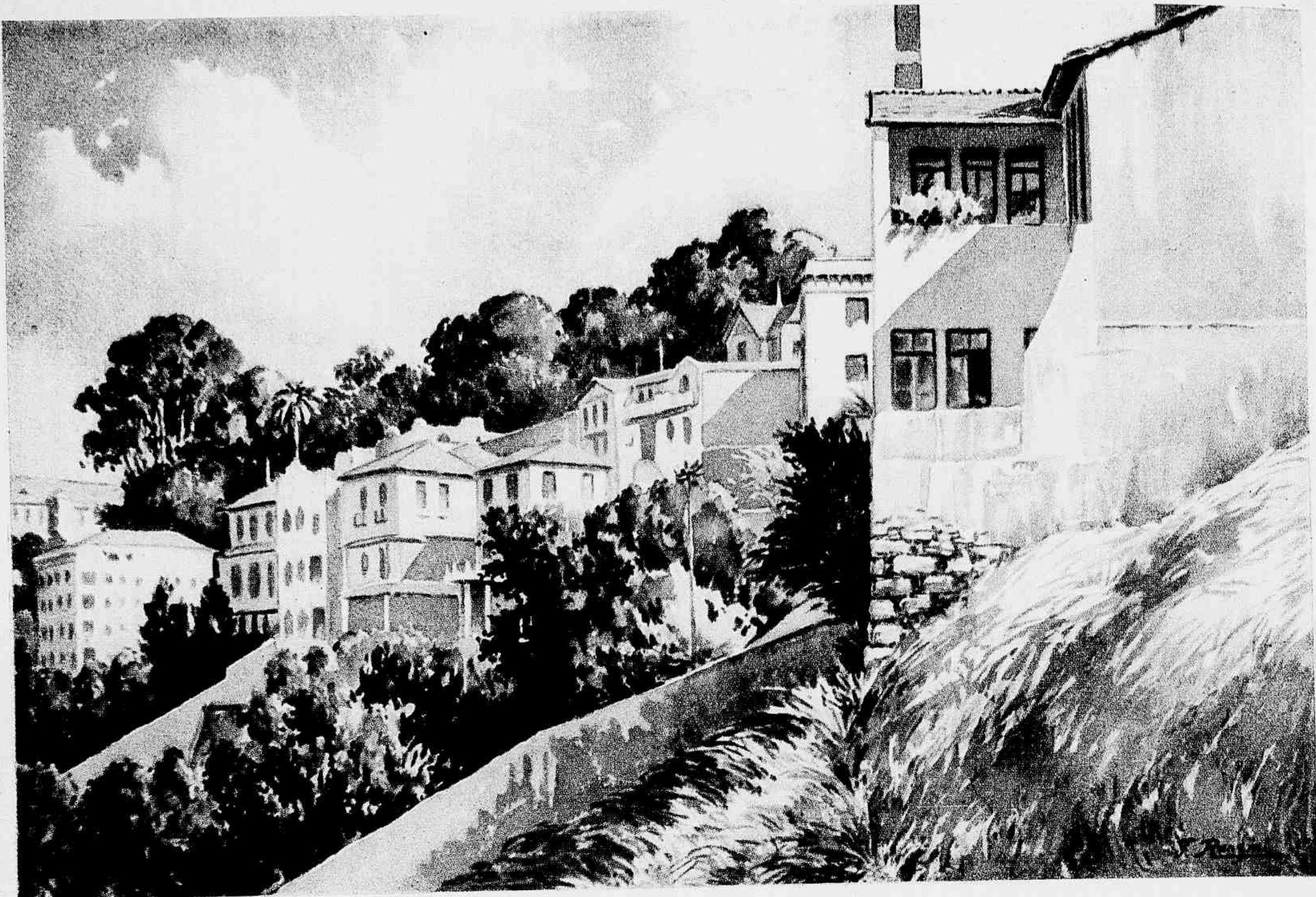


INGRID BERGMAN está levando a melhor sobre as mais famosas "estrêlas" cinematográficas de todos os tempos. Quando apareceu, fazendo aquela criaturinha calma, de romantismo enclausurado no coração, por quem o finado Leslie Howard se perdia de amores, outras andavam em maior evidência. Depois voltou, repetindo o mesmo estilo da personagem, vivendo seus dramas interiores, ainda quando o coração pulrava forte por um homem. Apaixonou-se por Gary Cooper e o acompanhou, de cabelos rentes e olhos devoradores, na guerra civil espanhola. Por ela também dobraram então as campanhas. Este ano, Ingrid Bergman está mais famosa e mais artista. Que também se tornou contemporânea na intimidade de "Os sinos de Santa Maria", e em "A Mulher Bárbara"! Neste último, a atriz há tentado, de sentimentos velados, o papel da mulher rebelde e teimosa, capaz de todas as ousadias para alcançar o seu fim, mas, entregando-se, passiva, a uma paixão que a subjugou com perseverança.



"Derivam os linguistas "carioca" de "cario" ou "cariyo" procedente do europeu... ou, mais simplesmente o "carioca", casa de branco, casa forte, da qual toma enseada da Carioca que está na lagoa (Lago) para dentro onde desembarcam junto de uma aguada, está na casa forte". Esta "carioca", casa forte ou fortaleza, com o rio do mesmo nome, seria ao pé do morro da Glória também ali chamado do Cateio, ainda na segunda metade pequena doca do Mercado da Glória, que neste sítio era forte, ou casa forte, fôra substituído por um fortim bruto que vem até o meado do século XIX, segundo mostram dele nas casas do fundo dos atuais jardins da Glória prelúdio de "RIO DE JANEIRO (Tetas e





"Derivam os linguistas "carioca" de "cario" ou "cari-yo", "cari-hoc" procedente do europeu... ou, mais simplesmente o que não que "cari-oca", casa de branco, casa forte, da qual informava, posterior enseada da Carioca que está na lagoa (Lage) para dentro, um tiro de onde desembarcam junto de uma aguada, está na casa grande o fortaleza". Esta "carioca", casa forte ou fortaleza com aguada, fort ter o rio do mesmo nome, seria ao pé do morro da Glória, onde de também al chamado do Catete, ainda na segunda metade do século pequena doca do Mercado da Glória, que neste sítio existiu, até o forte, ou casa forte, fora substituído por um fortim fortaleza chamada que vem até o meado do século XIX, segundo algumas gravuras do dele nas casas do fundo dos atuais jardins da Glória". — (Palav prelúdio de "RIO DE JANEIRO (Terra e águas de G



oca" de "cario" ou "cari-yo", "cari-hoc", descendente do branco, ou, mais simplesmente, o que não quer dizer mais exatamente, a casa forte, da qual derivava, posteriormente, Mem de Sá: "Na lagoa (Lage) por dentro, um tiro de berço (peça de fogo curta) uma aguada, está na casa grande com artilharia e dizem ser a forte ou fortaleza com aguada, fonte da Carioca, onde vinha a água ao pé do morro da Glória, onde desaguava o rio da Carioca, e, ainda na segunda metade do século XIX, foi afilhada para a Glória, que neste sítio existiu, até o começo do século XX. O sítio foi por um fortim fortaleza chamada da Carioca ou da Glória, século XIX, segundo mostram gravuras do tempo. Ainda há vestígios dos atuais jardins da Glória". — (Palavras de Afrânio Peixoto no RIO DE JANEIRO (Terra e águas de Guanabara)).



São de Felisberto Ranzini as ilustrações desta página, extraídas, "data venia", da obra de Afrânio Peixoto "Rio de Janeiro (Terra e Águas de Guanabara)", recém-editada. Trata-se realmente de um importante empreendimento de caráter documentário e histórico, que se ficará devendo à pena de Afrânio e ao pincel de Ranzini, sobre a capital da República. À esquerda, ao alto, "Santa Teresa", e em baixo, "Igreja da Glória vista da Praia do Russell". Em cima, "Convento do Carmo — Largo da Lapa". Mas ao todo, são oitenta as paisagens brasileiras incluídas nesse volume, sendo algumas também de Petrópolis.

Nessas paragens, o mundo é diferente, porque não conhece a vertiginosidade nem as tormentas dos grandes ventos. Dir-se-lia que fosse um mundo à parte, até onde não chegam os rumores dos extremados conflitos em que se debatem os homens. Era assim ante da guerra; assim continuou depois dela. Disseram que viria um mundo melhor, mas às margens do Rio Surui, o mundo é o mesmo e por isso seus habitantes não vivem de falsas esperanças, senão das realidades moderadas dos dias de outrora. Velas enroladas, barcos encostados e em repouso, as casas de construção despretenciosa vivendo uma tarde a mais de quietude — e as águas mansas, também adormecidas. Mais natureza do que seres humanos. Por esse motivo, talvez, mais paz. Os elementos são ordeiros, felizes... Os homens, insaciáveis, ambiciosos... (Foto A. Vieira)



A O acordar ele notou que estava num lugar desconhecido. Em torno havia cortinas, longas e brancas.

Paredes brancas.
— Parece um hospital, murmurou:

— Acordou, ouviu dizer, perto.

E logo sentiu u'a mão macia que lhe acariciava a testa.

— Não está com febre.

— Deve estar muito fraco. Traga a injeção.

— Sim, senhor, dr.

Lentamente ele foi voltando os olhos e deparou com uma fisionomia bondosa: cabelos brancos, muitas rugas e um sorriso de amigo:

— Então. Está melhor?

— Meio tonto...

— E' natural. E' fraqueza. Espere que já vai melhorar. Vou dar uma injeção.

Ele descansou novamente no travesseiro, exausto pelo esforço da conversa. Parecia acabado, como que sem uma centelha de vida.

Sentiu a picada da agulha no braço. Mais tarde entiu que o levantavam.

— Tome este caldo. E' bom.

Engoliu o caldo quente sem discutir. Depois, sentindo-se um pouco melhor tornou adormecer.

★

Os primeiros passos custaram bastante. O lento processo de readaptação à vida, que se tornou estranhamente hostil, como que resistindo os seus débeis esforços para levantar-se, foi longo e doloroso. Mas, pouco a pouco, ele sentiu que brotava novamente a força animadora e começou a reagir salutarmente. Os passos firmaram-se. Já não cambaleava mais ao levantar-se da cama.

Uma manhã o médico mandou chamá-lo ao seu gabinete.

— Seu caso é todo especial, John.

— Não compreendo, doutor.

— Você foi encontrado num campo de batalha, sem qualquer identificação, e ninguém o conhece. Chamámo-lo de John assim como poderíamos chamá-lo de Peter ou Joe. Ninguém sabe o seu nome. Até agora não ousamos tocar neste assunto com você, temendo que viesse a piorar em consequência dessa notícia. Agora, porém...

— O senhor parece que está meio atemorizado ainda...

— Nada disso. Simplesmente eu queria que você, se pudesse, tentasse recordar o passado. Lembra-se...

Ele ia responder que não estava sofrendo de amnésia, que sabia muito bem quem era, de onde vinha. O seu nome, o que fizera; seu passado, em suma, es-

tava tudo presente no seu cérebro. Entretanto. Alguma coisa, uma inspiração súbita que ele mesmo não saberia analisar devidamente fê-lo calar. Simulou uma expressão de perplexidade:

— Eu...

O médico apressou-se em atalhar:

— Não quero que você se esforce nem se torture.

Às vezes acontece isso mesmo. O choque faz com que a pessoa se esqueça. Mas não é preciso temer a amnésia. A memória volta, aos poucos...

— Mas eu... eu não me lembro de nada.

Vendo-o naquela atitude de desorientação o médico procurou palavras afim de assegurar-lhe que o estado era passageiro e despediu-se apressadamente.

★

Mark — era esse seu verdadeiro nome, — analisava minuciosamente seus próprios sentimentos. Sentia que era preciso seus pensamentos em ordem lógica afim de não abandonar-se completamente aos impulsos que o dominavam. De onde partira aquela vontade de fugir ao seu destino? Como se eliminara a noção de responsabilidade e restava aquele movimento de indecisão e temor diante da vida?

Tudo o que ele ambicionava era paz e sossego. Queria descansar. Não pensava em voltar para casa, e, estranhamente, se bem que amasse esposa ainda, não tinha ímpeto de correr para ela, de tentar revê-la.

Por que se daria aquele fenómeno?

Uma enfermeira ia passando e viu-o de pé, a um canto, disse:

— Está sentindo alguma coisa?

Ele negou e agradeceu.

No dia seguinte, procurou o médico.

— Dr., eu queria pedir ao senhor um grande favor. Queria partir daqui.

— Mas, meu amigo...

— Um momenta dr. Eu sei o que me está prendendo aqui e declaro ao senhor que a melhor maneira de curar essa doença é ir, logo, ao encontro do destino. O senhor não calcula o sentimento de medo e de indecisão que eu experimento. Por isso, quero receber em cheio o choque do contacto humano, novamente. Tenho certeza de que chegarei por esse meio, a recuperar a minha personidade.

Em parte ele estava sendo sincero, pois era aquilo, justamente, que ele desejava. Para usar de uma expressão um pouco estranha, mas precisa: dar

com a cara na vida. Em suma, essa era a sua ambição.

Entrar novamente em contacto com a vida para ver até onde perdera o hábito do convívio. Sentia-se naquele momento como que desorientado. Tudo o que queria era encontrar um abrigo, mas a simples idéia de voltar para junto dos seus, renovar velhas questões, conviver, ter que fazer um esforço para tornar-se um ser social, atemorizava-o. Sua única exclamação realmente sincera era:

— Quero sossego! Sossego completo.

E se de fato ele sabia como e por onde voltar, seu desejo era ficar como estava. Donde a sua decisão: enfrentar a vida.

— Mas você não pode sair daqui sem saber para onde ir...

— Não me force a ficar, dr. Eu preciso ir, preciso arranjar minha vida.

— Mas, para onde você irá? Se é certa essa sensação, aliás muito natural, que você descreve, por que sair assim, e como guiar-se na vida?

— Dr. o snr. pode, em sua consciência me dar alta. Portanto, nada mais resta a fazer. O senhor deverá conceder-me a alta. E' só o que lhe peço.

★

A posição de um homem só diante do mundo, pensava ele. O médico lhe dera dinheiro e pedira que voltasse, caso a memória continuasse a faltar-lhe. Ali encontraria abrigo. Ele apertou-lhe a mão e agradeceu:

— Muito obrigado dr. Não deixarei de comunicar-me com

o senhor, mais cedo ou mais tarde.

Desceu a rua, lentamente, altamente, consiente de sua completa autonomia. Cortara os laços que o ligavam ao passado de doente e ainda não reatara aqueles que o prendiam a um passado ainda mais remoto: de marido, de homem que tivera sua roda de amigos, sua existência girando em torno de determinados centros ou focos. Agora ele, que obtivera a completa dispersão procurava o caminho para reintegrar-se.

Descobriu um bar. Há muito tempo que não entrava num bar. Entrou e sentou-se.

Evidentemente os freguezes não apreciavam muito a bebida servida naquele bar, porque ele ouviu logo o homem gordo que estava a seu lado dizer: "Esse vermute está horrível."

Mas para Mark, que viera de fóra, a bebida pela primeira vez, estava ótima.

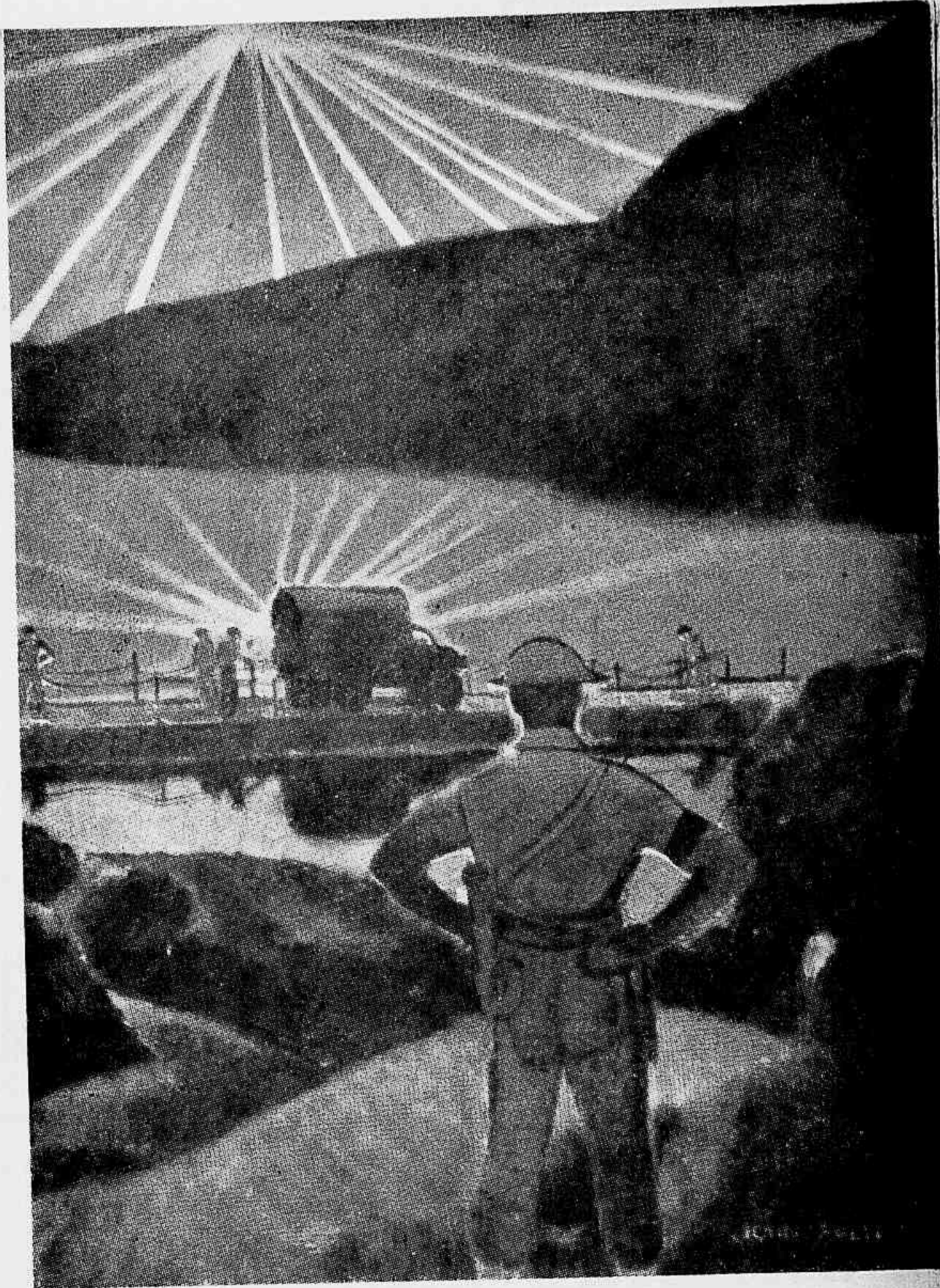
"Meu Deus" murmurou para si mesmo. Passara tanto tempo! Nem tanto, afinal de contas — somente dois anos — vinte e quatro meses, cento e quatro semanas. Quanto seria cinquenta e dois mais cinquenta e dois? Cento e quatro? Não importava. Parecia uma vida inteira. Então, lembrava, soubera o tempo, até o número exato de horas. Não havia nada mais a fazer e o tempo, assim, corria um pouco menos lentamente. Fazia contas. E, depois de tudo, ali estava ele, depois de ter sonhado, lutando — e depois o que?

Voltou-se um pouco afim de

(Continua na pág. 106).

Cara ou corôa

Conto de TOM CATHCART JUNIOR



O grande acontecimento da temporada teatral, em Paris, foi a representação, no teatro do Ateneu, da "Folle de Chaillot". João Giraudoux foi um autor fértil e feliz. Escrevia suas obras com o melhor do seu bom humor. E contrariamente ao que foi anunciado, "a Folle de Chaillot" não é sua última obra, mas a penúltima. Com efeito, em 1942, quando fez representar em Paris, sob a ocupação alemã, "Sodoma e Gomorra", no Teatro Herbertot, ficou de tal maneira satisfeito com sua principal interprete, Edwige Feuillère, que lhe reservou o papel de vedeta da peça em que trabalhava, quando morreu subitamente em Fevereiro de 1944. Essa peça tinha por título "Lucrecia" e será representada em 1948.

Todavia, Jean Giraudoux não precisa de temporadas teatrais para que sua obra de escritor provoque críticas e discussões. Nesses seis últimos meses, por exemplo, indaga-se se o purgatório da glória lhe seria poupado. Artigos, livros (principalmente os de Madame Claude-Edmond Magny, Jacques Houlet e Gabriel de Genet) armaram o que se pode chamar "o caso Giraudoux".

No seu ensaio sobre "as relações entre o escritor e sua linguagem", Gabriel de Genet observa, com finura, que se percebe algum embaraço nas homenagens a Giraudoux, que se multiplicaram desde a Libertação. Pondera que os panegiristas de Giraudoux se debatem em uma atmosfera penosa e procuram circunstâncias atenuantes para o desculparem de ter preferido a literatura à vida. E o "caso Giraudoux" apresentado assim: "E' precisamente este espírito, o mais clarividente, o mais lúcido, o mais inteligente, que construiu o mundo mais convencional, mais falso, e isto pelo gosto da felicidade, quer dizer, pela negligência e pelo esquecimento dos verdadeiros problemas do tempo". Tal é a tese de algumas críticas da nova geração. A memória de Giraudoux tem sido piedosamente defendida, perquanto não se poderia conceber sua obra como uma máquina de artifícios literários.

E' necessario recordar que Giraudoux jamais deixou de opôr um humanismo aos conformismos fanáticos. Sua cultura enraizava-se num terreno provincial. Um humanismo que não se esgotava em efusões oratórias, que tinha que ser vivido a cada instante e que foi sempre inspirado pelo pensamento de que o Homem deve libertar-se. Em seus livros, Giraudoux denunciou o perigo do "bloco humano", "do amor concebido como uma cadeia de dois cativos". Chegou a atacar "o egoísmo de uma religião humana", de uma fé exclusiva na Humanidade, que nos isolaria da criação universal. Tendo conquistado sua independência, a alma e o espírito de verdadeiro humanista ficarão assim abertos à poesia do panteísmo. Ideal quimérico talvez, mas de uma profunda e irradiante generosidade; e o único erro do escritor foi pensar que a humanidade do Século XX, instruída pelas devastações da guerra mundial de 1914 a 1918, se havia tornado bastante consciente para dispensar apoios rígidos e evangelhos coletivos. A questão era então saber si o pensamento, o humanista, falara cedo de mais ou se enganara para todo o sempre.

Essa dúvida explica que os Jovens de 1914 hajam se perguntado si Giraudoux não era "inatural"? Reagindo contra essa acusação, os comentaristas e os críticos pertencentes à sua geração e à que se seguiu imediatamente, não deixaram de dar todos os elementos necessários para demonstrar aos jovens o sentido da obra e a verdadeira mensagem de um escritor puro, de espírito original e tão francês de talento, de inspiração, de composição, de linguagem.

Jean Giraudoux respirava a inteligência subtil que sua múltipla existencia de diplo-



mata, de ensaísta de dramaturgo não tinha conseguido esgotar nem anular. Havia nele o estudante de Oxford e o antigo aluno da Escola Normal Superior, um abandono pleno de graça, uma atenção em que uma delicadeza apurada se enraizava. Nasceu Giraudoux no coração da França, em Bellac, no departamento de "Haute Vienne", e conservou sempre a terna nostalgia de sua pequena patria, tantas vezes evocada, tantas vezes descrita nas suas obras. Desde antes de 1914, assinala-se pelo livro "Les Provinciales". Não ambicionava então mais que um título — o de "Pesquisador do Eden". Após essas "historietas simples de meninas", ficava ainda num racionalismo literário, publicando seu "Simon le Pathétique", no qual soube orquestrar os arabescos indolentes de uma imaginação sensual e poética. Achava-se nesse estilo uma absoluta sinceridade, pois jamais soube enganar, trapacear, iludir ou fazer deshonestidades literárias. E, sincero, ainda o era, quando afirmava que compondo suas peças de teatro, inquietava-se, antes de tudo, em pro-

porcionar alegria aos espectadores. E não era menos o mesmo "Sourcier de l'Eden", segundo seu voto inicial, mesmo quando, nos seus romances mais famosos, incorporava vastas perspectivas, como a da Alemanha em 1922 e a da política de Aristides Briand. Não foi, por fim, no centro de um conflito entre o Oriente e o Ocidente que colocou Giraudoux sua encantadora "Eglantine"?

Com ele, não havia dificuldades visíveis; uma facilidade toda natural, aerea: um grande assunto se torna, na sua pena, um simples enigma familiar, do qual o autor nos oferece a chave, com um sorriso malicioso e indulgente. Evitou sempre inspirar-se em problemas mundiais. Eram os problemas que pareciam vir ao seu encontro, como o caçador, ou antes o encantador de passaros que atrai em torno de si bandos de passarinhos confiantes.

E esses problemas, grandes e pequenos, históricos ou lendários, ele os adaptou à moda do nosso tempo, à escala das nossas sensações.

(Continua na pág. 102).

ATUALIDADE DE GIRAUDOUX

Por **PIERRE DESCAVES**



A VOLTA A' CAVERNA

"Falando sobre a situação internacional, o Presidente Truman advertiu os seus concidadãos quanto ao perigo de uma nova guerra, que marcará, provavelmente, o fim da civilização".

(Dos jornais)

A Humanidade despendeu alguns milhões de anos, segundo os antropólogos, para chegar ao estágio atual de cultura e bem-estar. A Igreja fixa em seis mil anos o total dos tempos históricos. A linguagem dos Livros Sagrados, talhada nos moldes do Oriente, é, quase sempre, simbólica e colorida. Não haverá discordância em última análise, entre a Ciência e a Fé — porque uma e outra são filhas da mesma Verdade eterna e imutável. Certo é que, depois de tantos séculos de labor e cultura, nos defrontamos com os problemas elementares da pre-História: o frio e a fome. Mais de seis milhões de crianças, na Europa, estão ameaçadas de morrer de inanição. As belas cidades da Itália jazem, na sua maioria, em silêncio e miséria. Na França, as fábricas não funcionam todos os dias, porque os operários nada têm para comer. A orgulhosa Alemanha é, hoje, uma sequência de ruínas, sobre as quais ainda paira a sombra maldita de Adolfo Hitler. Alertados pela miséria, todos os problemas sociais do Mundo se agravam e multiplicam. Este é o panorama do nosso meado de século! esta, a realidade sombria do primeiro ano de paz que se acaba de celebrar, não com festas alvissareiras, mas com preocupações dignas dos dias terríveis da Guerra...

As oficinas bélicas, onde se forjaram as armas das batalhas, continuam aquecidas pelo calor do seu inquieto trabalho... Os guerreiros ainda não desataram o cinto de onde pende a espada flamejante. Vivemos a vigília da paz, entre as solicitações da luta. Uma

energia misteriosa, acordada do seu sono milenar, ameaça fundir, como o metal entre supremas temperaturas, a matéria mesma do Mundo. A Terra sente bafejar-lhe a face o reverbero do incêndio em que se pode consumir. A pomba simbólica da Esperança não pode voejar por entre os destroços dos continentes e as experiências da bomba atômica. Num longínquo atol do Pacífico, uma esquadra coraçada de ferro apresta-se para descer aos abismos do Oceano, desfeita em frangalhos. Os mais ousados e valorosos homens ficarão à distância de dezenas de quilômetros do ponto onde vai desabrochar — como uma rosa de fogo a catástrofe dirigida... As grandes nações olham para o "atol" de Biquini com a desconfiança com que o **boxeur** assiste ao **training** do seu próximo e poderoso adversário. Enquanto a penicilina salva alguns milhares de vidas, o átomo desintegrado se apresta para eliminar milhões delas... A loucura dos homens após, na fachada da Terra, o aviso iniludível: "**liquidação final, para entrega do planeta**"... A corrida para a Morte é uma imposição da existência mesma do instrumento com que se vai acabar a Terra. Temos um **stock** de bombas atômicas e já anunciamos a última forma do engenho mortífero: a **bomba cósmica**. Então, o perigo ultrapassará as fronteiras do nosso Mundo e abalará os alicerces físico do Universo...

Tudo pode resultar em suma, de uma graça superior de Deus. Já atingimos o limite supremo da nossa idade planetária. Envelhecemos muito, desde os tempos em que Adão e Eva passeavam no Paraíso, sem maior encargo que o evitar certos frutos decasiado ácidos, ou supinamente saborosos... Para Heghel e Darwin, o que se passou foi a descida do macaco antropomorfo de sua velha árvore dos tempos primitivos e a marcha subsequente rumo à concepção das Cidades e das Nações... A época dos feudos já nos aparece longínqua e todavia foi o ontem, no cômputo dos séculos imensos que vêm desde o Eden, ou desde o **anthropopitecus erectus**... O Mundo envelhece a olhos vistos. Sua caducidade incorrigível leva-o a fazer tolices como sejam a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais. Agora, não nos basta que as guerras sejam do Mundo, mas dos mundos... A próxima luta dar-se-á entre planetas, assim como a última já o foi entre grupos de nações, ou continentes... Esta é a perspectiva triste que oferecemos, no meado do século XX, aos nossos prováveis irmãos de Marte ou Vênus...

★

Talvez não exitamos, como planeta, por ocasião da próxima visita do cometa de Halle que só aparece de 75 em 75 anos. Os que eramos meninos em 1910, ainda podíamos ter esperança de revê-lo se a notícia do próximo fim da Terra não o afastasse com a força de um preságio e a certeza de um cataclismo... Desde que arranhamos a estratosfera com o balão do professor Piccard, ficamos com a mania das viagens extra-terrenas... Os aparelhos transetéreos já se planejam a sério, nas intimidades das grandes oficinas mecânicas do nosso tempo. Há cidadãos **yankees** que encomendam, ao governo do seu país, pressurosa e prudentemente, a reserva de terrenos na Lua... Outros cavalheiros, em Londres, aprestam-se para mandar ao "astro saudosos" sua primeira mensagem concreta, sob a forma de um avião-foguete do mais ousado modelo... Já endereçamos, ao nosso sonhador satélite, ardentes emanações de **radar** — que se perderam, ao que parece nos invios caminhos do Infinito. Teimamos, porém, em fazer relações sociais além da estratosfera, sem cuidar de saber, antes, se as outras gentes rezam pela nossa cartilha e gostam de conversar com os seus vizinhos astrais...

★

Desencadeadas as forças novas com que nos armamos, tudo indica que restarão poucos dias de vida às nações e aos povos. Depois de um tiroteio de projéteis atômicos, que ficará na face da Terra? Montões de tijolos, vergalhões de ferro retorcidos, um pouco de fumo — e o silêncio que sucede a todas as catástrofes. De algum profundo buraco de país menos atingido pelo cataclismo, sairão, trêmulos e apavorados, os remanescentes da nossa espécie — os netos dos que edificaram as catedrais da Idade Média e inventaram a imprensa, a bússola e outras celebradas maravilhas... Esses bichos peludos, cheios de terra e fome, terão de percorrer a mesma longa estrada que acharam diante de si, os homens meio-símios que a Ciência do século XIX identificou, ao examinar, detidamente, o crânio dos macacos orango-tangos e chimpazés... Teremos, de novo, a velha Antiguidade; Grécia e Roma; a decadência do Império do Oriente; a invasão dos Bárbaros; o regime feudal; a vitória do princípio monárquico com Luís XI, o aparecimento da Reforma e das idéias liberais; a Grande Revolução, as vassas de Strauss, Edison, Marconi, o T.S.F. e a primeira Guerra Mundial... O ciclo das tolices humanas mudará pouco, nos próximos dois milhões de anos... Haverá uma nova Civilização — e um novo mistério físico, como a desintegração do Átomo, para tentar os sábios e arruinar os mundos...

Resta-nos ajoelhar perante aquele Senhor que tudo perdoa, e rogar-lhe, cristãmente, que adie, por tempo indefinido, novos, fatídicos progressos da ruinosa inteligência humana...

Rio, Maio 1946

B E R I L O N E V E S

AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS

UM curto circuito, uma ponta de cigarro aceso e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torná-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Companhia que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA
MINAS



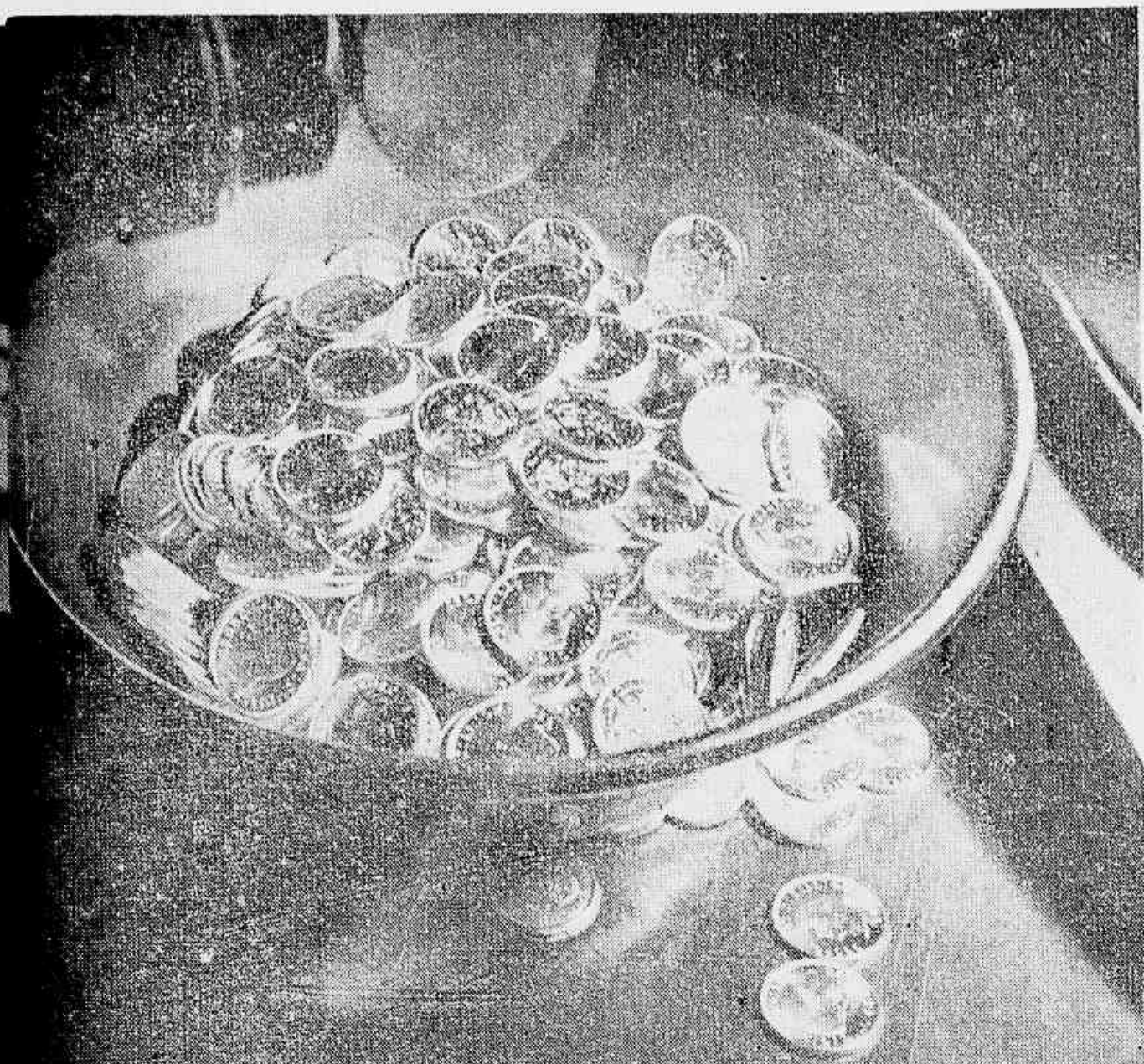
DE SEGUROS
BRASIL

Capital subscrito: Cr\$ 10.000.000,00
Capital realizado e reservas: Cr\$ 13.274.382,00
SEDE: AVENIDA AFONSO PENA,
526-2.º AND. — BELO HORIZONTE

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO:
AVENIDA GRAÇA ARANHA, 416-8.º
AND. — FONE 22-1844 — REDE
INTERNA — SUCURSAL EM SÃO
PAULO: RUA ALVARES PENTEADO,
153-3.º AND. — TEL. 3-4451

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS

BLUNDAV



Florins acabados. Dinheiro perfeito, legítimo, pronto para entrar em circulação. Moedas do valor de 1/10 de libra, saem do tubo de uma prensa de cunhagem, na Casa da Moeda, em Londres, onde também se confeccionam as condecorações militares ou civis, que exigem um trabalho de peritos.

ONDE SE FAZ DINHEIRO

O metal é fundido e feito em barras. Vemos aqui o serviço de aparação das bordas de uma barra de metal. — Este, sendo um trabalho mais aspero, é confiado a homens que melhor enfrentam o contacto com o fogo. Homens que não ligam muito ao dinheiro... do Banco da Inglaterra, mas que não desejariam perder uma libra!



Concluídas as moedas, procede-se à inspeção final. São elas examinadas numa esteira continua. As moedas defeituosas, são rejeitadas automaticamente. Moças especializadas nesse serviço, passam o dia inteiro em contacto com o "vil metal", e certamente quando voltam para casa, pensam num aumento de ordenado...

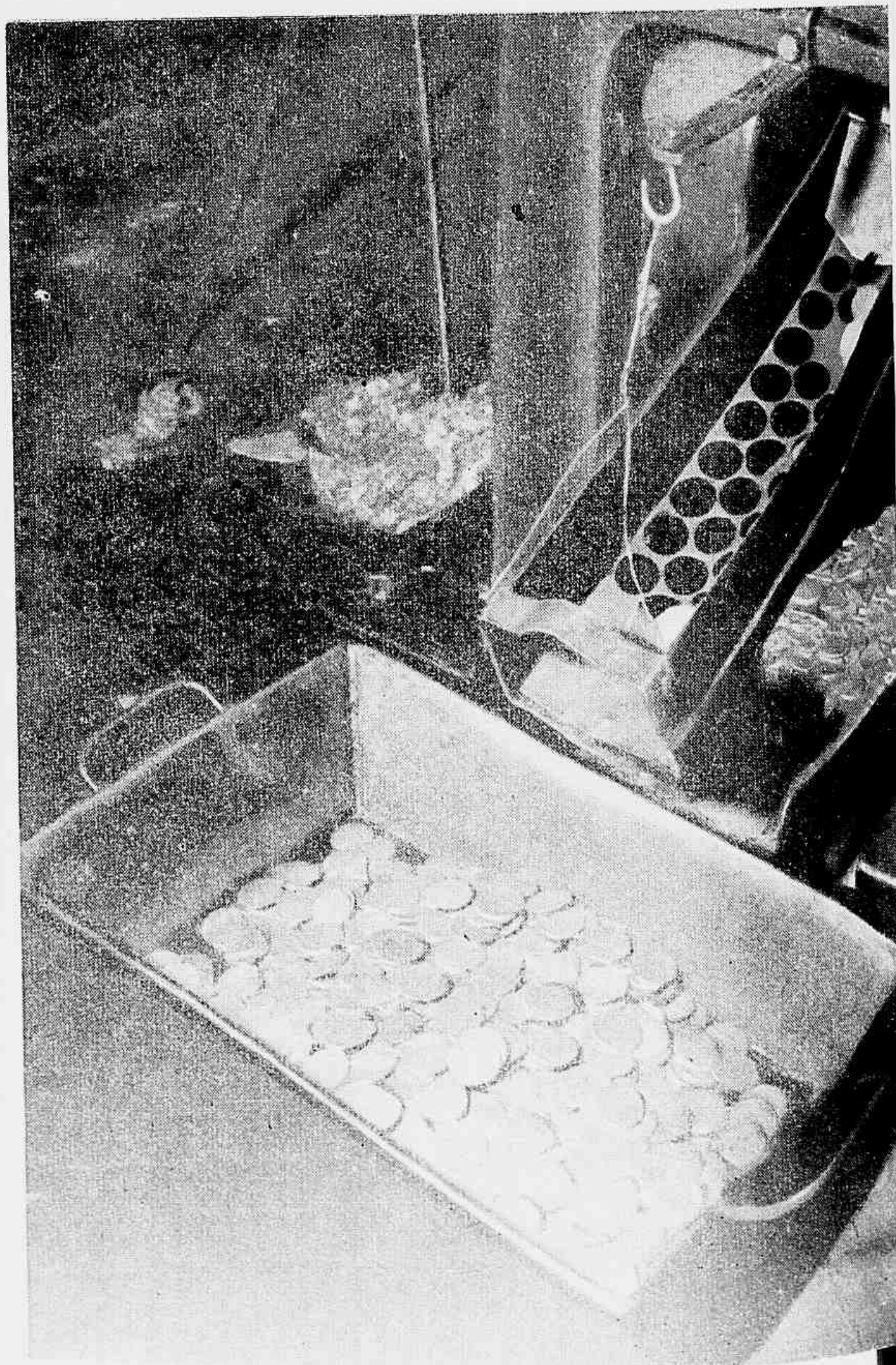
do BNS especial para a REVISTA DA SEMANA

Londres, maio — A Real Casa da Moeda da Grã Bretanha produz entre um e dois milhões de moedas por dia. Este ano alcançou a produção record de quasi 700 milhões de moedas — milhões de pequenas moedas de xelins,

coroas, florins, moedas de cobre, etc... A Real Casa da Moeda detem o monopólio da fabricação de dinheiro em todo o país, e fabricada moedas para todo o Reino Unido, o Imperio e muitos países estrangeiros.

Já no terceiro seculo da Era Cristã já havia uma casa da moeda em Londres. Mas não era provavelmente a unica do

Este crivo é adaptado á maquina de cortar. Só passam através d'ele, as moedas perfeitas. Ha também um contador automatico, maquina que conta as moedas com uma incrível rapidéz. Como medida de segurança, os sacos de moedas são também pesados, mas os erros na contagem, resultam quasi sempre insignificantes.





O metal é fundido em cadinhos especiais. Um cadinho em braza é retirado da formilha por meio de um guindaste elétrico, tal como se vê na gravura. Esses guindastes transportam os cadinhos para os moldes, que dão ao metal a forma de barras, estas passam pela laminadora, que as uniformizam na espessura.

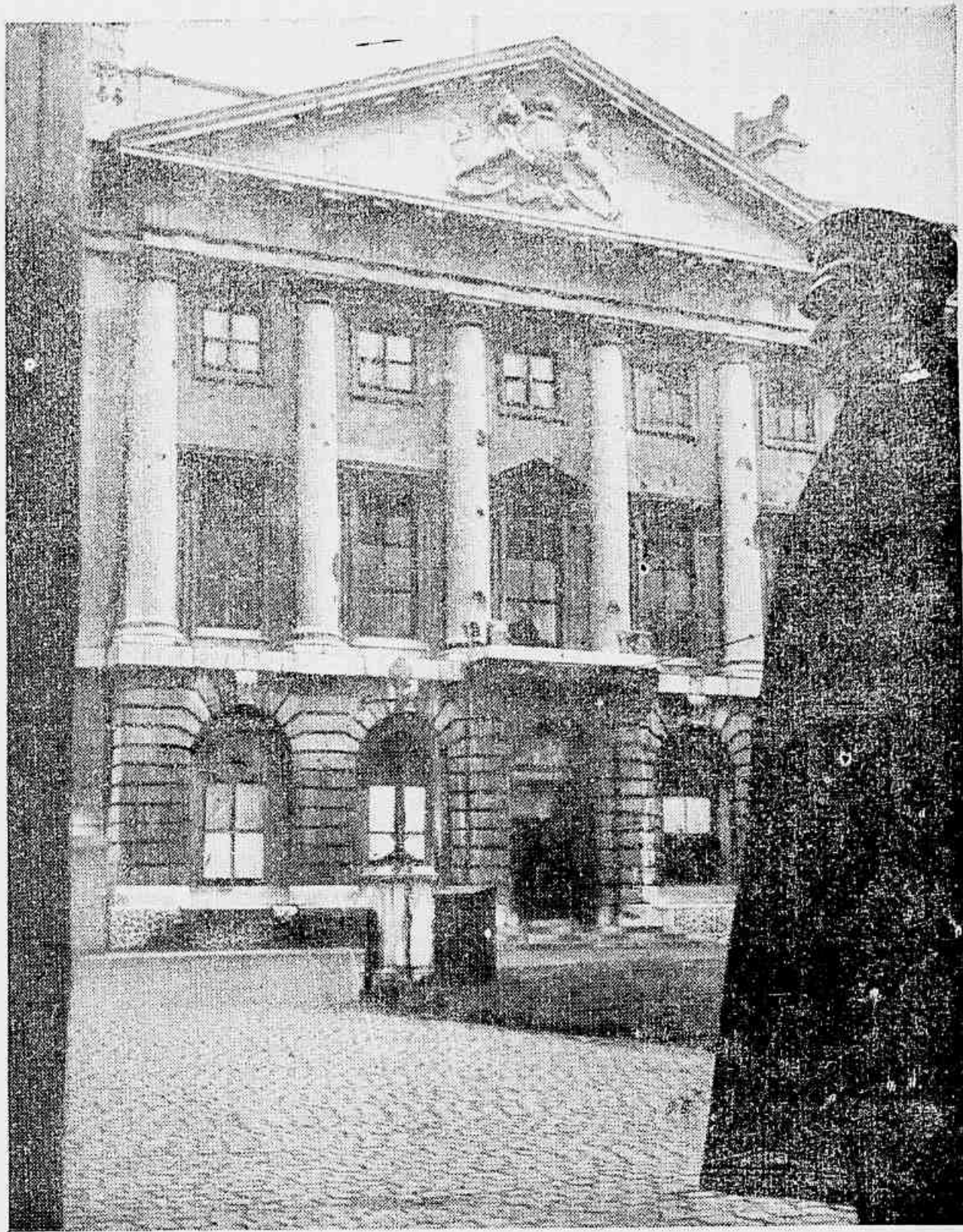
país. No século 10 havia cerca de 70 casas de cunhagem na Inglaterra. Não foi senão 500 anos depois que se completou a centralização da cunhagem. Desde então, com exceção de dois curtos períodos, todas as moedas são cunhadas na Real Casa da Moeda. Isto não quer dizer que tenha sido sempre no mesmo lugar, pois em 1810 a Casa da Moeda foi transferida da Torre de Londres — a fortaleza medieval ainda existente às margens do Tamisa — para o presente local em Tower Hill. Ao mesmo tempo, a antiga maquinaria de operação manual e animal, foi abandonada, com a modernização de toda a aparelhagem. Desde há vários séculos o diretor do estabelecimento tem o título de "Master". Desde 1870 essa função é exercida pelo Chanceler do Erário. O diretor executivo é

conhecido com o nome de "Deputy Master and Comptroller and Engraver of His Majesty's Seals".

Durante toda a guerra, a despeito dos ataques inimigos contra a Londres, que em uma ocasião cortou os serviços de água e gás, os operários da Casa da Moeda nunca interromperam suas atividades. Setecentos deles, inclusive 150 mulheres que foram empregadas em consequência da crise de mão de obra, trabalharam dia e noite na cunhagem de moedas para a Grã Bretanha.

Para se cunhar a moeda o metal é fundido em cadinhos especiais aquecidos a uma temperatura de 1.200 graus centígrados. Guindastes elétricos levam os cadinhos em braza e os transporta para os moldes, que dão ao metal a forma de barras. Estas barras passam

Barras de metal num depósito da Casa da Moeda. Ouro, prata e cobre extraídos das minas e apenas fundidos em blocos para serem agora convertidos em moedas. Dinheiro "em bruto", que os técnicos na fabricação de dinheiro vão converter em metal sonante. (Terá o Rei Midas invejado essas barras de metal?)



A Casa da Moeda, em Londres, onde são cunhadas as moedas para o Reino Unido, alguns países do Império Britânico e vários países estrangeiros. Nas paredes pode observar-se ainda algumas cicatrizes deixadas pela guerra, mas de um modo geral, esse importante edifício pouco sofreu e continua em plena atividade.

pela laminadora, que as transforma em fitas de largura e espessura uniformes. Em seguida vão para as máquinas especiais que cortam as fitas em discos do tamanho e forma exigidos. Todas as moedas imperfeitas são rejeitadas, e os discos regulares passam através de tambores, que os preparam para a gravação final. Antes disso, porém são lavados em ácidos e secados com ar quente. Vão depois para as prensas de cunhagem — máquinas que produzem moedas numa média de mais de 80 por minuto. As moedas acabadas são cuidadosamente examinadas por meio de sistemas especiais. Finalmente, vão para o contador automático — uma máquina que conta as

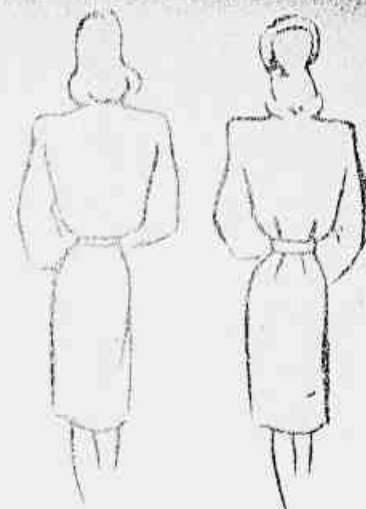
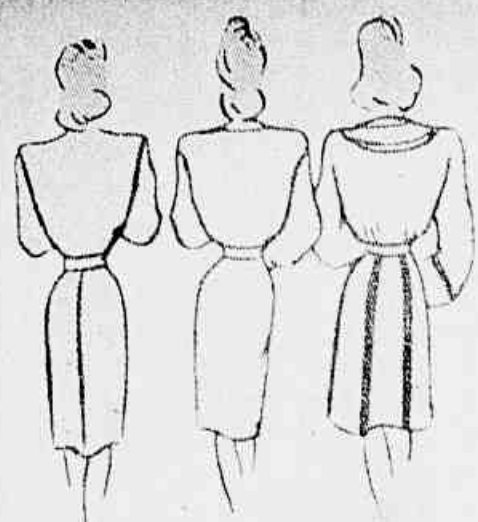
moedas com uma incrível rapidez. Como medida de segurança, os sacos de moedas são também pesados, mas os erros são sempre quase insignificantes.

Cada ano espécimes de cada espécie de moeda é submetida ao que se chama de Prova de Pyx — uma das mais antigas instituições monetárias da Inglaterra. O "Deputy Master" leva as moedas para serem testadas pelos "King's Remembrancers", representantes do Ministério do Comércio, e membros da Goldsmith's Company.

Na Casa da Moeda são também confeccionadas as condecorações militares ou civis, que exigem um trabalho de verdadeiros peritos. E, por isso mesmo, durante a guerra aumentou de maneira extraordinária a atividade dessa instituição. — EF.

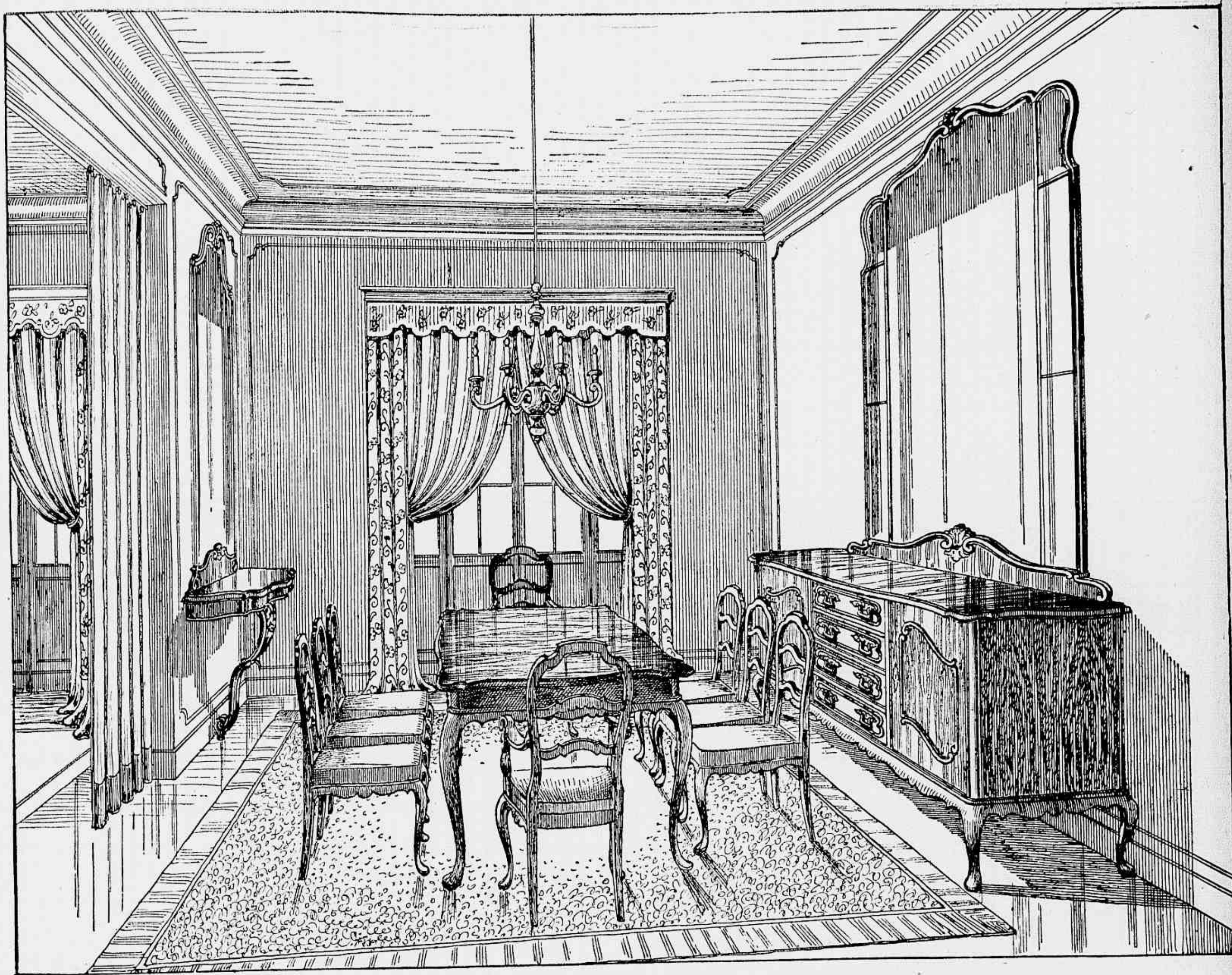
As moedas são entregues ao Banco da Inglaterra em sacos. Na gravura, vemos um caminhão quando era carregado de sacos de moeda, sob os olhos vigilantes de um fiscal do governo. O transporte desses tesouros faz-se em possantes carros blindados, com soldados de metralhadora pronta a funcionar, pelas duvidas.





1 — Vestido em pesada seda violeta, cintura baixa, golinha alta. "Pences" soltas na blusa e na saia. 2 — Modelo de lã cinza, com aplicações pespontadas na blusa, formando gola, e no cinto. Botões de comurça verde. 3 — Elegante modelo de lã marrom, cortes com costuras inglesas, cinto e botões de couro cru. 4 — Modelo em fina lã azul celeste. Manga "raglan" três quartos, com pespontos. Blusão fingindo "duas-peças" com pespontos. Cinto de couro. 5 — Modelo em lã velha, gola esporte, bolsos com presilhas e botões na blusa e na saia. Também nas mangas presilhas prendendo a largura da manga.

MODAS DE OUTONO



"DINING-ROOM" LUIZ XV

Estes móveis em Luiz XV estilizado, completam uma magnífica sala de jantar, apropriada para uma casa ampla, onde eles se acomodam de maneira a que fique entre todos um espaço relativamente grande.

Compõem esta sala de jantar uma mesa de bordas sinuosas, forrada com uma lâmina de cristal ou vidro, um grande "étagère", cadeiras e poltronas de couro escuro. A um canto um espelho Luiz XV, colocado sobre um aparador de cristal, emprestará à sala um encanto ainda maior.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

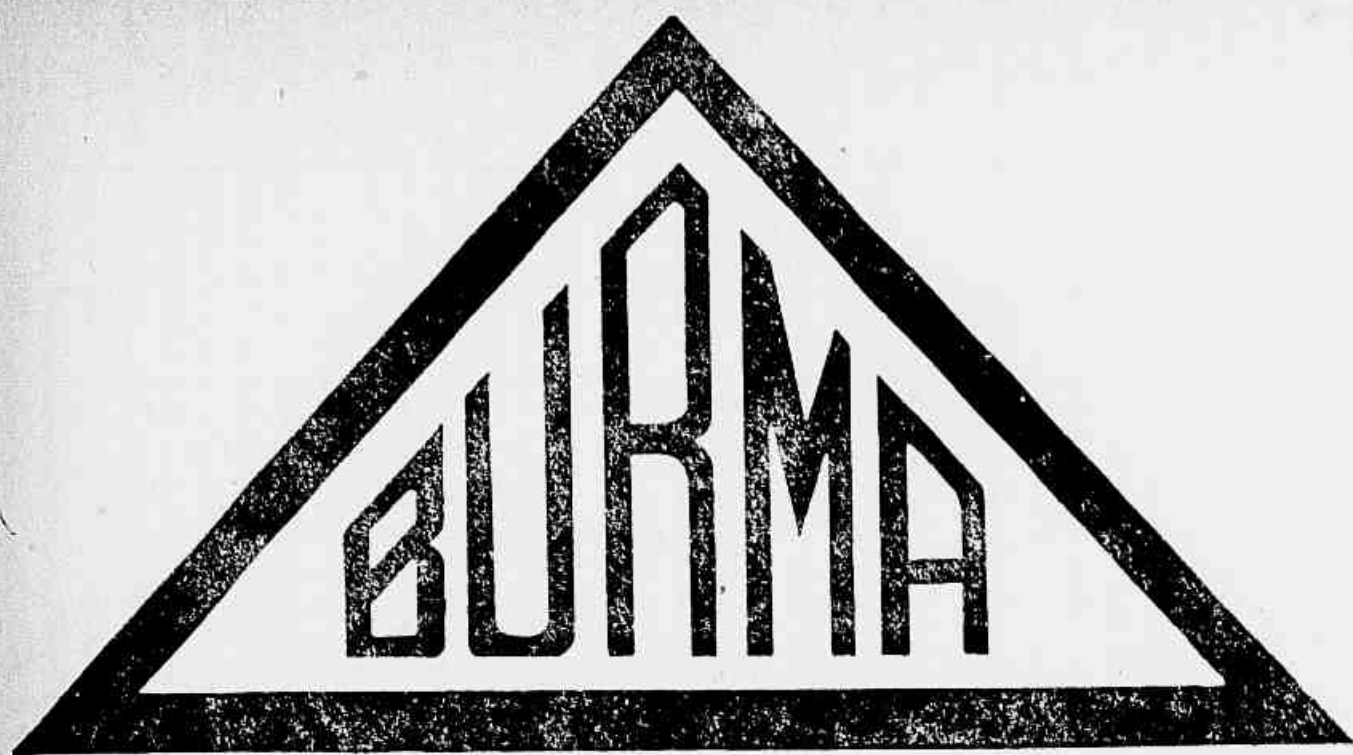
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



PRODUTOS AROMATICOS BURMA LIDA.

Rua José Vicente, 86 — Rio

PRODUTOS DE QUALIDADE

Fábrica de aromas e sabores de frutas,
caramelo, aromas e produtos para bene-
fciamento de fumos.

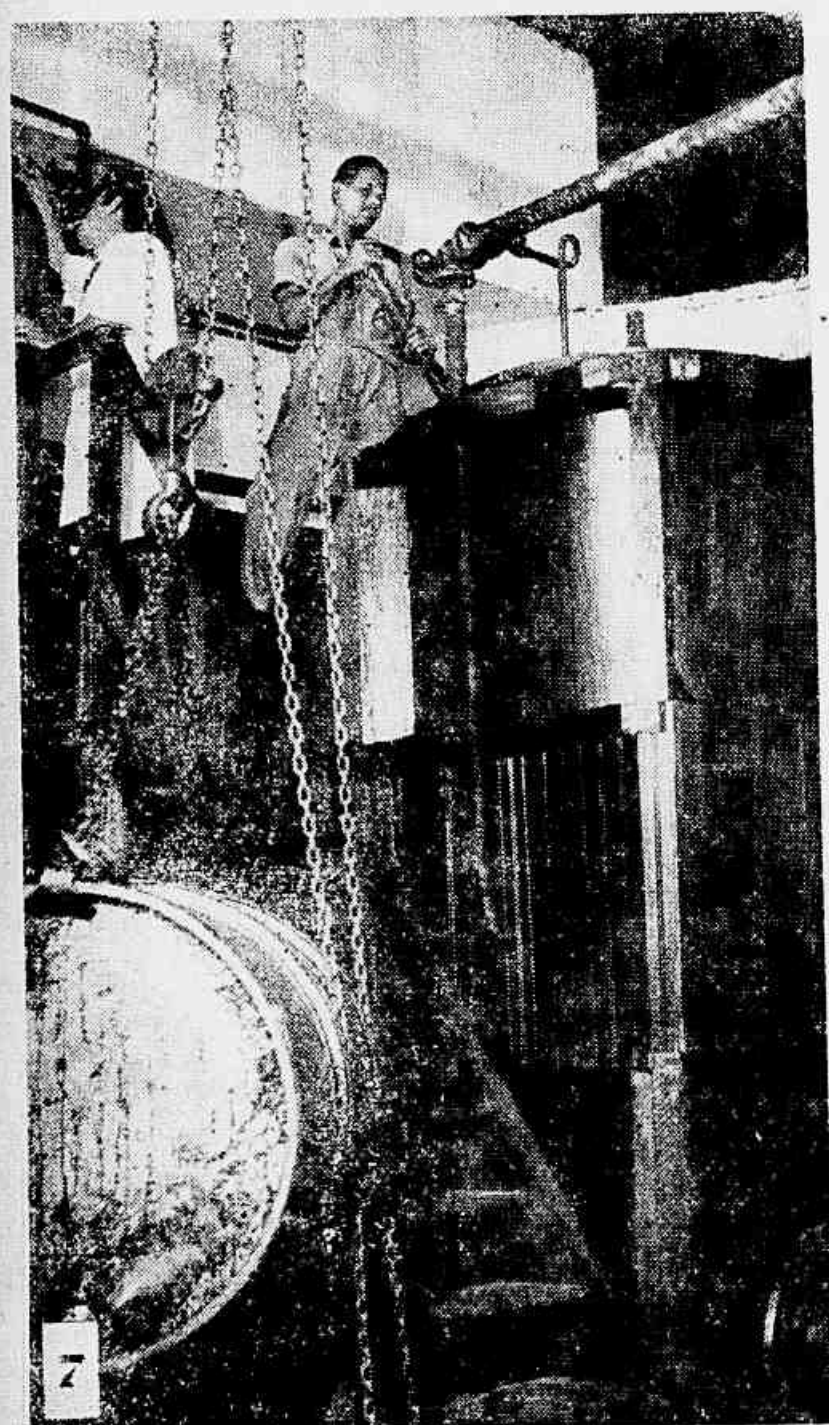
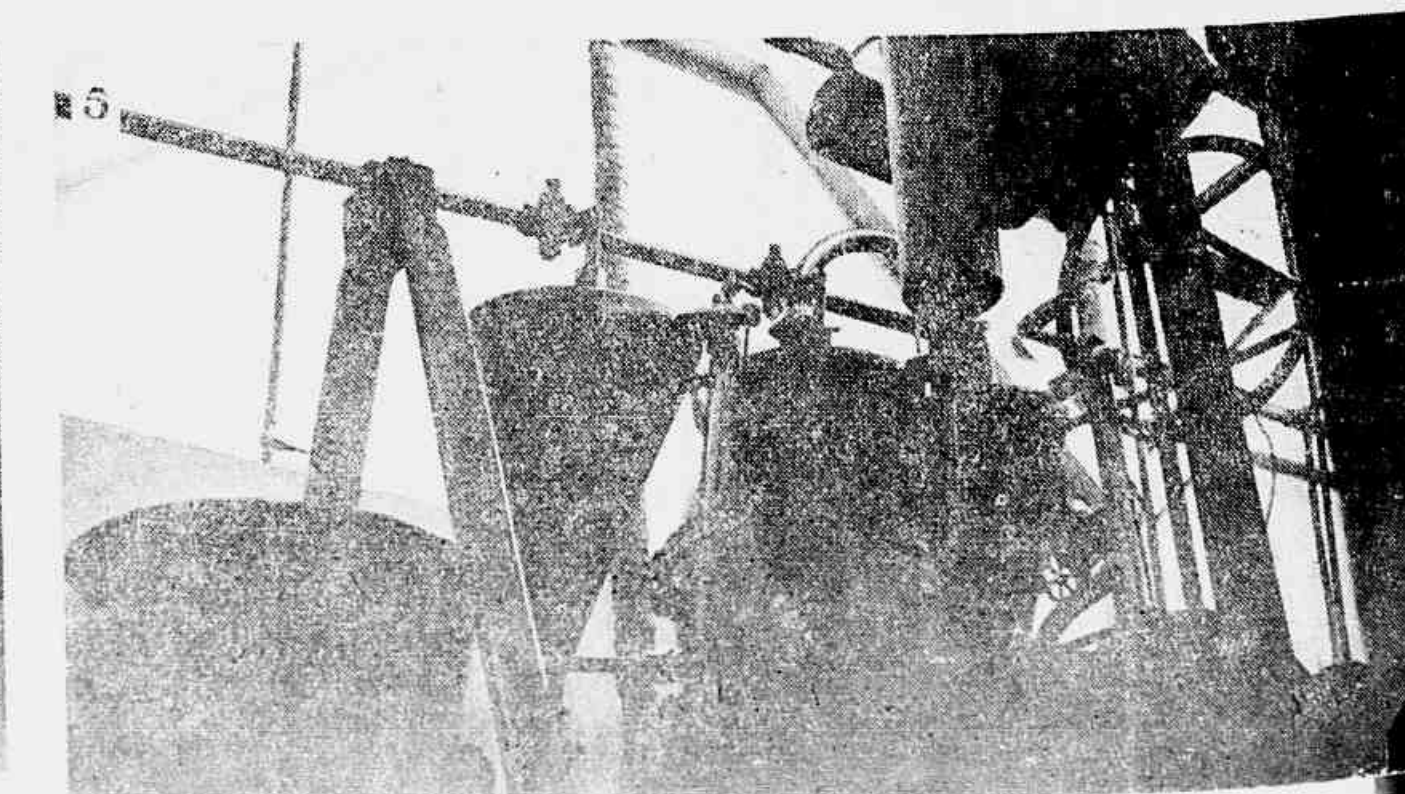
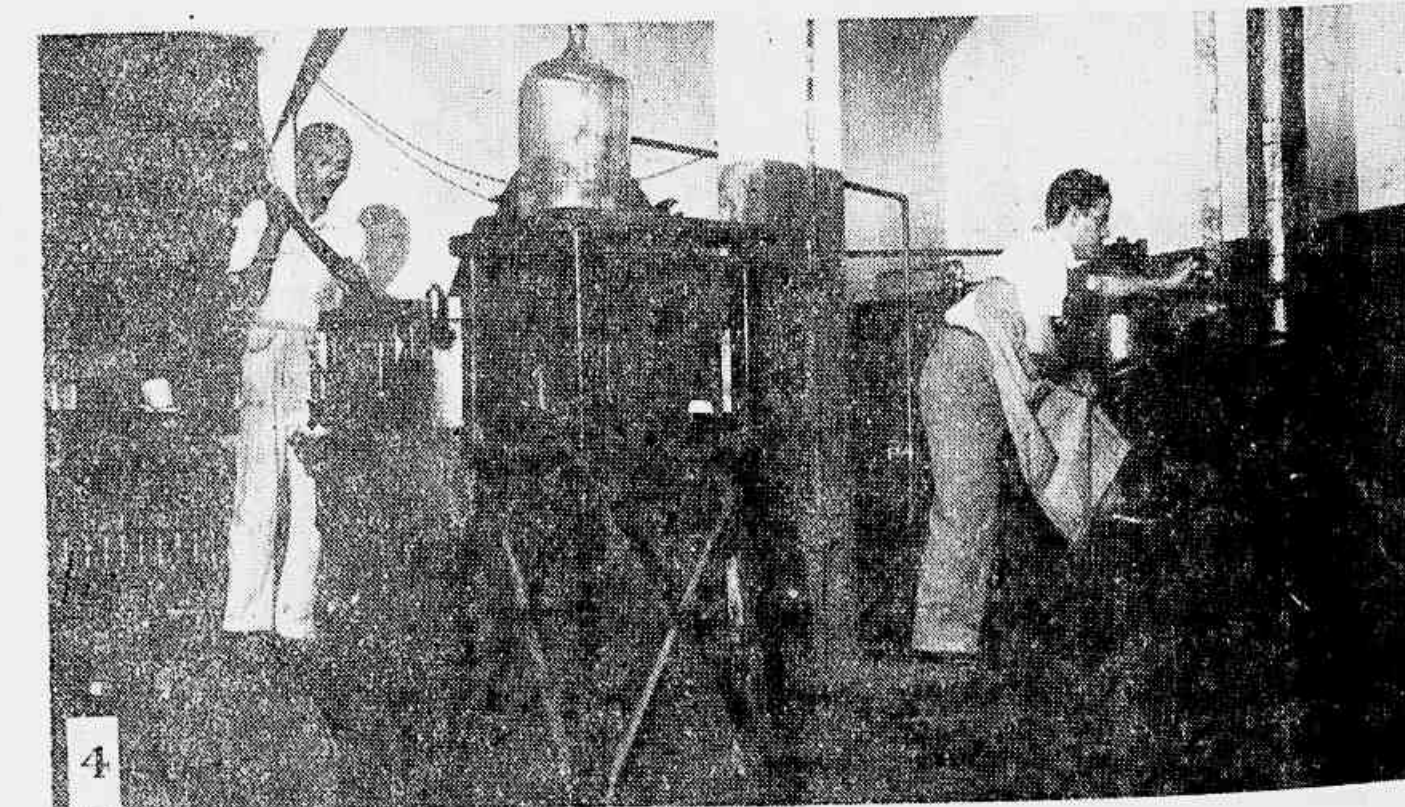
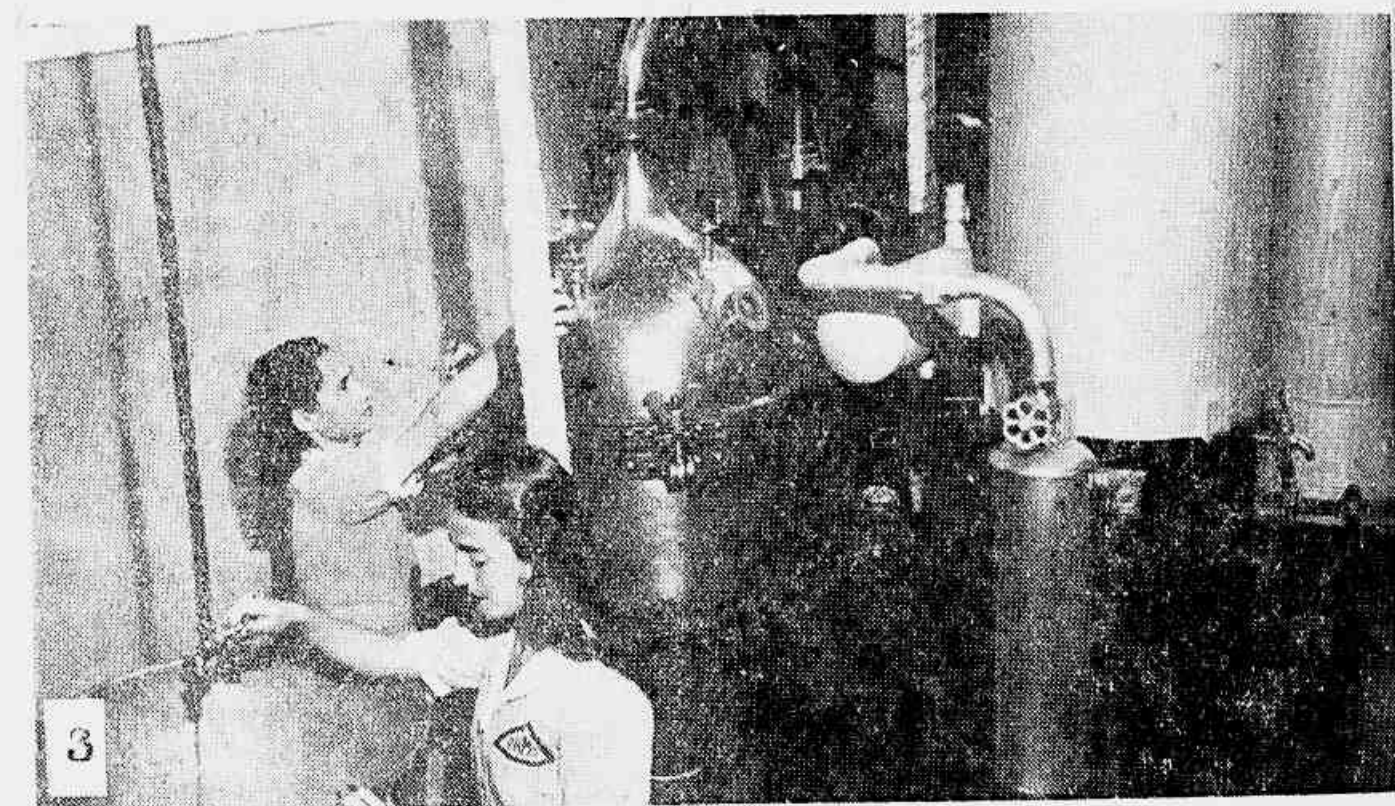
ESTABELECIMENTO FUNDADO EM JUNHO DE 1939

FORNECEDORES das principais indústrias do
paiz no ramo de produtos alimenticios
em geral.

INDUSTRIA BRASILEIRA

Fabrica as materias primas para os
produtos que trazem a sua marca
inconfudível.

1) Pavilhão do Escritório, no pateo da Fábrica. — 2) Recanto do Laboratório, no Edifício Principal da Fábrica. — 3) Parte da destilação. — 4) Caldeira e tacho a vapor. — 5) Conjunto de destilação. — 6) Expedição de volumes para o Interior. — 7) Tacho grande a vapor.





METROPOLE — Companhia Nacional de Seguros Gerais

Opera nas seguintes carteiras:

**VIDA, INCENDIO, TRANSPORTES (MARITIMOS E TERRESTRES), AUTOMOVEIS,
ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO**

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ: AVENIDA RIO BRANCO, 110 - 1.º Andar

Presidente: DR. F. SOLANO C. CUNHA

Li a reportagem, por acaso, em "Resistência". Langsner, cientista polonês, escritor anti-fascista, amigo e conselheiro de políticos americanos, amigo do Brasil que lhe deve uma porção de serviços; Adolpho Maximiliano Langsner, de nome aristocrático e de nobre figura, está mofando há mais de cinco anos na Penitenciária de Niterói. Sem processo, sem inquérito, sem nada, como um louco manso trancafiado por delito de vadiagem; como um homem inútil e solitário cuja vida e cuja presença não fizessem falta a ninguém.

Li a reportagem por acaso. O nome só não me teria dito nada, além de uma vaga lembrança de conhecimento; um eco entre os muitos nomes que se atropelam na memória do reporter, depois de seis anos de guerra e de espantos, com generais, cidades, heróis, carrascos, motores, cientistas, pedindo um verbete nos Larousses do futuro. Mas a confusa e nebulosa história desse prisioneiro me lembrou, de novo, o mistério que o cercava quando o vi em 1941.

Devo falar sobre Langsner. Dever de consciência. Extirpação de um recalque. Mais, de um remorso que, às vezes, dói e me detém a pena, aparando-lhe as farpas de ironia e irreverência. Escrevo sobre Langsner agora, para esquecer uma crônica boba de há cinco anos.

Eu tinha, naquela época, quinze dias de jornal. Há uma semana estreara em "cliché", entrevistando alguém; fôra, até, a sacerdotisa americana de uma nova religião que se chama "Babalú" ou coisa parecida, uma sacerdotisa linda, elegante e jovem que usava orquídeas raras no decote e que converteria todos os homens de bom gosto ao seu crêdo transcendentalíssimo.

Ora, eu estava muito contente comigo mesma e resolvi ser cronista também, em-

Devo falar sobre Langsner

SARAH MARQUES

bora nem por isso, o secretário Santacruz Lima lembrasse ao diretor a conveniência de aumentar o meu ordenado de cinquenta cruzeiros semanais. Minha primeira "inspiração" fôram três jumentinhos que atravessaram a Avenida, interrompendo o trânsito perto da Escola de Belas Artes e pondo, a meu ver, uma onda de poesia na cidade de asfalto e gasolina. Raphael de Hollanda que eu não conhecia ainda, veio dizer-me com sua generosidade enorme para com os estreitantes, que "João do Rio assinaria a crônica"; outros me animaram a continuar e a minha euforia de "fôca" tomou proporções assustadoras de pretensão, coisa que, como a água benta, não me fica nada bem.

Foi nesse estado de espírito que li o acidente acontecido ao "ocultista" Langsner; fôra agredido na rua Santa Luzia por uma turma de mascarados; não pudera fornecer nenhuma pista à polícia porque, além das máscaras e da noite, os agressores usavam automóvel.

Tomei a pena, revesti-me de toda a mi-

nha superioridade de "comentarista do pequeno quotidiano" e escrevi uma porção de lugares comuns sobre o homem que adivinhava o passado e o futuro dos outros e não era capaz de identificar os seus próprios inimigos. Mal saíra o jornal, um desconhecido me telefonou. Elogiando demais a crônica. Pedindo para falar à cronista. Minha euforia cresceu. Naquele tempo, não é preciso confessar, eu "tinha o rei na barriga", à falta, com certeza, de coisas mais substanciais que a enchessem... Esperei o meu "admirador" lamentando que a redação fosse tão feia e tão pobre. Arrumei a mesa com o máximo de solenidade; e, até, ajeitei o cabelo e o baton.

Ele devia estar muito perto porque chegou cinco minutos depois. Aparentava quarenta anos. Era antes baixo que alto; antes gordo que magro. No rosto enérgico, os olhos cintilantes, cheios de luz interior. Quando me estendeu a mão, senti o homem civilizado, o homem dos grandes meios, o homem cujas células haviam absorvido, há centenas de anos, essa coisa imponderável que se chama **polidez** e que não se adquire vendendo café ao Líbano ou incorporando prédios em Copacabana.

Começou elogiando, de novo, a crônica. Percebi-lhe, então, o leve sotaque. E não me espantei com a revelação: "Eu sou Langsner". Não me espantei, mas perdi toda a minha prosápia. Foi um minuto bem "pau", de rosto quente e de mãos geladas. Um minuto só. Porque Adolpho Maximiliano Langsner não me exprobo por estar fazendo o jôgo dos seus inimigos; não me disse que eu era bem ridícula e incrivelmente pretenciosa, querendo fazer "blagues" à custa de sua longa experiência, de sua terrível luta solitária, de sua ináudita coragem de idealista. Eu mes-

(Continúa na pág. 104)

FOTO POSADA PELO ATOR JAIME COSTA





LEZA HOLLAND (Warner)

NOS BASTIDORES FEMININOS

Vista-se bem, sem gastar muito dinheiro... Isto parece um pouco absurdo, mas não é tanto assim... e você mesma poderá comprová-lo.

O essencial é ter gosto, saber escolher... Não apenas escolher um bonito vestido que se adapte à sua personalidade, afim de que não sinta a desagradável impressão de "não estar em si mesma"...

Para começar, você precisará de um bom "tailleur" ou vestido preto (naturalmente si já passou dos vinte e cinco...) Devem ser de corte impecável, mas de grande simplicidade. Assim, você variará de "toilette", usando o mesmo traje ora com uma "écharpe", ora com um vistoso colar, ou ainda com uma blusa de organza (para o "Tailleur") ou uma gola de "pailleté" (para o vestido). Há ainda uma infinidade de cousas que você, com um pouco de inteligência e espírito

imaginativo, poderá fazer para dar um "toque" novo ao seu simples vestido preto. E assim, para as ocasiões mais solenes, você está pronta.

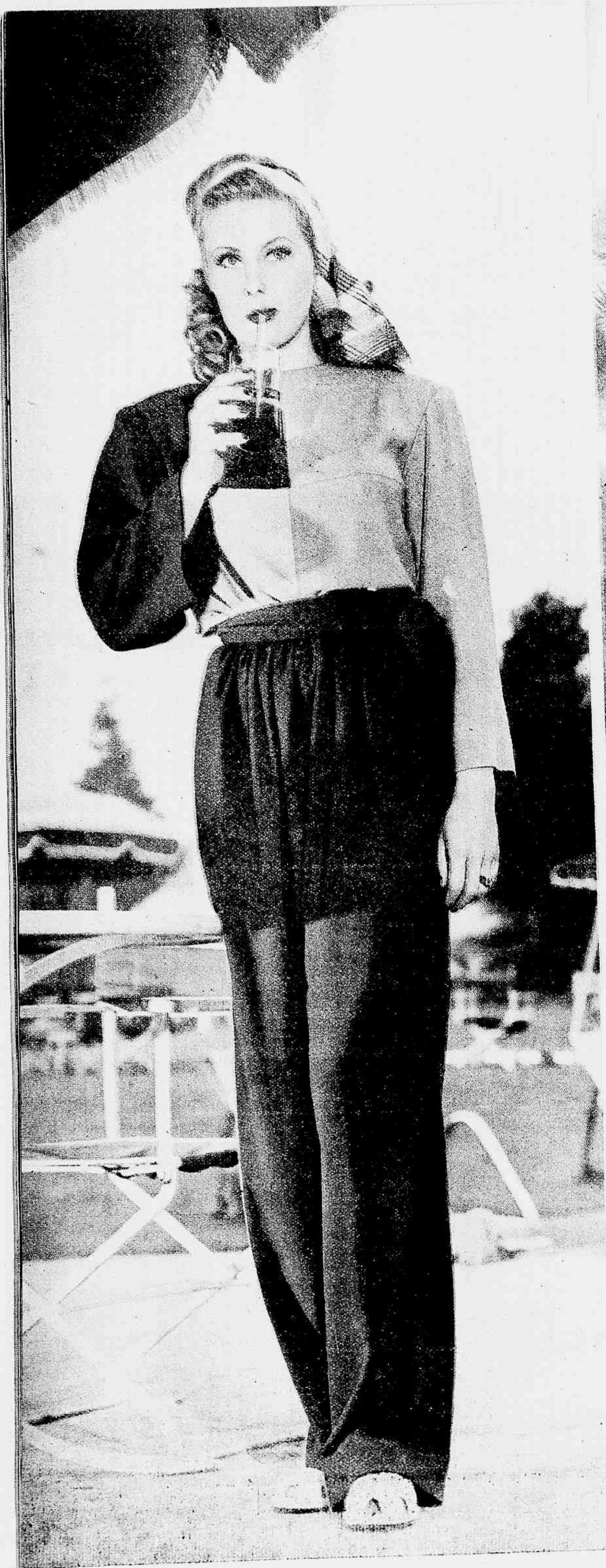
Para o cinema na cidade, para o dia ou para um passeio, você precisará de três "toilettes": uma de duas peças de seda azul-marinho de talhe gracioso, que também se prestará para variações (grande "jabot", colar, gola de "piquet", etc.); um vestido de lã azul, manga 3/4, com bordados "acolchoados", e finalmente um modelinho preto, com grandes pastilhas rosa. Com essas três "toilettes", que você poderá aumentar variando de enfeites para o "duas peças", você estará sempre bem vestida e elegante.

Si você trabalha, acrescente ao seu guarda-roupa, dois "tailleurs" de casemira; um cinza, outro marrom, que poderá usar com blusinhas diferentes: uma

branca "chemisier", outra com um laço vaporoso, outra azul com pequeninos "pois" vermelhos, e ainda outra de sedinha estampada. Com esses dois "tailleurs", quatro blusinhas, e ainda uma "sweater", pôde você atravessar todo o inverno certa de que será encarada no escritório como uma moça que sabe vestir bem.

E, agora, si você mora na zona Sul, compre uma calça comprida, ou de "pescador", que poderá ser usada com as suas blusinhas e "sweater", e ainda com um casaco verde "pistache" ou vermelho, de linhas retas, você conseguirá elegantes trajes esportivos para o "footing" na praia ou para o cinema do bairro...

E não me diga que tudo isto custa muito dinheiro...



1 — Jane Harker, da Warner Bros apresenta a última palavra em robes de praia. Calças de praia: sãta "Amelia", fustado grosso e curvo. Blusa de mangas compridas, em três cores — vermelho, azul e amarelo. Falso um tipo de lã afogado. — Calças de lã, prôta para mulheres. Mangas, rapôla. Fusta terminando em duas pontas afiadas e curvadas na direção.

3 - Marguerite Chapman usa com um "tailleur" do
lã preto, gola de veludo, uma "sweater" de malha
fina, cinzenta. Laca de veludo preto na gola.

PARA TODAS AS HORAS



Mamãe, eu não fiz nada ! Ape-
nas disse: — Vovó, que é que a
senhora acha da minha nova
roupa de banho?



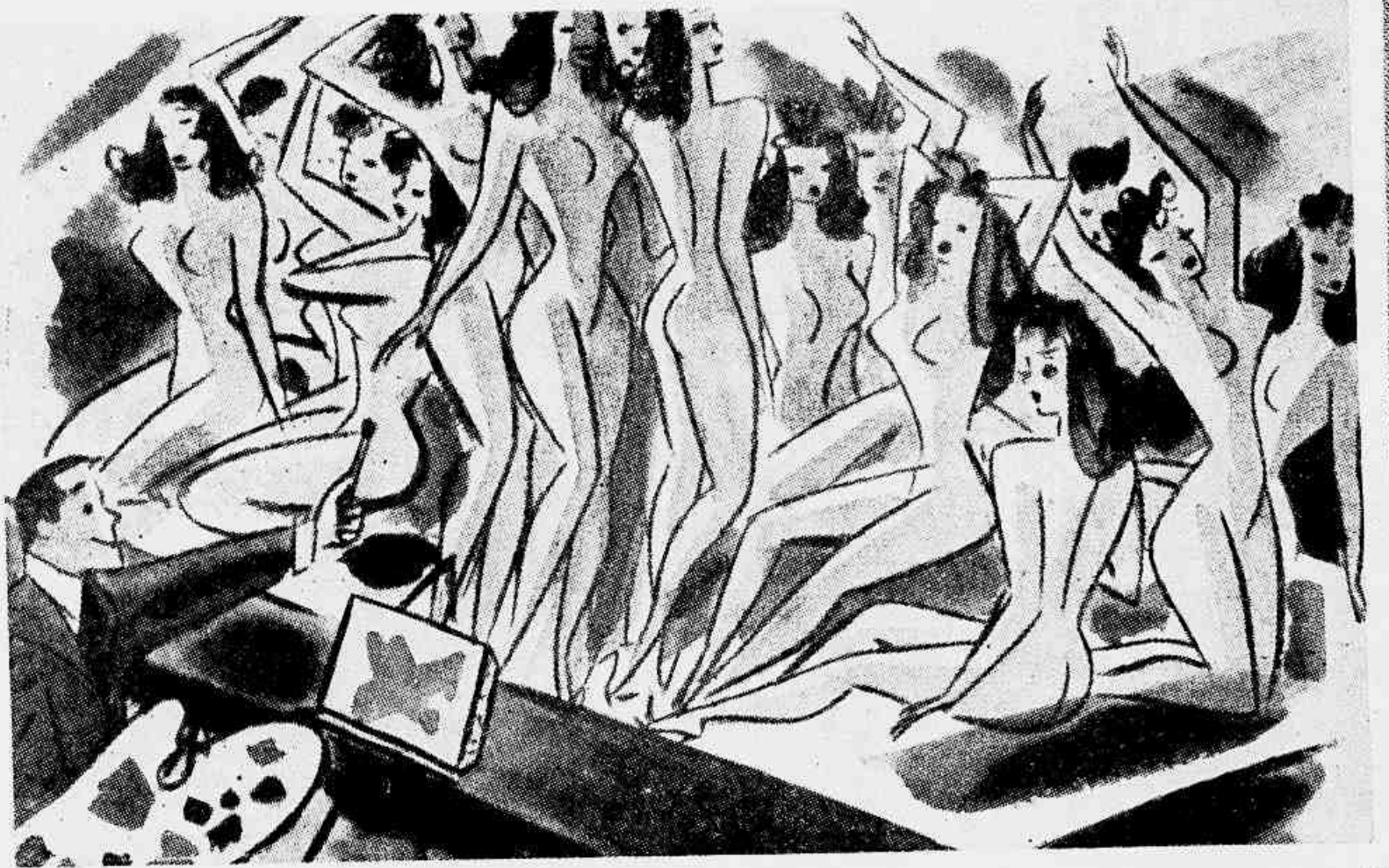


— Afinal, até quando a senhora quer que eu fique aqui em cima?

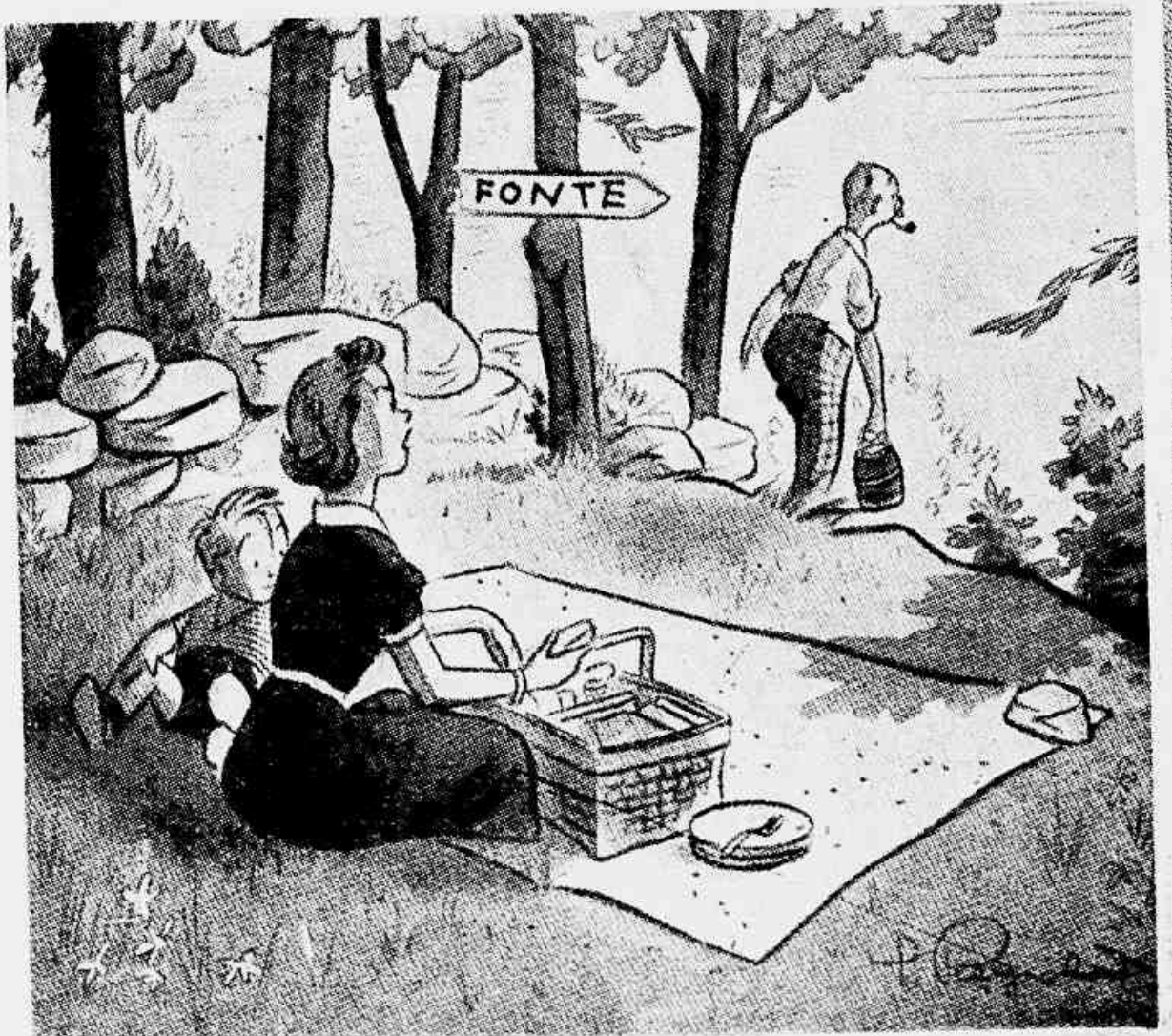


— Se prometer que me dá metade do dinheiro, eu digo onde minha mulher guarda as jóias...

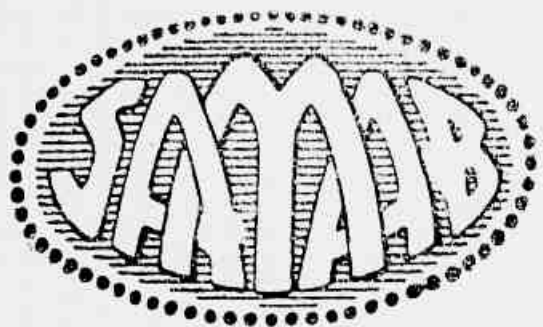
DE BOM
HUMOR



— Desde que moramos no vigésimo andar, Betinho tem tempo até para tomar dois ovos quentes...

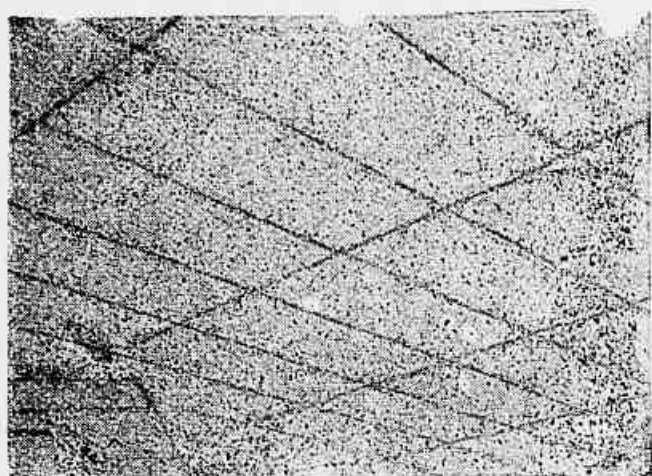


— Querido, na volta se perder o caminho, pode seguir a fila das formigas...



Papel para jornais e revistas, em bobinas e fardos
Importação direta — Fornecimento de "Stock"

FORNECEDORA DESTA REVISTA



Teto feito com TENTE

TENTE

As chapas rílas super-isolantes
TENTE
de fibras de madeira, isolam o calor, frio e ruídos.
É de aplicação fácil, econômica e rápida.

Consultem o nosso Departamento Técnico. Peçam amostras.

S. A. Mercantil Anglo-Brasileira
RIO DE JANEIRO -- SÃO PAULO

Escritório da Matriz: Rio de Janeiro, rua da Candelária, 9 - 6º and.
Edifício da Associação Comercial — Telefone 43-0920 (mesa)

Amor, política e religião

C. L. N. a. a. 51

"Os gregos modernos, inferiores aos turcos, valem mais que os espanhóis, e estes que os portugueses."

Para todos aqueles que dobraram ou estão dobrando o cabo dos cinquenta, encontrei um pensamento melancólico:

"Vão morrendo diariamente os homens que estimava, e eu vou ficando como uma árvore solitária, que já começa a apodrecer."

O político José Bonifácio tinha a literatura em alta conta, porém o seu grande estilo não se revela grande coisa, nos manuscritos que examinei. Como disse antes, acredito que as notas tenham sido tomadas para desenvolvimento posterior. Eis aqui algumas de suas divulgações:

"A minha veia poética foi agitada pelo amor na primeira mocidade, depois pela vista e contemplação das grandes belezas da Natureza, em minhas viagens e estudos. Para ser poeta é preciso ser namorado ou infeliz. Maria Rosa gostava de mim como de uma criança viva e como tal me tratou. As mulheres têm sido a peste da minha vida — amo-as, mas não as estimo muito. "Dai a uma mulher um espelho e des bonbons e ei-las felizes", dizia Byron.

Uma peste, as mulheres, hein, meu Patriarca? Muito obrigada. (A esta altura os homens estarão sorrindo, satisfeitos. Coitados, eles nem sabem o que os espera na curva da estrada!)

Ainda a Literatura:

"Se me acusarem de ser plagiário, direi com Byron, que não faço escrúpulo de servir-me dos pensamentos alheios que me parecerem felizes. Quanto Shakespeare não tirou de seus contemporâneos? E quanto o nosso Camões. O prólogo do "Faust" de Goethe é de Job, que é o primeiro Drama do mundo, e talvez o mais antigo. Não ha poesia que se possa comparar ao livro de Job. Quando o coração está descontente e preocupado, na fervura e delírio de tal estado é mais fácil produzir coisa leve e sucosa que limar e corrigir o que está feito. A lima é tediosa, e não absorve a mente; a criação porém é uma febre, durante o acesso da qual nenhuma outra coisa se sente. Mas a lima e o colorido são parte integrante de toda obra d'arte. "La Vita Nuova" de Dante é o Breviário do amor. Dante, além de grão Poeta, é intraduzível. Pode-se verter os pensamentos, mas não a beleza, a simplicidade clássica. Comporei um poema — O Solitário da Paraná — em que pintarei os costumes indianos, portugueses, as belezas e cenas da Natureza Brasileira."

Numa única frase José Bonifácio dizia às vezes coisas de sentido mais profundo do que quando empregava muitas palavras. Para provar o que afirmo citarei este pensamento encontrado de mistura com os assuntos mais diversos: "Cativeiro forçado é princípio de liberdade". Também não perdia oportunidade de fazer ironia: "A erudição é a boa memória ou o fruto do alheio."

E, talvez atendendo ao apêlo mudo que lhe dirigi, pedindo que, de lá de onde estivesse me facilitasse deparar no meio da papelada com uma frase ao menos, de desagravo às filhas de Eva que ele chamara de "peste", o Patriarca me fez encontrar então, num recanto esquecido de página, este pensamentozinho inocente:

"Não creio que o meu fiel cachorro valha menos que seus irmãos em bestialidade — os homens."

Valeu. Não pude deixar de sorrir ante a reparação total que alguém nos enviava da noite do tempo.

E agora, apesar do respeito e veneração que o grande homem sempre merecerá de minha parte, quando tiver de abrir novamente um manuscrito seu, hei de fazê-lo não com reverência e unção, porém com a camaradagem de quem encontra numa festa um velho conhecido, faz-lhe sinal para que se aproxime e lhe diz entre dois sorrisos:

— Alô, amigo! Como vai você? Venha de lá um abraço e um aperto de mão.

E, se cometo esta ousadia, é porque no José Bonifácio dos arquivos, desabusado e irônico, encontrei muitos pontos de afinidade com o meu próprio espírito.

COTTOBLANC

UM BRANCO ALVO PARA SAPATOS!

BLANC

APLICAÇÃO FÁCIL E ECONOMICA

2 TAMANHOS

SECAGEM RÁPIDA

Um produto COTTOMAR

USEM
PAPEL
COUCHÉ
NACIONAL
KLABIN

Robert Taylor

(C n nuagã a pag. 47)

"cameras" enormes, que se movimentavam a seu lado e à sua frente. Por isso a mesma cena, aparentemente rápida, dessas que mais tarde se vêem meteóricas dentro da unidade do filme, não consumindo mais de dois ou três minutos de projeção, era repetida, sem nenhum exagero, dezenas de vezes. De cada uma delas, todos os aparelhos — de som e projeção — voltavam à posição primitiva, o diretor começava a impacientar-se enquanto os trabalhadores do "set", em volta, mal disfarçavam a mesma irritação.

Quanto a Robert Taylor, de cada vez que a cena era repetida, deixava-nos à vontade, punha-se em seu lugar munido de um bastão, a camisa aberta no peito, o gesto natural de quem está recebendo um forte insulto e repetia as palavras. Ouvia-se, pouco depois, o sinal de "corte" do assistente do diretor, tudo estacava de súbito, os projetores apagavam-se — e refaziam-se os preparativos para nova repetição...

Vez alguma Taylor se exasperou nem deixou transparecer o menor tédio. Pelo contrário. Manteve conosco uma agradável palestra, onde, do que menos se falou foi de cinema. Não quisemos saber-lhe a impressão do filme em preparo, nem indagamos qual o papel que mais lhe havia agradado até então. Por experiência, fugimos do tema profissional. Nada aborrece mais a um artista, que as clássicas perguntas sobre as suas predileções ou prevenções. E nessa contingência, muito preferível seria bordar comentários sobre outros assuntos — a guerra, a situação política, o clima da Califórnia, e também, principalmente, o Brasil.

Não estamos autorizados pelo artista a reproduzir suas impressões sobre a orientação do presidente Truman, nem mesmo a contar nenhuma façanha por ele, Taylor, realizada durante a guerra.

— Tudo isso passou — disse-nos — e aqui estou recomeçando o meu trabalho. Desejava entrar em férias antes de filmar, pretendia fazer uma viagem, quem sabe se à América do Sul, antes de encetar este filme, na companhia de minha mulher, mas os estúdios não consentiram, e aqui estou, trabalhando com outrora.

Não deixou de ser interessante ouvir Robert Taylor aludir desse modo displicente à sua mulher, que na realidade é outra "celebridade" cinematográfica. Naquele caso, porém, não se tratava de um casal de ídolos, mas de marido e mulher que se entendem muito bem, não cogitaram nunca de divórcio, trabalha cada qual em seu estúdio para se encontrarem à tarde, uma vez terminadas as oito horas de suas obrigações, tal como se fossem dois comerciantes ávidos de quinze dias úteis de férias para visitar as montanhas ou a praia.

Quando aludimos à expectativa do público no Brasil pelo seu reaparecimento, o ator sorriu sem vaidade. Pelo menos, a vaidade não transpareceu nesse sorriso, tudo natural e brando. Adiantamos, então, que apesar da grande ausência dos mais famosos "astros" por motivo de suas obrigações militares, eles não haviam encontrado substitutos de igual vulto. O primeiro filme de Clark Gable vinha de ser lançado com extraordinário sucesso em Nova York e ali o assistimos podendo observar o entusiasmo delirante das platéias. Outrora sucederia quando "Undercurrent" fosse exibido.

— Não creia — retrucou Robert Taylor ainda com naturalidade e sem pôse. Apareceram outros, sim. Ninguém pode negar que um Van Johnson está no mesmo nível de popularidade de qualquer um de nós os veteranos, e ele veio enquanto estivemos fóra...

★

Foi assim, sem vaidades nem artifícios, muito à vontade, naturalíssimo e diferente do Robert Taylor "bonitão" das garotas, o ator que encontramos no "set" de Culver City. Por favor, senhores que espalham o boato da antipatia de Taylor, modifiquem essa opinião a bem da verdade. Só porque ele é, de fato, um bonito tipo de homem, não é caso para desmoralizá-lo com tanta injustiça. As mulheres têm suas razões para admirar Robert Taylor — o homem. E nós, homens, devemos convir que não é absurdo que ele seja também um rapaz educado e até mesmo revelando, numa cordeal palestra de improviso, laivos de cultura. — C.



COM 340 PÁGINAS - ILUSTRADO - Cr\$ 40,00

AFINAL EM TODAS AS LIVRARIAS:

A CAMPANHA DA U.D.N.

(1944 - 1945)

de

VIRGILIO A. DE MELLO FRANCO

Documentação inédita e sensacional, ao lado de todos os documentos históricos referentes à memorável campanha de libertação pregada pelo Brigadeiro Eduardo Gomes.

VERDADEIRO LIVRO-BRANCO DA U.D.N.

Preço Cr\$ 35,00

Pedidos à LIVRARIA EDITORA
ZELIO VALVERDE S. A.

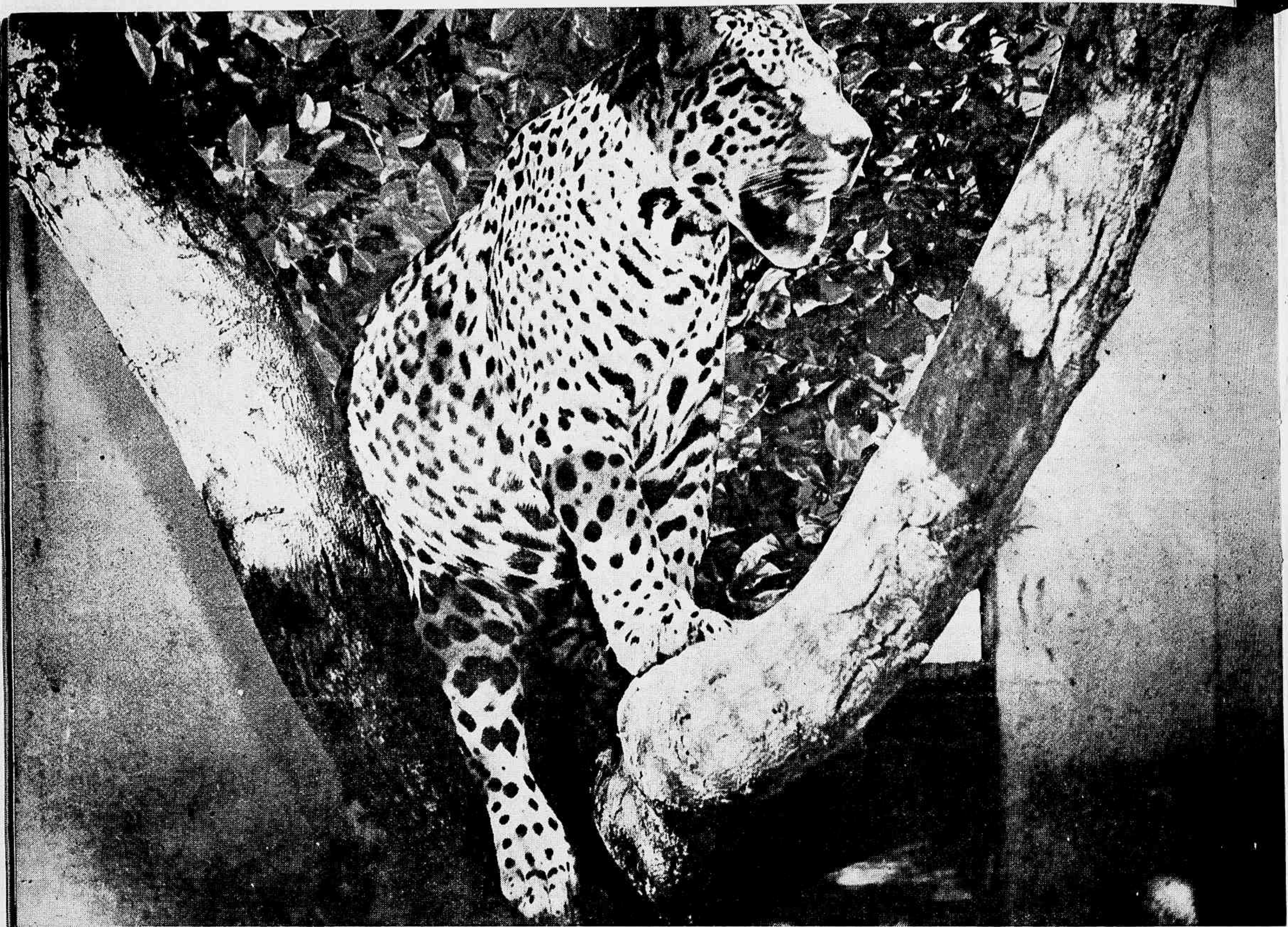
Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956
RIO DE JANEIRO

CASA DO ANZOL LOPES GOMES & CIA.

FERRAGENS — TINTAS — ARTIGOS PARA PESCA E
LAVOURA — LOUÇAS — PORCELANAS — CRISTAIS

FABRICANTES DE CORDOALHAS

RUA CLAPP 15-17 — RIO DE JANEIRO — 42-0245



UMA CAÇADA DE JAGUAR NO TAQUARI

THEODORE ROOSEVELT

NA manhã seguinte à nossa chegada a Corumbá, pedi ao Cel. Rondon para inspecionar o equipamento, pois suas experiências de um quarto de século através de explorações penosas pelas selvas colocavam-no em condições de apontar as necessidades para aquela viagem tropical. Coube a Fiala reunir todo o nosso material de cozinha, utensílios e outros suprimentos, pois ele e Sigg, durante o tempo que permaneceram em Corumbá, tinham procurado colocar tudo em ordem para a marcha.

O Cel. Rondon, após a inspeção, disse que nada mais era necessário e que achava extraordinário que Fiala, sem conhecimento pessoal dos trópicos, houvesse escolhido as coisas mais necessárias com um mínimo de volume e um máximo de utilidade.

Miller realizara um estudo especial sobre as piranhas, que enxameavam as águas próximas do acampamento que ele e Cherrie haviam feito no Chaco. Tão perigosas elas eram que o pessoal precisava ter cuidado até no apanhar água no rio. Verificou ele que as piranhas não eram "canibais" em relação às suas próprias companheiras, e sim no tocante à carne humana. Quando se atirava uma piranha morta ou mortalmente ferida e sangrando no meio das outras, era deixada em paz.

Além disso, a experiência de Miller revelou justamente o oposto do que nos tinham informado, isto é, que qualquer movimento dentro d'água atrai as piranhas, ao passo que raramente atacam qualquer coisa imóvel, a menos que esteja sangrando. Pássaros e animais mortos, atirados n'água intactos, permaneciam boiando, sem serem molestados, ao passo que a carcaça esfolada de um macaco de tamanho regular foi imediatamente agarrada, puxada para o fundo e completamente devorada pelos terríveis peixes.

Um cidadão, que deixara cair qualquer coisa de valor, meteu-se dentro d'água até acima dos joelhos, à procura do objeto, porém andando cautelosamente a fim de evitar qualquer agitação e sem se aventurar a meter os dedos dentro d'água. Porém, ninguém podia tomar banho ou mesmo provocar o mais leve distúrbio n'água, mesmo esfregar o sabão nas mãos, sem que atraísse a atenção daqueles terríveis peixes, que acorriam rapidamente para o ponto, evidentemente na esperança de encontrarem algum animal em dificuldades. Uma

ocasião, enquanto Miller e alguns índios tentavam lançar um bote no rio fazendo grandes movimentos na água, uma piranha atacou um índio nu, que fazia parte da comitiva, mutilando-o enquanto ele se defendia e se debatia, com água até à cintura, no meio da correnteza. Quando não se faz movimento dentro d'água, raramente elas atacam, porém, se de qualquer modo se fôr atacado, o sangue que mancha a água produz uma verdadeira loucura nas piranhas e elas de atiram ao indivíduo com terrível ferocidade.

★

Em Corumbá fazia calor. No pátio do hotelzinho confortável, ouvimos cigarras cantando, mas não com o grito agudo da cigarra-locomotiva que eu escutara no jardim da casa em que me hospedei, em Assunção. Este, aliás, foi um dos mais notáveis silvos que já tenho ouvido, exceto o de uma espécie de batráquio, cujo lamento se ouve na árvore denominada "hirax", da África Oriental. E, como aquele animal da África Oriental, a voz desse inseto sul-americano, ou aliás, o grito que ele emite, se é que se possa comparar com a voz de outros animais, parece ter qualquer coisa, no seu início, que remotamente sugere alguma afinidade com o coaxar dos batráquios.

A parte do som que se diz imitar a locomotiva nada mais parece do que uma pequena sirene de navio; quando se a escuta pela primeira vez, é impossível acreditar-se que seja produzida por um inseto.

A 17 de dezembro o Cel. Rondon e vários membros da comitiva saíram em uma pequena embarcação para a fazenda de um senhor de Barros — "Las Palmeiras" — no rio Taquari. Nós continuamos a descer o Paraguai mais algumas milhas e em seguida subimos o Taquari. Foi uma bela viagem. O rio, que é raso (fomos obrigados a parar várias vezes), corre por um avasta planície pantanosa, com raras elevações cobertas de árvores. Havia muitas aves aquáticas. Pululavam as anhingas. Porém a mais interessante e atraente de todas as aves era o imponente jaburú. Bandos e bandos dessa espécie de cegonha branqueavam os pântanos ou se enfileiravam nas margens do rio.

Não são aves espantadiças apesar do grande porte; antes do vôo dão uma carreira de alguns metros e em seguida lançam-se no ar. Certa vez, à tarde, um casal de jaburús se pôs a voar em curvas, muito alto sobre nossas cabeças, subindo cada vez mais, até quase desaparecer nas alturas. Outra ocasião, já dia avançado, passou um bando pela embarcação, rebrilhando, à luz da tarde, o corpo branco com pontos pretos; junto com eles os colhereiros também voavam, como manchas rosadas entre os seus companheiros de neve.

Enxames de jacarés apareciam a toda hora, e nós matamos inúmeros desses nocivos anfíbios. E eles — coisa singular — ficavam impassíveis à nossa aproximação e ao estampido dos tiros. As vezes se punham erectos sobre as pernas como se fossem miniaturas de monstros pré-históricos. Um deles mostrou, pelo seu modo de agir, a insignificância das dores causadas pelo tiro sobre esses animais de nervos insensíveis e sangue frio. Estava estirado na praia quando foi atingido por uma bala de calibre 22. Deslisou para a água, porém caiu justamente no meio de um cardume de peixes. No momento parecia haver esquecido tudo com exceção do seu voraz apetite, e começou a deglutir os peixes. Abocanhava peixe por peixe levantando a cabeça acima da água cada vez que agarrava um; mas uma segunda bala pôs fim à cena. Alguns deles, quando são visados pela arma, mostram o mais extraordinário indiferentismo. Por falar em armas, devo dizer que as nossas eram boas, com exceção da espingarda de Miller. O material fornecido pelo Museu Americano era excelente, menos as carabinas e cartuchos; aquelas eram tão ruins que Miller tinha sempre de usar a de Fiala ou então a minha "Fox" de calibre 12.

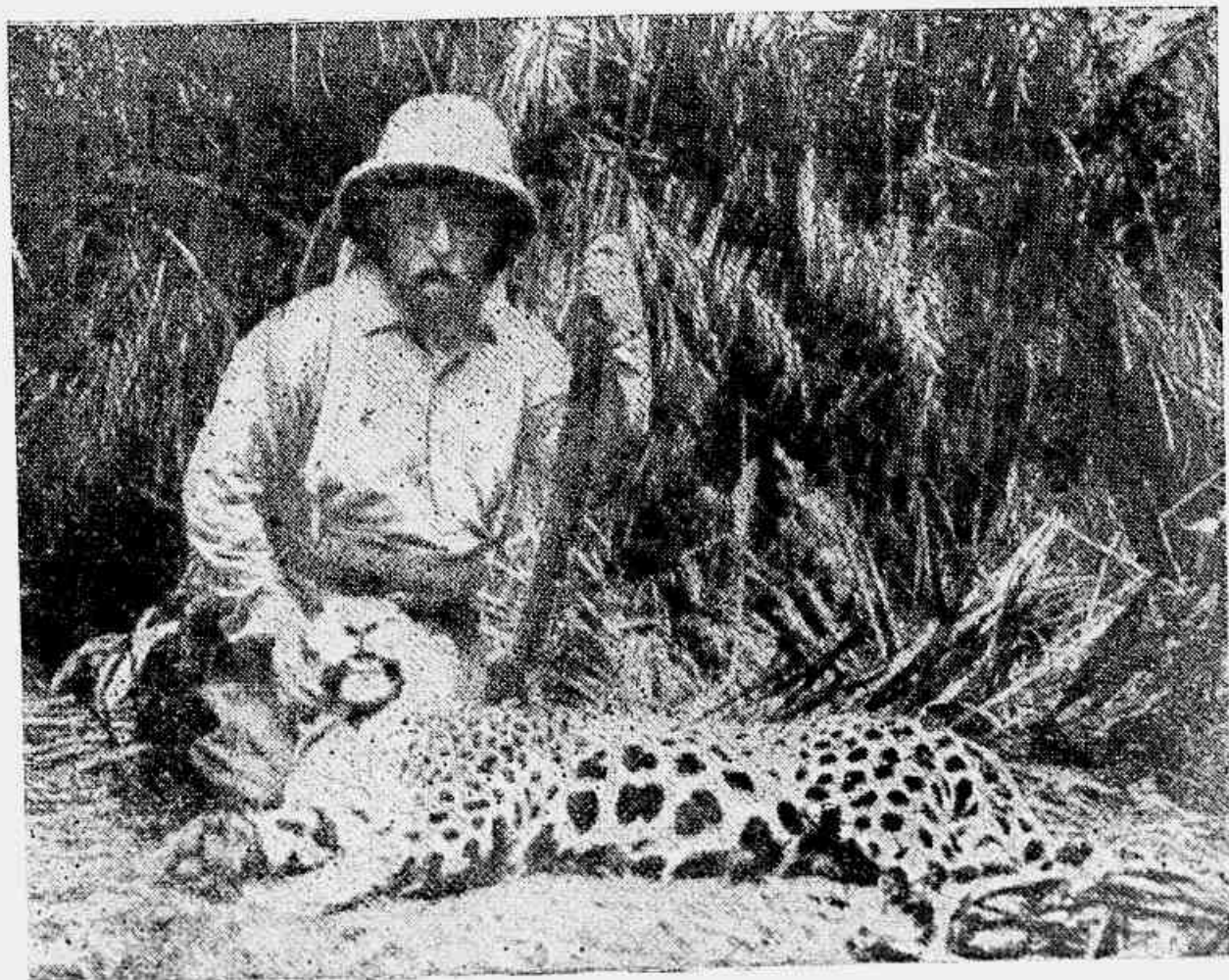
Já ao cair da noite apanhamos um animal mais interessante do que os jacarés. Kermit estava de posse de dois cães de caça que havíamos conseguido por gentileza de um de nossos amigos argentinos. Eram animais de tamanho indescritível, naturalmente ótimos caçadores, e rapidamente se afeioaram a todos os membros da expedição, especialmente a Kermit, que era quem cuidava deles. A um batizamos com o nome de "Shenzi", nome dado a um arbusto silvestre pelos "Swahili", sentinelas avançadas da civilização africana. Este era muito manso, pesado e bruto. Daí o seu nome. O outro foi batizado com o nome brasileiro de "Trigueiro".

Surgia agora uma oportunidade para que ambos fossem experimentados. Estávamos navegando entre grandes extensões de capinzal cerrado com cerca de um metro de altura, quando lobrigamos, do tombadilho, um vulto preto que se destacava sobremodo do verde intenso do capim. Era um gigantesco comedor de formigas, o tamanduá bandeira, um dos mais extraordinários espécimes do mundo moderno. E' do tamanho de um pequeno urso preto. Tem um fino e longo focinho com uma língua que pode ser estendida por alguns palmos de distância e não possui dentes; seu pêlo é áspero e negro com exceção de duas listras brancas; tem a cauda longa, em bandeira, e é provido de unhas reforçadas nas patas anteriores.

Caminha firmando-se lateralmente nas patas dianteiras com as unhas recurvadas para dentro.

Emprega as unhas na escavação de formigueiros; é, porém, animal corajoso e na luta se torna inimigo bastante respeitável, apesar de não possuir dentes, pois sabe dar golpes violentos com as garras da pata. Vez por outra dá um abraço apertado em algum antagonista, agarrando-o firme; porém, sua arma comum de defesa são as longas e vigorosas garras recurvadas, que, movidas por fortes músculos dos membros dianteiros, podem lacerar um homem ou qualquer outro animal. Diversos companheiros de jornada já tiveram seus cães abatidos por esses comedores de formigas e já haviam encontrado um cidadão que apresentava uma horrível cicatriz nas costas proveniente da unhada de um, quando tentava matá-lo a pequena distância. Logo que avistamos o gigantesco tamanduá tomamos uma baleeira e aproximamos a uns metros de distância da nossa desprevenida presa. O ta-

O destemor, o gosto pela aventura, a capacidade de realização do norte-americano típico, traduziram-se nesta jornada perigosa pelo "hinterland" brasileiro. Aqui está Theodore Roosevelt quando acabava de caçar o seu primeiro jaguar.



O Coronel Roosevelt e o Coronel Rondon numa de suas agitadas caçadas. "Dependuramos o veado morto numa árvore", escreveu mais tarde o grande amigo do Brasil. Eles caçavam antas e jaguares, nas matas e nos rios de Mato Grosso e fizeram-se bons amigos.

manduá tem por hábito raramente deixar a floresta e se torna em geral inofensivo no descampado. Os dois cães correram na frente acompanhados pelo Cel. Rondon e Kermit, vindo eu mais atrás com a espingarda. Em um minuto ou dois, no máximo, os cães alcançaram o manhoso e displicente animal e prontamente começaram a luta. Os combatentes se emaranharam de tal sorte que eu tive de esperar um minuto ou mais para poder atirar sem risco de atingir os cães. Levamos a nossa presa até a praia, içando-a para bordo. O sol estava quase se pondo por detrás dos montes sombrios, muito além dos pantanais.

★

Pouco tempo depois alcançamos um dos marcos da imensa fazenda que íamos visitar e continuamos a navegar ao longo da ribeira pela tarde a dentro. Encontramos um ponto de desembarque em que havia ranchos de telhas e currais. Vários camaradas vieram ao nosso encontro. Ao anoitecer eles gentilmente fizeram uma fogueira, em torno da qual se sentaram e começaram a cantar num tom menor exquisito, acompanhados de violas mal tocadas. A luz vermelha da fogueira tremulava sobre aquelas figuras grotescas que apreciam ir-se afastando das labaredas, agachados, até o ponto em que a luz e as trevas se encontravam. O ar estava parado e quente. Como era natural, havia mosquitos e outros insetos de todas as qualidades, que fervilhavam em torno de cada foco de luz; o navio, porém, era confortável e nós passamos uma noite bem agradável. Ao amanhecer partimos para a fazenda de M. de Barros. A bagagem seguiu em um carro de boi que teve de fazer duas viagens, de sorte que os meus objetos chegaram um dia depois de mim. Nós fomos a cavalo, em verdadeiros cavalicoques. A distância era de umas três léguas e pouco. Quase toda a região era pantanosa, tendo em alguns pontos extensões de terreno elevado; e apesar destas extensões se erguerem somente 1,00 a 1,20^m acima do pântano, eram cobertas de selva espessa — a maioria palmitais ou, então, matas de outras palmeiras mais altas. Durante 2 a 4 quilômetros chapinhamos no pantanal e de quando em quando cruzávamos um atoleiro, onde os pobres cavalicoques lutavam para não se afundar. O nosso guia, que era um caboclo, vestia camisa, calças e um avental de couro com franjas. Estava descalço, tendo uma espora em cada pé. Usava uma corda como rédea e 2 ou 3 dedos de cada pé estavam metidos em um pequeno estribo de ferro. Naquela época as lagoas dos pantanais estavam secando. Mostravam-se repletas de peixes, sendo que muitos já mortos e outros prestes a morrer. Os pássaros afluíam ao banquete. Os mais notáveis comensais eram os grandes jaburús, imponentes criaturas que marchavam os pantanais. Havia abundância de magoarís e garças; os primeiros emitiam gritos tristes e exquisitos quando se apercebiam de nossa presença. Os quero-queros eram terrivelmente barulhentos. Os ma-

goarís e as gaivotas não se incomodavam com os peixes, porém os urubús se banquetavam com eles, na lama. Nas lagoas que ainda não estavam bem secas, os pequenos jacarés ou jacaretingas também se fartavam. Em vários lugares o odor de peixe morto se tornava intolerável. Depois, durante quilômetros, viajamos à orla de uma belíssima floresta de palmeiras altas esguias — o carandá — por entre as quais se notavam outras espécies de árvores. Periquitos verdes de cabeça preta passavam chilreando; barulhentos papagaios verdes e vermelhos trepavam nas palmeiras e grandes ararás, umas inteiramente azues, outras quase totalmente vermelhas, lançavam seus gritos estridentes o pousarem nas árvores ou ao revoarem à nossa aproximação. Se acontecia alguma ficar ferida, punha-se a gritar dando voltas em torno do pescoço de sua companheira. Os naturalistas verificaram que a fauna avícola dali era totalmente diferente daquela que haviam estudado na parte montanhosa da região de Corumbá, a 70 ou 80 milhas de distância; e havia grande quantidade de aves quer em número de espécies, quer de indivíduos. A América do Sul é senhora da mais vasta e variada avifauna de todos os continentes. De outro lado, a fauna mamífera, apesar de bastante interessante, é muito pobre em número de espécies e de indivíduos, como também no tamanho de seus representantes.

Possue maior número de animais, que são típicos e diferentes dos animais de outros continentes, com exceção da Austrália, sendo entretanto maiores e de tipos mais variados do que os daquele país. Porém, nada existe que se aproxime da majestade, beleza e quantidade dos grandes mamíferos da África, e, em menor escala, da Ásia tropical. Realmente a fauna mamífera sul-americana nem mesmo se aproxima dos espécimes similares da América do Norte e da região norte da Eurásia (1), e é pobre ainda em comparação com a vitalidade estuante da vida tropical do Velho Mundo. Em recente período geológico, período em que o homem se comparava física e culturalmente com muitas tribos selvagens, a América do Sul possuía uma fauna variada e surpreendente, de enormes animais: tigres de boca preta, grandes leões, mastodontes, cavalos de várias espécies, paquidermes com formas de camelos, preguiças gigantes, mylodons do tamanho de rinocerontes e muitas e muitas outras estranhas e maravilhosas criaturas.

(1) Designação dada por alguns geógrafos à região constituída por uma parte da Europa e outra da Ásia (N. do trad.).

A sedução do perigo atrai o ex-presidente norte-americano. Ele enfrentava os animais ferozes com espírito esportivo e grande bravura, dominando-os facilmente. Mas também um estadista que se caracterizou pela energia máxima de suas campanhas.



Por uma razão qualquer, sobre cuja natureza, no momento, não podemos sequer arriscar uma conjectura, esta vasta e gigantesca fauna desapareceu completamente, não se tendo consumado a tremenda catástrofe (cuja duração é desconhecida) até cerca de poucos milhares de anos passados. Quando o homem branco atingiu a América do Sul encontrou a mesma fauna mamífera fraca e empobrecida que praticamente existe até hoje, sem modificação. Em outras partes, o homem civilizado tem sido mesmo mais destruidor da magnífica vida mamífera das selvas do que seus irmãos selvagens. Durante séculos ele tem destruído as mais perfeitas formas de animais da Europa, Ásia e África do Norte; mesmo em nossos dias, tem repetido essa prática em grande escala em outras partes da África e na América do Norte. Na América do Sul, porém, apesar de ser ele o responsável, em alguns lugares, pela matança desenfreada dos mais interessantes e maiores animais, ou ainda das mais belas aves, o seu advento trouxe um enriquecimento positivo da fauna mamífera selvagem. Nenhum dos herbívoros nativos se aproxima em tamanho e beleza às manadas de bois e cavalos selvagens ou semi-selvagens que enriquecem o panorama da região. Há razão de sobra para que o bom povo da América do Sul desperte, como nós, da América do Norte, já bastante tarde começamos a fazê-lo e como também os povos da Europa setentrional — não do sul da Europa — já parcialmente despertaram para o dever de preservar do empobrecimento e da extinção a vida selvagem, que é um patrimônio de grande interesse e valor, em nossas terras. E' de notar que essa culpa do homem civilizado se torna desconcertante e mesmo injuriosa, quando se evidencia a inteira verdade de sua extensão.

★

Depois de 5 ou 6 horas de viagem através dessa região pantanosa e de florestas de palmáceas, alcançamos a fazenda que demandávamos. Nas imediações existiam gigantescas figueiras, isoladas ou em grupos, com densa folhagem verde-escuro. Viam-se lagoas cobertas de plantas aquáticas, prados úmidos com manchas secas, descampados ou cobertos de palmeiras entremeadas de árvores silvestres que se estendiam por léguas e léguas em todas as direções. Há cerca de 30.000 cabeças de bovinos na fazenda, além das manadas de cavalos e porcos e de alguns rebanhos de carneiros e cabras. As casas de residência se encontram num quadrilátero circundado por cerca ou paliçada.

Um dos ângulos do quadrilátero é formado pela casa principal, de um só pavimento, com paredes caiadas de branco e teto de telhas vermelhas.

No interior da casa, os quartos, de paredes limpas e brancas e barrote de troncos de palmeira, estavam desprovidos de móveis. Havia sólidos postigos de madeira nas janelas com vidraças. Dormimos em rédes ou em jiraus e nos deliciamos fidalgamente com saborosos pratos brasileiros. Do outro lado do quadrilátero estava a outra casa, que era baixa, comprida e branca, também com telhado vermelho. Ali se encontravam a cozinha e os cômodos dos empregados mais graduados; o capataz, o cozinheiro e os caçadores com suas famílias; homens de cor cujas mulheres mostravam variações da raça branca, índia e negra. As crianças brincavam alegremente na poeira, vigiadas com ternura pelas mães. Do lado oposto da cozinha se estendia uma série de habitações, algumas mal caiadas e de pau a pique, com tetos de folhas de zinco; outras de troncos de palmeiras cobertas de folhas também de palmeiras. Essas eram: a casa de arreios, o armazém, o galinheiro e o estábulo.

O galinheiro foi cedido a Kermit e Miller, que ali trabalharam com afinco na preparação dos espécimes recolhidos.

A grande pele do gigantesco tamanduá teve de ser estendida no chão, enquanto marrequinhas e pintainhos ciscavam ao redor e mesmo sobre ela, catando migalhas de carne e apanhando moscas. O quarto ângulo do quadrado era formado por um curral e um grande ripado sobre o qual se dependuravam peles e mantas de carne para secar. Coisa extraordinária! não havia mosquitos; o motivo eu não posso explicar, pois deviam existir em grande profusão nestes vastos pantanais. Por essa razão, apesar do calor, sentiamo-nos bem. Nas proximidades havia outras habitações: barracas e cabanas de palmeiras em que vivem os trabalhadores, além de grandes currais. Dentro do quadrilátero viam-se flamboyants com profusão de flores vermelhas brilhantes e folhagem verde vivo, levemente podados. Passarinhos álares enchiam essas árvores.

Um casal de periquitos verdes havia escolhido uma alta palmeira do jardim para a sua moradia e já se preparava para construir o ninho.

Chilreavam incessantemente, não só quando voavam, como quando se achavam pousados ou caminhando pelas folhas.

Magoarís e gaivotas com pios de lamento passavam em vôo rápido sobre as nossas cabeças. As jaçanas frequentavam as lagoas das proximidades e os trabalhadores, com uma familiaridade que nós diríamos sacrilega, e que para eles era inteiramente inofensiva e natural, chamavam-lhes de "Jesús Cristo", porque andam sobre as águas. A vizinhança era de uma riqueza esplêndida de pássaros. Havia grandes extensões de papiros que não mediam um quinto ou talvez um décimo da altura do seu congênere da África. Nesses pan-



O Córrego de Virapiranga, município de Corumbá, em Mato Grosso, onde a expedição de Theodore Roosevelt se localizou por muito tempo. Ali se concentravam os homens e as bagagens dessa expedição, fixando um ponto de referência, armando acampamento junto aos regatos, no meio da vegetação rasteira, e onde o alimento era tão escasso e a vegetação tão densa "que por vezes as mulas desajaziam e os homens também quase!"

tanos existiam muitos pássaros semelhantes aos melros; alguns emitiam notas que me faziam lembrar os nossos tordos. Outros tinham a cabeça, pescoço e coxas vermelhos reluzentes; muitas vezes uma dezena pousava em bando na haste de um lírio que vergava com o peso. Encontramos, nas árvores, modalidades, as mais extraordinárias, de ninhos de pássaros. E ainda existem ninhos para o trabalho de colecionadores de espécimes da América do Sul.

Acredito, porém, que, com relação a ninho de pássaros, se torna muito mais necessário um trabalho cuidadoso de observação e de apreciação, muito embora, quer para os cientistas e historiadores ou qualquer homem de letras, seja imprescindível não somente um conhecimento seguro da língua, como também a realidade dos fatos que a este respeito são descritos.

O naturalista que se dedique principalmente aos estudos dos hábitos e da biologia dos pássaros, animais, peixes e répteis e que está à altura de descrever verdadeira e vividamente o que observou poderá prestar serviço de muito maior utilidade do que o mero colecionador, nesta região do alto Paraguai. O trabalho do colecionador é indispensável; mas é apenas uma pequena parte do que se deve realizar, de vez que, depois que as coleções tenham atingido a um certo grau, torna-se de muito maior importância o registro das observações feitas no campo.



Os longos dias em que atravessamos a cavalo os pantanais foram agradáveis e interessantes. Várias vezes avistamos o tamanduá bandeira, o gigante comedor de formigas. Kermit matou um porco; os naturalistas estavam desejosos por outro exemplar; depois não precisamos mais de molestar aquelas estranhas e antiquadas criaturas. Foi para nós uma surpresa encontrá-los vivendo habilmente nos descampados. Estavam sempre nos lugares lamacentos e nos mangues, atolados no lodo. Os estômagos desses animais têm as paredes espessas como se fossem moelas; os dois que nós matamos continham formigas adultas e larvas, principalmente estas, juntamente com grande quantidade de lama e fragmentos de folhas verdes e secas. Naturalmente a matéria terrosa e vegetal foi engolida acidentalmente, aderindo às viscosidades da língua quando impelida para dentro dos formigueiros. Quando nos pantanais, o tamanduá não pode evitar que seja observado, nem lutar eficientemente e tão pouco fugir a qualquer perseguição. Era curioso vê-los arrastando-se num trote cambaleante, com a grande cauda erguida em bandeira. Um, enquanto lutava com os cães, deu um rápido pulo nas costas do animal, evidentemente no intuito de abarcá-lo com as garras, e de quando em vez se empinava para atingir os assaltantes. Em um trecho de mata fechada vimos

um macaco preto gritador, sentado imóvel no topo de uma árvore. Vimos também um veado dos pântanos do tamanho aproximado do nosso de cauda preta. É realmente um animal do pântano, pois, vimos-lo grande número de vezes nesses lugares e nos descampados — metidos na água até os joelhos, por entre plantas aquáticas.

O trote duro dos animais nos cansou bastante através dos pântanos. Muitas vezes, ao atravessarmos algum banhado ou lagoa, a água quase que atingia a barriga dos nossos cavalos; porém eles se enlameavam, se debatiam e se fôsse preciso até nadavam. Os cães tinham o aspecto selvagem. Alguns mostravam a aparência perfeito de um lobo marinho. Tais cães, informaram-nos com segurança, eram descendentes, por um lado, do grande lobo vermelho (2) da redondeza, um animal alto e esbelto, com dentes muito menores do que os do grande lobo do hemisfério norte. O cão doméstico é indubitavelmente descendente de, pelo menos, uma dúzia de diferentes espécies de cães selvagens, lobos e chacais, alguns deles provavelmente pertencendo ao que se denominam gêneros diferentes.

O grau de fecundidade ou infecundidade entre espécies diferentes varia de maneira extraordinária e inexplicável nas famílias dos mamíferos. Nos equídeos, por exemplo, as espécies não são férteis entre si, ao passo que com os bovinos, considerando-se espécies pelo menos tão similares como o cavalo, o burro e a zebra — que guardam entre si diferenças que equivalem às existentes entre o boi comum, o bisão, o boi do Tibé, e o gaur — cruzam com facilidade e seus produtos são férteis; o leão e o tigre também podem cruzar e os filhos deste acasalamento, por sua vez, procriam com qualquer dos reprodutores; e os cães domésticos em vários pontos do globo, apesar de todos cruzarem entre si, são, em muitos casos, aparentados com os lobos e chacais, animais esses que são específica e até mesmo genericamente distintos. O grande lobo vermelho das planícies sul-americanas não é parente muito próximo do lobo do nordeste da América do Norte e foi para mim uma surpresa vê-lo cruzado com os cães de casa.



Tôdas as tardes, após a refeição, deixávamo-nos ficar na sala de jantar ou, então, íamos sentar debaixo das árvores, já escuro, e falávamos de muitas coisas: história natural com os naturalistas, e sobre muitos outros assuntos com eles próprios ou com os nossos amigos brasileiros. O Cel. Rondon não é simplesmente um oficial e um cavaleiro, no sentido mais honroso da palavra, comparado aos melhores profissionais de qualquer bom exército. É também um destemido e

Continua na pág 85

(2) Guará. A maior espécie canídea do Brasil — *Canis jubatus* — que erradamente se chama de lobo (N. de trad.).

CLO

pagar uma conta estúpida no leiteiro...

São banhos de ouro, é que são! Jogo nos bichos...

Hoje tinha tanta fé no "jacaré"...

O caixa passava e ele recomendou:

— Baldomero, outra cerveja. O doutor não toma mais um "madeira"?

— Vá lá. Ganhou, doutor?

— Qual! E não imagina que falta me fez!

— Se quer?...

CASA BRUNO
PAPELARIA E TIPOGRAFIA
LARGO DA LAPA, 34-B

AOS SEUS
CLIENTES E AMIGOS

A CASA BRUNO TEM O GRATO PRAZER DE INFORMAR QUE RECEBEU UM VARIADO SORTIMENTO DE CANETAS TINTIPEIRO DE AFAMADAS MARCAS AMERICANAS, TAIS COMO:

PARKER,
SHEAFFER'S E
WATERMAN'S,

BEM COMO OS TIPOS POPULARES E ESCOLARES DA:

E. FABER e
STRATTFORD

Admire-as nos mostruários da seção especializada de canetas - tintiheiro da Casa Bruno e faça a sua escolha.

CASA BRUNO
L.º da Lapa, 34-B



FORMICIDA EM PÓ

"DUPRAT"

95/98%

Cianureto de sódio a

Aprovado e Registrado pelo Serviço de Defesa Sanitária Vegetal do Ministério da Agricultura sob o N.º 212-V.

UM PRODUTO DE FACIL APLICAÇÃO E ÓTIMO RESULTADO NO COMBATE A

FORMIGA SAÚVA

Indústrias Químicas Duprat

DUPRAT & CIA. LTDA.

Rua da Regeneração, 18
Bonsucesso

BIO DE JANEIRO

— BRASIL —

— Por quem é, meu caro; deixe-se disso! Então há de assim todo o dia?

— Que tem!... Ora!... Nada de cerimônias; é como se recebesse de um filho...

— Nada disso... Nada disso... Fingindo que não entendia a recusa, o doutor André foi retirando da carteira uma bela nota, cujo valor nas algibeiras do Dr. Maximiliano fez-lhe esquecer em muito a sua desdita no "jacaré".

O deputado ainda esteve um pouco; em breve, porém, se despediu, reiterando a promessa de que iria até a casa do professor para ver as duas senhoras fantasiadas.

O doutor Maximiliano bebeu ainda uma garrafa e acabou que foi a cerveja, saiu vagarosamente um tanto trôpego.

A noite já tinha caído de há muito. Era já noite fechada. Os cordões e os bandos carnavalescos continuavam a passar, ru-fando, batendo, gritando desesperadamente. Homens e mulheres de todas as cores — os alicerces do país — vestidos de meia, canitares e enduagens de penas multicores, fingindo índios, dancavam na frente, ao som de uma zabumbada africana, tangida com fúria em instrumentos selvagens, roufenhos, uns, estridentes, outros. As danças tinham luxuriosos requebros de quadris, uns caprichosos trocar de pernas, umas quedas imprevistas.

Aquelas fantasiados tinham guardado na memória muscular velhos gestos dos avoengos, mas não mais sabiam condená-los nem a explicação deles. Eram restos de danças guerreiras ou religiosas dos selvagens de onde a maioria deles provinha que o tempo e outras influências tinham transformado em palhaçadas carnavalescas...

Certamente, durante os séculos de escravidão, nas cidades, os seus antepassados só se podiam lembrar daquelas cerimônias de suas amigas ou tabas, pelo Carnaval. A tradição passou aos filhos, aos netos e estes estavam ali a observá-la com as inevitáveis deturpações.

Ele, o doutor Maximiliano, apaixonado amador de música, antigo professor de piano, para poder viver e formar-se, deteve-se um pouco, para unir aquelas bizarras e bárbaras cantorias, pensando na pobreza de invenção melódica daquela gente. A frase, mal desenhada, era curta, logo cortada, interrompida, sacudida pelos rufos, pelo ranger, pelos guinchos de instrumentos selvagens quase. Um instante, ele pensou em continuar uma daquelas cantigas, em completá-la; e a ária veio-lhe inteira ou unida, provocando o antigo professor de música a fazer parar o "Chuveiro de Ouro", a fim de ensinar-lhe aos cantores o que a imaginação lhe havia trazido à cabeça naquele momento.

EDIFÍCIO

BARÃO DE CAMPO BELO

R. PAULA FREITAS, 19 E 21

Apartamento com varanda de frente, grande living-room, sala de jantar, 3 quartos, varanda de fundos, banheiro completo, quarto de criada, copa, cozinha, terraço de serviço, etc.

Preço a partir de Cr\$ 400.000,00. Entrada à vista Cr\$ 120.000,00 a combinar e prazo de 18 anos, Cr\$ 280.000,00, em prestações mensais de Cr\$ 2.800,00.

INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO NA
SEÇÃO DE VENDAS

Banco Hipotecario Lar Brasileiro S. A.

RUA DO OUVIDOR, 90 — TELEFONE: 23-1825

Lembrou ele tivesse dito que gostava daquela barulhada, o amador de música vencia o homem desgostoso. Ele queria que aquela gente entoasse um hino, uma cantiga, um canto com qualquer nome, mas que tivesse regra e beleza. Mas — logo imaginou — para que? Corresponderia a música mais ou menos artística aos pensamentos íntimos deles? Seria mesmo a expansão dos seus sonhos, fantasias e dores?

E, devagar, se foi indo pela rua em fora, cobrindo de simpatia toda a puerilidade aparente daqueles esgares e berros, que bem sentia profundos e próprios daquelas criaturas grosseiras e de raças tão várias, mas que encontravam naquele vozeiro bárbaro e ensurdecador meio de fazer porejar os seus sofrimentos de raça e de indivíduo e exprimir também as suas ânsias de felicidade.

Encaminhou-se direto para a casa. Estava fechada; mas havia luzes na sala principal, onde tocavam e dançavam.

Atravessou o pequeno jardim, ouvindo o piano. Era sua

mulher quem tocava; ele o adivinhava pelo seu "velouté", pela maneira de ferir as notas, muito docemente, sem deixar quase perceber a impulsão que os dedos levavam. Como ela tocava aquele tango! que paixão punha naquela música inferior!

Lembrou-se então dos cordões, dos ranchos, das suas cantilenas, ingênuas e bárbaras, daquele ritmo especial a elas que também perturbava sua mulher e abrasava sua filha. Porque caminho lhes tinha chegado ao sangue e à carne aquele gosto, aquele pendor por tais músicas? Como havia correlação entre elas e as almas daquelas duas mulheres?

Não sabia ao certo mas viu em toda a sociedade complicados movimentos de trocas e influências de paixões, de gostos e inclinações.

Quando entrou, o piano cessava e a filha descansava, no sofá, a fadiga da dança lúbrica que estivera ensaiando com o irmão. O velho ainda ouviu indulgentemente o filho dizer: é assim que se dança nos Democráticos.

FARMÁCIA MUNDIAL

118 — RUA S. JOSÉ — 118

Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras — Perfumarias e produtos de "toilette" — Meticuloso e rápido aviamento do receituário médico.

PRODUTOS DE COMPROVADA EFICIÊNCIA:

RADIOCALCIO — Granulado recalcificante e remineralizador.

MICOCID — Tópico anti-micótico para as afecções parasitárias da pele.

HEPASE — Para as afecções do fígado. Estimulador e assepsizador das vias biliares.

TALCO SULFOBÓRICO MUNDIAL — Antisséptico calmante e secativo.

GARGAREJO ANTISÉPTICO MUNDIAL — Para as afecções da boca e do faringe; anginas e estomatites.

ENTREGAS A DOMICÍLIO

FONES: 22-6932 e 22-7208

Cló logo que o viu, corre a abraçá-lo e, abraçada ao pai, perguntou:

— André não vem?
— Virá.

Mas, logo, em tom severo, acrescentou:

— Que tem você com André?
— Nada, papai; mas ele é tão bom...

Quis Maximiliano ser severo; quis apurar-se da sua respeitável autoridade de pai de família; quis exercer o velho sacerdócio de sacrificador aos deuses Penates; mas era cético demais, duvidava, não acreditava mais nem no seu sacerdócio nem no fundamento de sua autoridade. Ralhou, entretanto, frouxamente:

— Você precisa ter mais compostura, Cló. Veja que o doutor André é casado e isto não fica bem.

A isto, todos entraram em explicações. O respeitável professor foi vencido e convencido de que a afeição da filha pelo deputado era a coisa mais inocente e natural deste mundo. Foram jantar. A refeição foi tomada rapidamente. Fred, contudo, pôde dar algumas informações sobre os préstimos carnavalescos do dia seguinte. Os Fenianos perderiam na certa. Os Democráticos tinham gasto mais de sessenta contos e iriam pôr na rua uma coisa nunca vista. O carro do estandarte que era um templo japonês, havia de fazer um **bruto sucesso**. Demais, as mulheres eram as mais lindas, as mais bonitas... Estariam a Alice, a Charlotte, a Lolita, a Carmen...

— Ainda toma muito cloral? perguntou Cló.

— Ainda, retrucou o irmão; e emendou: vai ser uma lindeza, um triunfo, à noite, com luz elétrica, nas ruas largas...

E Cló, por instantes, mordeu os lábios, suspendeu um pouco o cílio e riu-se ela também, no alto de um daqueles carros, iluminada pelos fogos de bangala, recebida com palmas, pelos meninos, pelos rapazes, pelas moças, pelas burguesas e burgueses da cidade. Era o seu triunfo, a meta de sua vida; era a proliferação imponderável de sua beleza em sonhos, em anseios, em idéias, em violentos desejos naquelas almas pequenas, sujeitas ao império da convenção, da regra e da moral. Tomou a cerveja, todo o cílio de um hausto, limpou a espuma dos lábios e o



Um PERFUME

Inesquecível!

Os perfumes são as recordações mais duradouras!...

Eles são a música dos sentidos e ficam na memória como as canções!...

E ha um perfume que nunca mais se pode esquecer: — é o perfume **ORGANDY** de **BAZIN**. O perfume que é sensibilidade, o perfume que é uma noite cheia de estrelas, o perfume do amor e da poesia!...



Organdy

de BAZIN

Obra prima da perfumaria!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

seu ligeiro buço surgiu lindo sobre os breves lábios vermelhos. Em seguida, perguntou ao irmão:

— E essas mulheres ganham?

— Qual! Você não vê que é uma Deusa, respondeu-lhe o irmão.

E o jantar acabou sério e familiar, embora a cerveja e o vinho não tivessem faltado aos devotos de cada uma das duas bebidas.

Logo que a refeição acabou, talvez uns vinte minutos após, o doutor André se fazia anunciar. Desculpou-se com as senhoras: não pudera vir jantar, questões políticas, uma conferência... Pedia licença para oferecer aquelas pequenas lem-

branças de Carnaval. Deu uma pequena caixa à D. Isabel e uma maior a Cló. As jóias saíram dos escrínios e faiscaram orgulhosamente para todos os presentes deslumbrados. Para a mãe, um anel, para a filha, bracelete.

— Oh, doutor! fez D. Isabel. O senhor está a sacrificar-se e

nós não podemos consentir nisto...

— Qual! D. Isabel! São falsas, nada valem... Sabia que D. Clódia ia de **preta mina** e lembrei-me trazer-lhe este enfeite...

Cló agradeceu sorridente a lembrança e a suave boca quis fixar demoradamente o longo sorriso de alegria e agradecimento. E voltaram a tocar. D. Isabel pôs-se ao piano e, como tocasse depois da sobremesa, hora da melancolia e das discussões transcendentais, como já foi observado, executou alguma coisa triste.

Chegava a ocasião de se prepararem para o baile a fantasia

(Continua na pág. 98)

Moveis Estofados de Luxo

Fabricamos sob encomenda a escolher por nosso album ou qualquer desenho.

Aceitamos também reformas.

Orçamento sem compromisso
MONTEIRO VARAO & Cia.
RUA JOAQUIM PALHARES, 79
FONE 28-9916

HOMENAGEM A REVISTA DA SEMANA
Massa para rolos
SERVIÇO ESMERADO DE FUNDIÇÃO DE ROLOS PARA TIPOGRAFIAS

G. M. LEITE
Rua Evaristo da Veiga n. 111
(FUNDOS)
Telefone 22-2414 — Rio de Janeiro



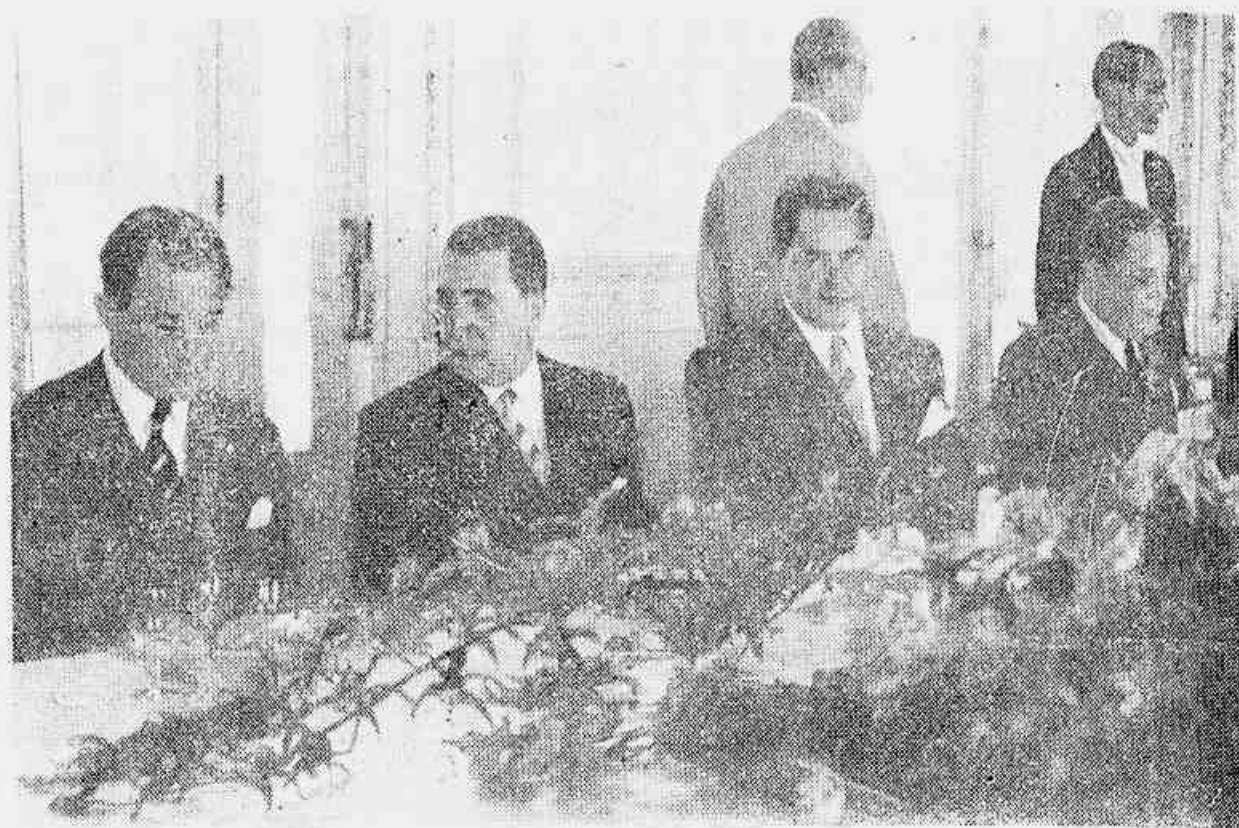
CASACOS

- 1 — Casaco três-quartos, de corte bastante original. Observem principalmente o corte das mangas. Botões em tom mais escuro.
- 2 — Elegante casaco três-quartos, em lã bege com mangas e aplicações de "astrakan".
- 3 — Modelo prático e jovem, em lã azul-claro. Gola alta, mangas largas e embutidas, de corte moderníssimo.
- 4 — Casaco de lã, talhe "princesa", com gola e punhos de "astrakan".
- 5 — Elegante casaco de lã havaiana, pespontos na gola e no cinto, mangas de grande originalidade.

"HABILLE"

- 6—Modêlo em sêda preta com bordados em linhas ou vidrilhos de côres vivas.
- 7—Simples e elegante "duas-peças" de crepe-mate, com belíssimo trabalho de nervuras.
- 8—Modêlo em crepe de sêda bege, com aplicações em verde vivo. Drapeados na gola e na saia.
- 9—Modêlo de grande originalidade, em crepe da china azul-marinho. Decote profundo, com "laçadas" da mesma fazenda. Saia drapeada.
- 10—Modêlo em crepe romano, com pala de "tulle" e aplicações de "festons". Rosa viva à cintura.





Jockey Club Mundano

A Diretoria do Jockey Club Brasileiro ofereceu, no dia 9 do corrente, antes de ser disputado o "Grande Prêmio Prefeitura Municipal", um almoço ao sr. Hildebrando de Góis, prefeito do Distrito Federal.

Além do homenageado, estavam presentes à mesa, o sr. General Alcio Souto, o dr. José Pereira Lira, todo o secretariado da Prefeitura, a Diretoria do Jockey Club, e outras figuras destacadas da nossa sociedade.

Nesta página estampamos dois aspectos do almoço e diversos flagrantes colhidos no Hipódromo durante os intervalos das carreiras.



Uma caçada de Jaguar no Taquari

Continuação da pág. 81

competente desbravador, um bom naturalista, um homem de ciência, enfim, estudioso e filósofo. Com ele a conversa versava desde a caçada de onça e os perigos da exploração do "mato-grosso" — a grande selva — até a antropologia indígena, os perigos da civilização industrial puramente materialista e a moralidade positivista. O positivismo do coronel é para ele de fato uma religião da humanidade, um credo que lhe ordena ser justo, bondoso e útil aos seus concidadãos; viver a vida bravamente e não menos bravamente encarar a morte, sem levar em conta o que crê e o que não crê ou o que o desconhecido, daqui por diante, lhe possa oferecer.

Os caçadores que nos acompanhavam eram escuros e mestiços. Andavam descalços e mal vestidos e cada um trazia um chuço (3) grande e grosseiro e um afiado facão, que manejavam com perícia. De quando em vez, na selva densa, tínhamos de fazer uma picada e era interessante ver um deles, apesar de embaraçado com o seu pesado chuço, conduzir seu cavalo semichuco, com absoluta facilidade, ao mesmo tempo que ia cortando ramos e galhos. Dos dois que ordinariamente trazíamos, um era muito mais moço; e toda vez que chegávamos a um lugar mais perigoso de travessia ou em qualquer atoleiro, o mais velho mandava-o na frente e ficava sentado na margem até ver o que acontecia. Aliás, no antiquado livro de nossa juventude **A família suíça Robinson**, encontra-se a história de um macaco domesticado chamado "Nips", que era empregado para provar todas as coisas de aparência comestível, das quais havia dúvida sobre sua possibilidade de ingestão. Por causa desta grande semelhança de funções, nós crismamos o tal rapaz de "Nips". Os nossos guias não eram somente caçadores, eram também vaqueiros. O capim seco é usualmente queimado para dar lugar a que brote um novo capinzal verde, onde pasta o gado. De quando em vez um dos homens tomava a nossa dianteira e sem sair da sela deixava cair um fósforo acêso num monte alto de folhas secas, e nós, que íamos à retaguarda, passávamos pelas línguas de fogo que se erguiam do incêndio atizado na pastagem.

Kermit levou "Nips" um dia com ele para uma caçada, na qual matou dois grandes veados, um macho e uma fêmea, e que foram empalhados para o museu. Estavam ambos por entre os papiros, porém nos seus estômagos só se encontrou uma grama fina que vegeta no meio da água ou nas extremidades do terreno à margem dos pântanos; os papiros serviam-lhes apenas de proteção e não de alimento. O macho tinha duas grandes glândulas olfativas junto das narinas; na fêmea estas eram rudimentares.

Neses mesmo dia Kermit encontrou-se também com um bando de queixadas, dos grandes e ferozes queixadas de focinho branco. Ao barulho de seus grunhidos, "Nips" rapidamente esporeou o cavalo e retrocedeu, explicando que os porcos do mato poderiam atacá-los, mutilando as patas dos cavalos e matando os cavaleiros. Kermit acompanhou pelo meio das selvas os rastros de tão truculentos animais selvagens, por mais de uma hora, sem conseguir deitar-lhes a vista.



Na tarde desse mesmo dia, um dos caçadores de jaguar (um simples trabalhador do rancho, que entendia alguma coisa dessas caçadas), que saíra à procura de rastros, voltou informando que havia descoberto sinais frescos num certo lugar nos pantanais, a cerca de três léguas de distância. Na manhã seguinte levantamo-nos às duas da madrugada, saindo para a caçada às três. A caravana se compunha

(3) Zagaia. — Grande chuço usado nas caçadas de onça em Mato Grosso e em outros Estados do Brasil (N. do trad.).

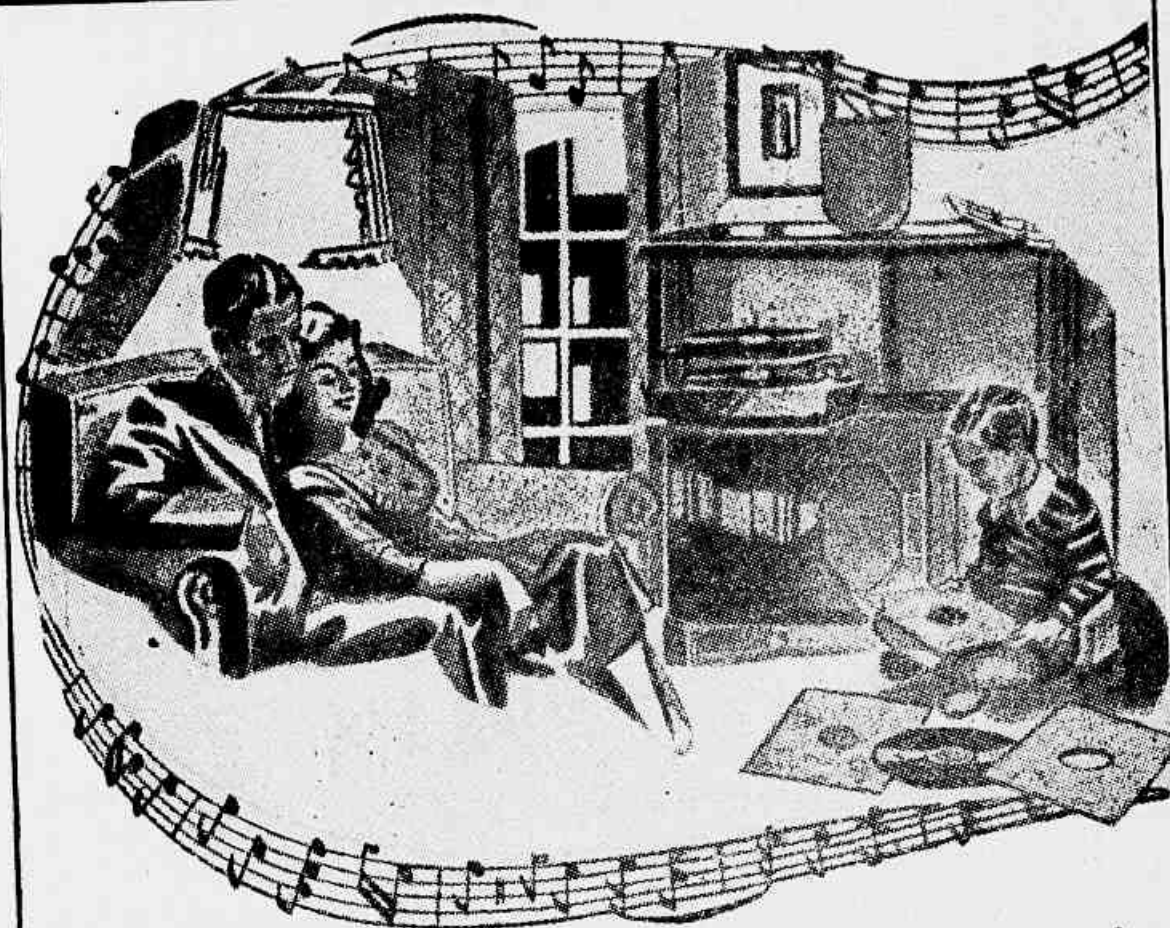
Prisão de Ventre!

O MAIOR INIMIGO DA SAÚDE!

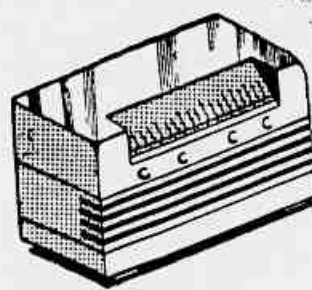
Purgar-se, quando atacado de prisão de ventre é ir contra a natureza. O resultado desta medida é agravar ainda mais as dificuldades dos intestinos. É preciso ajudar a natureza, e as Pilulas Aloicas ajudam a natureza. Seu uso regular reeduca os intestinos, normalizando suas funções e desintoxicando o organismo envenenado pelas fermentações dos detritos alimentares retidos por muito tempo. As Pilulas Aloicas lhe restituirão a saúde, o bem estar e a alegria.

Pilulas ALOICAS

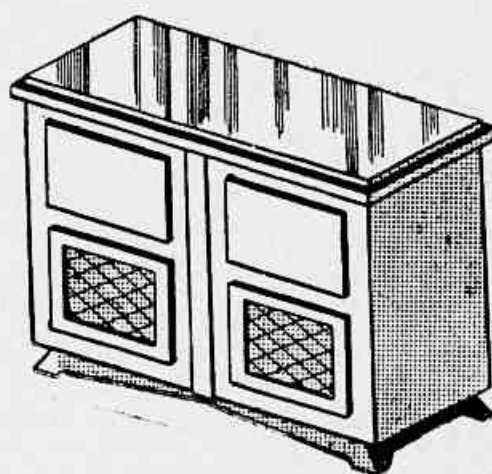
CADA DISCO NOVO É UMA
ALEGRIA NOVA EM SUA CASA



Na SCOL, a escolha das músicas de sua preferência é fácil, e dá direito à bonificação de lindos albums para sua discoteca.

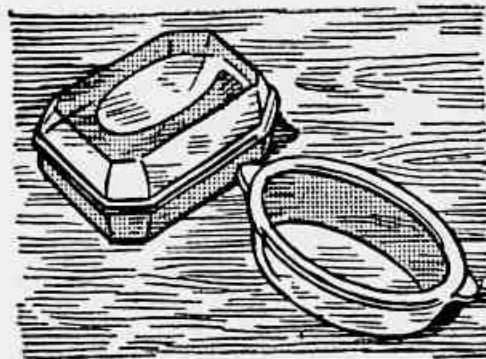
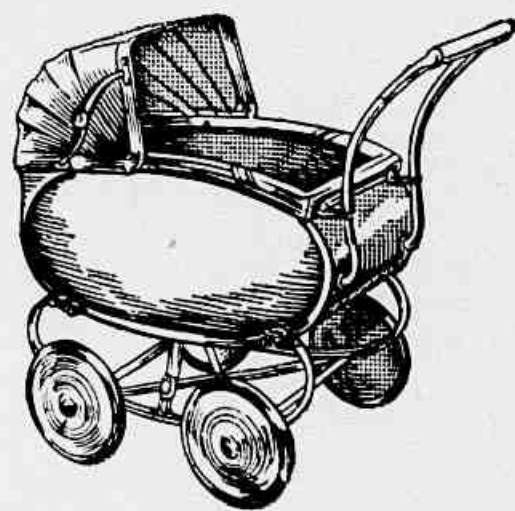


Rádios e Vitrolas na Scol encontram-se os melhores e mais lindos modelos.



Brinquedos nacionais e estrangeiros chegados de todas as partes do mundo, estão à disposição de todos na Scol.

Carros para criança, de todas as marcas pelos menores preços na Scol.



Presentes de mais fino gosto, utilidades diversas para uso doméstico a Scol recebe sempre as últimas novidades.

Scol

★
AVENIDA
COPACABANA
685-A
★

CÊRA SARDINHA

Extermina insetos e dá brilho permanente com pouco trabalho.

**E' um produto da
EMPRESA INDUSTRIAL
DE TINTA SARDINHA**

CREME DE MILHO

"LUX"

Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoitos.

Fabricação do

"MOINHO DA LUZ"

Exija pela marca "LUX" nas casas de primeira ordem

do Cel. Rondon, Kermit, eu e mais dois caçadores; cada um de nós montava um cavaliño ágil e acostumado a atravessar aquelas vastas extensões lamacentas. Acompanhava-nos ainda um rapaz escuro, carregando dois surrões com a nossa "matula". Vinha montado em um novilho trotador, de chifres longos e que era manejado por uma corda amarrada nas ventas e no focinho.

Cada um dos guias levava consigo um grande chuço grosseiro. A nossa matilha era, aliás, insignificante. Além dos nossos dois cães que nunca tinham sido experimentados em caçadas de jaguar, havia os da fazenda, de pouco valor, e mais dois, que eram de fato caçadores de felinos e que nos tinham sido emprestados por um fazendeiro, morador a umas seis a oito léguas de distância.

Esses eram os únicos em que podíamos confiar e vinham sendo conduzidos atrelados pelos dois guias caçadores. Um deles era uma cadela branca e o outro, o melhor aliás, era um cão preto castrado. Estavam magros e meio famintos; tinham as orelhas ponteagudas e olhar desconfiado. Quando as nossas pequenas montadas iniciaram sua marcha da fazenda, as estrélas ainda brilhavam e o Cruzeiro do Sul se mostrava bem no alto do céu, tendendo para a direita. A paisagem era espectral, esbatida pelo reflexo da lua minguante. No primeiro vau encontrado, quando cavalos e cães se lançavam na travessia, um jacaré — o jacaretinga — com cerca de 1,50^m de comprimento, boiava displicentemente entre os cascos enlameados dos cavalos e as patas dos cães; evidentemente este fato, à noite, não nos atemorizou. Fizemos uma marcha enfadonha durante horas e horas seguidas. Então a noite começou a se tornar cada vez mais impressionante com as primeiras sombras cinzentas da madrugada. O céu se cobriu de nuvens. O sol nasceu vermelho e afogueado por entre nuvens esbatidas; seu disco refletia nas esguias e altas colinas com palmeiras e iluminava os campos agrestes de papiros. Macacos (4) pretos se punham a gritar lugubrememente. Pássaros despertavam. Araras, papagaios e periquitos gritavam e chilreavam à nossa passagem. Grasnavam magoaris com voz plangente, e gaivotas piavam descrevendo curvas no ar. Vadeamos poços e lamaçais onde os lírios brancos boiavam à flor d'água e infinidade de flores lilases coloriam os verdes pantanais.

Pelo menos em cada borda de clareira, nos bosques, em terreno molhado, percebíamos rastros frescos do tigre americano. Os dois cães de caça deram logo o alarme. Foram desatrelados e galoparam se-

(4) Macaco da noite ou macaco adupeiro. — Assim chamado em Mato Grosso o *Actus azarae*, o qual só sai do esconderijo à noite em busca do alimento e emite uma voz lugubre: hu-hu. (Dic. Anim. Brasil). (N. do trad.).

Aos 50 como aos 20 anos

UM HOMEM PERFEITO

O homem deve alcançar a maturidade em plena posse de todas suas faculdades. Quando por excessos físicos ou intelectuais, seu sistema nervoso se desequilibra, surgem transtornos e malestares, e tanto a situação embacurada e desagradável. Entretanto, estes distúrbios não devem ser tomados muito a sério. Basta fortalecer o sistema nervoso com as **Pilulas Maratú** para que o organismo recupere seu vigor e, assim, restitua todos os predicados de um homem perfeito.

PILULAS MARATÚ



MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS



Realizou-se no dia 12 de maio p. passado, a missa em ação de graças, celebrada na Igreja S. Sebastião, no Barreto, pela cura de uma enfermidade cardíaca de que era portador o Sr. Adão Eloy da Silva, residente à rua Dr. Furmentim n.º 2.597, em São Gonçalo. Na foto vemos um grupo de pessoas que compareceram a esse ato votivo e o conhecido cardiologista brasileiro Dr. Divo Orciali, com consultório à rua Buenos Aires n.º 250, a quem a família apresenta sua sincera gratidão.

guindo a trilha acompanhados dos outros cães, em grande assuada. A matilha enveredou firme pelo pantanal.

Naturalmente o jaguar não tinha o menor receio da água. Por certo estava à caça de antas e capivaras, o que o obrigava a se meter por banhados e por estreitos e tortuosos fossos ou canais, onde teria de nadar cada vez que lhe fôsse dado investir contra a presa.

Tinha também que perambular por extensões de terrenos revestidos de árvores, sendo que nesses locais a maioria destas era de palmeiras e tarumãs; o tarumã é quase do tamanho de um carvalho anoso, de grande copa e fruto semelhante à azeitona. A matilha heterogênea rompeu em úivos e latidos; e, então, pelo acuar da cainçalha, percebia-se que a caça havia galgado uma árvore ou se metido nalgum esconderijo. Verificou-se a primeira hipótese. Os cães enveredaram por uma clareira com algumas árvores altas e, enquanto galopávamos através do pântano, avistamos o jaguar bem no alto, entre galhos bifurcados de uma tarumã. Era um belo quadro o daquele grande e formidável gato — a pele marchetada — rosnando a desafiar a matilha, em baixo. De minha parte, não confiava nos cães, pois não eram fortes, e, se o felino descesse para atacá-los, estariam liquidados. Dêse modo atirei imediatamente, de uns 60 mts. de distância, usando a minha espingarda favorita, uma "Springfield" pequena, com a qual já havia abatido muitas espécies de caças africanas, desde o leão ao elefante e outras menores. As balas eram ponteagudas, com a ponta de aço puro. Com o tiro, o jaguar caiu como um fardo pelos ramos abaixo e, embora vacilante nas patas, não pôde dar senão poucos passos e deixou-se esvaír. Quando cheguei, já estava morto debaixo das palmeiras, sendo devorado por três ou quatro cães. A caçada de jaguar é a mais interessante da América do Sul, equivalendo à dos mais nobres animais da América do Norte, e inferior apenas à dos maiores e mais ferozes da África e da Ásia. Essa que fizemos foi de um exemplar adulto e fêmea. O animal tinha mais peso e mais volume do que um cougar ou pantera norte-americana adulta, ou um leopardo africano. De fato, era um forte e grande animal, dando a impressão, pelo seu tamanho, de um tigre ou um leão, impressão que se não tem quando se abatem os ágeis leopardos ou os pumas. A propósito devo dizer que a sua carne, apesar de não ter sido preparada convenientemente para o jantar, demonstrou ser bem gostosa. Eu a provei porque sempre me apeteceu a carne do cougar, e até lamentei não ter comido também a carne do leão africano, que deve ser excelente.

No dia seguinte foi a vez de Kermit. Trazíamos a matilha conosco. Quase todos os cães desatrelados e à vontade; porém, ainda que se empenhassem numa caçada ao ponto de deitarem a língua de fora, seguindo a caça por uma meia milha, atemorizando-a com o seu ladrido, não eram suficientemente resolutos se houvesse dificuldades a vencer. Os únicos cães em que podíamos confiar eram os dois já referidos, que nos tinham sido emprestados e esse foi o dia do cão preto. Cerca das dez horas da manhã atingimos um longo canal fundo e tortuoso. Em um dos lados se encontrava uma capivara, semelhante a um porco de focinho curto, de pelo escuro e lúcido. Deixei um tiro e ela caiu morta na água. Aí então vimos que o canal se estendia por um ou dois quilômetros em cada direção e os nossos dois guias manifestaram o seu temor em atravessá-lo a nado por causa das piranhas. Justamente nesta ocasião encontramos um rasto fresco de jaguar. Fazia calor e já viajávamos havia umas cinco horas, estando os cães bastante cansados. Sobretudo o cão preto estava quase derreado, por isso que era conduzido amarrado numa correia, por um dos cavaleiros. Estirou-se no chão ofegante, incapaz de farejar. Ker-

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe **FERRO ARSYLOSE**, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só **FERRO ARSYLOSE**.

Pedidos a **ARAUJO FREITAS & CIA.** — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A
RIO DE JANEIRO

RIO ELEGANTE ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

EXIMIO CONTRA-MESTRE **H. W. CHAPETA**

Corte Londrino

AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202 — TELEFONE 43-3234

CYMA

RELOGIO SEM IGUAL



**CHRONOGRAPHO
DE ALTA
PRECISÃO**



**Ui, outra vez o meu
ESTÔMAGO!**

Não sofra inutilmente, quando é tão fácil recuperar a saúde com os Papeis Bankets. Em poucos dias poderá comer de tudo, sem receio. Experimente-os, serão a sua salvação!

IZIA - DISTEPSIA - MÁ DIGESTÃO - MÁ HÁLITO
FLATULÊNCIA - LÍNGUA SABURROSA - DORES
DE ESTÔMAGO - ÚLCERAS DO ESTÔMAGO

PAPEIS BANKETS

UMA DAS MAIORES DESCOBERTAS CIENTÍFICAS DOS ÚLTIMOS TEMPOS!

DENTE PEARL "CYCLO MOLD"

Acrílico plástico inquebrável de fabricação da H. D. JUSTI & SON INC. Os dentes "Pearl" têm as cores perfeitamente iguais às dos dentes humanos. Os dentes "Pearl" são altamente translúcidos, entretanto, a sua translucidez não ultrapassa o grau suficiente, de acordo com a técnica meticulosamente observada pelos seus fabricantes.

Os dentes "Pearl" não lascam. Os dentes "Pearl" são resistentes à mastigação e não desgastam os dentes opostos.

Os dentes "Pearl" absorvem os choques de oclusão. Os dentes "Pearl" servem para qualquer espécie de trabalho, pontes, chapas, etc.

Os dentes "Pearl" formam, com o corpo da chapa, uma peça homogênea e leve. Os dentes Pearl "Cyclo Mold" têm escala própria e são fabricados nas seguintes cores: 61-63-65-66-67-69-73-77-81-85.

A VENDA NOS BONS DEPÓSITOS DENTÁRIOS
Distribuidores

ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 114 — 1.º andar — Rio

MADEIRAS E MATERIAIS
PARA CONSTRUÇÃO

Albino Mesquita & Cia.

Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone 42-1427
: RIO DE JANEIRO :

O GRANDE

Bar e Restaurante BRAHMA

por motivo do aniversário da "Revista da Semana" apresenta seus votos de feliz atuação no mundo jornalístico, para gaudío de uma classe jovem e laboriosa.

C. C. ATANES

AVENIDA RIO BRANCO, 152/56 ♦ RIO DE JANEIRO

SUPERCOR

SIMBOLO DE QUALIDADE

TINTAS PARA IMPRESSÃO

RUA VIUVA CLAUDIO, 247 - RIO DE JANEIRO

mit deitou-lhe água em cima e quando ele se apanhou completamente dessedentado e refeito, meteu o focinho nos rastros do jaguar. O velho cão de caça ávida e rapidamente respondeu à chamada. Ao mesmo tempo que dilatava as narinas tomando o faro, latia alto, embora ainda deitado. Em seguida firmando-se nas patas, acompanhou o rasto, aos pulos, cada vez mais animado. Tudo fazia crer que o grande gato não estaria muito distante. Logo adiante deparamos o lugar em que a caça tinha atravessado o canal. Com piranhas ou sem piranhas nós tínhamos de atravessá-lo, e forçamos os nossos cavalos naquele ponto. O emaranhado, constituído de ramos de plantas aquáticas com os seus estemas coréáceos e lisos, formava uma barreira incômoda, ocorrendo mais o fato de que o lugar era tão fundo que obrigava os cavalos a nadar. Estes relutavam ao tentar a passagem. Kermit, finalmente, atirou-se com o seu através da massa entrançada, nadando, mergulhando, lutando e deixando uma esteira de águas claras, através da qual nós o seguimos também a nado. Os cães se atiraram na água, acompanhando-nos. Na outra margem retomaram o rasto fresco, em correria.

A trilha ia dar em um grande capão de mato, formado principalmente por touceiras de pequenas palmeiras nacurí, de folhas longas e pendentes, que à distância lembravam grosseiros bambús, com coquilhos agregados em grandes cachos à semelhança de pencas de pequenas bananas verdes. Entre essas palmeiras encontravam-se espalhadas algumas grandes árvores comuns.

Contornamos o capão a meio galope, ouvindo os cães em seu interior. Em dado momento a matilha rompeu em ganidos, denunciando que o jaguar estava à vista. Os poucos momentos que se seguem são de fato, para os cães, os mais excitantes da caçada, e é quando a fera galga a árvore. O latido furioso da matilha, os gritos de incitamento dos cavaleiros, a selva em tórno, o pavor que a fera impõe — tudo isso combinado torna o momento angustioso e de grande sensação. Ademais, no caso presente, havia possibilidade de que o jaguar descesse para lutar no chão, fato êsse que lhe traria quase nenhum risco, uma vez que necessitava de vencer apenas pequena distância para enfrentar o ataque. Contudo, logo que os latidos demorados e os ganidos aflitivos denunciaram que o jaguar tinha sido alcançado, vimo-lo, um esplêndido macho, no alto dos galhos de uma grande figueira brava.

Uma bala da "Winchester" — 405, de Kermit, nas cruzas, fê-lo rodopiar morto, no chão. Era mais pesado do que o grande cougar macho, matador de cavalos, que abati no Colorado e cuja pele Hart Merriam reputou como sendo uma das maiores que já tinha visto, tendo quase o dôbro do pêso de qualquer dos leopardos africanos machos que já abatêramos. Seu volume se aproximava, ou era mesmo igual, ao das menores leões adultas que matamos na África.

Possuía grandes ossos, arcabouço reforçado e uma forte compleição muscular como se fôra um pequeno leão. Não era flexível, esbelto e comprido como a pantera americana ou o leopardo; a cauda, como a de todos os jaguares, era curta em relação à envergadura do corpo; de bela pelagem, com aparência aveludada e manchas castanho-escuras sobre a cor de ouro do lambo, e as da cabeça e ancas eram tão nítidas como as que se viam na parte esbranquiçada da barriga. Era um jaguar bastante conhecido êste, pois que já tinha abatido algumas rêzes. Certa ocasião, durante as enchentes, a fera se entocara próximo à casa da fazenda, onde chegou a devorar duas vacas e um bezerro. Naquela ocasião os caçadores deram-lhe uma batida sem resultado, pois fugira da redondeza. Nessa região pantanosa os jaguares têm um vasto círculo de ação e são muito andejos, passando geralmente um dia ou dois apenas em um dado lugar ou no máximo uma semana, quando encontram abundância de alimento. O jaguar gosta muito da água, bebendo-a sofregamente, e tem prazer em nadar. Neste país eles erram pela noite a dentro através dos pantanos e ao longo dos banhados, pilhando as capivaras e os caimãs, pois êsses pequenos jacarés das lagoas ou jacaretingas constituem o grosso de sua alimentação habitual. Os adultos, quando famintos, atacam e matam os grandes jacarés e crocodilos se os apanham a pouca distância da água. Nesses pantanais, o jaguar também persegue as manadas de caitetés e conta-se que ele sempre ataca o último do bando dos pequenos e terríveis porcos selvagens. Em outros locais muitas vezes dão caçadas ao tapir. Entretanto, quando êste se encontra na floresta, o jaguar tem de apanhá-lo e matá-lo com rapidez, porque o acaçapado animal "não respeita árvore", como dizia o Cel. Rondon, e avança numa carreira cega e violenta por entre ramos e troncos atirando a fera para longe, embora esta lhe deixe marcados na pele dura, em extensos lanhos, os sinais das garras.

Rêzes são constantemente sacrificadas. O jaguar não se mete com o touro, e se torna receoso em atacar um rebanho pastoreado por um dêsses animais, porém, vez por outra, quando há falta de alimento, mata qualquer outro animal doméstico. Tem uma sede terrível e, se acontece matar a presa longe d'água, arrasta-a para as bordas de um poço ou de qualquer regato. O Cel. Rondon encontrou, certa vez, um cavalo que havia sido morto e arrastado por um dêles, a uma distância superior a uma milha. Costumam eles surpreender e matar o veado; nessa região, porém, essa prática é menos comum em com-

PROTEJA SEUS PÉS E ANDE NA MODA

DIA A DIA CRESCE A PREFEREN-
CIA DE MILHARES DE PESSOAS
DE TODAS AS IDADES PELA



TABORDA DE AZEVEDO COSTA & CIA.

(SUCESSORES)

TELEFONE 22-2380

Novidades

PARA AMBOS OS SEXOS E TODAS AS IDADES

Artigos de confiança
E PREÇOS QUE SATISFAZEM

Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil

RELATÓRIO DE 1945

SÍNTESE DO MOVIMENTO DO EXERCÍCIO: — Conforme o último Relatório, estamos iniciando a construção de um grande edifício na Avenida Presidente Vargas. Dentre as ocorrências verificadas no exercício, avulta o resultado das assembleias gerais de 16 de setembro de 1944 e 2 de fevereiro de 1945. A primeira alterou o Regulamento da Caixa de Previdência, elevando de Cr\$ 10.000,00 para Cr\$ 50.000,00 o pecúlio, mantida a contribuição de Cr\$ 20,00 por óbito, e permitindo a inscrição de funcionários de mais de 40 anos, no prazo de 180 dias da data da reforma do Regulamento. A segunda daquelas assembleias alterou o limite dos empréstimos hipotecários, dando a nossos colegas maiores possibilidades para compra de imóveis. A data da apresentação dos balanços foi transferida de 31 de julho para 31 de dezembro, o que impossibilitou na presente exposição o estabelecimento de quadros comparativos e cálculos de variações. Modificado o art. 41, a Caixa poderá aplicar os excedentes dos empréstimos hipotecários na compra de imóveis na zona urbana do Rio de Janeiro. Da alteração do art. 51 advieram reais vantagens para os associados, como a inclusão dos filhos de qualquer condição ou de pessoa que viva sob exclusiva dependência econômica do associado como beneficiários de sua pensão por morte.

No balanço encerrado em 31-12-45 os elementos líquidos patrimoniais da Caixa apresentaram um total de 155.358 milhares de cruzeiros. O total das reservas atingiu a quantia de 152.077 milhares de cruzeiros. Verificou-se um superávit de 31.015 milhares de cruzeiros, incorporados às reservas de contingência. Em relação ao período anterior, ampliou-se de 12.727.000 cruzeiros o excedente. O total da receita do exercício, correspondente a 17 meses, foi de Cr\$ 37.036.435,10 contra Cr\$ 21.654.000,00 do exercício anterior.

As despesas do exercício anterior atingiram Cr\$ 5.930.435,60, isto é, 16% da receita. Os benefícios estatutários absorveram 62% da despesa, sendo Cr\$ 2.022.488,00 com aposentadorias e Cr\$ 1.646.500,80 com pensões. As despesas administrativas atingiram 2.261 milhares de cruzeiros.

PENSÕES: — No exercício, foram concedidas 21 pensões, no equivalente de Cr\$ 21.297,90 mensais, extinguindo-se definitivamente 11, no valor de Cr\$ 3.850,60.

APOSENTADORIAS: — Em 31-12-45, o quadro de aposentados contava 63 associados, sendo o respectivo pagamento de Cr\$ 101.681,00 mensais. No exercício, concederam-se 9 aposentadorias, no valor de Cr\$ 16.134,00, tendo havido 6 baixas por morte e 2 por motivo de reversão ao serviço ativo do Banco do Brasil S. A.

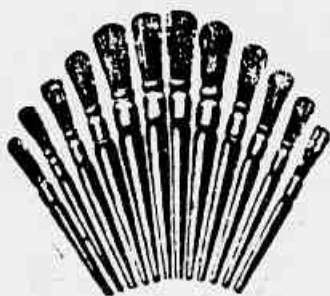
CARTEIRA DE EMPRÉSTIMOS: — O aumento de salários do funcionalismo do Banco ofereceu margem maior à compra de imóveis. A Diretoria iniciou novas incorporações de edifícios de apartamentos, tendo concluído os edifícios "Pati" e "Santa Catarina" e iniciado o "Moema". A Carteira concedeu, em 1945, empréstimos no valor de Cr\$ 11.112.920,00. Foram instaladas as seções Prediais de Bagé, Goiânia e Itaperuna, que já iniciaram as operações, e foram apenas instaladas mais outras 18 seções. No exercício, houve 328 inscrições, das quais 133 inteiramente liquidadas. Aguardam chamada, para ultimar empréstimos, 561 associados. Até 31 de dezembro, as operações da Carteira se elevaram a Cr\$ 65.861.886,00.

No último exercício, foram resgatadas, por antecipação, empréstimos no valor de Cr\$ 1.701.478,40 e por falecimento dos mutuários, Cr\$ 259.546,50.

União Industrial de Pinceis Lda.

Fundada no Brasil em 1925

Fábrica especialista em tôdas as qualidades de pinceis



Telefone 22-4620

Telegramas UNITRIAL

Códigos:

BENTLEY'S 5th.

PETERSON'S 1st, 2nd, 3rd.

RIBEIRO E MASCOTE

AVENIDA SALVADOR DE SÁ, 181 e 183

RIO DE JANEIRO



Vestidos para a manhã

Os modelos aqui apresentados, são todos eles próprios para as manhãs frias, para as compras ou a prática de esportes. São todos muito simples e elegantes.

Primeiro temos uma interessante combinação de escocês com shantung, botões de cristal, e pespontos. Agora um outro modelo de gola redonda com pespontos, os bolsos também são pespontados. Este modelo é em lã cinza-claro. O terceiro modelo é uma outra combinação original de lã ou seda com blusa de tricot. E por fim um lindo casquinho enfeitado com vizes. Este modelo poderá ser executado em linho marron ou bege.



FAZENDAS CARIOCAS

Rua Marechal Floriano, 140

Rio de Janeiro

**Retalhos da fabrica
ao consumidor**

**Tecidos em geral
recebidos dos
fabricantes**

**Camisaria - Cama - Mesa
Preços excepcionais**

Modelos e desenhos para um
mundo novo

(Conclusão da pág. 35)

mem primitivo jamais procurou se instalar em meio a paisagens austeras ou aridas, sempre as tendo evitado, pelo contrario. E a despeito de todas as conquistas da ciencia, o homem ainda evita os desertos e as geleiras para nêles se estabelecer permanentemente. O ambiente natural ao homem sempre foi constituído pelos fertes vales, pelas paisagens de infinitas variedades. A cor por excellencia natural — o verde — é ainda a mais repousante. Os vermelhos, amarelos, purpuras, etc., são excitantes, principalmente, creio eu, porque são menos frequentes em a natureza. Entre outros motivos, são excitantes por serem relativamente raros.

Um aposento moderno bem desenhado deve reconhecer esses fatos. Deve continuar a fornecer-nos harmonias agradaveis de modelos e côres tranquilas com elementos bem dosados de tudo quanto possa trazer alguma excitação ou estímulo ao homem. O principio se aplica a uma residencia ou a um hospital, uma loja ou uma fábrica, um teatro ou uma casa de chá. Nos lares, é óbvio que o acento principal provem de tecidos: — tapetes, cortinas, forros estampados, vestidos. Essas tonalidades, em geral, devem corresponder analogicamente às flores e borboletas da paisagem natural. E de acôrdo com o que pude observar em Manchester, no Centro de Desenhos, (ou para fornecer o seu nome completo, o Centro da Cór, do Desenho e do Estilo), a lição foi bem aprendida. Vi tecidos de uma

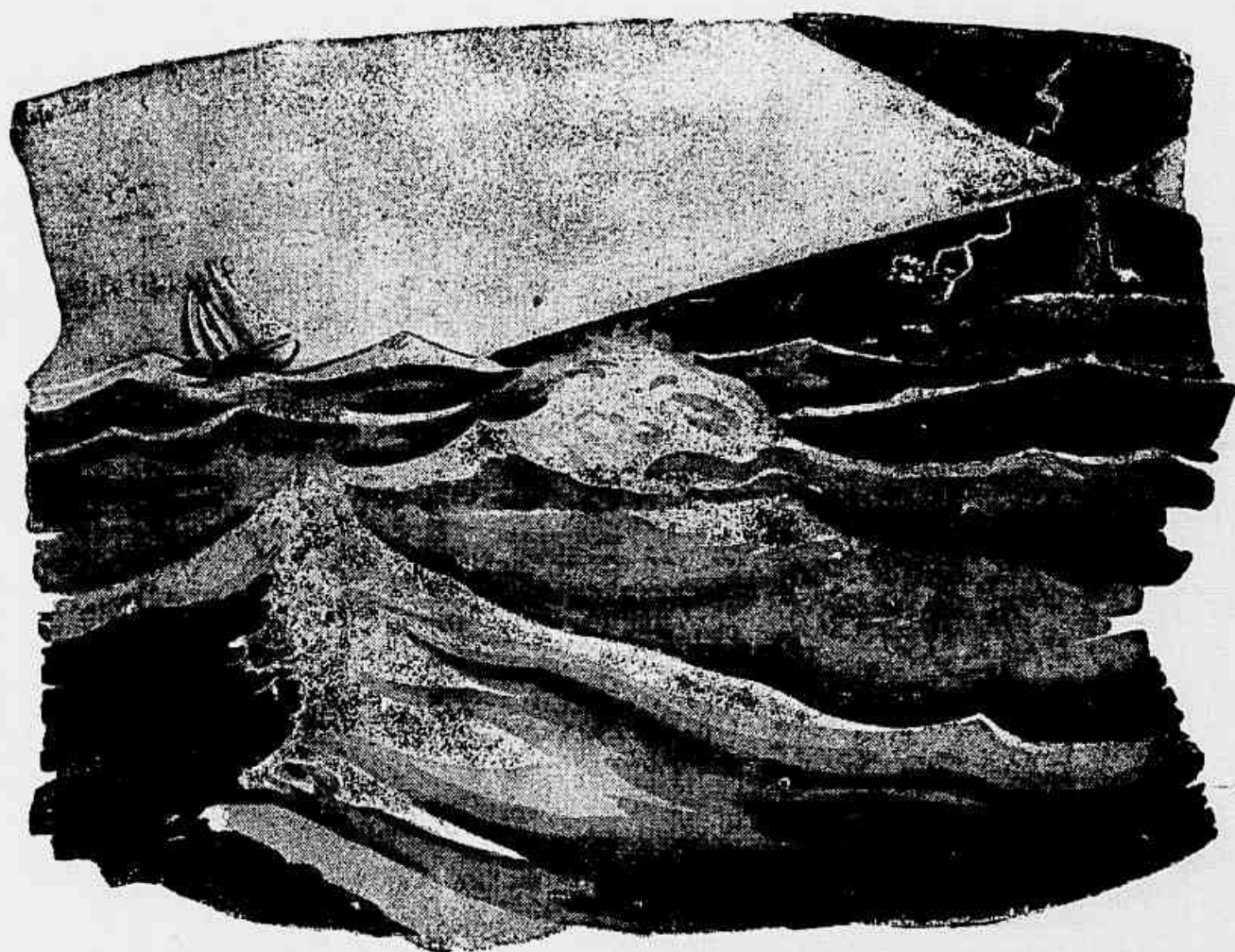
originalidade absoluta, — encomendados pelos produtores fabrís aos melhores artistas da Inglaterra. Vi reproduções de modelos clássicos e "best sellers" a exemplo da famosa Tapeçaria de Bayeux. Alguns dos produtos mais interessantes e modernos produzidos em Manchester são os que se destinam a mercados especiais, — para a Africa Ocidental, digamos. Não se trata, é claro, de modelos muito "sofisticados", mas certamente deliciarão as mulheres inglesas. Costumava-se dizer até bem pouco tempo, que os melhores desenhistas eram empregados para satisfazer os pedidos dos mercados ricos e que os mercados pobres tinham de se contentar com as

CODYLOSE

Está resfriado? Sofre de bronquite ou asma? A tosse o incomoda, não o deixa dormir? Tome **CODYLOSE**. Nas **TOSSES REBELDES** só **CODYLOSE**.

Pedidos a ARAUJO FREITAS & CIA. — Rua Conselheiro Saratva, 41-41-A
RIO DE JANEIRO

sobras. Hoje verifica-se, porém, o contrario. Quem nos dirá que as modas femininas num futuro proximo não serão ditadas pela colaboração, digamos, entre a Nigéria e Manchester? Mas isso não importa. O que importa é que o Lancashire voltou a ser um grande centro da moda.



A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

VARRENDO as trevas por sobre as ondas altas e encapadas, a luz do farol marítimo é o conforto e a segurança do navegante.

Homens solitários mas previdentes mantêm acesa essa luz que sempre brilha nas noites claras ou em meio às tempestades.

A PREVIDÊNCIA dos faroleiros salva vidas e navios, assegura o caminho certo para o bom porto, para a salvação.

O homem PREVIDENTE deve levar para um futuro tranquilo aqueles que dependem de sua orientação e guia. Somente o Seguro de Vida atinge essa finalidade, pois o homem que desaparece deixando um Seguro de Vida prova que era previdente e amoroso. Não era egoísta, pois não pensava exclusivamente no seu bem estar.

A CIA. PREVIDÊNCIA DO SUL há 40 anos vem servindo a família brasileira. Realize o seu SEGURO DE VIDA por intermédio de um dos agentes da PREVIDÊNCIA DO SUL e terá iluminado para os seus beneficiários o caminho que leva a um futuro tranquilo e seguro.



**CIA. DE SEGUROS DE VIDA
PREVIDÊNCIA DO SUL**

— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL —

PORTO ALEGRE
Andradas, 1049 (Sede)

SÃO PAULO
I. Bonifácio 93, 6.º

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

OURITIBA
15 de Nov.º 300, 2.º

R. DE JANEIRO
Candelaria 9, 9.º

RECIFE
Av. 10 de Nov.º 50, 3.º

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 55 — 2.º Lote

Uma caçada de Jaguar no Taquari

(Continua da pag. 90)

paração com o puma, não podendo eu afirmar se isto sempre acontece. Sabe-se que o jaguar costuma agarrar e devorar até jibóias de tamanho bem grande.

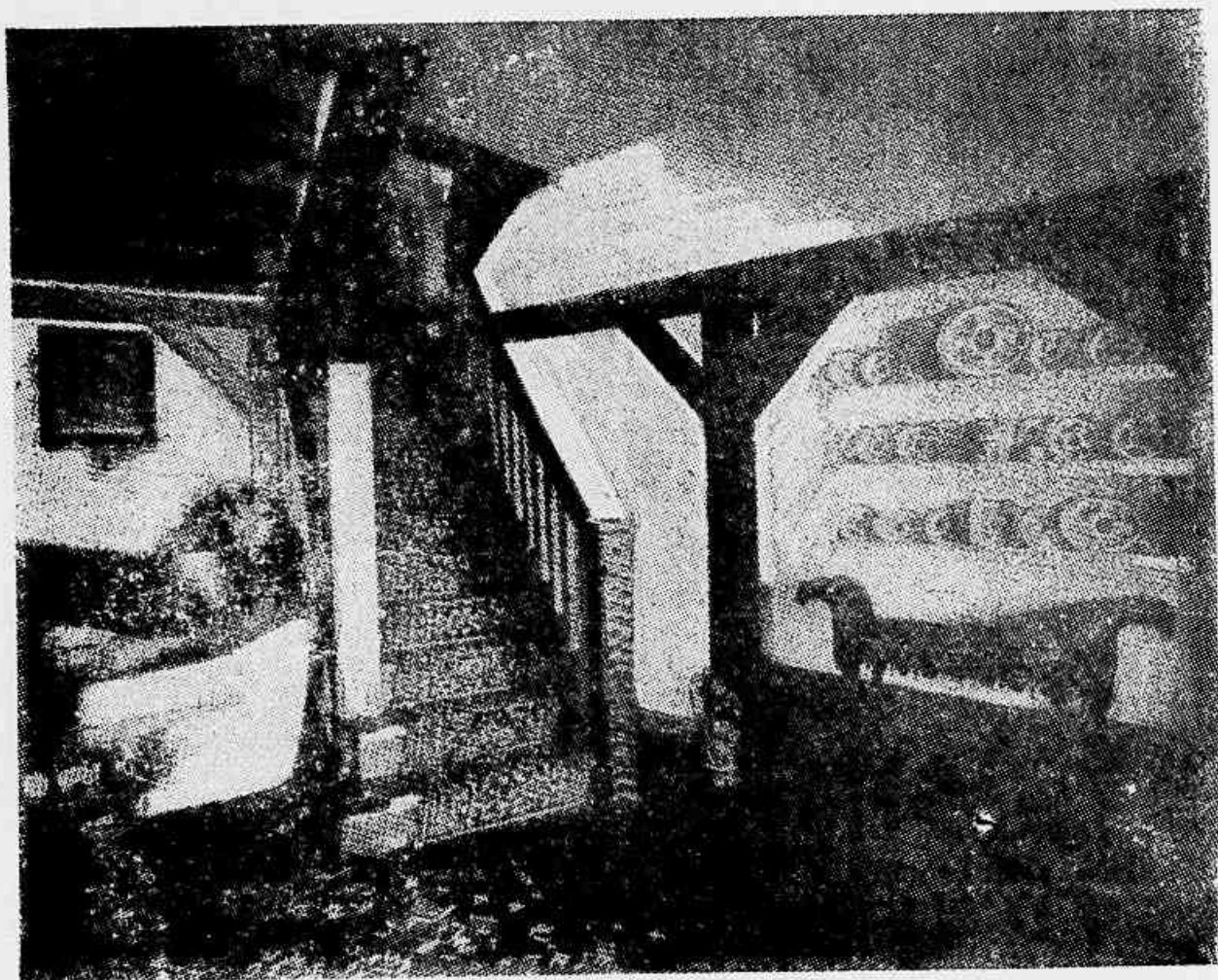
Naquelas redondezas o jaguar comum não costuma molestar o gado e os cavalos, a não ser excepcionalmente, quando mata algum bezerro.

Raramente e mesmo assim em condições especiais é que algum macho adulto se empenha em abater alguma rês.

Havia abundância de capivaras e veados, e, naturalmente, o jaguar dá preferência a presas mais fáceis, tal como acontece na África Oriental com os leões, os quais se alimentam quase que exclusivamente de zebras e antílopes, não molestando o búfalo e o gado bovino que, em outras partes da África, são sua presa habitual. Fomos informados pelos nossos hospedeiros que, em outros lugares dos arredores, os jaguares se alimentam quase sempre de cavalos e bovinos. Contaram-nos, outrotanto, que os pumas têm os mesmos hábitos dos jaguares, apenas não atacando animais de grande porte. A circunstância de pumas não atacarem poldros, nesta fazenda, deixou-me admirado, pois nos Montes Rochosos são eles os piores inimigos. Era interessante notar como os nossos hospedeiros, os caçadores e os trabalhadores da fazenda em geral, tantas coisas sabiam a respeito desses fe-

Transformando a aspereza da madeira em verdadeiras joias de ornamentação dos lares modernos

A COLABORAÇÃO DE B. GONÇALVES DE AZEVEDO
NAS CONSTRUÇÕES DO RIO, PETRÓPOLIS E NITERÓI



Este modelo foi criado de acordo com o estilo da construção.

Quantas artes se conjugam para ser possível a construção de um prédio? Que formidável legião de homens é necessária! São tantos os setores de trabalho, que movimenta pessoas dos mais variados misteres. É certo que não basta a quantidade. Indispensável se torna que, ao lado da qualidade exista, vigoroso e belo, o sentido expressivo dessa coisa rara que se chama originalidade. E é exatamente a originalidade que reage a organização do sr. B. Gonçalves de Azevedo, com oficinas e escritórios à rua do Rezende 105.

Com efeito o sr. B. Gonçalves de Azevedo, pela sua capacidade de ação, é um dos melhores artistas que possuímos. Aplicando-se de coração à sua especialidade, que é a carpintaria e marcenaria, procura imprimir às suas criações uma nota sugestiva de originalidade, mercê da qual seus trabalhos são sempre utilizados como elementos de embelezamento das construções do Rio e de Petrópolis.

Entregando-se à confecção de escadas, fá-las com o máximo bom-gosto, por isso que emprega os mais requintados e modernos processos. Interessante é que as escadas do sr. B. Gonçalves de Azevedo obedecem aos mais variados estilos, sendo montadas de acordo com as linhas arquitetônicas da edificação a que destinam. É isto aliás o que explica a preferência com que é distinguido pelos construtores, o sr. B. Gonçalves de Azevedo, cuja oficina se desdobra dinamicamente no sentido de atender aos pedidos inúmeros que lhe chegam constantemente. Em Petrópolis a maior parte das residências contam com os trabalhos do sr. B. Gonçalves, cujas escadas constituem uma nota importante no conceito dos luxuosos conjuntos residenciais da magnífica cidade serrana.

Em Niterói, também, cujas edificações obedecem às linhas da moderna arquitetura, os tronejos elegantes das belas escadas do sr. B. Gonçalves lhe conferem aspecto que chama a atenção pelo brilho invulgar que delas irradia.

Esta organização de marcenaria artística e técnica é tida em largo conceito e como colaboradora eficaz das empresas construtoras. Suas obras são utilizadas por inúmeras firmas, destacando-se, entre outras, a conhecida empresa de construções FREIRE & SODRÉ.

linos, ignorando outras tantas em que aliás prontamente acreditavam. Fato idêntico verifiquei entre os antigos caçadores norte-americanos quando contavam histórias sobre o puma, ursos e lobos, e com os caçadores ingleses e boers da África, a respeito de leões e rinocerontes. Enquanto não ficaram estabelecidas bases científicas decorrentes da observação e da comparação cuidadosa dos hábitos das diversas espécies, muita gente idônea que habitava o interior aceitava e repetia religiosamente a teoria de que os ursos preto e cinzento dos Estados Unidos, os leões e rinocerontes da África do Sul, bem como os jaguares e pumas de qualquer parte da América Meridional se subdividiam em diferentes espécies, cada qual com seus hábitos peculiares. E ainda fazia mais, pois descrevia esses hábitos imaginários com tal sinceridade e minudência que iludiam a qualquer ouvinte; de sorte que, às vezes, até os bons naturalistas perpetuavam tais lendas, como aconteceu com Hudson ao escrever sobre o puma. Hudson foi um grande observador e escritor quando tratou dos pássaros e mamíferos comuns dos distritos populosos das proximidades de Buenos Aires e da embocadura do rio Negro, porém desconhecia completamente as selvas. Não o estou criticando, sou até um grande admirador dos seus livros, que são, em muitos aspectos, paradigmas. Seria de se desejar até que houvesse centenas de escritores e observadores de igual mérito, em todas as partes da América. Isto, entretanto, não quer dizer que devamos considerá-lo autoridade em matéria alheia à sua especialidade.

EXPRESSO MAUÁ

PADRÃO MELLO & Cia.

PRAÇA MAUÁ, 73

RIO DE JANEIRO

TRANSPORTE RÁPIDO DE BAGAGEM - MUDANÇAS - CARGA

Despachos para todos os portos e estações do BRASIL

Telefones: 23-3249 e 23-4153

Fundada em 1926 — Exclusivos transportadores da GENERAL ELECTRIC S. A.

GUARDA-MOVEIS PRÓPRIO

★
MUDANÇAS

D. Federal, Niterói, Petrópolis, S. Paulo e Santos.

★
EMBALAGEM

Engradamento de móveis, Encaixotamento de louças, cristais, etc. etc.

★
ENTREGAS A DOMICÍLIO:

D. Federal, Niterói, Petrópolis, S. Paulo, Santos e outras cidades.

SERVIÇO DE BAGAGEM PARA BORDO

Agentes em São Paulo

"A LUSITANA Ltda."

Rua Cristovão Colombo, 33

ARAMIFICIO CARDOSO TECIDOS DE ARAME E ESTAMPARIA EM ZINCO

Coberturas de asbesto
"Eternite" ou "Ardosia",
Lambrequins, "Tetos de
zinco" e ornatos de zinco
ou cobre para cons-
truções, Telas "Rabitz"
para forros de estuque.



Telas reforçadas para
"Manganês", sal, carvão,
etc. Tecidos de arame
para cercas, galinheiros
e todos os fins indus-
triais, Telas de fio qua-
drado cobreado para ele-
vadores, Telas "Lieber-
mann" para turbinas
de açúcar.

VIVEIROS PARA PÁSSAROS, BANCOS, MESAS, CADEIRAS E JARDINEIRAS

A. Lopes Cardoso

ESCRITÓRIO E VENDAS:
RUA BUENOS AIRES, 102
TELEFONE 23-4230
TELEGRAMAS "ARAMIFICIO"

FÁBRICA:
RUA S. LUIZ GONZAGA, 200
TELEFONE 28-3309
RIO DE JANEIRO



PAPELARIA BRASIL
J. L. COSTA & CIA. LTDA.

FÔNIOS
43-6545 e 43-1769

ENDEREÇO TELEGR.
"PAPESIL"

Papel para Escritório, Desenho e Engenharia, Livros para contabilidade, Papel para Impressão Assentado, Apergaminhado e Couché, Papel para Enbrulho, para Capas e de Fantasia para Encadernação, Cartolina branca e de cores. Tipografia, Encadernação, Pautação e Riscagem.

(OFICINAS PRÓPRIAS)
Fônio 43-6936

RUA BUENOS AIRES, 109/191

Depósito e Seção de PAPEL
Rio de Janeiro

MUSICA

QUINTETOS E QUITUTES

"Tem um nome como um artista de cinema", escreveu um crítico americano, referindo-se ao compositor que acaba de chegar ao Rio, num trabalho espontâneo de boa vizinhança artística. Victor Van Vactor vem à procura da música brasileira realmente nacional, segundo o paladar do público americano que está cada vez mais interessado nas produções dos nossos músicos, sobretudo aquelas que apresentam características mais acentuadamente brasileiras, isto é, ritmos e melódias tiradas do folclore.

Van Vactor deverá apresentar-se ao público carioca em recital da Sociedade do Quarteto, executando o Quinteto para flauta e Quarteto de Cordas, de sua autoria. Sem dúvida, esse primeiro contacto com uma platéia desconhecida lembrará o sucesso que obteve com os seus primeiros trabalhos e que lhe valeram um prêmio, origem de uma das anedotas mais engraçadas que existem a seu respeito.

Conta-se que, depois de ter lido ouvir vitoriosamente algumas peças suas, uma importante casa editora resolveu conferir-lhe um prêmio pelo conjunto de sua obra e editá-la, a seguir. Assim, ele obteve mais de quinhentos dólares e teve o prazer de ver tudo o que havia composto publicado. Mas não contava com aquela admiradora que veio à casa de música comprar o seu trabalho intitulado "O Conjunto de Sua Obra".

Nem seria preciso ir procurar na América do Norte um engano semelhante. Conversando com o empregado de balcão de uma casa de música, ouvi dele alguns pitorescos pedidos feitos por freqüentes distraídos, ou que, desconhecendo música, tinham sido encarregados de comprar uma determinada peça. Assim, um cavalheiro de meia idade quis por força levar "la Cucaracha" de Rimsky Korsakoff e ficou indignado ao saber que não existia tal obra. Não seria Secheerazade o que ele procurava? Há outros. Poderia citar uma longa lista de títulos deturpados, que anotei pacientemente, de acordo com as informações fornecidas pelo vendedor. Por exemplo: Que gélida menina (Che Gélida manina, ária da Bohème de Puccini), Um infeliz (Un di, felice, ária da Traviata, de Verdi) e assim por diante. As vezes a própria denominação das formas é modificada, se bem que isso seja mais raro. Não falta, porém, assegura o vendedor, quem peça sonetos em vez de sonatas, quitutes em vez de quintetos.

E' fácil encontrar uma explicação para o fenômeno. Há uma anedota célebre, que mostra como se processam essas modificações. Um menino foi à farmácia, por ordem do pai, a fim de comprar sulfato de quinino. Não tomou nota do que deveria adquirir, mas

SONHE E IDEALISE
O SEU SAPATO
PARA O INVERNO
QUE ENCONTRARÁ
EM

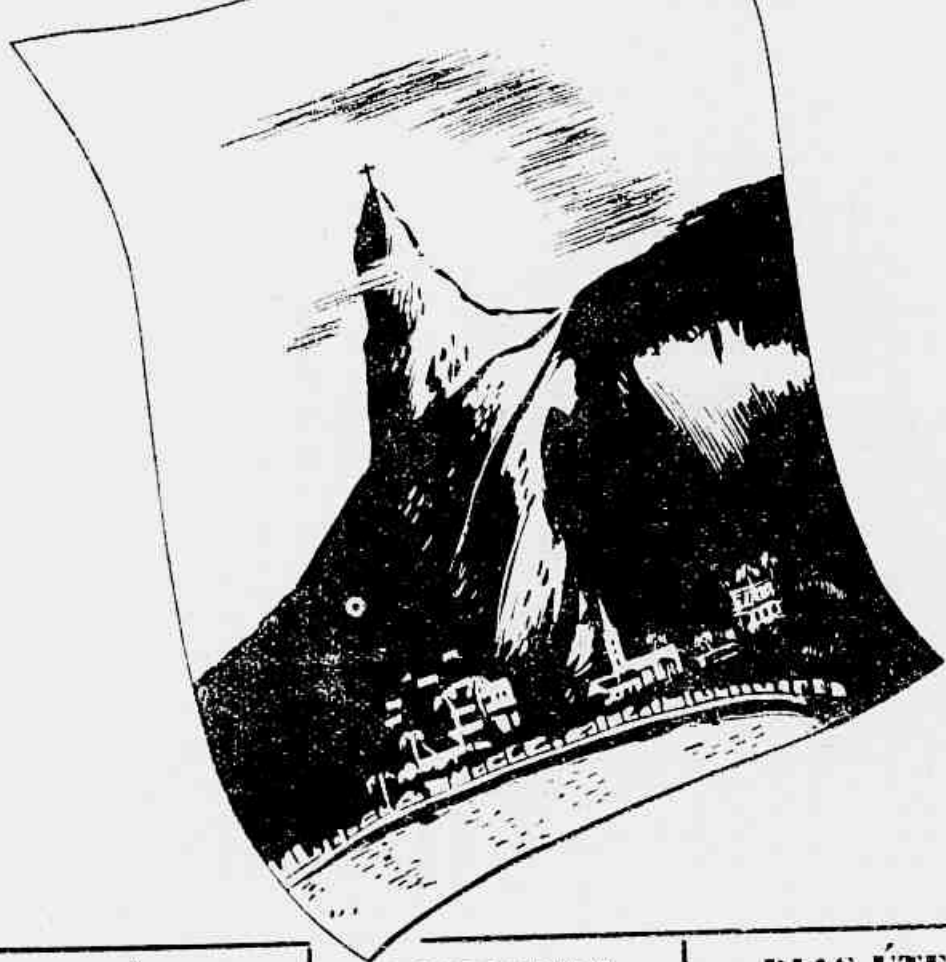
Gambier

RURUGUAYANA, 52
RIO - FONE: 22 5587

A CASA DOS CALÇADOS NOTAVEIS

PASSEIO AO CORCOVADO

Veraneio nas Paineiras



DIAS ÚTEIS Janeiro a Março PARTIDAS			DOMINGOS e FERIADOS PARTIDAS			DIAS ÚTEIS Abril a Dezembro PARTIDAS		
COSME VELHO	CORCOVADO	PAINEIRAS	COSME VELHO	CORCOVADO	PAINEIRAS	COSME VELHO	CORCOVADO	PAINEIRAS
6.20	—	7.30	8.00	—	8.30	6.30	—	7.30
8.00	—	8.30	8.30	—	9.30	8.00	—	8.50
X 9.00	9.55	10.10	X X 9.00	10.00	10.30	X 9.00	9.55	10.10
X X 10.30	11.30	12.35	X X 10.00	11.00	11.30	X X 10.30	11.30	12.35
X 12.00	12.55	13.35	X X 11.00	12.00	12.30	X 12.00	12.55	13.35
13.00	—	13.30	X X 12.00	13.00	13.30	13.00	—	13.30
X X 14.00	15.10	15.40	X X 13.00	14.00	14.30	X X 14.00	15.10	16.00
X 15.00	16.30	17.00	X X 14.00	15.00	15.30	X 15.30	16.30	17.00
X X 16.00	17.00	18.00	X X 15.00	16.00	16.30	X 16.30	17.30	18.00
X 17.30	18.30	19.00	X X 16.00	17.00	17.30	X 17.30	18.20	19.00
18.30	—	19.00	X X 17.00	18.00	18.30	18.30	—	19.00
19.30	—	20.00	18.00	—	18.30	19.30	—	20.00
X 20.30	—	21.30	19.00	—	19.30	20.30	—	21.00
22.00	—	22.30	20.00	—	20.30	22.00	—	22.30
			21.00	—	21.30			
			22.00	—	22.30			

Estação Inicial: Rua Cosme Velho, 151 - LARANJEIRAS - Bonde - N.º 3 Linha de Águas Ferventes

Para informações precisas e detalhadas:

Tels.: 25-0016, 43-0237 e 22-5170 - Ônibus: N.º 45, da Viação Excelsior



para não esquecer o nome da substância, saiu repetindo "sulfato de quinino, sulfato de quinino". Pouco antes de chegar na farmácia, entretanto, tropeçou numa pedra e, sem perceber a mudança, saiu repetindo: "só pato pequenino, só pato pequenino". Chegando ao seu destino, contudo, o farmacêutico aconselhou-o que fosse procurar o desejava num açougue...

Uma outra versão da mesma história, adaptada à música, conta o caso de maneira diferente. Diz que, um pai de família, a pedido da filha que estudava piano, foi comprar as "Variações Sinfônicas", de Cesar Frank. Usando o mesmo método de repetir o nome para não esquecê-lo, ele chegou à casa de música e pediu: "O senhor tem cá Violão Sinfônico de... de... oh, diabo, esqueci o nome do compositor!"

O CASO BRAILOVSKY

O caso Brailovsky assemelha-se ao problema Tchaikovski. Enquanto uns insistem em ver num e noutro um pianista genial e um grande compositor, respectivamente, não é pequeno o número dos que não aceitam essa opinião e apresentam argumentos sérios no sentido contrário. O fato, contudo, é que, enquanto dura a disputa, o público mantém o interesse pelo compositor e pelo pianista conforme provam os teatros cheios todas as vezes que eles surgem no cartaz.

Brailovsky há muitos anos que nos visita periodicamente, e todas as vezes que por aqui passa, reproduz-se a divergência. Enquanto os aplausos extraem extras e mais extras, críticos como o falecido Mario de Andrade declaram que se trata de um charlatão sentimental. Outro cronista, Guilherme de Figueiredo, diz: "Ele (Brailovsky) e Stokovski, são dois sensacionalistas: fazem questão de ser maiores do que os compositores e para tanto são capazes de napolitanizar uma fuga ou fincar trombones de vara numa passacaglia."

Inteiramente outro é o tom dos que só encontram elogios. "Gênio!" "Sublime!" "Divino!" Talvez a opinião desses possa ser resumida, com maior eloquência, por aquela senhora que, depois de ouvir um noturno de Chopin (Oh, o Chopin de Brailovsky!) exclamou:

— Estou toda arrepiada!

Arrepiados, de um ou de outro modo, Brailovsky deixa a todos. Agradável ou desagradavelmente, conforme o acham "de um sentimento..." ou "simplesmente enjoativo".

A temporada deste ano principia da forma mais auspiciosa. Muitos dos pontos pelos quais sempre nos batemos estão prestes a transformar-se em belas conquistas, pelo esforço conjunto de um grupo de homens de boa vontade, de verdadeira capacidade de organização. O renovamento do velho repertório da temporada lírica, por exemplo, parece que vai ser conseguido este ano. Anuncia-se que Bidú Saião virá ao Brasil, depois de tantos anos de ausência, e cantará Pelleas et Mélisande, grande sucesso seu no Metropolitan, e Nozze di Figaro, de Mozart. Outras notícias informam que não ficarão por aí os planos para a temporada lírica que compreende um projeto de apresentar grande número de artistas nacionais.

A série de maestros estrangeiros, prometida pela Orquestra Sinfônica Brasileira já teve início com a substituição de Karl Kruger, que está adoentado, pelo maestro William Steinberg que veio precedido de referências elogiosas da crítica americana quanto à sua atuação à frente da Filarmônica de Nova Iorque. Igualmente famoso no concerto sinfônico como na ópera, William Steinberg mereceu os maiores elogios quando regou a ópera de S. Francisco.

Com respeito aos bailados, virá a companhia do Coronel de Basil, que promete trazer este ano um bailado de Francisco Mignone, para o qual Candido Portinari idealizou um cenário.

Continua na pag. 109

TRABALHOS

FLORES DE CROCHET

Material necessário: Linha Mercer-Crochet marca "Corrente" n.º 40

1 novelo de 20 gramas de duas cores em contraste.

1 novelo de 20 gramas, verde.

As pessoas que têm o ponto frouxo devem usar uma agulha de crochet marca Milward n.º 4 ½ e as pessoas que tem o ponto apertado devem usar uma agulha n.º 3 ½ da mesma marca.

Um pedaço de arame fino, próprio para fazer flor.

ABREVIACÕES

Ch — trança; ss — meio ponto de crochet; dc — ponto de crochet; cº — 2 laçadas; tr — ponto triplice comum.

COMEÇAR COM 30 CH.

1.ª carreira — 2 dc no 2.º ch da agulha, 2 dc em cada um dos ch seguintes, (levantando a metade superior de cada ch), 3 ch, voltar.

2.ª carreira — 2 tr no primeiro dc, 3 tr em cada um dos dc seguintes, 3 ch, voltar.

3.ª carreira — Omitir os 2 primeiros tr, 1 dc no próximo tr, X 3 ch, omitir 1 tr, 1 dc no próximo tr. Repetir do X até o fim da carreira. Arrematar e cortar a linha.

Correr um fio de linha na carreira de tranças que foi feita em primeiro lugar, puxando-o com delicadeza para franzir e formar a flor. Arrematar. Cortar um pedaço de arame de 15 cm. e enrolar linha verde para cobri-lo inteiramente, costurando-o na flor.

Fazer mais 9 flores, usando cada uma das cores em contraste, alternadamente.

Depois de todas as flores feitas, arumá-las num ramalhete, amarrando as hastes juntas.

CINTO DE CROCHET

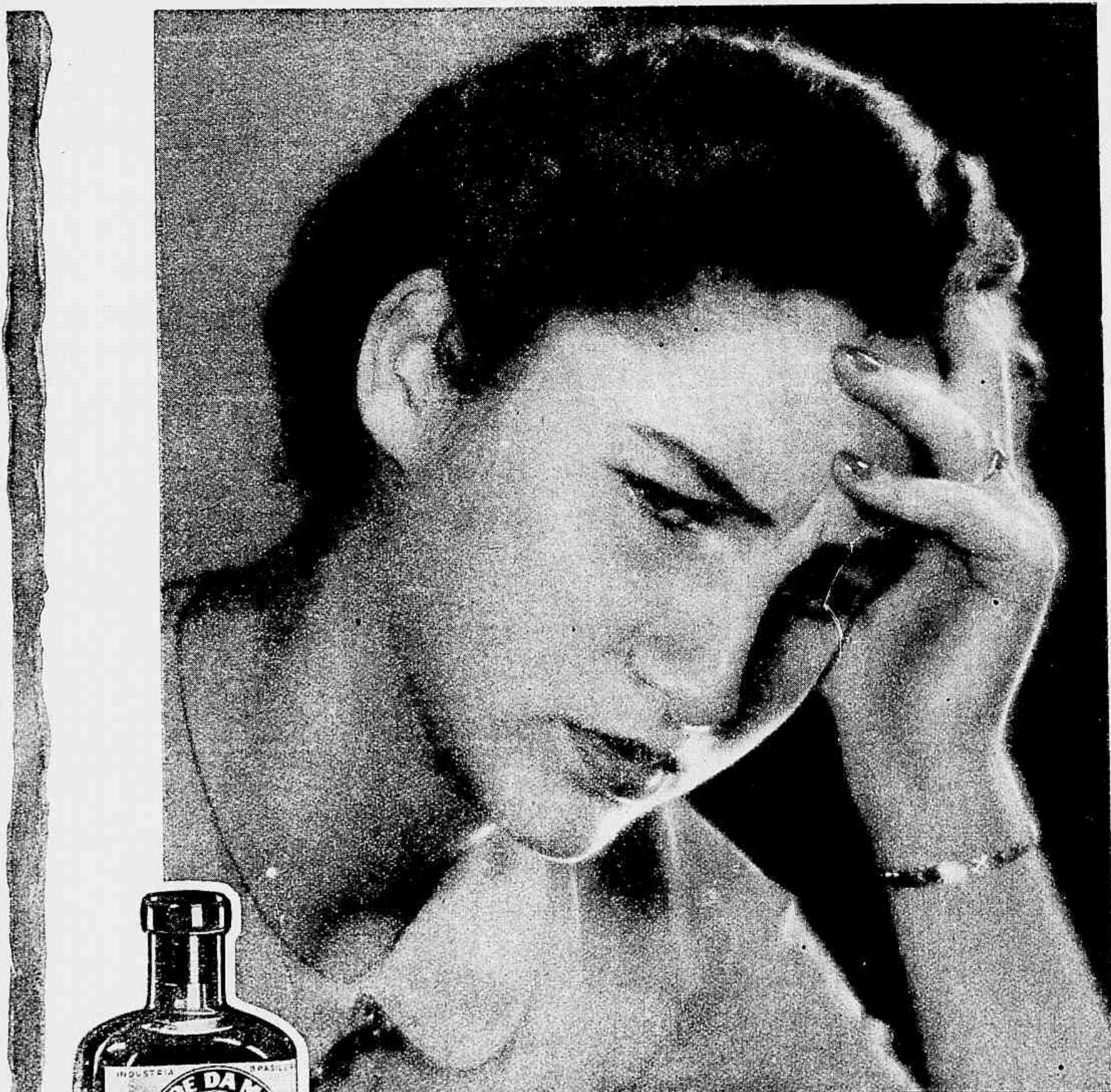
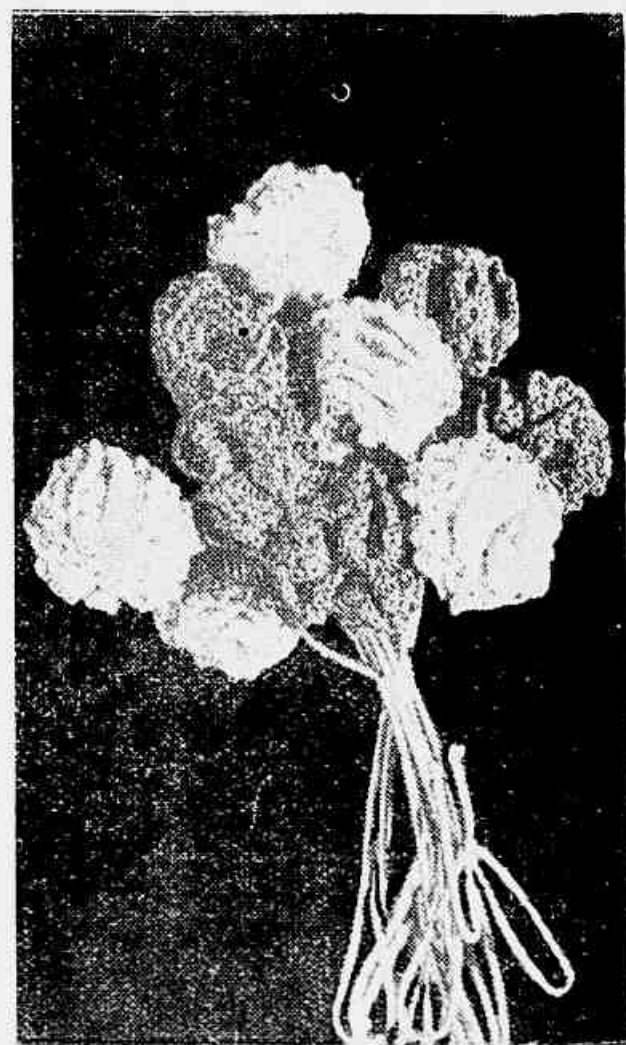
Material necessário: Linha Mercer-Crochet n.º 40 marca "Corrente"

1 novelo de 20 gramas de uma cor escolhida.

1 novelo de 20 gramas de uma cor que contraste com a primeira.

2 colchetes de pressão.

As pessoas que têm o ponto frouxo devem usar uma agulha de crochet marca Milward



A SAUDE DA MULHER

QUANTAS vezes um sorriso feminino se transforma num rictus de dor! O doloroso sofrimento, resultante do funcionamento irregular do organismo, e que tanta mocidade e beleza rouba á mulher, desaparece, no entretanto, com o uso de A SAUDE DA MULHER. A SAUDE DA MULHER é o remédio que traz no nome o resumo das suas virtudes.

MANUAIS

n.º 4 ½ e as pessoas que têm o ponto justo devem usar uma agulha n.º 3 ½ da mesma marca.

Tensão — 6 carreiras de tr — 2,5 cm. aprox.

ABREVIÇÕES

ch — trança; ss — meio ponto de crochet; dc — ponto crochet com 2 laçadas; tr — ponto triplice comum; b — ponto de crochet com 1 laçada, puxando a linha através das três laçadas da agulha.

CINTO

Com a côr escolhida, começar com 12 ch.

1.ª carreira — 1 tr no quarto ch da agulha, 1 tr em cada um dos ch restantes, 3 ch, voltar.

2.ª carreira — Omitir o primeiro tr, 1 tr em cada tr, 1 tr no alto do ch da volta, 3 ch, voltar.

Repetir a 2.ª carreira até o cinto medir 70 cm. ou o comprimento desejado, omitindo o ch da volta na última carreira. Arrematar.

FLOR (Parte inferior)

Com a côr escolhida, enrolar o fio 10 vezes no dedo anular, colocar a agulha entre os fios e o dedo e puxar uma laçada.

1.ª carreira — 44 dc na alça.

2.ª carreira — 1 dc em cada dc, 1 ss no primeiro dc.

3.ª carreira — X5 ch, 3 b no mesmo lugar como último ss, omitir 3 dc, 1 ss no dc seguinte, repetir do X trabalhando o último ss no mesmo lugar, como ss da carreira anterior. Arrematar. Fazer mais 23 partes inferiores da flor.

(Parte superior)

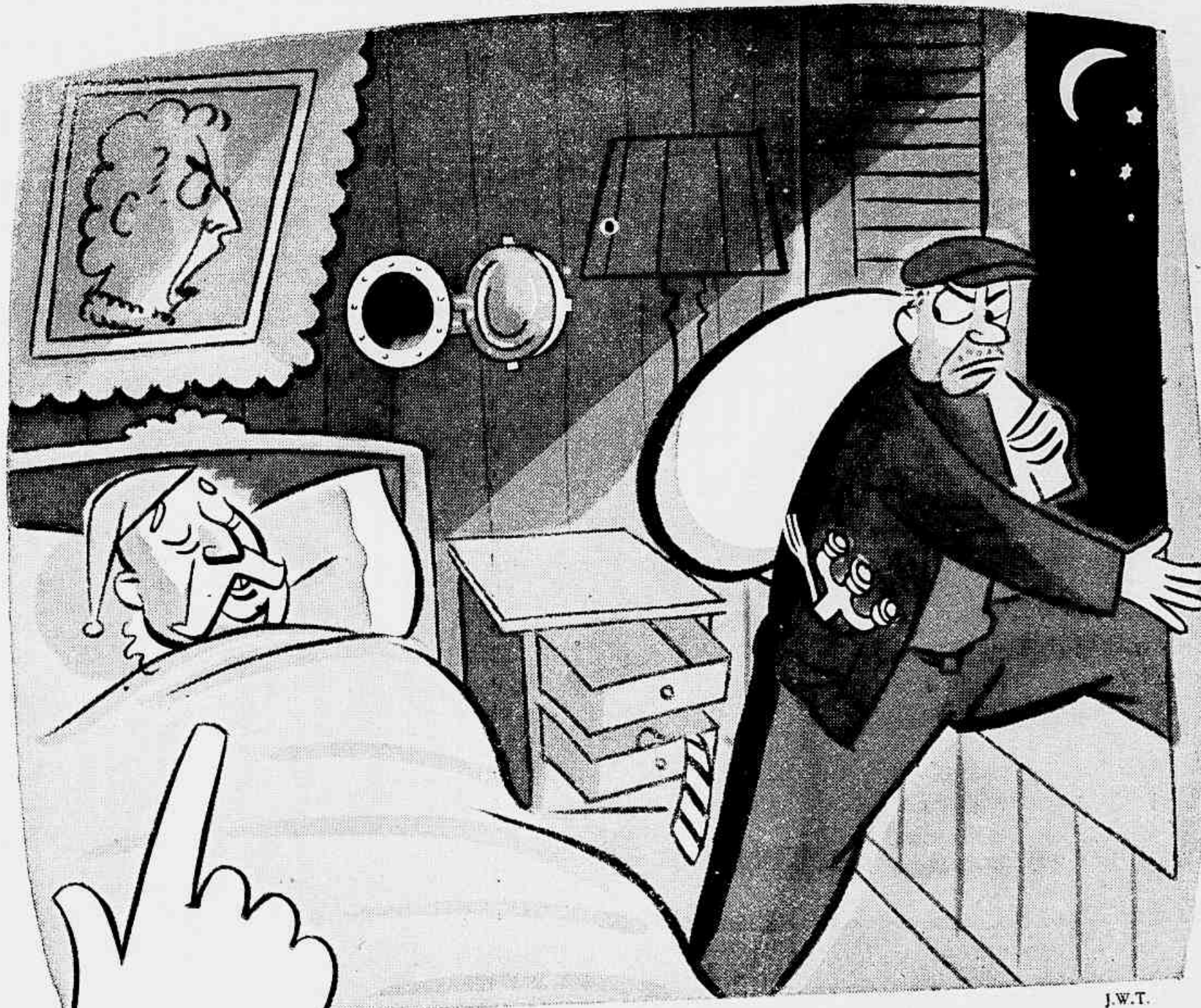
Com a côr em contraste, enrolar o dedo anular 10 vezes, pondo a agulha entre os fios e o dedo puxando uma laçada.

1.ª carreira — 44 dc na alça, 1 ss no primeiro dc.

2.ª carreira — X 4 ch, 3 tr no mesmo lugar como último ss, omitir 3 dc, 1 ss no próximo dc, repetir do X fazendo o último ss no mesmo lugar como o ss da carreira anterior. Arrematar.

Fazer mais 23 partes superiores.

Costurar uma parte superior numa parte inferior para completar a flor, costurando-as em seguida no cinto, conforme mostra a fotografia. Pregar os colchetes de pressão.



*Você não sabe
o que está perdendo...*

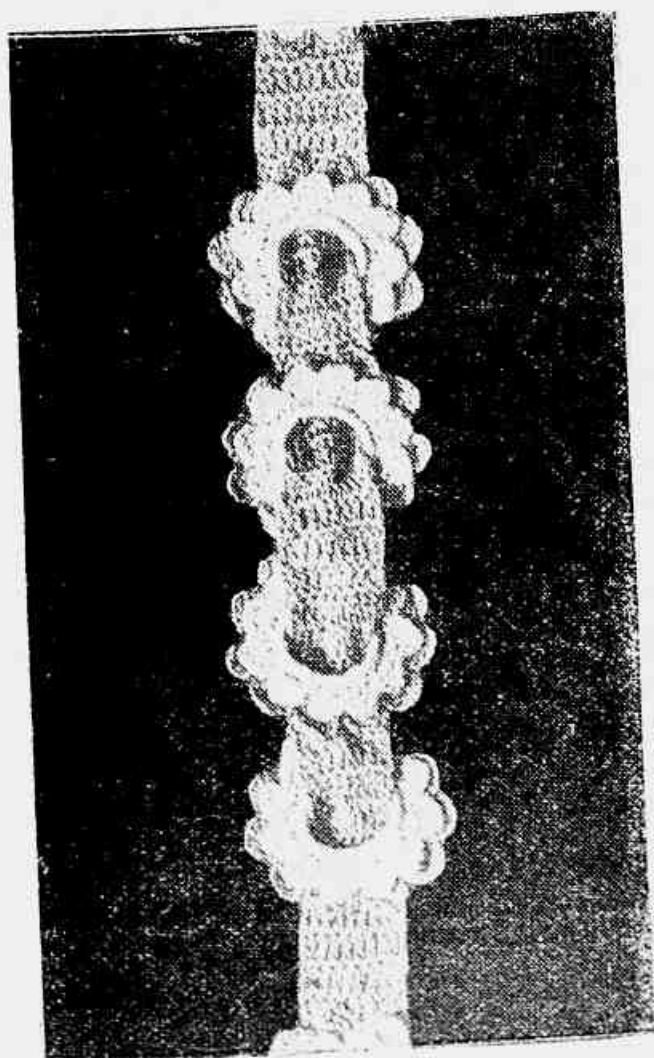
...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



Incontestavelmente, é uma perda! Isso, em sabor e energias. Tanto mais, se sua mesa se ressentir da falta de algum alimento. Porque Malzbier da Brahma nutre! Na sua riqueza em malte está esse valor. Ligeiramente doce, de baixo teor alcoólico, tornou-se a deliciosa cerveja do lar. Veja como redobra o valor e prazer das refeições!

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA - PORTO ALEGRE



BELA FESTA PARA OS PRAIANOS!

A CASA ROBERTO inaugurou, nos últimos dias de Maio p.p., suas moderníssimas instalações. Bastaria este comunicado para que as populações praianas da zona sul da cidade ficassem duplamente satisfeitas: em primeiro lugar, porque se trata duma organização perfeita em lanches e pequenas refeições, num ambiente agradável e de conforto. A CASA ROBERTO é bar e sorveteria, além de possuir fartos estoques e ótimo serviço de bebidas finas, frios e conservas de primeira qualidade. Em segundo lugar porque a inauguração demonstrou a capacidade realizadora de três figuras bastante estimadas em Ipanema, Copacabana e Leblon: senhora Amélia Martins, experientada comerciante, bastante relacionada; senhor Waldir Medeiros, conhecedor profundo do ramo e também muito estimado, e senhor Antonio de Oliveira, perito cavalheiro em servir o público primorosamente.

São os componentes de Medeiros, Martins, Oliveira & Cia., firma proprietária do novo estabelecimento que, vem reunindo diariamente, as famílias das mais formosas praias da nossa capital.

A CASA ROBERTO, cuja festa inaugural ataiu pessoas da mais categorizada posição social, está funcionando na Rua Visconde de Pirajá, 571-A, no pitoresco bairro de Ipanema. Na fotografia aparecem os proprietários rodeados de convidados e um detalhe do simpático estabelecimento.



CLO

Continuação da pag. 85

que os Silvas davam. As senhoras retiraram-se e só ficaram na sala, os homens, bebendo Wisky. André impaciente e desatento; o velho lente, indiferente e compassivo, contando histórias brejeiras, com vagar e cuidado; o filho, sempre a procurar caminho para exhibir o seu saber em coisas carnavalescas. A conversa ia caindo, quando o velho disse para o deputado:

— Já ouviu a "Bambwella", de Goteschalk, doutor?

— Não... Não conheço...

— Vou tocá-la.

Sentou-se ao piano, abriu o álbum onde estava a peça e começou a executar aqueles compassos de uma música negra de Nova-Orleans que o famoso pianista tinha filtrado e civilizado.

A filha entrou, linda, fresca, veludosa, de pano da Costa ao ombro, trunfa, com o colo inteiramente nu, muito cheio e mar-

móreo, separado do pescoço modelado, por um colar de falsas turquezas. Os braceletes e as missangas tilintavam no peito e nos braços, a bem dizer totalmente despidos; e os bicos de crivo da camisa de linho rendavam as raízes dos seios duros que mal suportavam a alvíssima prisão onde estavam retidos.

Ainda pôde requebrar, aos últimos compassos da "Bambwella", sobre as chinelas que ocupavam a metade dos pés; e toda risonha sentou-se por fim, esperando que aquele Salomão de pince-nez de ouro lhe dissesse ao ouvido:

"Os teus lábios são como uma fita de escarlate; e o teu falar é doce. Assim como é o vermelho da romã partida, assim é o nácar das tuas faces; sem falar no que está escondido dentro".

O doutor Maximiliano deixou o tamborete do piano e o deputado, bem perto de Clódia, se não falava como o rei Salomão

José M. Lopes

ALFAIATE

ROUPAS SOB MEDIDA

Rua dos Invalidos, 203

Telefone 22-8400

RIO DE JANEIRO

à rainha de Sabá, dilatava as narinas para sorver toda a exaltação acre daquela moça, que mais capitosa se fazia dentro daquele vestuário de escrava desprezada.

A sala encheu-se de outros convidados e a sessão de música veio a cair na canção e na modinha. Fred cantou e Cló, instada pelo doutor André, cantou

também. O automóvel não tinha chegado; ela tinha tempo...

D. Isabel acompanhou; e a moça, pondo tudo que havia de sedução na sua voz, nos seus olhos pequenos e castanhos, cantou a "Canção da Preta Mina":

Pimenta de cheiro, giló,
[quigombô
Eu vendo barato, mi com-
[pra yôyô

Ao acabar, era um prazer especial, cheia de dengos nos olhos e na voz, com um longo gôzo íntimo que ela sacudindo as ancas e pondo as mãos dobradas pelas costas na cintura, curvava-se para o Dr. André e dizia vagamente:

Mi compra Yoyô!
E repetia com mais volúpia, ainda uma vez:
Mi compra Yoyô!

CASA PINHEIRO



GRANDE FABRICA DE BRINQUEDOS DE MADEIRA

O maior empório e o mais bem sortido da America do Sul

BRINQUEDOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DAS MELHORES PROCEDENCIAS NAS SUAS ORIGINAIS E ULTIMAS NOVIDADES

VENDA POR ATACADO

A. J. Gonçalves d'Oliveira & Cia. Ltda.

113, RUA DA ALFANDEGA, 115 — FONES: 23-2451 E 43-9072 — RIO DE JANEIRO.



CAMINHO FECHADO

LOLA KNEIP DE MELO
(Especial para a REVISTA
DA SEMANA)

O barulho da assistência em corrida desabalada, acordava as ruazinhas tranquilas, fazendo surgir de vez em quando rostos pálidos e inquietos às janelas.

— Quem será? — "O que aconteceu?", perguntavam-se, na certa, os donos daqueles semblantes assustados.

E o carro, muito branco, continuava a correr, como se mil demônios o perseguissem, sem pausa, sem parada, dobrando esquinas, atravessando ruas, umas após outras, até atingir seu destino: o pátio interno do grande hospital.

— Depressa!, bradou o médico, o primeiro a pisar em terra. Depressa, enfermeiros! É questão de vida ou de morte!

Eles retiraram o mais ligeiro que puderam a padiola do interior do carro, sobre a qual notava-se o volume de um corpo, enrolado na brancura dos lençóis.

Aquela forma velada estava quieta, absolutamente quieta, como se já a envolvesse o grande sono sem mistérios.

★

— Doutor Gilberto, o senhor acha que ela viverá?, perguntou Ivone, a linda enfermeira dos grandes olhos piedosos.

— Não sei, Ivone, não sei, respondeu incerto o doutor. Essa mulher tentou suicidar-se, com uma real vontade de morrer. Não foi por fúria, por querer fazer drama. Ela soube escolher todos os requintes para que a morte não falhasse o seu golpe. Pobre criatura! Que total, que absoluto interesse em abandonar a vida!

— É tão moça ainda e tão bonita, doutor Gilberto!, continuou Ivone. Será que não poderemos salvá-la?

A ruga na testa do doutor cavou-se ainda mais.

— Já fizemos tudo o que era humanamente possível fazer, Ivone. Nossa última esperança está numa transfusão de sangue. Vamos tentá-la já, quando ainda há uns vestígios de vida naquele pobre corpo.

— Sim, doutor, vamos tentá-la. Gostaria tanto que ela vivesse! concluiu Ivone, as lágrimas molhando-lhe as faces morenas.

★

A quasi suicida continuava imóvel no seu leito de aço, os olhos fechados, o rosto muito branco, os pulsos enfiaçados, por onde quasi lhe escorrera a vida, repousando quietos sobre o lençol.

Há vários dias estava no hospital, entre vida e a morte. Estas tinham lutado um encarnigado duelo, cada qual disputando o seu corpo. Afinal, parecia que a vida sairia vitoriosa. Tantos foram os cuidados dos médicos e as preces de Ivone, que tratava a doente com um devotamente enternecedor, pois tomara-lhe uma grande afeição, que já eram justificadas as esperanças na sua cura.

Naquela manhã, uma esplêndida ma-

nhã de abril, abriu os olhos pela primeira vez. Ivone colocara uma linda rosa vermelha na mesinha de cabeceira. Queria que sua paciente, mal recobrasse

o conhecimento, encontrasse sob suas vistas um símbolo de beleza e amor. A seu lado, pacientemente, o médico lhe aplicava uma injeção.

Mais tarde, explicando às colegas aquele retorno à existência, Ivone ainda hesitava em definir os sentimentos que se

(Continua na pág. 101)



SEAGERS
((DICA SIGA))
DESDE 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE



SABONETE
Dorly
PARA O TOUCADOR
SUAVEMENTE PERFUMADO

Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

PaTerraZ

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

Uma bela máscara

Continuação da pag. 3

são de sofrimento inesgotável e alucinante.

— Você meteu-me medo, disse a jovem. Não pensava encontrar ninguém aqui.

— Esse amor à solidão e estranho neste lugar e com o vestido que você está usando. Per-

mita-me que aproveite dele ao menos por alguns instantes.

Sentou-se perto dela. Tinha uma conversa agradável e apagava do espírito de Marceline as sensaborias que ouvira antes.

Mas parecia indicar, escondida sob uma amabilidade atenciosa e cheia de espírito, certa reserva, talvez mesmo frieza. Como ela achasse no companheiro algum encanto e acreditasse ter encontrado, naquele camarote, a aventura para a qual se tinha preparado tão longamente, Marceline empregou toda a estratégia da sua sedução. Soube dar ao olhar um brilho carinhoso e às atitudes, o abandono necessário.

E tanto fez que o interlocutor, depois de alguma hesitação, a convidou para ceiar.

No automóvel que os levou ao restaurante, passou o braço por trás das costas dela e apertou-a de encontro a si, sem dizer uma palavra. Seu silêncio, que ela não explicava, causou na moça estranha inquietação.

O brilho do gabinete reservado dissipou a má impressão e alegrou o companheiro.

Encheu as taças e levantou a sua, exclamando:

— Bebamos ao mistério, dos rostos e dos corações!

Ela bebeu e olhou, sorrindo, a maneira como ele deitava, gota a gota, o líquido dourado pelos lábios entreabertos da máscara dolorosa e dura que usava.

— Você tem uma estranha máscara.

— Acha?

E deu uma gargalhada que fez estremecer a jovem:

— Bebamos agora à mão desconhecida e magnífica que a realizou.

Mas, de repente, Marceline não pôde mais suportar o sorriso atroz da máscara e pediu:

— Por favor, tire-a. Faz-me medo.

— Porque? Bebamos ao mistério e esta noite pertence-lhe.

Não quero mais mistério, vou dar-lhe o exemplo.

Com um gesto arrancou a máscara; o rosto apareceu, belo e jovem, sob o tricorne debruado à prata. Como ele não a imitasse, Marceline fingiu zangar-se:

— Visto não querer obedecer-me, vou forçar-lo.

Estendeu as mãos para a máscara, mas o jovem deteve-a brutalmente e inclinou-se para Marceline que sentiu nos lábios um beijo glacial. E, em seguida, fugiu o mascarado.

Nos "boulevards", os poucos transeuntes retardatários, puderam ver nessa noite um homem jovem, cujo rosto — boca sem lábios, nariz sem narinas, fronte sem sobrancelhas — era uma vasta chaga coberta de cicatrizes e costuras, levando nos dedos contraídos uma velha máscara japonesa com ritos de amargura que parecia concentrar todo o sofrimento humano.



Inverno

A estação do conforto e da elegância

As mais modernas criações em tecidos de lã e sêdo

**TAILLEURS
MANTEUX
CASACOS, CAPAS**

Modelos elegantíssimos, a preços da

NOTRE DAME

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE NO RIO DE JANEIRO

**OUVIDOR
182 - 138**

RUGÓL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Caminho fechado

(Continuação da pág. 99)

espelharam no rosto branco da moça. Era estupefação, ânsia e sobretudo revolta, uma estranha e selvagem revolta.

Olhou o médico com um olhar carregado de ódio. Não estivesse sem forças como estava e Ivone juraria que ela lhe bateria, o esbofetearia com toda a violência.

Não podendo fazê-lo, injuriara-o, no entanto, com uma voz fraca de criança:

— Por que o senhor tenta me fazer viver? Por que? Não sabe que eu não quero? O senhor não tem esse direito, não tem!

★

Dali em diante, então, fora necessário alimentá-la e dar-lhe os remédios à força.

Ela não queria sobreviver.

Era quase brutal com a própria enfermeira que, para com ela, desdobrava-se em requintes de paciência e cuidados.

Seus olhos fixos, quando os abria, pareciam duros olhos enxergando um país sem esperanças. Por ela, por sua vontade, já que falhara a louca tentativa, deixar-se-ia morrer de apatia, de indiferença, puramente.

Quando lhe perguntaram o nome, negou-se absolutamente a dá-lo.

Nem Ivone, com toda a sua ternura,

conseguia arrancar uma única palavra daquela boca cerrada. Ela não tinha em nenhuma ocasião um gesto de agradecimento pelos seus desvelos.

Um dia, quando a estranha enferma já se encontrava bem melhor, Ivone trouxe, para distraí-la, algumas revistas.

Sentou-se pacientemente à beira do leito e lentou interessá-la, falando-lhe sobre os textos das mesmas e mostrando-lhe as gravuras.

— Veja que linda criança!, exclamou num dado momento, pondo ante seus olhos a fotografia de uma bonita menina, cujos lábios sorridentes pareciam resumir todo um motivo de felicidade.

A moça sentou-se no leito num repente, arrancou a revista das mãos da enfermeira, estupefata, atirou-a longe.

— Você, você, que parece tão boaz, gritou, possesso, as lágrimas saltando-lhe dos olhos circundados de roxo. Sãta daquê! Sãta, não quero vê-la mais!, gritou ainda, enterrando a cabeça no travesseiro, os soluços sacudindo-lhe o magro corpo.

Ivone não sabia o que fazer. Afinal, desorientada, surpresa, começou a chorar também.

— Oh!, desculpe, eu não quize magoá-la! Juro-lhe que não tive essa intenção! Juro-lhe, repeta, sem saber, mais o que dizer, ante o desespero da outra.

Finalmente, os poucos ela foi sosse-

(Continua na pág. 103)

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convém limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e molena geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

FABRICA DE AGULHAS HIPODERMICAS

— DE —

Platina iridiada a 25° I. — Niquel Puro inoxidável

“DELTA” “ZENY”

Fernando Marques Vicente

(Fabrica Edificio proprio)

RUA PROF. ESTER DE MELO, 67

Tel 48-2959

End. Teleg. “DOQUESTE”

Escritorio e Deposito

RUA DO ROSARIO, 158 - 6.º AND.

Tel. 23-5148 — 43-8124

CAIXA POSTAL 107

RIO DE JANEIRO

Oficina Mecânica

REPAROS GERAIS EM NAVIOS A VAPOR E A MOTOR

SERAPHIM DOS SANTOS

SOLDA ELÉTRICA E A OXIGÊNIO SISTEMA AMERICANO
SHIP REPAIR WORK GUARANTEED

REPAROS EM CALDEIRAS MARITIMAS E TERRESTRES
MONTAGENS E INSTALAÇÕES EM TERRA E A BORDO

RUA PEDRO ALVES, 19

TEL. 43-1729

RIO DE JANEIRO

Escritório OCTAVIO BABO

Repatrição Pública — Foro em Geral — Compra e Venda de Imóveis
Sob a orientação e responsabilidade do

DR. OCTAVIO BABO FILHO

ADVOGADO, DESPACHANTE E CORRETOR DE IMÓVEIS

Rua 1.º de Março, 6 (Edif. Paço) Rio de Janeiro — Tel. 43-6256



Minha Senhora!
Na alimentação
de seu filhinho é
indispensável in-
cluir o Creme de
arroz COLOMBO.

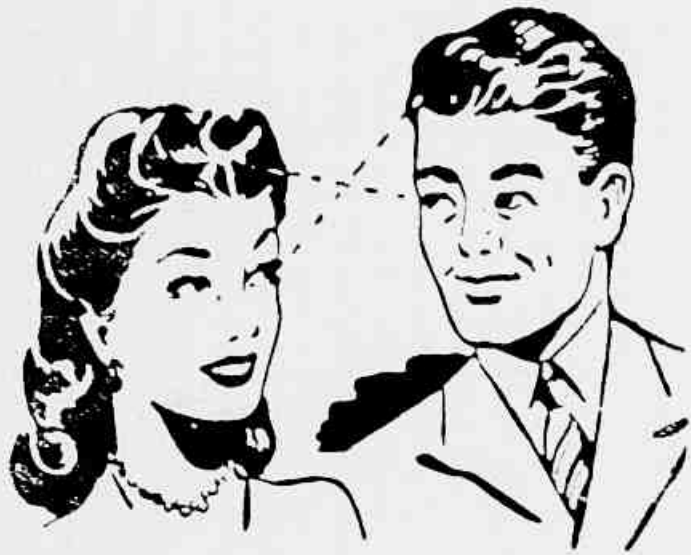
O Creme de Arroz COLOMBO é
um alimento puro, altamente
nutritivo e de facilíssima digestão.
Com ele as mães preparam
mingaós, sopas e outros pratos
magníficos que fazem a delícia
das crianças de qualquer idade.
Dê imediatamente ao seu
filhinho o

CREME DE ARROZ

Colombo

O ALIMENTO IDEAL DA CRIANÇA





a Beleza do Cabelo aumenta a atração pessoal

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

*Tricófero
de Barry*
EM USO DESDE 1801

Benjamin Costallat

(Continuação da pág. 49)

Eu não escrevi peça alguma. Apenas dei um exemplar do livro ao Jaime Costa. Quem escreveu a peça foi ele, o secretário dele ou o ponto da companhia... Não sei bem. Quem sabe, é o Jaime Costa. Foi numa época em que eu estava em grandes apertos de dinheiro e foi ótimo, receber aqueles direitos autorais, sem ter feito nada... E ainda tive um prêmio, dado pela Prefeitura. Pena é que tenha sido apenas de mil cruzeiros. Todos os autores da temporada foram premiados. — Henrique Pongetti, Claudio de Souza, Armando Gonzaga, Matheus da Fontoura e eu... Essa peça foi a estréia do Barbosa Junior. Ele estava muito engraçado e fez uma porção de piadas por conta própria. Eu não me importei. Os outros atores disseram diálogos do livro e alguma coisa mais... Tenho boa impressão do teatro, porque me fiz dramaturgo, premiado, sem nunca ter escrito uma peça...

Narrando reminiscências de sua vida literária, Benjamin Costallat confessa que uma parte de sua obra foi feita ao sabor de improvisações e de contingências mais ou menos dramáticas.

— Escrevi "Katucha" em quinze dias, para receber três mil e quinhentos cruzeiros do Abraão Coogan, que mais tarde fundou a Livraria Guanabara e editou Stefan Zweig no Brasil... Isso foi o princípio do negócio dele...

"Melle. Cinema" foi o livro que lhe rendeu maior soma de direitos autorais.

— Como autor, ganhei mais de sessenta contos. O livro tirou setenta e cinco mil exemplares. Vendeu-se no continente inteiro. Desgraçadamente eu me fiz editor, perdendo nos livros dos outros muito do que ganhei com os meus... Com a minha literatura, ganhei mais de duzentos contos. Naquela época, isso equivalia a dois milhões de cruzeiros, hoje. Fui o primeiro homem, no Brasil, a ganhar quinhentos mil réis por um artigo. E isso no "Jornal do Brasil", no tempo em que escrevi os "Mistérios do Rio".

★

Benjamin Costallat esclarece que, além dessa soma, ganha com os direitos autorais dos seus livros, ganhou mais, ainda, com os anúncios...

— Os anúncios?

— Sim... Foi uma coisa que eu inventei introduzi aqui no Brasil... Por exemplo: a heroína de uma das minhas histórias ia ser seduzida por um rapaz que aparecia muito elegante, numa barata de luxo... Eu citava a marca da baratinha e as companhias de automóvel pagavam, de bom grado, a citação do nome do carro...

A esse ponto chegou, na verdade, o prestígio de Benjamin Costallat, como novelista da moda. A marca de um automóvel era citada por cinco contos de réis. Assim, também as dos cigarros dos seus heróis e dos seus vilões. Num dos seus livros, um personagem abria a janela que dava para uma praça pública, onde havia um letreiro luminoso, acendendo e apagando. Era um anúncio de uma marca de café. Aquilo se convertia numa espécie de obsessão para o personagem. Até de olhos fechados ele ainda via o letreiro, acendendo e apagando...

— CA-FE' PA-RA...

E aqui paro, porque não quero fazer de graça, um anúncio pelo qual foi pago tanto dinheiro. Na verdade, a obsessão desse personagem de Benjamin Costallat custou nada menos de quinze contos, ao dono da marca de café paulista... Os personagens de Costallat nunca tiveram uma dor de cabeça sem que os laboratórios Raul Leite gemessem nas contas. Nunca tiveram um caldo, sem que um industrial qualquer que vive de pés defeituosos entrasse com alguns cobres. Mais do que os outros escritores, Benjamin Costallat tirava duplo proveito da pequena humanidade com que manejava nas suas novelas. Até as enxaquecas desses personagens eram, para o autor, mais ou menos providenciais...

Benjamin Costallat diverte-se ao desfiar essas reminiscências. E filosofa:

— Sempre disse e continuo a repetir: "Devemos sonhar, mas sem ser bestas..."

Como amador, comprador, vendedor e trocador de quadros ele continua aliando o homem que tem os olhos abertos, o homem que não quer se fazer, nem tampouco quer que o façam de bobo...

★

Entre os seus copiosos recortes, guarda Benjamin Costallat duas páginas da revista "O Malho", do ano de 1927, quando era ainda semanal. Ao redor das duas páginas, há vinte caricaturas. E na maioria dessas caricaturas há uma cruz por baixo. Pedindo emprestada à nossa caneta tinteiro, o autor de "Os maridos" observa:

CALCIO BABY

INDISPENSÁVEL NA DENTICAÇÃO DAS CRIANÇAS

Indicado por D^o WILLI ROCK

Pedidos a ARAÚJO FREITAS & CIA. — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A
RIO DE JANEIRO

— Eu ia me esquecendo de uma cruz neste aqui...

E põe o sinal fúnebre em baixo de uma caricatura. Era natural que ficássemos interessados. E Benjamin Costallat explica:

— Trata-se de um concurso para príncipe dos prosadores brasileiros... Colocaram nessas páginas as caricaturas de vinte escritores que estavam em evidência nessa época. Morreram quase todos, em menos de vinte anos... Veja só: Coelho Netto, Miguel Couto, José do Patrocínio Filho, Augusto de Lima, Ronald de Carvalho, Medeiros e Albuquerque, Antonio Torres, Graça Aranha, Humberto de Campos, Oliveira Lima e Afonso Celso... Dos vivos só existem seis, — eu, Monteiro Lobato, Viriato Corrêa, Claudio de Souza, Gustavo Barroso, Agripino Grieco e Afranio Peixoto... Alguns, aliás, não estão passando muito bem... Eu, por exemplo, estou diabético. Cada vez que um deles morre, eu ponho uma cruzinha em baixo da caricatura... Isto é uma espécie de cemitério particular, só para literatos...

E, num desabafo:

— Sabe de uma coisa? Acho que esses concursos literários dão um bruto azar...

E, antes que a conversa saísse do terreno artístico e literário para o funerário, encerramos a entrevista com o escritor que não quer mais saber de literatura...

Atualidade de Giraudoux

(Continuação da pág. 61)

Quer em seus livros, quer em suas peças, sempre se preocupou em fazer resurgir o Eden em pleno mundo moderno. Esse é o verdadeiro, o real Giraudoux.

Nesse paraíso anterior, onde revivem as forças essenciais e elementares, Giraudoux nos guiou maravilhosamente no acompanhamento de seus heróis que atestam a graça de "uma potência puramente civil", sem vans complicações metafísicas. E vibra-se, vive-se nos diálogos de Holofernes e Judite, de Alcmena e Jupiter, como nos de Siegfried e seu Limousin. Nessa obra, toda colorida de espírito subtil e com os tons da mais delicada expressão, Jean Giraudoux realizou, brincando, o mesmo trabalho de libertação, de penetrante e nobre libertação. E' necessario reler-se suas peças como romances e seus romances como peças. Ver-se-á, neles, desenvolver-se, em inesquecíveis e maravilhosas variações, essa "radio-atividade" do estilo que purifica as cousas, livrando-as de sua banalidade e as almas de seu torpor. O escritor-poeta de "Amfitrião 38", restituiu a divina inocência às mais antigas verdades humanas, afim de melhor lhes revelar os segredos. Dom mágico, quase-único, e que faz com que Giraudoux desde já tenha conquistado um lugar muito importante na história das Letras Francesas.

Porque os velhos valores da medida, do equilíbrio, da razão, do humanismo — que Jean Giraudoux redescobriu — permanecem após sua morte.

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO

VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO

MULTIFARMA — Praça Petrópolis, 26 — Sala 6 — São Paulo — Resposta pelo reembolso postal

S. S. Publicidade

**IDEALISE O TYPO
e
O ENCONTRARA' NA**

CASA DA *Onice*

**CALÇADOS
URUGUAYANA, 72 - 74**
Tel. 43-5740

Caminho fechado

(Continuação da pág. 99)

gando, soluçando baixo, cada vez mais baixo.

— Enfermeira, disse por fim, com uma voz doce de menina. Perdoe-me. Eu sou uma idiota. Creio que o sofrimento embrutece... Você não tem culpa. Ninguém tem culpa... Por favor, quer olhar-me os travesseiros?, pediu humildemente.

Ivone, feliz aliviada por vê-la romper enfim aquela muralha de gelo, atendeu-a pressurosa, doida por esquecer o incidente. Seu coração generoso presentia um grande padecimento no espírito daquela criatura e por isso não conseguia magoar-se seriamente, até então, com coisa alguma que dela viesse. Secou às pressas os olhos que boiavam em lágrimas e sorriu-lhe o seu melhor sorriso.

Está bem assim?, perguntou, depois de escorá-la com os travesseiros, procurando-lhe uma posição bem cômoda.

— Sim, estou bem, obrigada.

Havia uma ansia irreprimível nos seus olhos pisados, mas belos, quando insistiu:

— Mas diga que me desculpa, que me perdoa as grosserias sem razão... E' tão boa, foi sempre tão boa para mim!

Ivone pegou em suas mãos transparentes e riu alegremente.

— Ora, a senhora nem pense nisso! Então eu não sei que sofri e está muito nervosa? Mas vai sarar bem depressa e então verá como seus nervos também melhorarão.

A moça olhou pensativa e tristonha para o rãio de sol que brincava no assoalho brilhantemente encerado do quarto.

— Ivone, disse ela, lentamente, se você me disser porque eu devo viver, que interesse tem para mim a vida...

Esta ficou meio interdita, sem saber o que responder-lhe. Afinal, procurando mostrar-se entusiasmada e otimista, rederguu-lhe:

— Ora, a senhora deve viver porque é ainda muito moça e bonita. E depois, concluiu, sorrindo, para todo o desgosto, há sempre uma compensação. E, graças a Deus, assim é desde que o mundo é mundo. Senão, aí de nós!

Um sorriso mais doloroso que todas as lágrimas desenhou-se no rosto pálido da moça.

— Ah! Ivone, se você soubesse! O meu mal é sem remédio. As chagas do corpo, por mais fundas que sejam, às vezes se curam. Mas as da alma...

Fixou por uns momentos, atentamente, o rosto da jovem enfermeira, inclinada sobre ela. Tentava adivinhar-lhe, quem sabe?, os sentimentos íntimos. Mas ela só leu naquele semblante doçura e bondade e nos olhos, escuros e imensos, uma terna luz que parecia tudo compreender, tudo perdoar.

— Ivone, disse então, devo a você reparação, por todas as grosserias que

lhe tenho feito. Não, não me interrompa. Estava tão ferida quando vim para aqui, tão ferida na minha alma, que não sentia os sofrimentos de meu corpo. Quando recobrei o conhecimento e vi que continuava vivendo, máu grado meu desejo, tive vontade de matá-la e também ao dr. Gilberto, que tudo fez para não me deixar morrer. Uma fúria selvagem me descontrolou porque, tenho certeza, se vocês soubessem o que me levou àquele gesto, veriam que era mais humano, mais caridoso, deixar-me morrer.

Ivone ouvia com uma atenção concentrada o que a moça lhe dizia, mas, na sua natural bondade, tentou interrompê-la.

— Oh!, por favor, não me diga nada, não tenho o direito de saber coisas que lhe dizem respeito. Depois, a senhora ainda está tão fraca!

A outra sorriu debilmente.

— Já disse a você, Ivone, o meu mal é da alma, não do corpo. Se esse se tornasse tão fraco, nem as injeções do dr. Gilberto, aí eu me sentiria feliz. Morrer é a única coisa que ambiciono. Morrer e esquecer.

Parou, levemente, cansada. Ivone deu-lhe um pouco da água e pediu-lhe que repousasse.

— Não, disse a moça, com uma estranha sombra no fundo dos olhos. Não quero repousar.

Com uma quasi meiguice, continuou:

— Ivone, estou começando a gostar muito de você. A ninguém mais contaria o que sinto agora necessidade de contar-lhe. Talvez seja apenas para que você saiba que eu no fundo não sou tão má como pareço... Mau foi o meu

destino, que me fez dançar como um fantoche aos seus macabros caprichos.

Recostou-se melhor e pediu:

— Corre um pouquinho a janela. Tu, que tanto gostava do sol, creio que estou quasi odiando-o. Sua luz agora chega a me fazer mal. Como tudo o que é brilhante, quente e sugere vida.

Ivone cerrou as janelas, obedientemente.

A moça começou então a contar-lhe sua história:

— Meu nome é Janina. Casei-me muito cedo, com um homem rico, por quem estava perdidamente apaixonada. Os primeiros meses foram de uma grande, de uma imensa felicidade. Ele tudo fazia para agradar-me. Iamos a bailes, festas e cassinos quasi todas as noites.

Foi quando fiquei esperando nosso fi-

(Continua na pág. 105)



CAÇADORES de CABEÇA

CERTAS TRÍBUS SELVAGENS ANTIGAS, AS "CAÇADORES DE CABEÇA", ENFEITAVAM SUAS TABAS COM ESTES "ADORNOS"

SERIA VOCÊ CAPAZ DE EMBELEZAR SUA CASA COM TÃO TÊTRICOS TROFÉUS?

NÃO!

Porque o seu conceito de beleza, o mesmo de suas amigas que a visitam, traz o cunho marcante da civilização refinada, que procura na perfeição estética a harmonia do conforto físico e espiritual.

Mostre a sua personalidade tornando o seu lar um recanto de bom gosto e finura, mantendo seus móveis sempre novos, elegantes e distintos, com o uso permanente do

Oleo de Peroba

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



O HEROI

(Conto de MAISE GREIG)

Subitamente, êle notou que estava cercado de gente aplaudindo, gritando seu nome: Hartazman, nosso heroi. Naquele instante, uma sensação de completo desafogo o dominou, no meio do atordoamento que lhe causava o ruído da manifestação. Ali, parado no meio da rua, no ombro dos populares em delírio, êle sentiu-se completo, perfeito. A eterna ambição do homem — já resumida nas três funções: ter um filho, plantar uma árvore, escrever um livro — tinha sido atingida. A

dêle era atingir a notoriedade, ser respeitado e admirado, afim de superar o seu complexo de inferioridade. Valia-lhe, assim, a consagração. Nunca mais êle teria a desagradável consciencia da sua situação de inferioridade, porque estava consagrado, porque era um heroi. Um heroi? E há quem se queixe da glória, pensou, de si para si. A glória, alcançando-o, o animara mais do que à multidão exaltada.

Sem saber mesmo como fora o traje da estação ao carro, sentiu que era transportado para um automovel aberto, guiado por um policial, ao lado do prefeito, êle acenava, agradecendo a manifestação. De vez em quando repetia.

— Nem em sonhos... Nem sonhos...

Nunca poderia imaginar uma realidade mais brilhante do que aquela. E ela vinha ao seu encontro, em virtude de uma empurrãozinho do destino. Essa é que era a verdade.

Quando êle sentira à sua frente os canhões do inimigo, quando fora forçado a enfrentar as forças alemães, como soldado, apertara os lábios e caminhara resoluto. Havia alguma coisa a conquistar. Era a notoriedade. E êle conseguira.

Lembrava-se do que lhe diziam, quando, ainda pequeno, êle tentava igualar o irmão, idolo dos pais, sem adulado:

(Continua na pág. 110)

ELA...

(Continuação da pág. 44)

Dir-se-ia que Nitinha saíra do campo com a alma despovoada. Alguma coisa da sua vida ficara lá, sobrepairando de lugar em lugar onde ela brincara, na sela do cavalo, no riozinho onde banhava o seu corpo, nas laranjeiras que a espinhavam, no pio das aves que vinham vê-la, nas biqueiras da casa.

Alma cabocla do Brasil caboclo, tú és a mesma em toda parte, inocente e bôa, sonhadora e subtil. Tú és o eterno brado da terra de Santa Cruz, na poesia dos teus campos, na sedução abundante do Amazonas, nos lábios perfumados de tuas mulheres.

A alma de Nitinha é a alma do Brasil, no seu cântico de harmonia, de perpétua felicidade...

SANTO ANTONIO

(Continuação da pág. 45)

franciscano, que aqui no Rio é capitão do Exército, cada vez fica mais popular. Padreiro de tôdas as causas, tem ainda o encargo de achar coisas perdidas. Que êle acha, acha mesmo. Eu, que sou uma grande perdeira de coisas, já tenho me valido dêle muitas vêzes para botar um pouco de ordem na minha confusão. Por sinal que já perdi de vista a extensão das minhas dívidas para com o santo. Para pagar teria que abrir falência. Entretanto, vejam vocês, eu, como qualquer

outra devota comum, jamais perdi o crédito com o santo. Volta e meia estou pedindo mais. Pedindo sem cerimônia. Quase igual àquele sujeito que entrou na igreja de dedo em punho, falando alto: — "Santo Antônio, dá um jeito, dá um jeito logo Santo Antônio, que eu tenho mulher e filhos e não posso ficar sem emprego!" Santo Antônio deu um jeito.

Não sei de quantas coisas Santo Antônio é padroeiro. Mas se, algum dia, os detetives se organizarem para escolher o seu santo, tenho a certeza de que êle será eleito. Será escolha justa e acertada. Naturalmente, todos os santos têm muito prestígio no céu, mas Santo Antônio é que é um pistolão de primeira ordem. Assim que começar com mais alarido o estrondar dos foguetes, vou ficar alerta. O dia de Santo Antônio está chegando e é preciso ir acender a minha vela. Não posso me esquecer dêsse dever de cortesia. Santo Antônio é amigo do Rei. E é amigo íntimo, muito amigo do Rei!

Devo falar sobre...

(Continuação da pág. 70)

ma pensei todas essas coisas, ouvindo-o. Sentindo-me pequenina e desprezível diante do sofrimento, da sabedoria e do heroísmo que ele representava, homem desarmado e só combatendo, em silêncio, forças misteriosas de dissolução social.

— Eu sei quem me agrediu, senhorita. Sei quem foi o mandante. Mas não posso di-

zer agora. Devo continuar calado, até o fim das minhas pesquisas. Se eu fôr vencido, paciência! Se eu vencer, não precisarei falar.

Langsner lutava contra a Migdal e contra o nazismo. Gente graúda do governo e das finanças protegia os mercadores de escravas brancas e os agressores da Liberdade humana. Era de "maquis" a sua luta. Não poderia, naquela hora, acusar os mascarados que tinham tentado matá-lo na rua Santa Luzia. Não pôde acusá-los quando o arrastaram, sem processo e sem sumário de culpa à uma célula húmida e suja da Penitenciária de Niterói, poucos dias depois.

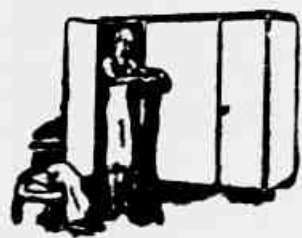
Hoje, acabada a guerra, passado o perigo de serem as "vendeuses" de amor, agentes do inimigo, caída a Ditadura, hoje que tanta coisa incompreensível está acontecendo, Langsner acusa.

Tem o direito de ser ouvido. Tem o direito de fazer-se lembrado o intelectual internacionalmente ilustre. Não pode continuar encarcerado como um vagabundo sem história, o lutador da causa vitoriosa.

Roubaram-lhe os documentos na prisão. Teriam roubado a carta que me mostrou, a estreita folha de papel aéreo que Mary lhe mandara de Nice?... Era uma carta simples e triste, cheia de pungente poesia. Falava do mar, da música de um café, da multidão risonha e fútil que fechava em gestos protocolares, a ternura de um encontro longamente sonhado entre pai e filha.

O homem que recebe uma carta assim, não pode ficar segregado dos outros homens como um animal perigoso. Um coração assim, faz falta à nossa luta desta hora.

DECORAÇÕES - MOVEIS - INTERIORES



Casa **ANGLO-BRASILEIRA**
SUCESSORA DE
MAPPIN STORES

-- GOSTO -- CONFORTO -- DISTINÇÃO

--- PRAIA DE BOTAFOGO 360.

OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

Caminho fechado

Continua da pag. 101

lho. Eu estava tonta de felicidade, à perspectiva de poder enfim apertar nos braços um ser que fosse um pedaço de minha própria carne. Mas meu marido não mostrou o mesmo entusiasmo. Pensei que aquilo fosse um egoísmo natural, pois o fato vinha perturbar a nossa vida de divertimentos. Mas enganava-me. Na época em que nosso filho nasceu, ele, que durante todos aqueles meses fora se afastando mais e mais de mim, já se tornara quase um estranho. Quando tive o meu bebê pela primeira vez nos braços, chorei ao mesmo tempo de alegria e desespero. Se Deus me dera aquela aventura, não pudera conjurar para longe de mim o sofrimento. Meu marido não era mais meu, percebia.

Soube, meses depois, que estava loucamente apaixonado por uma linda mulher, com quem esbanjava sua fortuna de olhos fechados.

Tentei falar-lhe um dia, não por mim, que acabei encarando tudo como uma espécie de fatalidade, mas pelo nosso filho, que seria mais tarde prejudicado, caso continuassem suas loucuras.

Ele fez-me ver, com a maior brutalidade, que o dinheiro era seu, somente seu, que eu não lhe levava de dote um centavo. Portanto, gastava-o como lhe aprouvesse.

Calei-me, então e absorvi-me ainda nos cuidados de minha criança, com uma ternura que fazia meu coração transbordar.

Poucos meses eram passados e aconteceu o inevitável: a sereia, percebendo que meu marido estava arruinado, incapaz de continuar satisfazendo-lhe as absurdas fantasias, abandonou-o sem piedade, fugindo para o estrangeiro com outro homem.

Resultado: ele, enfeitado até à alma por aquela mulher e fraco de natureza, estourou os miolos com um tiro de revólver e eu vi-me, de uma hora para a outra, jovem, inexperiente, com um filho de dois anos nos braços e sem tostão para prover a seu sustento.

Começou aí a minha luta. Com umas jóias que me restavam, consegui viver

uns tempos, numa casa pobre, com o meu pequeno Rogério. Procurava com afincado um emprego, para poder sustentar honestamente o meu filho. Eu era nova, bonita, as tentações não me faltavam. Mas meu filho não haveria nunca de envergonhar-se de mim, foi a promessa que fiz a mim própria.

A casa para onde nos mudamos era húmida e fria, como toda a casa de pobre.

Um dia Rogério apareceu indisposto, com febre. Reuni os últimos níqueis que me restavam e chamei um médico. Ele não gostou do aspecto de meu filho e recomendou-me muito cuidado, receitando

vários remédios. E eu, que não tinha dinheiro, meu Deus! Uma vizinha, pobre também, cediada, conseguiu emprestar-me alguns cruzeiros e eu comprei então os medicamentos.

Naqueles dias, foi que apreendi o verdadeiro valor do dinheiro. E soube porque alguém já dissera que "o dinheiro é a mola da vida".

Rogério não melhorava. Cada vez tinha mais febre, cada vez sofria mais. Até que o médico declarou que ele apinhara crupe. Fiquei apavorada. Como iria tratá-lo, como, se estava vivendo de miseráveis empréstimos?

Uma surda cólera tomou conta de mim, naquela noite.

— Ana, disse eu à bondosa vizinha que às vezes passava horas inteiras comigo. Ana, tome conta do garoto, que eu vou sair, mas não demoro.

Beije a testinha de meu filho, que escaldava e pisei resolutamente do lado de fora da porta, deixando que a escuridão me envolvesse, me enrolasse, tomasse inteiramente conta de mim, escondendo meu corpo dos olhos vigilantes de minha alma revoltada.

Continua na pag. 109

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima
50 ALFANDEGA 50
RIO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
Sociedade Anônima
Cr\$ 11.000,00
Nº 037064
PAGUE POR ESTE CHEQUE A
A QUANTIA DE
ao portador
Onze mil cru
RIO DE JANEIRO
QUE LEVARÁ A DÉBITO DE

Funciona até às 19 horas
DEPOSITOS
CAUÇÕES
DESCONTOS

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de Alface "Brilhante" ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embelezar, alisar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as rugas e a tendência para pigmentação.

O rico, e brilha do seu pelo vive e ainda volta a inspirar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Exportação.

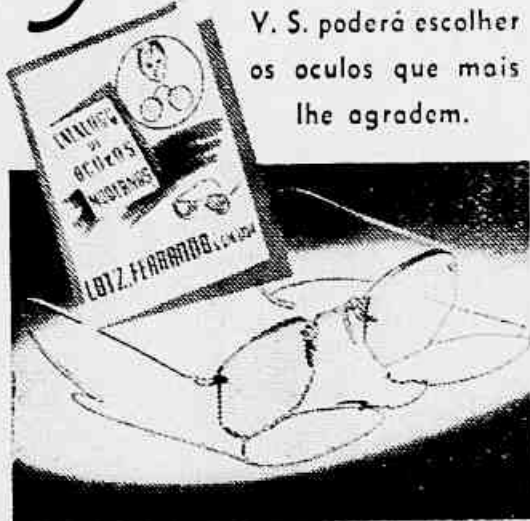
É um produto das Indústrias Farmacêuticas e Cosméticas da França.

Cara ou corôa

— Continua da p. 59
descansar o outro cotovelo no balcão e reparou que o barman estava olhando para ele, vendo-o beber.

GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo **CATÁLOGO de OCULOS MODERNOS**

tendo a certeza de ser atendido por **LUTZ FERRANDO** com a mesma garantia e eficiência como se o fôsse pessoalmente pelos nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS À



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 55 - RIO DE JANEIRO

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

— Veja outro. E bote bastante uisque.

— Esse é por conta da casa, disse o homem.

A atitude hostil que ele assumira em relação ao barman desapareceu. Por conta da casa... Um homem generoso. Provavelmente tinha mulher e filhos e como não fôra para a guerra nunca os abandonara. Não tinha o seu dilema. Terrível.

O problema mais sério, refletiu ele conseguir um emprêgo. Depois, tudo estaria resolvido. Podia-se, pelo menos, louvar a guerra nesse ponto — ninguém tinha que se preocupar com o emprego. Talvez a solução mais bem arranjada para o desemprego, pensava ele. Pensando bem, na guerra não havia preocupações. Alguém se incumbia de pensar pelos outros. E eram ordens que cada um recebia. Pelo menos, se era grande a fadiga física, era repousante o trabalho intelectual, propriamente inexistente.

Se se era cabo, havia um sargento que se responsabilizava por todas as tolices que a gente pensasse fazer. Sargento, capitão... e depois todas as patentes. Já um tanto tonto pelo álcool ele pensou: quem pensaria pelo general? O marechal, é claro. E pelo marechal? Talvez o presidente da república, eleito pelo povo. Círculo vicioso. Começou a rir baixinho e lembrou-se de Marge. Onde estaria ela? Em casa? Pensou um pouco e depois lembrou até o número do telefone. Meu deus, como seria bom deixar tudo, todos os problemas, que agora tinha que enfrentar e dormir, dormir em paz, sem ter que pensar no emprêgo, no pão. O preço da liberdade, pensou ele. Liberdade para que seja exercida, mas em luta constante, porque não há pão para todas as bocas.

Devia telefonar para Marge.

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fadiga, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pilulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pilulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

Essa era a tarefa mais importante, mais importante do que tudo o mais, mais temível do que o emprêgo.

Sorria lembrado os tempos em que ele contava os dias, a hora, os minutos. Queria a sua liberdade. Mas e agora? Em que a usaria?

Talvez tivesse razão aqueles que falavam na segurança, da caserna, porque a comida, se bem que má, é certa, e como certo é o abrigo. O homem, afinal de contas, contenta-se com pouco.

O desajustamento do seu temperamento, que se habituara, naquele tempo, ao ritmo da vida militar não permitia que ele recobrasse de pronto aquela plasticidade e elasticidade que fazia com que pudesse enfrentar a vida e os problemas mais urgentes.

— Deseja alguma coisa?

— Por que o barman o olharia assim?

— Porque me olha assim?

— Obrigado.

Bebeu, em silêncio.

— Porque me olha assim?

— Você sabe que estava falando alto?

— Eu?

— Sim, você. Isto é uma coisa que se adquire na solidão. Falar sozinho. O homem precisar comunicar-se.

Mary já ouvira falar dos barman filósofos, mas nunca encontrara um. Via-os nos cinemas, nas novelas: era sempre dos barman que partiam as grandes soluções, os casos, as observações mais pertinentes.

— Eu estava falando sozinho?

— Sim. Você referiu-se até à sua esposa. A Marge.

Era incrível. Ele devia mesmo ter falado.

— Desculpe se o ouvi. Não era possível evitar. Mas se eu fôsse você aprendia definitivamente a encarar o destino.

— Como?

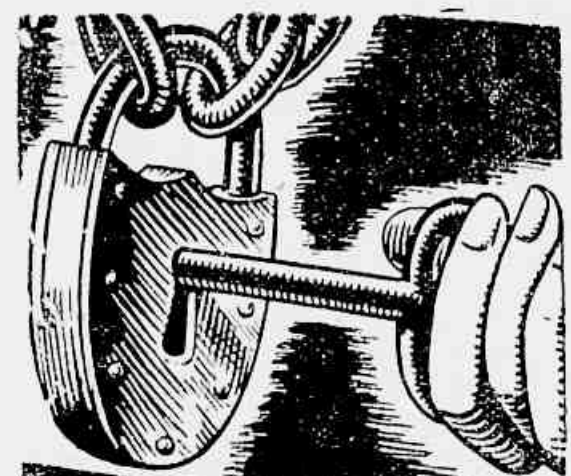
Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se descoloca

A sua dentadura postiza cai, quando come, fala, ri ou sorri? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alabastro muito leve para polvilhar as dentaduras postizas. Conserva-as mais firmes na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa.

Ordene **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário sob o nome **FIXODENT**.

Distribuidora para todo o Brasil
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

90-5



LAXOLAGAR

GRANADO

COMBATE A

PRISÃO DE VENTRE

E NORMALISA AS

FUNÇÕES DO TUBO

DIGESTIVO



T. TARQUINO

— Tomava uma decisão. Não é isso que o perturba?

— Sim.

— Pois bem. Não pense mais.

— Mas que devo fazer?

— Qualquer das duas alternativas é boa. Não pense. Aja.

— Mas, de que maneira?

Orf-Léne

NAO MANCHA e tinge melhor o Cabêlo branco

É o produto que supera o que melhor tinge; em

- 1 Prêto
- 1 1/4 Prêto azulado
- 1 1/2 Castanho escuro
- 2 Castanho escuro cinza
- 2 1/2 Castanho pouco escuro
- 3 Castanho meio escuro
- 3 1/2 Castanho meio escuro cinza
- 4 1/4 Castanho natural
- 4 1/4 Castanho bronzeado
- 4 1/2 Castanho cinza
- 4 3/4 Castanho dourado
- 5 Castanho claro
- 5 1/4 Castanho claro cinza
- 5 1/2 Castanho claro acajú
- 5 3/4 Castanho claro dourado
- 6 Bronzeado escuro
- 6 1/4 Louro escuro
- 6 1/2 Bronzeado claro
- 6 3/4 Louro
- 7 Louro-Cinza
- 8 Louro-acajú
- 8 1/4 Acajú forte
- 8 1/2 Vermelho-fogo
- 9 Louro-claro
- 9 1/4 Ouro-palha
- 9 1/2 Ouro-escuro
- 10 Louro-ouro

PARA ALOURAR, CABELO ESCURO,
USE: HYD-O-VINE



Graphicôr Concentra Hartman Irmãos S. A.

Caixa Postal 2441 -- Telegramas "Graphicôr" -- Telefone 48-5435

RUA BOMFIM 250 --- RIO DE JANEIRO

NACIONALIZADA PELO GOVERNO FEDERAL

FABRICAÇÃO DE QUALQUER CLASSE DE TINTAS PARA ARTES GRAFICAS.

— Tire cara ou coroa, por exemplo.

Cara ou coroa? Resolver seu destino dessa forma?

— Isso é maneira de agir? Cara ou coroa!

— Por que não? Você não resolve mais cegamente, pesando?

— Por que Pensando, eu peso prós e contras, verifico...

— Não pesa prós e contras coisa alguma. Pesa os prós que muito bem quer e os contra que deseja. Antes de pensar você já decidiu, inconscientemente. As decisões são tão irracionais quando tomadas friamente do que quando tomadas num impulso.

— Mas...

— Não acha que isso justifica o método. Cara ou coroa? Você tem aí uma oportunidade de acertar contra o seu próprio julgamento. Certamente falho.

— Por que falho?

— Por que se é impossível ser imparcial em relação a outros, é mais do que impossível, sê-lo em relação a si mesmo.

Ele sorriu. O barmen era realmente um homem surpreendente. Lentamente tirou do bolso uma moeda e disse:

— Cara ou coroa... Se for cara, eu volto para a casa, para minha vida, reato os laços com o passado... se for coroa... vou para o futuro.

A moeda rolou e virou-se de um lado:

— Coroa!

Mas naquele momento êle sentiu como que uma reação. Não podia tomar aquela desição assim. E sua esposa? E a vida que era sua, que sempre fora sua? Não. Ele não poderia voltar as costas a tudo o que fôra seu destino, a que estava ligado... Olhou para o homem e viu que o homem sorria:

— Eu sabia que você não havia de se conformar. Siga o seu impulso, vamos.

Mark levantou-se e foi ao telefone. Discou um número... O de Marge.

A HISTORIA DOS MOVEIS CHIPPENDALE

(Cont' na pág. 66)

apenas 22 em 1775) e tinha os seus próprios fabricantes de fechaduras, espelhos, etc.

Tudo isto, naturalmente, nos obriga a rever nossas idéias a respeito de Chippendale e Hepplewhite. O seu gênio, afinal de contas, não foi tão excepcional, e havia dezenas, e talvez centenas de outros talentos fabricantes de móveis na Inglaterra do século 18. Havia realmente um gênio, mas era o gênio de uma época e não de um ou dois homens notáveis. Muitos desses artistas não tinham idéia de perpetuar seus nomes, e sob sua direção trabalharam milhares de peritos anônimos, produzindo para diversos países estrangeiros, como a Espanha e a Turquia, tanto quanto para o mercado interno. Os que foram suficientemente astutos para publicar um guia receberam uma atenção maior e indevida.

Não desejo, porém, deixar a impressão de que a adoração a Chippendale foi baseada num mito agora destruído. Ao contrário, demonstramos apenas que havia muitos outros no mesmo nível daquele a quem considerávamos como gênio.



Orgulho de mulher

Bonita!



UMA cutis fresca e delicada é, para a mulher bonita, motivo de orgulho. Nem a maquiagem mais perfeita consegue occultar os cravos e espinhas. Procure conservar a sua beleza. Use Rugol e verá desaparecer as manchas e as impurezas. Rugol, penetrando profundamente na epiderme, rejuvenesce os tecidos e impede a formação de rugas e pés de galinha. Contrae os poros, elimina as sardas e manchas e dá á cutis uma alvura e um avelludado admiráveis.

● Diariamente, ao deitar-se, faça uma massagem branda com Rugol, durante 3 ou 4 minutos. Removidas as impurezas e a pintura, retire o excesso de creme com um pano seco e macio. Pela manhã lave o rosto com agua morna e a seguir com agua fria. Passe uma leve camada de Rugol e applique, depois, o pó de arroz.

Crème **RUGOL**

Produtos dos Laboratorios ALVIM & FREITAS — São Paulo

CAIXA GERAL DE EMPRÉSTIMOS

CAISSE GÉNÉRALE DE PRÊTS FONCIERS ET INDUSTRIELS

Capital Paris: Frs. 25.000.000.00 Capital São Paulo: Cr. 9.000.000,00

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCOS

Rua Senador Feijó, 176 - 7.º Andar

Telefone 2-4722 — SÃO PAULO — Caixa Postal 3206

ORGANIZAÇÃO PERFEITA

Para a Administração dos Prédios de V. S.

em S. Paulo — Santos e São Vicente — Sto. André

Empréstimos sobre alugueis, Hipotecas,

Compra e Venda de Imóveis

Compre Bonus de Guerra. Nós já compramos Cr\$ 1.000.000,00



*Artigos finos
para cavalheiros
de fino gosto*

EU FUI A NATAL

(Continuação da pág. 54)

Na manhã seguinte levantei-me cedo, ansiosa de explorar o meus novos domínios. Em companhia de meus dois amigos caninos, comecei pela sala de jantar: muros azuis, mobília verde! Muito artístico... Oh, é verdade, meus convidados lavarem as mãos antes de se sentarem á mesa e não sujarem a mobília, puro estilo 1928... A propósito. Chamarei de mobília puro estilo 1928", áqueles móveis, ou tipo "renascença"? Será melhor esquecer êsse detalhe. Só de me lembrar daquela mobília estilizada acho melhor esquecer tudo.

E a casa? Tinha um fogão, uma pia e uma ou coisa parecida. O banheiro não possuía lavatório, mas um ótimo chuveiro. (Quem gosta de água quente? Não tem receios...) Bem, o quarto era uma espécie de quarto-de-guardados e estúdio para os meus pincéis e canvas. Oh, perdôem, esqueci-me de mencionar que também sou uma artista. Melhor, costume pintar quadros. E sem mais comentários, passemos adiante.

Os dias imediatos foram gastos em visitar Natal. Que cidade com tradições! Natal continua possuindo suas ruas de pedras. E' difícil dar uma impressão real do lugar, pois se-

ria necessário rever as páginas da história do mundo de ha três séculos. Compõe-se de três seções: "Hora", "Ponte Grande" e "Alecrim". Descreveu rei "Hora" primeiro pois foi o setor que mais me impressionou. E' o setor das casas comerciais, com bancos, hotéis e duas lojas semelhantes ás nossas nos EE.UU. Encontrei muitas joalherias pelas ruas, talvez nascidas sob a influência dos soldados americanos, ou do "yankee dollar". Descobri que as pessoas afortunadas, podendo despender o necessário para usar calçado, mandavam-no fazer sob medida por preços baratíssimos. Botinas, bôlsas de crocodilo eram compradas por apenas quinze dólares. Oh, minhas pobres amigas americanas, e vocês pagam cem e cento e cinquenta pelas mesmas preciosidades nos EE.UU.!

"Ponte Grande" é um setôr destinado á gente de "primeira classe". Tem um cinema, um restaurante onde as senhoras podem entrar, e falo assim porque o mesmo não acontecia com os restaurantes da "Hora", só para homens. Aliás, as "garçonettes" providenciavam para que os freguêses não ficassem saudosos de qualquer companhia feminina...

Um grande auto-falante, no parque da cidade, servia naquêlo tempo de eleições, para dar ao público todos os informes relativos ao pleito.

Era interessante guiar o meu carro através de Ponte Grande, á noite. Só os homens andavam pelas ruas, por vezes tinham grandes discussões e estas não raro acabavam na ponta de uma "faca".

"Alecrim"... Mesmo o nome possuía um certo toque mágico. E' para Natal, o que Montmartre vem a ser para Paris e Greenwich Village para Nova-York. Entrando em seus domínios, achei-me como na Kasba de Algiers. Todos os pobres, com seus caracteres mais discutíveis, vivem nos arredores. "Alecrim" está fóra dos limites para os soldados do exército americano. Uma semana antes da minha chegada, um deles fóra assassinado só por entrar nessa zona. Naturalmente eu estava mais do que curiosa de conhecer essa parte da cidade. Minha primeira visita a Alecrim será contada mais adiante.

Dizer que eu amei Natal é pouco. Natal representa tudo o que sonhei numa cidade: Possui um sentimento de liberdade que não se encontra nos EE. UU. e uma atmosfera boêmia adorável. Ali encontrei um intenso amor pela vida em toda a gente. Parece não haver classe média: Ou são ricos ou pobres.

A influência européia na arquitetura é patente, e ha um traço de primitivismo picante que me agradou.

Natal é para mim uma cidade de mil encan-

Aqua Florida
MURRAY & LANMAN
dá ao corpo uma delicada fragrância, tonifica a cutis e produz uma deliciosa sensação refrescante.
EM USO NO MUNDO INTEIRO DESDE 1808

los. Quando costume relatar a outros brasileiros, aos cariocas por exemplo, as minhas aventuras, e quando lhes falo que encontrei Natal cheia de tradições exóticas, eles costumam sorrir. Será talvez como se um brasileiro, visitando uma localidade longínqua do Texas, acreditasse conhecer todos os EE.UU.

— "Espere até conhecer o Rio" — dizem todos.

Mas eu vi Natal e amei a cidade porque amei seu povo.

Passaram alguns dias e resolvi definitivamente falar o português. Não havia feito a viagem de tantas milhas só para falar o inglês com os meus patrícios. Já os EE. UU. estavam bem representados, pois havia cerca de mil e quinhentos soldados estacionados no campo de Parnamerim.

Tomei dois empregados, uma jovem para me ajudar na lavagem de roupa e outra de vinte anos para o serviço da casa. Chocante como posso parecer, ambos terminaram sendo meus dois companheiros de aventuras mais do que serviçais. Talvez devido a não existir muito o que fazer dentro de casa...

PREPARADOS DA FLORA MEDICINAL

CARPASINA Indicado na asma e bronquite asmática.	
KÓKOLOS Solimento de estômago, dispepsia, tonturas, dor de cabeça, peso e sonolência depois das refeições, etc.	HAGUNIADA Moléstias do útero, metrite e endometrite, cólicas e dificuldades de regras, corrimentos, ventre volumoso e dolorido.
PIPER Medicamento poderoso, indicado para o tratamento das hemorroidas.	CHÁ ROMANO Laxativo brando, útil nas prisões de ventre. Pode ser usado diariamente sem nenhum inconveniente.
CARUBÁ O melhor medicamento para o estômago, especialmente na gastralgia e dispepsia flatulenta.	

Estes medicamentos são licenciados pelo Departamento Nacional de Saúde e selados de acordo com a lei. Vendem-se em todas as Drogeries e Farmácias.

J. Monteiro da Silva & Cia.
Matriz: Rua Sete de Setembro, 195
Única Filial no Rio: Rua São José, 75
CUIDADO COM AS IMITAÇÕES E FALSIFICAÇÕES

Flanelas e Cobertores
de primeira qualidade
Só nas Casas Pernambucanas

MUSICA

C'n'n aã a pa 95

Não se trata somente de termos bons concertos e ao alcance de todos. Os artistas também estão tendo a sua oportunidade. O Departamento de Cultura da Prefeitura organizou, com os alunos dos Professores Gambardella e Gabriela Bezanson, um espetáculo lírico, com a ópera *Madame Butterfly*, tendo sido convidados elementos que já figuraram, com brilho, em temporadas anteriores. Assim, não é preciso lembrar aqui o sucesso obtido por Alaide Briani ao lado de Tito Schippa, alguns anos atrás.

Também não nos faltarão bons solistas, este ano, tanto nos concertos com orquestra como em recitais, sobretudo de piano. Já mencionei Brailovsky, cujo prestígio, junto ao nosso público, é uma garantia do sucesso. Alexandre Borovsky, porém, também aqui esteve para matar as saudades dos que nunca esqueceram o memorável ciclo de Bach, para citar somente um de seus triunfos.

Também estão ativos os corpos estáveis do Teatro Municipal, que têm dado concertos para o povo, da série de Recreação Popular. Algumas semanas atrás, Anna Carolina teve oportunidade de tocar num recital dessa série, conseguindo merecidos aplausos pelo desempenho do concerto de Saint Saens.

Da Sociedade Brasileira de Música de Carnaval tivemos mais um excelente concerto com Valsas, de Mozart, Walking Tune, de Grainger, Sonata para Flauta, Viola e Piano de Leclair e o Oito para sopros de Beethoven. Organizado, como sempre, com bom gosto e discernimento, o programa foi muito aplaudido.

ROBERTO LYRA FILHO



Caminho fechado

C'n'n aã da pa 05

Meus lábios estavam cerrados num domínio de suprema vontade. Uma treva de gelo tomava conta de meu coração. Meu filhinho, tão inocente, tão bonito, não sofreria mais. Jurava-o eu, sua mãe que o pusera no mundo, jurava-o para o meu próprio coração, que se tornara da cor daquela noite sem lua.

— Qual era o endereço, meu Deus? Duas horas depois, eu voltava.

Tinha as mãos cheias de dinheiro e a noite se tornara mais turva ainda, da cor do breu, como o meu coração.

Quando abri a porta do quarto, não foi preciso ver os olhos assustados de

Ana, para compreender que tudo estava acabado.

Meu filho morrera, durante a minha ausência.



Quando Janina terminou sua história, a noite penetrara no quarto completamente.

O sol se escondera há muito, aquele sol bonito alegre, brincalhão como um sorriso de criança.

Aquele sol que voltaria no dia seguinte, que voltaria sempre, aquecendo a terra, aquecendo os seres, com suas mensagens de amor e esperança.

Janina cerrou seus olhos e chorou então, chorou perdidamente, abandonada de Deus e dos homens.

BRITO OLIVEIRA & CIA

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93

Tel. 42-7046

RIO DE JANEIRO

MASSA PARA ROLOS
TINTAS PARA
IMPRESSÃO

ARTIGOS
GRÁFICOS

ARMES ESTANHADOS A
FOGO E COBREADOS PARA:

ENCADERNAÇÃO,
CAIXAS DE PAPELÃO E
FÁBRICA DE CALÇADOS



STOCK PERMANENTE
PARA ENTREGA IMEDIATA

Deliciosa e Encantadora LAVENDER!

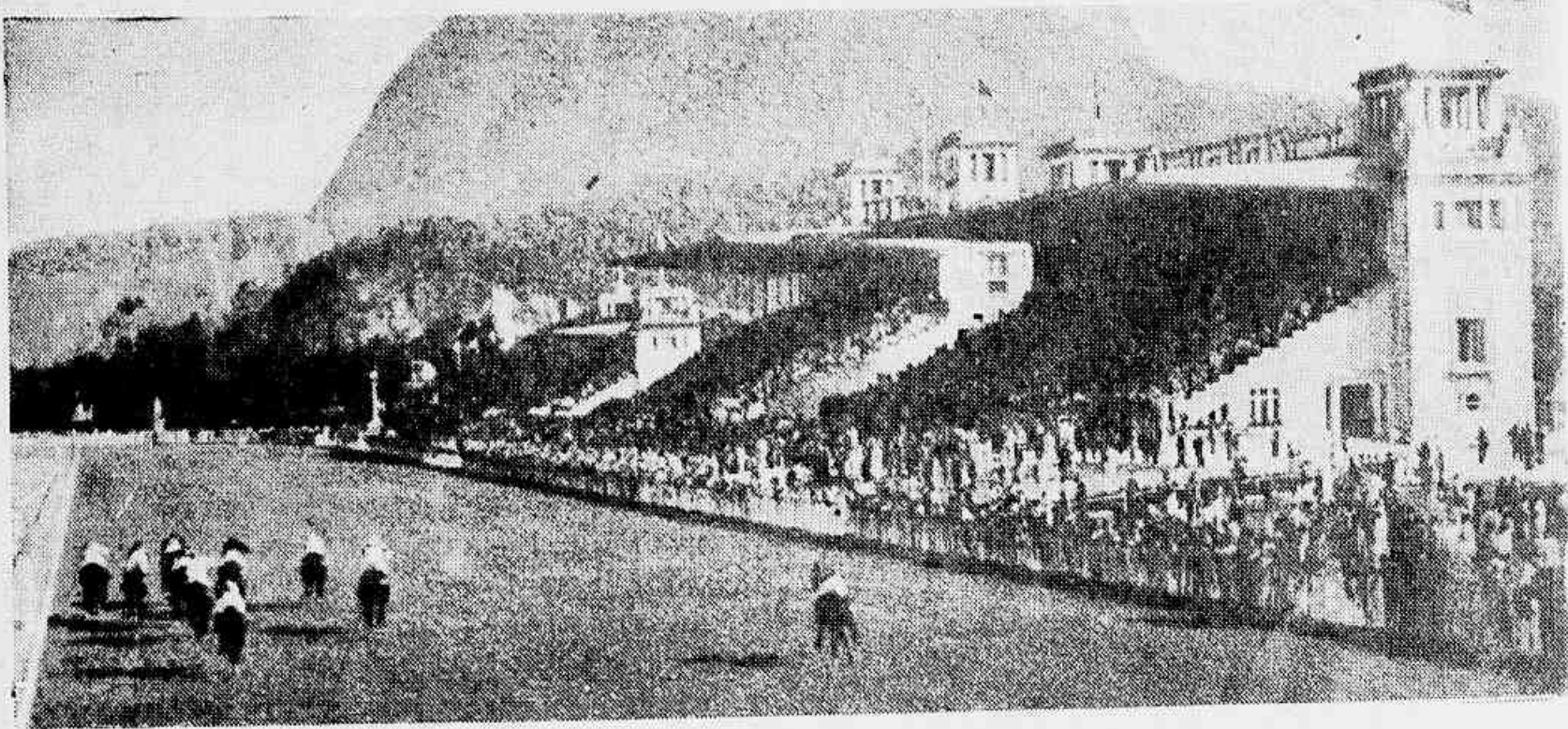
Fresca como o beijo da brisa em sua face...
alegre como um galope para o azul do
horizonte... jamais houve um perfume tão
encantador como a Lavender de
Yardley. E o brilho dos olhos
dêle testemunha a certeza
de que a sua escolha
de perfume é tão perfeita
como tudo em você.



Yardley
de Londres

YARDLEY, 33 OLD BOND STREET, LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 * Rio de Janeiro



PRÊMIO "ANCHOR'S AWEIGH" (PARA AMADORES) — Realizou-se recentemente no Hipódromo da Gávea, uma competição promovida pela Comissão de Corridas do Jockey Club Brasileiro, na qual os animais tiveram como pilotos amadores, sócios do Jockey Club ou de entidades hípias filiadas à Federação respectiva. Entre os pilotos destacou-se a sra. Nair Aranha, cuja atuação no prêmio foi uma das mais destacadas, embora não fosse vencedora. Os últimos cem metros da corrida despertaram franca vibração, tendo sido dignos de registro, porque o sr. Pedro Nolasco, piloto de Fritz Wilberg, aproveitando uma passagem oferecida por Beirão, por ela lançou o seu cavalo derrotando os que o antecediam, transpondo a meta com a nítida vantagem de um e meio corpos sobre Day, que deixou Beirão a pescoço. Em seguida chegaram Royal Master, Spin, Chasco, Muluva, Raffles, Hechizo e Carbon. Após o páreo, os amadores foram à Tribuna de honra do Hipódromo, onde se encontravam, além da Diretoria da Sociedade, o Almirante Comandante da 10.^a Esquadra Norte-Americana, o Ministro da nossa Marinha e outros convidados especiais. O flagrante que acima estampamos foi colhido nos últimos momentos do prêmio, quando os animais atingiam a tribuna popular do Hipódromo.

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

O HEROI

(Conclusão da pág. 104)

— Paul é muito inteligente. Aquele menino vai longe. O John é que não tem a mesma capacidade do irmão.

Eram os próprios pais que colaboravam naquela espécie de conspiração contra ele. Paul seria sempre o mais forte e o mais inteligente. Mais tarde, quando se tratou de namoros, seria também, considerado o mais belo, ao passo que Juan era dado simplesmente como simpático pelas moças que o escolhiam para confidente de seus amores... com outros rapazes.

Assim correria sua vida. Ele sempre alimentara, no mais íntimo recanto do seu coração, aquela esperança. Ter, um dia, alguma coisa de superior a toda aquela gente, para mostrar-lhes, vitorioso, que também ele era capaz. Ter aquilo — ele não sabia bem o que — mostrar-lhe e se preciso fosse perder tudo depois, morrer, viver na miséria. Mas, para ficar tranquilo, ele queria o "seu" momento, o seu dia de glória, a mãe e o pai, o irmão, toda aquela cidade pequena em que ele nascera, cidade em que todos se conheciam reconhecesse o seu valor e a sua capacidade.

E, subitamente, quando ele nada esperava, era concedida a ele aquela alegria. Na verdade, herói por quê? Matar um maior número de inimigos? Dar, no campo de batalha, provas de que não temera correr diante das metralhadoras que cospem fogo? Que tinha ele a perder? Arriscara sua vida miserável para morrer ou atingir uma existência gloriosa.

Um pouco clinicamente assistia os esforços dos contrários para agradá-lo. Tudo aquilo o divertia imensamente. Ele sabia bem como aquela aparência era falsa, como todos aqueles homens e mulheres que o abraçavam, afetando comoção, nunca tinham sido seus amigos e estavam se mordendo de inveja pela posição adquirida por ele.

— Meu grande amigo!

Era o prefeito, o homem que, antes, o cumprimentava com ar superior, que agora se movimentava, presuroso e vinha abraçá-lo. A mãe e o pai, de olhos mareados de lágrimas, assistiam em silêncio a tudo. E Paul? Paul, também silencioso, não parecia muito satisfeito.

John lembrava, com uma precisão admirável de de-

Curso de Jornalismo

Enviamos prospectos gratuitos para qualquer localidade do Brasil ou do Extranjeiro.
Caixa Postal n.º 589 — São Paulo — Brasil.

talhes, tudo o que acontecera. Mary, ao lado de Paul, a esposa, aquela que John amara e que o irmão lhe arrebatara em uma conquista fácil. Mary, impaciente, nervosa e... arrependida. Certamente ele iria ganhar muito dinheiro. De qualquer forma, sua posição naquela cidadezinha seria diferente, superior à do irmão, numa dessas reviravoltas imprevisíveis do destino. Mary arrependida... John sorriu.

Lembrava os momentos terríveis que ela o tinha feito passar. Lembrava aquele dia fatídico em que ela o chamara à sua casa, para desfazer o noivado.

— Eu acho que nós devemos ser francos.

Ele concordara.

— Portanto, eu prefiro dizer logo de uma vez a você que não podemos casar. É muito melhor, mais fácil, descobrir isso antes do casamento do que depois. Agora, ainda há tempo para remediar a situação. Mais tarde, não. Esse casamento seria o mesmo que fabricarmos dois destinos terríveis e depois irmos fazer força para cumpri-los. Assim não é possível.

— Mas, Mary...

— Eu acho melhor encerrarmos aqui mesma, John! Para que discutir uma coisa que já ficou decidida?

— Mas, você compreende que a minha vida inteira que você está jogando fora, assim, friamente...

— Não dramatize, John. Nós continuaremos amigos. Será como se nunca houvesse existido um compromisso entre nós. Está certo assim?

Ele não encontrava argumentos para convencê-la. Mais tarde, porém, a dor do golpe se tornara insuportável, quando ele descobria que fora mais uma vez preterido, justamente pelo irmão, que lhe roubara a noiva. Quando soube da verdade, decidiu ter uma explicação com Paul.

— É verdade isso, seu canalha?

Nunca soube como teve coragem para enfrentar Paul. Mas o desespero era maior do que ele.

Daquele dia em diante nunca mais falou com o irmão. Não compareceu ao casamento. E os pais, nos primeiros tempos, antes de se acostumarem àquela situação, tinham ficado, como sempre, contra ele. Depois, ele gradualmente fora assumindo a posição de um animal esquecido. Estava sempre por perto sem que ninguém se lembrasse dele.

E, enfim a glória. A guerra... a convocação, a Europa...

De repente, acordou. Estava soando a alvorada. O sargento apareceu e berrou:

— Vamos, seus preguiçosos! Vocês pensam que podem dormir até o meio dia?

John acordou. Estregou os olhos. Fora um sonho.

Cia. Fiação e Tecidos São Bento

Rua Senador Feijó, 176 - 7.º andar

CAIXA POSTAL, 337 - FONE 2-1450

SÃO PAULO

Fabrica em Jundiaí

Especialidade em Sacos para
Açúcar e Cereais - Sacos para
colheita de Café "OURO VERDE"

Fabricamos mais Linons - Opalas
Brins - Lonas - Zefires - Alvejados

BANCO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO S. A.

DIRETORIA

Oswaldo Lopes de Oliveira Lyrio

Raul de Oliveira Dias

RUA MIGUEL COUTO N. 45

CONSELHO FISCAL

Dr. Francisco Campos

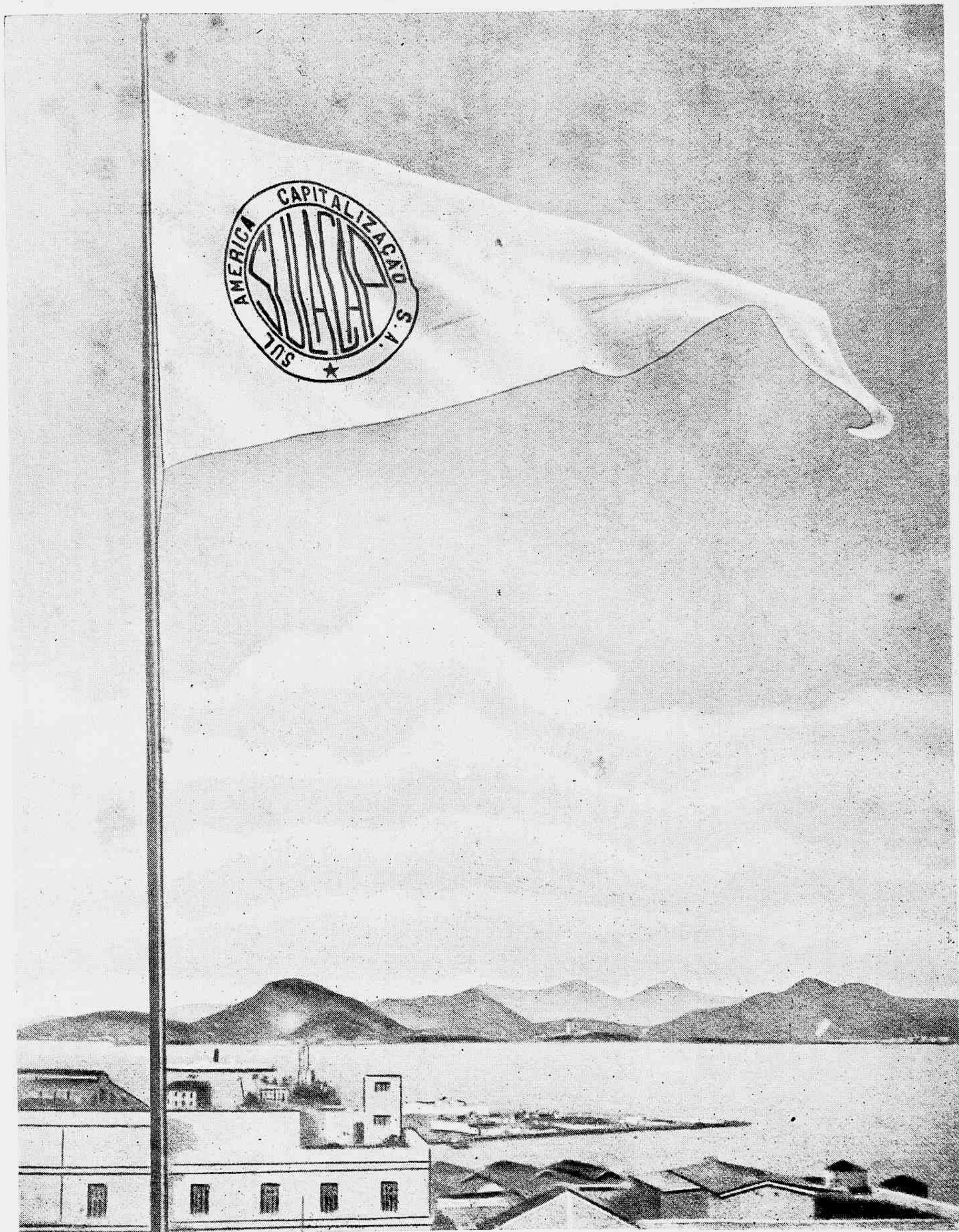
Dr. Trajano de Miranda Valverde

Dr. Paulo Rodrigues Alves

TELEFONE 43-7283

RIO DE JANEIRO

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARANTINA



SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO

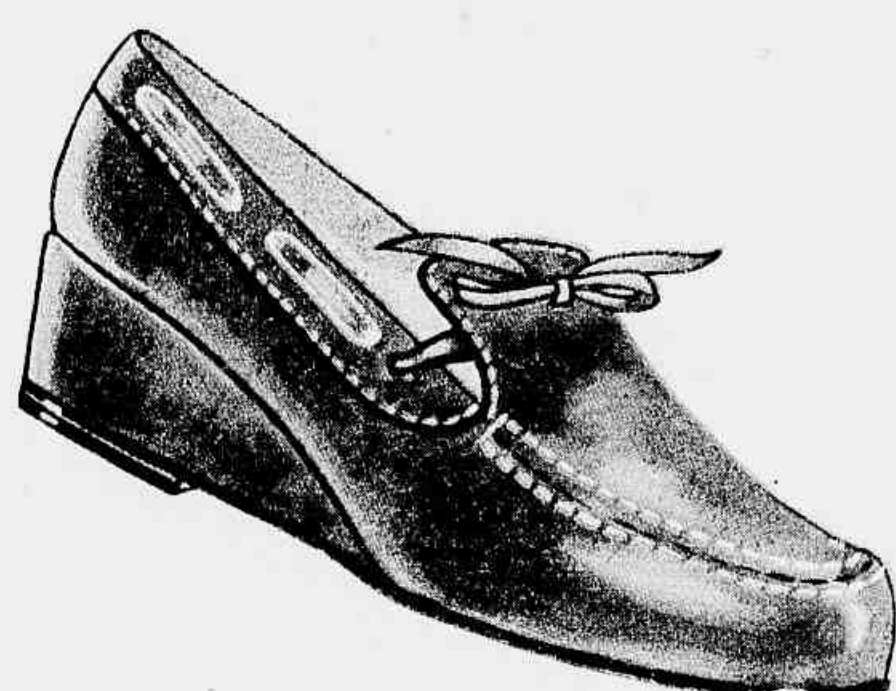
Companhia Nacional

Para Favorecer a Economia

Sede social: RUA DA ALFÂNDEGA, 41 -- Esq. QUITANDA -- RIO

INSPETORES E AGENTES EM TODO O BRASIL

Modelos para
INVERNO!



*BRISTOL apresenta à
sociedade elegante carioca
os seus exclusivos
modelos para a temporada
de inverno de 1946*



Sapataria
BRISTOL

Rua São José 108-110 Rio. Fone 22.1062